



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VINICIUS DA ROCHA BARROS

**O ENIGMA ASSOCIADO AO FEMININO:
REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DA PSICANÁLISE**

FLORIANÓPOLIS

2021

VINICIUS DA ROCHA BARROS

**O ENIGMA ASSOCIADO AO FEMININO:
REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DA PSICANÁLISE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Mériti de Souza.

FLORIANÓPOLIS

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barros, Vinicius da Rocha

O enigma associado ao feminino : reflexões críticas a partir da psicanálise / Vinicius da Rocha Barros ; orientadora, Mériti de Souza, 2021.

178 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Enigma. 3. Feminino. 4. Psicanálise. I. Souza, Mériti de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Vinicius da Rocha Barros

O Enigma associado ao feminino:

Reflexões críticas a partir da psicanálise

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a Anna Paula Uziel, Dr^a

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ -

Prof^a Marcela de Andrade Gomes, Dr^a

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC-

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em psicologia.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Mériti de Souza, Dr.(a)

Orientador(a)

FLORIANÓPOLIS, 2021.

Para Isadora
(e seus futuros amores)!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo esteio e cuidados com o meu filhote Ziggy quando foi necessário;

A minha mãe Martha, por investir sobre a importância da interpretação de textos;

Ao meu pai, por transmitir a coragem em desbravar novas geografias;

Aos analisandos e analisandas que confiaram e confiam suas histórias à minha escuta;

A minha orientadora, por toda a sua sagacidade transmitida e pelo corpo-a-corpo nesta jornada (meu muitíssimo obrigado!);

Ao grupo de trabalho e estudos “Desconstruídas” pela confiança e por topar o meu estilo (Laura, Gustavo, Marcela, Marina, Mériti, Mônica e Rosana). As pessoas amigas do PPGP pelas parcerias, encontros, risadas e planos. Aos laboratórios, MARGENS e LAPCIP, por sustentar um lugar seguro para produzir pesquisas;

A CAPES, pois, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - Código de Financiamento 001.

A UFSC pela qualidade no ensino público e gratuito e por sediar essa experiência ímpar.

A coordenação do Programa de Pós Graduação, servidores, técnicos e técnicas pela dedicação, assistência e atenção. As professoras e professores da área de concentração Psicologia Social e Cultura pelos diálogos amplos e amplos diálogos. As professoras e professores da linha de pesquisa, Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades, pela subversão de/no pensamento e transmissão de conhecimento. As professoras e professores das bancas de qualificação (Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Mandelli de Marsillac e Prof^º Dr Paulo Roberto Ceccarelli) e de defesa, Prof^ª Dr^ª Anna Paula Uziel e Prof^ª Dr^ª Marcela de Andrade Gomes (e Prof^ª Dr^ª Mara Coelho de Souza Lago), pela leitura atenta, pelas contribuições, delicadeza e inspiração;

Aos meus amores-redes-de-apoio: Ana Paula, por manter abertas as trincheiras da pesquisa universitária. Carla Regina, pelos olhos e ouvidos atentos e convites para pausas com café. Francieri e Gabriel, madrinha e padrinho desta dissertação. Grupo “SnC” pelos acolhimentos e incentivo. Geselda, pelas conversas e trocas sobre psicanálise e geração. Max, pelo Amparo (com letra maiúscula). Para todos e todas que vibraram, torceram e aceitaram as minhas ausências;

Para Donna Dalloway por ser valente e “au” Ziggy!

RESUMO

O enigma é referência fundamental na constituição subjetiva conforme apontado por Freud, considerando que atravessa a todas as pessoas e diz respeito às questões da sexualidade e da morte. Não obstante é possível localizar na tradição do conhecimento ocidental e mesmo na psicanálise, a associação do enigma ao feminino, bem como, a leitura de que o enigma diz respeito ao difícil, ao que escapa ao conhecimento e, por isso, necessita ser decifrado. Para problematizar essa questão recorreremos ao pressuposto de que os modos de produzir conhecimento e os modos de subjetivar fazem interface entre áreas como literatura, música, história, filosofia, estudos de gênero, psicanálise, dentre outras. Assim, nesta dissertação objetivamos: problematizar os pressupostos presentes na psicanálise que localizam o enigma como necessariamente associado ao feminino, considerando a crítica contemporânea sobre esses pressupostos. Para tanto recorreremos à análise de textos presentes em autoras e autores de diversas áreas do conhecimento contemporâneo ocidental, bem como, textos presentes em obras freudolacanianas e de psicanalistas contemporâneos(as). Utilizamos os princípios da transferência, da atenção flutuante e associação livre, como estratégia de produção, que nos possibilitam tanto leituras desses textos articulados a sua referência na história, música, literatura, filosofia, dentre outras, quanto nos possibilitam reconhecer a relação existente entre o pesquisador e a realidade, no sentido do material a ser pesquisado. Consideramos que o enigma é atribuído ao feminino em decorrência da hegemonia no cenário contemporâneo do pressuposto presente nos modos de subjetivar e modos de conhecer que instauram o par binário masculino- feminino e a hierarquia que valoriza o primeiro em detrimento do segundo. Esse pressuposto, ainda, carrega relações de poder entre as pessoas a partir do seu reconhecimento como masculino ou feminino, e assim sustenta a heteronorma ao excluir do quadro de inteligibilidade as diferentes modalidades de subjetivação.

Palavras chaves: enigma; feminino; psicanálise.

ABSTRACT

The enigma is a fundamental reference in the subjective constitution as pointed out by Freud, considering that it crosses all people and concerns the issues of sexuality and death. Nevertheless, it is possible to locate in the tradition of Western knowledge and even in psychoanalysis, the association of the enigma with the feminine, as well as the understanding that the enigma concerns the difficult, that which escapes knowledge and, therefore, needs to be deciphered. To bring this issue to discussion, we resort to the assumption that the ways of producing knowledge and the ways of subjectifying make an interface between areas such as literature, music, history, philosophy, gender studies, psychoanalysis, among others. Thus, in this dissertation we aim to: bring to discussion the presuppositions present in psychoanalysis that put the enigma as necessarily associated with the feminine, considering the contemporary criticism of these assumptions. For that, we resorted to the analysis of texts present in authors and authors from different areas of contemporary Western knowledge, as well as texts present in Freud-Lacanian works and contemporary psychoanalysts. We use the principles of transference, floating attention and free association, as a production strategy, which allow us to both read these texts articulated with their reference in history, music, literature, philosophy, among others, and allow us to recognize the relations between the researcher and reality, in the sense of the material to be researched. We consider that the enigma is attributed to the feminine as a result of the hegemony in the contemporary scenario of the assumption present in the ways of subjectifying and ways of knowledge that establish the male-female binary pair and the hierarchy that values the first over the second. This assumption also carries power relations between people based on their recognition as male or female, and thus sustains the heteronorm by excluding the different modalities of subjectivation from the framework of intelligibility.

Keywords: puzzle; feminine; psychoanalysis.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 A MULHER É O ENIGMA? | 10 |
| 2 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO | 25 |
| 2.1 TEORIA E PRÁTICA: EU NÃO EXISTO LONGE DE VOCÊ E A SOLIDÃO É O MEU PIOR CASTIGO..... | 30 |
| 2.2 O CASO É UMA CONSTRUÇÃO: TIJOLO POR TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO | 35 |
| 3 O ENIGMA E A TRADIÇÃO CIENTÍFICA, MODERNA E OCIDENTAL | 38 |
| 3.1 DECIFRAM-ME OU TE DEVORO: A RAZÃO DO SUJEITO E SUA VERDADE UNIVERSAL | 39 |
| 3.2 TE IGNORO OU TE CONHEÇO: BINARISMO, HIERARQUIA E VIOLÊNCIA NA VIDA COTIDIANA NACIONAL | 48 |
| 3.3 O ENIGMA E O OUTRO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: ALGUMAS LEITURAS | 55 |
| 4 O ENIGMÁTICO VÍRUS SARS-COV-2: A PANDEMIA DO COVID-19 | 65 |
| 5 O ENIGMA DE ou O ENIGMA EM: FREUD | 71 |
| 5.1 O ENIGMA DA ANATOMIA: DESTINO OU PERCURSO? | 74 |
| 5.1.1 Complexo de castração: criaturas com e sem pênis | 83 |
| 5.1.2 Conferência 33: o enigma da feminilidade..... | 97 |
| 5.1.3 Virginia Woolf “disse que ela própria iria comprar as flores” | 112 |
| 6 A O ENIGMA, A LINGUAGEM E A MULHER NÃO EXISTE | 119 |
| 6.1 A LETRA LACANIANA: SUA CARTILHA TEM O A DE QUE COR?..... | 127 |
| 6.2 A SIGNIFICAÇÃO DO FALO: <i>DIE BEDEUTUNG DES PHALLUS</i> | 137 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 157 |
| REFERÊNCIAS | 164 |

1 A MULHER É O ENIGMA?

Decifrar enigmas, responder demandas, produzir representações, acumular identificações são alguns exemplos de ações que acompanham a história da humanidade e apresentam contornos a respeito dos modos de conhecer e dos modos de subjetivar relacionados ao eu, ao outro e ao entorno. Isto é inquietante para qualquer pessoa que se proponha a pesquisar, seja através da lógica formal da denominada pesquisa científica, seja por modelos menos tradicionais, ou ainda, por curiosidade de saber. Invariavelmente, as pessoas estão interpeladas e às voltas com as complexidades da vida humana. Todavia, a complexidade da espécie humana não se encaixa em modelos estabelecidos, tão pouco, se reduz a leituras que se pretendem universais e objetivas. Essa afirmação pode parecer óbvia, porém o óbvio precisa ser dito, pois, a mesma provoca nas pessoas as mais variadas tentativas de estabelecer sentido e de afastar as dúvidas reverberadas sobre os enigmas da vida (da sexualidade) e da morte.

Recortamos essa questão para não esquecer do legado de Sigmund Freud (1856/1939), Jacques Lacan (1901/1981), entre outros e outras psicanalistas contemporâneos (as), nos deixaram: a importância do (da) psicanalista estar a par e implicado (a) com as questões e críticas da sociedade e da cultura onde está inserido (a) e que, de alguma forma, testemunham. Situamos isto, pois estamos propondo considerar a clínica psicanalítica vinculada à sociedade e à cultura, tal qual a observação freudiana em *Psicologia das massas e análise do eu*¹ (1921/2010), na mesma medida, que propomos tomar a sociedade e a cultura como cenário para problematizar as questões levantadas neste trabalho de dissertação.

O enigma associado ao feminino: leituras críticas a partir da psicanálise, é o título proposto para esta dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração em Psicologia Social e Cultura, linha de pesquisa, Processos de subjetivação, Gênero e Diversidades. O trabalho pretende contribuir com os avanços das pesquisas nesta linha, considerando a sua relevância no contexto da área da Psicanálise e dos Estudos de Gênero. Entendemos que esta pesquisa atende às necessidades de um específico avanço de conhecimento pertinente à temática dos processos de subjetivação e do gênero entrelaçados à experiência do fazer psicanalítico. O

¹ “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (FREUD, 1921/2011, p.14).

interesse de pesquisar esse tema está atrelado à potência dos estudos frente ao feminino² e ao reconhecimento da influência do feminino no surgimento da psicanálise e no fazer psicanalítico.

Trabalhar a partir deste arranjo de interrogações entrelaça vários fazeres e lugares. Seja através das verdades singulares produzidas e elaboradas na análise pessoal, seja através dos estudos teóricos frente à psicanálise e demais áreas de interesse, ora pelo trabalho de escuta na clínica psicanalítica, ora pelas escutas fora dela.

A minha experiência profissional na clínica psicanalítica começou em 2009, na cidade de Blumenau, Santa Catarina. Nestes anos de trabalho tive a oportunidade de escutar histórias de vida (de sexualidade e de morte) de diversas pessoas, das mais variadas idades, classes sociais, crenças e escolaridade. Pessoas que confiaram suas verdades íntimas à minha escuta, condução clínica e ética. Este tempo de trabalho com a escuta clínica, que mantém viva a experiência psicanalítica há 121 anos, autorizou a produção de um trabalho de mestrado sobre o tema *o enigma associado ao feminino*.

Freud não foi o primeiro e também não será o último pensador a denominar que a mulher é um enigma (FREUD, 1933). Essa questão preocupa, pois, parece atribuir o enigma exclusivamente à sexualidade feminina, em contraponto, à suposta transparência da sexualidade masculina. Ao que pese, a própria psicanálise assevera que o enigma está associado aos modos de subjetivação, sexualidade (Eros) e morte (Tânatos), independentemente da posição subjetiva ocupada pelo sujeito. Tenho muitos exemplos clínicos que corroboram com esse ponto nodal, onde o enigma compõe a complexidade da vida humana para além das referências binárias de homem ou mulher, masculino e feminino, cisgênero e transgênero, heterossexualidade e homossexualidade.

O enigma associado ao feminino, diz respeito às narrativas de pacientes que independente do sexo biológico, das denominadas identidades de gênero e orientações sexuais, ou melhor, pacientes que para além da centralidade das matrizes identitárias,

² O termo feminino referido no título e no texto da pesquisa, parte de uma elaboração como pesquisador e psicanalista, que compreende o denominado feminino como uma modalidade de subjetivar que atravessa os denominados corpos biológicos referenciados como homem e mulher. Assim, reconhecemos que em várias áreas do conhecimento e, mesmo, na vida cotidiana e, na linguagem do dia a dia, a denominação de homem e de mulher permanece como dizendo respeito a corpos biológicos. Tomando o masculino como referente de macho, homem e pênis, tal qual, o feminino está relacionado a fêmea, mulher e vagina. Porém, o meu ponto de partida como profissional e pesquisador está em reconhecer e validar o feminino e o masculino como posições subjetivas em ambos os sexos e demais corpos que não conjugam, necessariamente, a este modelo hegemônico.

produziram e denunciaram narrativas sobre sofrimentos psíquico, advindas das lógicas binárias e hierárquicas compelidas ao denominado enigma do feminino.

Pensamos que o que autoriza um analista a falar é justamente aquilo que ele (ela) escuta no seu laboratório – a clínica psicanalítica. Ao escutar pacientes com várias posições subjetivas que expressavam inibição, sintomas e angústias associados ao feminino – como aquilo que escapa à compreensão ou a falta de representação –, conferindo assim o caráter de enigmático, justamente por não responder ao esperado *status quo* moderno e científico, instigou a pesquisar, a relação de poder e de violência que marca esse paradoxo denominado *feminino*³.

Foi a partir do enigma dos sintomas corpóreos sem base orgânica que excitam simultaneamente dor e prazer que levou Sigmund Freud a se aventurar na investigação do sofrimento psíquico. Freud percebeu que por meio da teatralidade presente no comportamento das pacientes diagnosticadas como histéricas pela medicina da época, mais especificamente no Hospital da Salpêtrière (Paris, França), havia uma maneira própria de revelar a verdade. Verdade essa, enquanto expressão singular de um sofrimento. O sofrimento da histérica (de Charcot⁴) do final do século XIX versava sobre os conflitos reverberados entre o ideal de feminilidade e as aspirações das mulheres como sujeitos, e que hoje, no início do século XXI, conseguimos traduzir como um pedido legítimo de reconhecimento social, político e econômico, bem como, da superação das relações assimétricas de gênero e sexualidade.

A psicanalista Maria Rita Kehl (2016), nos situa que o ideal de feminilidade do século XIX, tem forte influência do pensamento do filósofo Jean-Jacques Rousseau e da sua obra *Emílio ou da educação* de 1762, no qual sustentava, a partir da personagem Sofia, o retorno do suposto “estado de natureza” da mulher em harmonia com o paradigma do ideal de feminilidade. Ou seja, a mulher deveria retornar e sustentar a sua dedicação, docilidade e submissão aos desejos e necessidades do marido e depois da sua prole.

³ Sempre que possível, iremos retomar este ponto: desassociar o feminino da mulher e o masculino do homem. Às vezes será (quase) impossível. Freud e Lacan, em alguns momentos na elaboração das suas pesquisas, acoplam o feminino à mulher e o masculino ao homem, e nestes casos vamos manter como aparece na literatura; em outros momentos, há uma clara diferenciação. O nosso exercício na pesquisa é sustentar a aposta que o feminino não se reporta, associativamente, a mulher (com vagina), na mesma medida, que o masculino não se remete ao homem (com pênis).

⁴ Denominamos como histéricas de Jean Martin Charcot (1825-1893) para demarcar um tempo histórico, momento esse, registrado pela célebre pintura: *Uma lição clínica na Salpêtrière* de André Brouillet (1857-1920). Charcot foi um médico neurologista francês e teve um papel fundamental na formação de Freud. O seu nome (Charcot), segundo Roudinesco & Plon (2008), “é inseparável da história da histeria, da hipnose e das origens da psicanálise, e também daquelas mulheres loucas, expostas, tratadas e fotografadas no Hospital [...], em suas atitudes passionais” (p. 110).

Segundo a médica e psicanalista Silvia Alexim Nunes (2011), foi durante os séculos XVIII e XIX, no âmago da constituição da ordem familiar burguesa, da preocupação da mortalidade infantil e da atenção sobre o desenvolvimento físico e moral das crianças, que a mulher se tornou objeto de grande interesse da medicina ocidental, dada a importante descoberta da relação entre mãe e filhotes.

A mãe foi, então, considerada uma figura privilegiada e principal responsável pelos cuidados com a prole. É nesse contexto que, com argumentos calcados na biologia, os médicos passaram a defender a fixação da mulher à função materna, ao lar e ao casamento. Eles buscaram naturalizar e caucionar, através de sua racionalidade científica, a dominação da mulher pelo marido, num projeto político que lhes fechava as portas para qualquer outra forma de inscrição social (NUNES, 2011, online).

Os discursos produzidos pela cultura europeia do século XVIII e XIX tinham por base a concepção de que as mulheres deveriam ostentar as virtudes da feminilidade. “Ela deveria ter sua vida restrita ao lar e à maternidade e para tal lhe eram negados o espaço público e o estatuto de cidadã” (NUNES, 2011, s/p). Este discurso cultural sobre o ideal de feminilidade serviu para normalizar e regular a conduta de muitas mulheres. “Ora, como justificar a dominação da mulher pelo homem, sua exclusão na esfera pública e as diferenças sociais entre os dois sexos, se, de acordo com os ventos liberalizantes da ordem burguesa nascente, todos deveriam ter os mesmos direitos? (NUNES, 2011, s/p)”. O discurso sobre o ideal de feminilidade é tão forte e orquestrado que até hoje este ideal persiste na subjetividade de mulheres e homens identificados a esse modelo de submissão, passividade e maternidade. (NUNES, 2011; KEHL, 2016; MOREIRA, VIEIRA, CECCARELLI, 2018).

Percebo nas redes sociais, em especial no Instagram, o não raro encontro com as biografias (espaço destinado a uma breve definição “de quem se é”) de mulheres (cis) com a descrição: “Mãe de fulana e ciclano” ocupando a primeira linha da sua biografia. Como se, essa primeira informação, fosse a mais importante ou a que melhor descreve sobre aquela pessoa. Sabemos que a maternidade segue sendo uma localização cultural, contudo, há outras possibilidades para além da maternidade. Curiosamente ou não, nos perfis de homens (cis) é comum encontrar na primeira linha a sua profissão, e aqui, também reside a mesma interrogação sobre a localização social. Obviamente que isto, em ambos os casos, não são regras, mas evidencia as reminiscências do ideal de feminilidade e masculinidade operando na subjetividade do século XXI.

O homem freudiano define-se basicamente por suas funções na manutenção da ordem social e na construção da cultura, enquanto a mulher, "ser de natureza" por excelência, define-se a partir do corpo e de sua (até então, inevitável) função procriadora. A mulher freudiana pouco difere da mulher descrita por Rousseau, "toda" sexualidade, a quem é preciso coibir, inibir, refrear, de modo a desenvolver nela o pudor e o recato sexuais capazes de sustentar o homem numa posição viril. (KEHL, 2000, online).

Retomando o início do século passado. A partir do cenário de conflitos expressados por sofrimentos, manifestando sua verdade singular, constatamos que a histeria “afigura-se como uma das saídas possíveis diante do enigma que o feminino constitui.” (MAURANO, 2010, p. 26). A histeria será um termo adotado por Freud para localizar uma categoria de funcionamento psíquico (e por consequência de manejo clínico) da denominada psicose de defesa – a saber, o termo psicose ou neurose versa sobre os impactos e marcas, no sentido forte da palavra, da internalização de princípios sociais de conduta. Essa concepção nos coloca na seara da noção de sujeito para a psicanálise que compreende o sujeito a partir da ruptura do suposto ideal de ser sustentado pelos discursos hegemônicos. Ou seja, o sujeito não está fechado em si, pois, ele é clivado, fragmentado. Para a psicanálise o sujeito é “dividido entre a adesão à própria sujeição e sua revolta a ela” (SAFATLE, 2018, online).

O posicionamento ético do trabalho não reconhece ou reduz a histeria como um arranjo de fingimento, dissimulação ou *pitis*, tal qual, compreende o pensamento leigo. Tão pouco, como consiste no discurso hegemônico da psiquiatria moderna, que financiado pelas grandes indústrias farmacêuticas, sustentam construtos psicológicos baseados em manuais classificatórios e estatísticos de doenças mentais, em nome da normatização prescritiva, denegam, patologizam e medicalizam a expressão da singularidade subjetiva.

Infelizmente somos obrigados a constatar que apesar dos progressos da biologia, medicina, genética e neurociências, o sofrimento humano persiste, o que não é de nos surpreender se lembrarmos que Freud já nos alertara para o fato de que há um mal-estar na civilização, que ele é estrutural e não conjuntural, como muitos puderam pensar, e que diz respeito àquilo que o sujeito vive como sofrimento ou impossibilidade de relacionamento com o outro e com o mundo, vivido como uma dificuldade de ser. Eis a razão pela qual é impossível conduzir os humanos em direção a uma felicidade coletiva, ainda que eles nunca tenham deixado de sonhar com um mundo de paz e harmonia onde todos vivessem reconciliados com todos e cada qual consigo próprio (KOLTAI, 2012, online).

Ainda sobre a concepção de histeria, Figueiredo (2004) ironiza que a histeria sumiu do mapa, não existe mais, acabou! O que existe são descrições de todo tipo que “fragmentam essa categoria em síndromes e transtornos: dissociativo, conversivo ou somatoforme, histriônico, para citar os principais” (2004, p.77). Em acordo com a autora, a histeria só existe

se vinculada à concepção de inconsciente, portanto, à própria psicanálise. Ou seja, a psicanálise faz a histeria existir, contudo, sem intuito de trazer à tona uma determinada psicopatologia. “Isso seria cair num relativismo classificatório, fazendo variações sobre um mesmo tema” (2004, p.77). O que toca a psicanálise ao fazer a histeria existir está na importância atribuída, pois a teoria e a clínica psicanalítica reconhecem uma dívida simbólica nessa atribuição, “já que foi a histeria, melhor dizendo, a histérica que fizeram a psicanálise existir.” (FIGUEIREDO, 2004, p. 78).

Na cronologia psicanalítica a psicanálise surge com a publicação do célebre livro freudiano, *A interpretação dos sonhos*. Contudo, em outro tempo, no tempo lógico, a psicanálise começa, quando uma mulher (Bertha Pappenheim, vulgo, Anna O) manda o seu médico calar-se para que a escute, pois, isso era muito importante. Pode parecer óbvio e um tanto quanto jocoso, mas se esse pedido foi fundante para a teoria, podemos imaginar o quão silenciador era o lugar do conhecimento técnico-científico e o quanto a mulher era silenciada. Bertha Pappenheim, explica que falar e ser escutada era como uma limpeza da chaminé, essa metáfora auxilia na representação do processo de *talking cure* (cura pela fala). Essa é uma referência conceitual que (também) localiza o início da psicanálise, a técnica sobre a potencialidade da fala e da escuta, sobre o desejo do (a) analista, bem como, uma (tentativa de) reparação simbólica sobre a história da mulher e sua participação na sociedade e na ciência (psicanalítica).

Dito isso, um(a) psicanalista está às voltas com a questão do feminino, visto que, para a psicanálise, essa questão versa sobre um furo discursivo que nos possibilita transitar conceitualmente (na pesquisa e na clínica). É a partir do furo, da falha, da falta, de um vazio no discurso hegemônico que é possível constituir-se subjetivamente, produzir conhecimento, fazer psicanálise e transmitir saberes. Importante salientar de antemão que a questão do feminino diz respeito a uma posição subjetiva que não se relaciona com a constituição biológica que atravessa o homem e a mulher.

Freud, em *Uma recordação da infância de Leonardo Da Vinci* (1910), atrela a curiosidade do querer saber com o investimento para pesquisar o enigma da sexualidade (da vida e da morte). Ou como ele designa: pesquisa sexual infantil. No caso, a pesquisa sexual infantil permeia a vida da criança e seguirá operando na sua vida toda, entretanto travestida como curiosidade sobre áreas do conhecimento socialmente aceitas, como física, matemática, linguagem, artes, dentre outras.

Sobre isso:

A ânsia de saber das crianças pequenas é atestada por seu incansável gosto em perguntar, que para um adulto é algo incompreensível enquanto não percebe que todas as perguntas são apenas rodeios, que não podem ter fim porque substituem uma só pergunta que a criança *não* faz. (FREUD, 1910, p.137).

Essa passagem nos implica em reconhecer e de alguma forma recordar, que as interrogações acerca das perguntas de pesquisa, seja ela dentro ou fora deste escrito, versa sobre nós, autores(as), interpelados(as) por aquilo que produzimos, ou em termos psicanalíticos: sublimamos⁵. Na mesma medida que precisarmos estar advertidos sobre a impossibilidade (no sentido de não estar seguro do sucesso) de responder e perguntar exatamente o que desejamos, já que, algo sempre escapa, se perde na tentativa de pôr em palavras, demarcando assim, um simbólico com falhas e um real inacessível.

Convidamos a pensar o feminino desassociado de forma imediata e linear do conceito mulher (com ou sem vagina). Pensamos o feminino como uma posição de sujeito elaborada a partir do que cada pessoa constrói na relação com a sua condição biológica e com sua rede social e linguageira desaguando na singularidade.

Separar mulher de feminino não é tarefa fácil. Sabemos disso! Há todo um conhecimento histórico, jurídico, social que amarrou a mulher, o feminino e a feminilidade em algo essencial e natural. Para complicar ainda mais essa desassociação, atrelou-se aos órgãos sexuais o ponto de partida, a responsabilidade das escolhas e um destino. Contudo, como estamos desenhando nestas linhas, a equação vagina, mulher, feminino não encerra e/ou não satisfaz as interrogações da complexidade humana. Pelo contrário, o convite para desassociar a mulher do feminino é uma proposta de leitura, um exercício para ler esse trabalho, como uma espécie de lente que auxiliará na elaboração da interrogação. Essa advertência serve inclusive para os possíveis tropeços deste trabalho, pois, não estamos fora desse exercício epistêmico.

Essa associação que encapsula um com o outro (mulher e feminino, homem e masculino), facilita alguma compreensão teórica, construções de leis, separação de grupos esportivos ou banheiros públicos, por exemplo, mas na relação (intrapessoal e interpessoal)

⁵ Sublimação é um termo “derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar), para designar ora uma elevação do senso estético, [...], ora, ainda, um mais-além da consciência” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.735). Freud, em 1905, conceituou o termo para dar conta de algo particular na atividade humana “que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados” (1998, p 735-736). Para tanto, a sublimação não é relativa à adaptação social, pois, não pretende uma moral natural ou normativa, visto que, “Alguma coisa não pode ser sublimada, há uma exigência libidinal, a exigência de uma certa dose, de uma certa taxa de satisfação direta, sem o que resultam danos e perturbações graves” (LACAN, p.114, 1959/60).

essas definições escapam do absoluto. Essa problematização será um dos fios deste trabalho, contudo, não temos interesse e nem pretensão de responder ou inferir uma possível resposta única e última sobre: afinal o que é o feminino?

Por hora, seguimos pensando que o denominado feminino e masculino, tal qual, a feminilidade e a masculinidade são constructos da cultura, portanto, sofrem alterações ao longo da história humana, do tempo cultural e/ou na singularidade de cada pessoa. Ao que pese, o feminino, neste trabalho, versa sobre aquilo que foi culturalmente desqualificado, deslegitimado, recalcado pela hegemonia científica, moderna e ocidental. Ou seja, o feminino não diz respeito a uma leitura naturalista da diferença sexual, como algo literal ao corpo anatômico. O corpo anatômico, a biologia e fisiologia dos corpos são importantes e não devem ser desconsideradas, visto que, todas as pessoas (cisgêneras ou transgêneras) nasceram de um corpo com vagina⁶.

A anatomia é destino? Está cada vez mais evidente, em estudos que partem ou dialogam com o pensamento pós-estruturalista, bem como, estudos situados na psicanálise contemporânea, que a sexuação humana é repleta de nuances e não cabe fixá-las nos eixos macho, fêmea passando pelo intersexo.

Para ampliar essa discussão, recortamos um fragmento clínico na tentativa de ilustrar como estamos pensando, enquanto uma das possibilidades, o feminino neste trabalho. Neste recorte clínico, os personagens centrais são homens (cisgêneros).

Um paciente, cerca de 35 anos, contava em sua análise que o seu pai havia realizado uma cirurgia de retirada de vesícula e que estava em recuperação. O paciente, nas combinações familiares com sua mãe e irmão, ficou responsável pelo acompanhamento hospitalar. Visto que, um idoso precisa estar acompanhado quando está sob os cuidados hospitalares. A cirurgia e o pós-operatório aconteceram de forma esperada, sem riscos ou sequelas. No pré-operatório, comumente marcado por momentos de tensão e ansiedade (ainda mais em um idoso), desvelou uma conversa entre o pai e o irmão do paciente. Na conversa o pai do paciente dizia que se algo acontecesse com ele, ou seja, se viesse a óbito no processo cirúrgico, ele gostaria que o primogênito (irmão do paciente), reservasse um “quartinho nos fundos da casa” para que o seu filho caçula (analisando) não ficasse desassistido.

Cabe incluir alguns pontos nesta história. Essa conversa aconteceu na casa do irmão, semanas antes da cirurgia e o paciente teve acesso a esse “testamento” numa conversa com sua cunhada, semanas depois da cirurgia.

⁶ Vide a célebre pintura de Gustave Courbet, *L'Origine du monde*, de 1866.

Pai, irmão e paciente, não moram na mesma cidade. Seus pais moravam numa cidade X. O irmão, a cunhada e a sobrinha em Y e o paciente numa terceira cidade. A distância entre as cidades não ultrapassa uma hora de viagem de carro. Importante sublinhar que o paciente tem endereço e trabalho fixos, estava solteiro, não tinha filhos e, até aquele momento, sem pretensão de tê-los.

A categoria hegemônica ocidental e moderna deste recorte, ou seja, a representação da posição masculina está sustentada na tríade: homem com esposa, filhos (as) e casa. Tanto o pai, quanto o irmão, estão autenticados pelas denominadas insígnias de sucesso e ideais de felicidade da sociedade burguesa: condição de casal, propagadores da prole e propriedade; e justamente por essa (suposta) legitimidade fálica (autenticação cultural), cabe-lhes decidir sobre o destino do feminino na horda totêmica.

Interpreto que o paciente, mesmo sendo um homem e se reconhecendo como tal, encontra-se fora daquilo que se convencionou chamar de masculino, pelo simples fato de não conjugar a lógica de par/casal, bem como, com a dinâmica de família com descendentes. O resultado, dentro deste sistema de poder hierárquico de categoria binária, foi ser colocado como ator avulso (feminino) deste enredo, ou seja, passível de ser colocado como um ‘item’ de testamento ou como um apêndice removido cirurgicamente.

A psicanalista e escritora Diana Corso expõe que “A sociedade trata muito mal os avulsos” (2014, p.27). A autora sustenta a ideia que aqueles que não se encontram pareados ou que não estão enredados na empreitada da reprodução, pagam o preço da hostilidade ou da indiferença; e adverte: “Não só solteiros padecem, também viúvos e separados vivem essa sensação de que estão vivendo algo errado” (p.27, 2014).

Há mais um detalhe, o paciente é gay; e mesmo que esta informação não seja um segredo para a sua família de origem, era perceptível no comportamento familiar (e da comunidade próxima) as facetas da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015). Ou seja, a heterossexualidade como um ideal de caminho reto e certo para a sexualidade humana. O paciente representa o feminino, não pela sua orientação sexual, mas por deflagrar os limites da tríade burguesa: tradição, família, propriedade. “Os avulsos representam a liberdade perdida, mas também vínculos desfeitos, morte, a labilidade do amor. Sua presença desperta desejos e fobias, por isso a sociedade os constrange.” (CORSO, p.28, 2014).

Para encerrar o recorte clínico, sublinhamos que o ponto não está em idealizar um destino. Pais, mesmo de filhos adultos, idealizam, projetam, sonham destinos para os seus filhos e filhas. Inclusive, para a psicanálise, o valor da função paterna está na transmissão de um nome, de um lugar, de uma linhagem e de conhecimento para saber ocupar esses espaços

como sujeitos singulares. O que chama a atenção, neste caso ilustrado, é que o pai não destinou para o analisando um destino de acolhimento para com o seu irmão. Ora, quando o pai morre, ambos os filhos ficarão órfãos da mesma referência simbólica e cada qual experienciará o luto ao seu modo.

Cabem alguns questionamentos. Por qual razão o paciente não é convidado a participar ativamente da conversa sobre o destino da horda? Que suposta garantia é essa que o primogênito tem que o assegura de um futuro firmado após a queda do pai? Que transmissão de virilidade foi informada para um e não para o outro, afinal ambos são homens com pênis/falo? Não seria mais honesto, com base na fratria, o pai transmitir um possível destino desejável para ambos os filhos? Porque essa conversa chega por intermédio de uma mulher? Enigmas que ultrapassam o próprio caso.

Ao que parece, estamos frente ao jogo de poder e de violência que o pensamento moderno, científico e ocidental engendra com base naquilo que se convencionou como qualificado e desqualificado, masculino e feminino, fálico e castrado, a partir das normas da inteligibilidade cultural, das lógicas binárias e hierárquicas, para além da anatomia dos corpos, para além do pênis e da vagina.

Neste sentido, o feminino não é uma consequência, conclusão ou identidade relativa à mulher e/ou vagina, mas sim, uma identificação que cada sujeito tomará como referente frente aos enigmas da sexualidade e da morte nos seus processos de subjetivação. Por isso, adotamos o termo “posição subjetiva do feminino” para reconhecer e abarcar todos os corpos e saberes que não coadunam com aquilo que está privilegiado pelo discurso hegemônico, moderno e ocidental.

Cabe informar, como mencionado acima, que às vezes fica impossível (dada a arbitrariedade da língua, da linguagem e a impossibilidade de captura) desassociar a concepção de mulher, de feminino e feminilidade. Inclusive, em alguns textos psicanalíticos se encontra esse imbricamento, onde, enquanto tende a separar, junta-se. Imaginamos esta associação como espécie de “geleca”, uma massa gelatinosa, que ao manusear, a mesma retorna o ponto de partida, exigindo assim o exercício constante de diferenciação. Esta metáfora, é um modo de opor a ideia de bloco, que ao separar do conjunto, ou juntá-lo, o mantêm estático e imóvel.

Freud na conferência, *A Feminilidade* (1933/2010), situa que o que constitui a masculinidade e a feminilidade é um predicado inapreensível à anatomia, e pontua que “uma pessoa, seja homem ou mulher, comporta-se de maneira masculina num ponto, e feminina em

outro. Mas logo vocês verão que isso apenas significa ceder à anatomia e à convenção” (1933/2010, p.266).

Demarcamos isso, pois nos interessa evidenciar, desde o início, o modo como pensamos essas posições, e assim, apresentar o modo como entendemos que se estabeleceu, no cenário contemporâneo, a atribuição do feminino, como um enigma impossível de ser qualificado ou que necessita, urgentemente, ser decifrado (ou te devoro).

Não nos interessa sustentar, manter ou concordar com essa demanda de oposição binária e hierárquica, que coloca um elemento do par binário em superioridade frente ao outro. Vide o caso dos irmãos do recorte clínico. O que nos interessa problematizar é a associação do enigma ao feminino, e desta forma, descobrimos que “Os binarismos configuram referências que operam como disjunção, ou seja, como dissociação, e implicam em “lugares”, pares de oposições ocupados em relações hierárquicas e de poder – do outro, do estranho. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 55).

Outro ponto importante a ser destacado previamente é que o enigma, versa sobre o *insabido* (ou não-saber) que é culturalmente sustentado como sem valor, ilegítimo ou desqualificado. Entende-se que o *insabido* não foi e, justamente por isso, precisa passar pela validação do carimbador maluco da música de Raul Seixas (1983): “Tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar! [...] É preciso meu carimbo dando o sim, sim, sim.” para entrar no estatuto de conhecimento universal, verdadeiro e científico. Nesse sentido, a pesquisa, pretende problematizar os pressupostos hegemônicos que localizam o enigma como necessariamente endereçado ao feminino, associando de antemão, que tanto o enigma, quanto o feminino são qualificados como impotente, passivo e vazio.

Suspeitamos que as atribuições do enigma ao feminino são atravessadas pelos pressupostos do poder e da violência, uma vez que, o enigma comumente é associado como algo difícil de ser compreendido e que escapa ao conhecimento. Na seara da sexualidade, o enigma acompanha a oposição em relação à sexualidade masculina, essa entendida como transparente, pertinente, possível de compreensão. Em outras palavras, na história das sociedades, nas práticas culturais, na linguagem e nas teorias das mais diversas áreas do conhecimento, a sexualidade feminina é definida como enigmática, misteriosa, difícil, ilógica, produtora de sofrimento, distúrbios somáticos e afetações psíquicas. Já a sexualidade masculina é passível de ser compreendida e de possibilitar o encaminhamento de soluções face ao mal-estar. Quando, na verdade, ou pelo menos, na verdade, singular circunscrita nessa pesquisa, o enigma é a própria sexualidade (e morte), sem a atribuição direta ao masculino ou feminino.

Kehl (2000), sustenta o nosso argumento:

a sexualidade das mulheres, além de enigmática – pelo menos para um homem que, defensivamente, não quer saber nada sobre o que quer uma mulher – não promete nenhuma "boa" solução na teoria freudiana. Na melhor das hipóteses, quando uma mulher *aceita a feminilidade* e a posição feminina na parceria sexual, o objeto de seu desejo não está no gozo erótico mas situa-se além dele: o filho/falo, em nome do qual ela paga o preço de bancar a castrada diante do homem por quem se fez desejar. Escrevo *bancar* a castrada, pois o homem, como ser falante e apesar do símbolo fálico que ostenta em sua anatomia, não é menos incompleto que a mulher (KEHL, 2000, online - grifo da autora).

Dito isso, o nosso interesse não está na remoção ou renomeação do enigma associado ao feminino. Pelo contrário, sustentamos a ideia que essa concepção não deve ser recalçada nas leituras sobre a sexualidade e a morte, visto que, o conflito enigmático de Eros e Tântatos interpela tanto o processo civilizatório quanto o desenvolvimento individual. (KOLTAI, 2002; KOLTAI, 2012). Para isso, sugerimos a constante inclusão deste pressuposto, pois o enigma, contribui para o não encerramento da interrogação em uma hegemônica resposta sobre a pluralidade do sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2015). A adoção do enigma como um elemento de leitura, nos possibilita ocupar o lugar de suportabilidade frente ao não saber, e por consequência, provoca o desejo de saber. Neste sentido, o enigma é compreendido como uma condição para o exercício do pensamento (GOMES, 2004).

Joan Scott comenta no artigo *O Enigma da Igualdade* (2005), que a igualdade precisa ser entendida em termos de paradoxo. Talvez, e essa é uma aposta, o feminino também precise ser entendido como paradoxo⁷ ou enigma (se compreendido como uma condição para o exercício do pensamento, e não, em termos pejorativos). Vale lembrar que a categoria analítica do paradoxo foi excluída da tradição hegemônica do conhecimento ocidental. A autora entende o paradoxo como “preposição que não pode ser desenvolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo” (SCOTT, 2005, online). A historiadora oferece como exemplo a situação do mentiroso quando diz: “estou mentido”. Ou seja, essa é uma verdade!

O paradoxo questiona os pressupostos hegemônicos do conhecimento moderno conforme postos nos conceitos, pois problematiza o universal, a identidade e a lógica formal, já que sustenta a contradição, a tensão, o indecível, presentes na realidade e na

⁷ Scott menciona que o uso comum emprega paradoxos, como um desafio à ortodoxia e as opiniões preestabelecidas. “De certa forma, meus paradoxos compartilham de todos esses significados, por que desafiam o que, para mim, parece ser uma tendência generalizada de polarizar o debate pela insistência de optar por isso ou aquilo” (SCOTT, 2005, online).

subjetividade, “reconhecer e manter uma tensão necessária entre igualdade e diferença [...] é o que possibilita encontrarmos resultados melhores e mais democráticos” (2005, online).

Este lugar de não-saber que desacomoda a certeza, demandando uma única escolha por isto ou aquilo, nos coloca numa posição inquietante frente a supremacia do conhecimento operante. Para Freud (1919/2010), isso que nos inquieta está relacionado ao terrível, despertando a angústia e o horror. “O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 1919/2010, p.331). Para a psicanálise o enigma da sexualidade e da morte é esse estranho/familiar que nos habita.

Segundo Ceccarelli [2000], em entrevista concedida à Revista Troppo, do Jornal O Liberal, sob o título *Sexo, eterno enigma*, revela que “a sexualidade continua sendo um eterno problema.” ([2000], p. 02). Declara, que para o pensamento psicanalítico, a sexualidade é tudo aquilo que dá prazer: comer, dormir, as necessidades fisiológicas, etc. “Nessa perspectiva mais ampla, a sexualidade continua, e continuará sempre, a levar as pessoas ao divã.” ([2000], p. 02).

Necessário observar que entendemos o conhecimento como aquela gama de informações, conteúdos e estratégias de produção desses conteúdos, que foram validadas e consideradas universais e científicas pela maioria das teorias presentes nas áreas como física, matemática, história, psicologia, dentre outras. Nessa perspectiva, a produção do conhecimento (centrada na categoria universal) foi delegada ao sujeito da razão, entendido como representação universal do humano (referência de constituição subjetiva), bem como, associada ao masculino, como representação de gênero⁸.

Na contramão, os conhecimentos que foram desqualificados e considerados difíceis ou impossíveis de serem representados e/ou conhecidos, pela maioria das teorias das áreas do conhecimento foram associados ao enigma, pois, carregam os pressupostos desqualificados como o singular, a contradição, o paradoxo, o acaso, dentre outros. Ainda, como vimos, o enigma foi associado ao feminino e diz respeito ao que supostamente é da ordem do inconsciente, do difícil acesso, e do difícil ou mesmo impossível de ser conhecido. (DERRIDA, 1996; SOUZA, 2011; BUTLER, 2015).

Para avançar nessas questões, faz-se necessário localizar e fundamentar que um dos modos de discutir esse assunto, é pinçar uma passagem importante, tal como a concepção de

⁸ A branquitude como representante de raça, a heterossexualidade como referente à orientação sexual e a cisgeneridade como identificação pertinente. Na mesma medida, o sujeito enquanto urbano, jovem, classe média alta, cristã. Maria Cristina Poli (2007), nos ajuda a pensar ao incluir que os pares opostos são: “formas derivadas de uma cultura estabelecida sobre o princípio monoteísta: um deus, um nome, um lugar pleno ou vazio – formas equivalentes nesse contexto – de onde derivam todas as significações, a partir de onde se determina o valor de todas as coisas”. (2007, p. 41).

sujeito cognoscente e os pressupostos hegemônicos modernos e ocidentais (a verdade, o universal, a razão, o masculino), que no discurso hegemônico são associados como neutros, legítimos, científicos, qualificados como “não-enigmáticos”, ou seja, codificados, cifrados (marcado em cifras, valor, conversão, moeda).

O enigma associado ao feminino, é um termo problematizador, ou seja, disparador de provocações para a pesquisa. Sustentamos que o enigma versa sobre a complexidade da vida humana e todos os atravessamentos que isto gera no sujeito, nas suas relações e encontros com o outro e com o seu entorno. Por esse ângulo, não está em jogo a sua localização enquanto sexo, gênero e desejo socialmente estabelecidos, todavia, em termos históricos na sociedade humana, há toda uma labuta para firmar o sujeito masculino, branco, europeu, heterossexual, como representante universal e científico, que precisamos ultrapassar (HARAWAY, 1995; DERRIDA, 1996; BUTLER, 2015; GROSFUGUEL, 2016).

Sendo assim, de forma geral, nossa pesquisa se interessa em problematizar os pressupostos presentes na psicanálise que localizam o enigma como necessariamente associado ao feminino, considerando a crítica contemporânea a esses pressupostos. De forma específica, nos interessa: 1) investigar a produção do enigma considerando à crítica aos pressupostos que sustentam o conhecimento hegemônico ocidental moderno; 2) pesquisar a produção do enigma atribuído ao sujeito do feminino em algumas obras da psicanálise de Freud e Lacan; 3) analisar a produção do enigma atribuído ao sujeito do feminino em algumas obras de psicanalistas contemporâneos(as) e 4) produzir contribuições teóricas que possam auxiliar na crítica da desqualificação do feminino posto como enigma.

Também informamos que a dissertação será elaborada considerando os seguintes caminhos. Na *Introdução* apresentamos os principais mobilizadores da nossa pesquisa. No Capítulo *Estratégias de produção do conhecimento* apresentamos os pressupostos de investigação que sustentam o trabalho de caráter qualitativo. Através do pensamento psicanalítico, adotamos pressupostos que apresentam específicas concepções sobre os modos de conhecer e os modos de subjetivar. A saber: a adoção da concepção de *a posteriori*, rompendo com a suposição do tempo linear e causal; o abandono do conhecimento e da subjetivação centrados no território da certeza e da universalidade, legitimando a hipótese do inconsciente e a inclusão da singularidade ancorada no universal. No subcapítulo, *Teoria e prática: eu não existo longe de você e a solidão é o meu maior castigo*, discutimos a articulação entre teoria e prática psicanalítica como condição indispensável para fazer existir a experiência da Psicanálise dentro e fora da clínica. Nesta esteira, discutimos a posição estratégica da psicanálise frente à concepção de sujeito e objeto, visto que, para a psicanálise,

é impossível fixar o sujeito na posição de investigador e o objeto como investigado, pois, essa assume uma implicação direta do pesquisador e sua pesquisa, rompendo assim, com o suposto ideal de neutralidade científica. Assumimos os pressupostos da transferência, atenção flutuante e associação livre, para balizar os materiais selecionados e apresentados na pesquisa, bem como, a utilização destes como referência analítica do trabalho. No subcapítulo *O caso é uma construção: tijolo por tijolo num desenho mágico*, anunciamos o modo como apresentaremos os recortes clínicos ilustrados na dissertação e o entendimento que a produção do caso clínico diz mais sobre o analista-escritor do que do analisando-escrito, produzindo assim, uma posição diferenciada da concepção que o caso clínico, necessariamente, é uma biografia do paciente. No capítulo 3, *O enigma e a tradição científica, moderna e ocidental*, contextualizamos o enigma associado ao feminino através do firmamento do discurso denominado científico, moderno e ocidental, que através de seus pressupostos, proporciona e mantém leituras restritivas sobre a complexidade humana. Na subdivisão do capítulo, *Decifram-me ou te devoro: a razão do sujeito e sua verdade universal*, discutimos a centralidade do sujeito cognoscente e a suposta apreensão da realidade como modo único, último e científico de produzir conhecimento e subjetividades (livres de enigmas). No subcapítulo seguinte, *Te ignoro ou te conheço: binarismo, hierarquia e violência na vida cotidiana nacional*, discutimos a estrutura do pensamento binário e hierárquico, como produtores de violência na vida cotidiana, especificamente, no cenário brasileiro. Através de um recorte clínico, discutimos a deflagração do sujeito frente ao não cumprimento da promessa do discurso moderno ocidental e suas reverberações no sofrimento psíquico individual. No subcapítulo, *O enigma e o outro na constituição subjetiva: algumas leituras*, utilizamos de um fragmento clínico para trazer na cena o debate sobre o pressuposto da identidade, bem como, a admissão da psicanálise pelo pressuposto da identificação como modo de leitura para a escuta clínica. Dado o atravessamento da pandemia de covid-19, abordamos no capítulo 4, *O enigmático vírus SARS-COV-2: a pandemia do covid-19*, uma breve leitura sobre o cenário pandêmico e as reverberações frente ao acontecimento, paradoxo ou condição de enigma, frente às supostas seguranças públicas e privadas, ao ponto de gerar uma narrativa sobre o valor da vida frente à economia. No capítulo 5, *O enigma de ou o enigma em: Freud*, partimos de leituras contemporâneas da psicanálise articulada à outras áreas de conhecimento para contextualizar o seu modo de conhecer e subjetivar, numa perspectiva democrática a respeito do enigma associado ao feminino, ao mesmo tempo, que adentramos na seara da psicanálise freudiana. No subcapítulo *O enigma da anatomia: destino ou percurso?* apresentamos e discutimos a organização psicosexual a partir do complexo de

Édipo, bem como, apresentamos e discutimos fragmentos da tese freudiana conforme *A sexualidade feminina*, de 1931. Na sequência, em *Complexo de castração: criaturas com e sem pênis*, mantemos o diálogo com a tese de 1931 e abrimos o diálogo com o operador psíquico complexo de castração, estabelecendo uma ligação direta entre esses dois operadores e a associação do enigma ao feminino. Continuando, em *Conferência 33: o enigma da feminilidade*, apresentamos e discutimos a segunda tese freudiana, *A feminilidade*, compondo um diálogo entre as afirmativas de Freud em 1933 com o cenário pop da atualidade. Fechamos o capítulo 5 dialogando com Virgínia Woolf e seu texto *Profissões para mulheres* de 1931. Neste subcapítulo intitulado, *Virginia Woolf, “disse que ela própria iria comprar as flores”*, utilizamos deste diálogo e suas provocações para ilustrar uma cena clínica contemporânea. No capítulo 6, *O enigma, a linguagem e a mulher não existe*, apresentamos as reverberações do pensamento psicanalítico freudiano em autorias contemporâneas, nos conduzindo para o estruturalismo de Jacques Lacan. No subcapítulo *A letra lacaniana: sua cartilha tem o A de que cor?* discutimos a posição dominante da letra no pensamento de Lacan e sua influência no cenário da linguística, bem como, na matematização da teoria do inconsciente. No subcapítulo, *A significação do falo: Die Bedeutung des Phallus*, exibimos e problematizamos a discussão frente a centralidade do falo no discurso psicanalítico, reconhecendo seus avanços e retrocessos que associam o enigma ao feminino. Encerramos o trabalho nas *Considerações finais*, apontando a importância e necessidade da continuação do trabalho com o tema do feminino e do enigma, bem como, da impossibilidade de encerrar, no sentido de concluir, o tema. Relembramos que, justamente por isso, um fim se fez necessário.

2 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A sustentação deste estudo está na produção do conhecimento com base nos pressupostos de investigação psicanalítica. Essa posição estratégica de produzir conhecimento adota críticas frente aos pressupostos modernos que sustentam os modelos tradicionais de produção do conhecimento (CHAUÍ, 1996; PETERS, 2000; PEIXOTO JR & ARÁN, 2011).

A decisão por específicas concepções dos modos de conhecer e de subjetivar se articula e sustenta a perspectiva de que o “método” não é definido *a priori*, visto que, este faz parte do processo de pesquisa. Em outras palavras, é justamente a partir das referências teóricas/metodológicas utilizadas na pesquisa que são estipuladas a definição sobre o sujeito e os caminhos para produção de conhecimento de cada pesquisador(a)s.

Conforme o filósofo Reinaldo Furlan (2008):

um método pressupõe uma questão a ser resolvida, e envolve determinada concepção ou suposição de realidade, ainda que provisória. Não é possível se falar de método desvinculado do objeto de estudo. Métodos e objetos podem desaparecer da história, não há conceitos ou objetos anistóricos, há somente formas de significação de nossas experiências que podem sempre ser revistas e substituídas à luz de seus cruzamentos e de novas significações. (FURLAN, 2008, p. 26).

A tradição da denominada ciência moderna e ocidental financiou, ao longo da história, modos de conhecer e subjetivar que privilegiam específicas produções do conhecimento. Ancorados pelas lógicas universais, causais, lineares, substantivadas, binárias, hierárquicas entre outros; as produções de conhecimento entendidas como científicas, únicas e legítimas, desqualificam a pluralidade dos modos de produzir conhecimento e modos subjetivar que rompem essa tradição epistêmica.

Importante sublinhar que os modelos de conhecimento e subjetivação tradicionais compreendem o sujeito como um ser cognoscente e contínuo, capaz de conhecer plenamente a si mesmo, o outro e o contexto que o circunda. Não obstante, a tradição epistêmica, entende como possível a separação ou a cisão entre sujeito e objeto. Este posicionamento estratégico é contestado pelo pensamento psicanalítico, visto que, para a psicanálise o sujeito é atravessado pelo inconsciente, suspendendo a razão como centro ordenador e evidenciando a impossibilidade de cisão ou definição do sujeito e de seu objeto de estudo. Isto implica supor que o conhecimento e a subjetividade são produzidos na relação estabelecida entre sujeito e objeto, bem como, o acesso à realidade é necessário, porém, limitado.

Nessa perspectiva o pensamento psicanalítico sustenta a problematização frente a dimensão temporal, pois a psicanálise não recorre à dimensão do tempo linear e contínuo, concepções que acompanham a ordem do desenvolvimento e do progresso. Temos a dimensão do tempo *a posteriori*⁹ que não se esgota na flecha linear do passado, presente e futuro. O tempo para a psicanálise conjuga com a canção *Carta de amor* de Maria Bethânia, onde provoca: “Pensou que eu ando só, atente ao tempo. Não começa nem termina, é nunca, é sempre.”. Dito isso, a pesquisa em psicanálise requer um trabalho com a dimensão temporal do *a posteriori* e com a não ontologização e substantivação do sujeito. (COSTA & POLI, 2006; ROSA & DOMINGUES, 2010; DALLAZEN, et al., 2012).

⁹ Encontramos no *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco & Plon (1998), que o termo *a posteriori* foi introduzido por Sigmund Freud, em 1896, para caracterizar um “processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas num *a posteriori*, isto é, num contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação” (1998, p.32)

Situamos que essa questão sobre os modos de conhecer e subjetivar é um assunto apreciado pela psicanálise. Desde o seu surgimento a psicanálise introduz o registro do inconsciente na inteligibilidade do sujeito, rompendo primeiramente com os recursos da medicina (de modo geral e da neurologia, de modo específico) do século XIX e instalando-se no campo de investigação psicológica. Posteriormente, a psicanálise rompe com o campo de investigação psicológica – dado que, como vimos acima, a teoria freudiana suspende um dos pressupostos fundantes da psicologia: o sujeito centrado na razão cognoscente.

Nesta rota, a psicanálise encontra-se numa disposição que Luís Cláudio Figueiredo (2003), metaforicamente cunhou de enclave, dada a sua intersecção relevante "entre o campo das ciências naturais, da lógica das ciências naturais, dos modelos das ciências naturais, com as questões e soluções das ciências históricas e da cultura" (p.106).

O autor ilustra que enclave é:

uma parte de um território inimigo – ou, ao menos, estrangeiro – enquistada dentro do que seria o outro território. O enclave é uma fortaleza estrangeira ou inimiga dentro do meu território, por exemplo. O chão de que ele é feito, o material com que é feito, os tijolos, as pedras, o cimento, ou seja, o que afinal de contas constitui o enclave é da mesma origem do território que o circunda, mas o enclave ocupa aquele lugar de uma forma diferente, como um corpo estranho impondo, digamos assim, uma espécie de *desterritorialização* e de *descentramento* à região em que está incrustado. (2003, p.109 – grifo do autor)

O lugar de enclave que constitui a psicanálise tem como principal escopo o “inconcebível da relação mente-corpo, da relação ou da condição sujeito-objeto, da simultaneidade do ativo e do passivo no psiquismo humano.” (FIGUEIREDO, 2003, p.108). Para o autor, a psicanálise não se reduz a nenhuma das matrizes do pensamento psicológico, não por ser vasta e sem rigor, pelo contrário, o rigor psicanalítico se dá “exatamente nesta condição de híbrido que enfrenta e, mais que isso, que investe contra o processo dissociativo a que todas as outras psicologias, mal ou bem, acabam cedendo e, de certa forma, reproduzindo.” (p.108).

O saber psicanalítico, em relação aos demais campos do conhecimento centrados no território da certeza, nos dá indícios que a escolha pelo termo estratégias de produção do conhecimento versa sobre um estilo. Um estilo que discerne e dialoga com o conhecimento não centrado na certeza universal e demais pressupostos ligados a este, ao passo que, adota outros pressupostos e sustenta a consistência teórica, o rigor clínico e científico. Contudo, isto só é possível, enquanto se reconhece e legitima a cisão com a hegemonia e a verdade postas na filosofia e ciência tradicional, ou seja, só é possível a partir do acolhimento das

dissidências, no reconhecimento das diferenças (na adesão de ignorar ou considerar) e das diversidades das modalidades de conhecer e de subjetivar. (SCOTT, 2004; SOUSA SANTOS, 2010).

Conforme Rodrigues *et al.*¹⁰ (2005), “existe um furo no conhecimento, um impossível de saber, um não-saber, mesmo no seio do próprio paradigma da abstração conceitual, a matemática.” (2005, p.101). Deste modo, dispensa-se a demanda por uma verdade universal e aponta para a impossibilidade da mesma, visto que todo o conhecimento é falho, insuficiente e tem furos. Por característica, a psicanálise “é uma escuta privilegiada deste saber que escapa ao conhecimento racional, que resiste, que denuncia o furo de todo o conhecimento.” (2005, p.102). Ou seja, os atos falhos, chistes, sintomas, sonhos e lapsos de linguagem, compreendidos pela teoria psicanalítica como modos (de manifestações do inconsciente) subjetivar e conhecer, depõem a favor de uma outra ordem de “produção de sentidos, completamente estranha ao eu. Saber o furo de todo conhecimento é de fato se deparar com um impossível de saber, um não saber” (2005, p.102).

Contudo, se há um impossível de saber ou um não saber, o que é a verdade?

Para Friedrich Nietzsche, em *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral* (1873), a verdade é:

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo, sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esquece que são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (1873/2009, p.535).

Carlos Drummond de Andrade (2012/1985), escreve que a verdade é dividida:

A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só conseguia o perfil da meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil. E os meios perfis não coincidiam. Arrebataram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram ao lugar luminoso onde a verdade esplendia os seus fogos. Era dividida em duas metades diferentes uma da outra. Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma das duas era perfeitamente bela e era preciso optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia. (ANDRADE, 1985, p.52).

¹⁰ Ana Cabral Rodrigues, Carlos Alberto Ribeiro Costa; Marcos Eichler de Almeida Silva e Edson Pereira da Silva.

O que trazemos à baila é que tanto na matemática, na filosofia ou na poesia, não há concordância no absoluto, como algo único e último, sobre a verdade. O que não resulta em um flerte com a mentira, ou pior, na negação da verdade, mas sim, com a suportabilidade frente a sua parcialidade ou o reconhecimento da fragmentação da verdade.

A teoria do inconsciente comunga com essa posição estratégica, e mais, separa radicalmente as concepções de verdade e de saber. Conforme Ana Lúcia Mandelli de Marsillac (2014):

A verdade inconsciente, que move o desejo e produz a singularidade, é inapreensível pelo saber consciente. Nesse sentido, é que o saber é sempre parcial e a verdade, enquanto essência, não existe. Toda verdade tem uma estrutura de ficção, consiste em uma montagem (MARSILLAC, 2014, online).

A estrutura de ficção que compõe a verdade não deve ser confundida com a concepção de fictício. A esse respeito, encontramos no Seminário 7, *A ética e a psicanálise* (1959/2008), a advertência de Lacan:

Fictitious não quer dizer ilusório, nem em si mesmo enganador. Está longe de poder ser traduzido por fictício [...] *Fictitious* quer dizer fictício, mas no sentido em que já articulei perante vocês que toda verdade tem uma estrutura de ficção (LACAN, 1959/1998, p. 23).

Penso que reconhecer a distância estratégica em relação ao modo hegemônico de produzir conhecimento e de conceber o sujeito, reconhecendo o furo no conhecimento e o impossível do saber entendido como universal, somos alçados para um específico campo de investigação: o qualitativo!

De acordo com Mezan (2002), toda a investigação em psicanálise é do tipo qualitativo, dado o seu trabalho em profundidade nos casos específicos. “É o mergulho na sua singularidade que permite extrair dele tanto o que lhe pertence com exclusividade quanto o que compartilha com outros do mesmo tipo” (2002, p.23). Para o autor, uma boa pesquisa em psicanálise deve evidenciar dois planos: o plano da especificidade e o plano da generalidade. “Este é o primeiro critério a ser considerado, independentemente do material que serve de base à investigação (clínico, histórico, psicossocial, etc.)” (2002, p.23). Em outras palavras, Mezan (2002), está evidenciando que o trabalho com o singular, ou seja, a forma como cada pessoa se apropria do universal, não suprime o social e o histórico.

Desnecessário ou não, agora é importante lembrar que o singular não diz respeito ao individual, pois se trata de categoria analítica que conforme acabamos de mencionar, tem

relação com a apropriação do universal que cada pessoa realiza. O que denominamos cotidianamente como universal corresponde às constantes sociais, históricas e econômicas, que podem ser generalizadas na construção do conhecimento sem, no entanto, assumirem o estatuto de transcendente. A questão da psicanálise é relevar o genérico, mas não excluir o específico, o singular, ou seja, o que foi apropriado por cada pessoa a partir do social, histórico, econômico etc. Essa referência está articulada na teoria e prática psicanalítica.

2.1 TEORIA E PRÁTICA: EU NÃO EXISTO LONGE DE VOCÊ E A SOLIDÃO É O MEU PIOR CASTIGO

Seguimos elucidando que o trabalho tem como base de investigação qualitativa a pesquisa teórica e a construção de casos. Esse recorte nos ajuda a reconhecer os outros critérios desta estratégia da produção de conhecimento, pois toca na importante questão a respeito à pesquisa em psicanálise: o campo do complementar da teoria/prática:

A psicanálise se constitui também como uma teoria, teoria essa que informa essa prática. E dizer que a teoria informa a prática significa dizer que ela não é um mero enfeite complementar dessa prática, mas que ela constitui essa prática enquanto prática. Sem a teoria, a psicanálise fica reduzida a um empirismo cego. E esta teoria é uma teoria conceitual. (GARCIA-ROZA, 1991, p.17)

O autor nos auxilia na compreensão sobre a justaposição entre o discurso psicanalítico e a experiência analítica. Essa elucidação denota sobre a singularidade conceitual na psicanálise, onde a teoria não pode ser pensada isoladamente da prática, na mesma medida que a prática clínica ou a pesquisa em psicanálise, não está dissociada dos elementos conceituais que implicam e se articulam com outros conceitos da teoria.

Destacamos como problemático a cisão entre teoria e prática. Ao diferenciar aquilo que se entende como teoria, daquilo que se entende por prática, corremos o risco conceitual de obturar uma das subversões da psicanálise, pois, ao estabelecer que teoria e prática sejam oposições complementares, escorregamos no ideal de ciência, pautado na lógica binária, causal, linear, etc., ignorando o fator constituinte, e indissociável, desta relação.

A pesquisa teórica conceitual, necessariamente se articula à prática associada ao exercício do atendimento clínico, no que denominamos construção de caso. Especificamos que, conforme sabemos, a construção de caso se refere ao amálgama do conteúdo produzido

no trabalho de escuta do outro e não se refere a determinada pessoa, mas, antes, se reporta ao conteúdo produzido na escuta de diversas pessoas. Temos aqui em cena a generalização do conhecimento, sustentado pela articulação entre singular e universal e pela apresentação de recortes clínicos dos atendimentos realizados. (SOUSA, 2000; QUEIROZ, 2002).

Reiteramos que no modelo de investigação psicanalítico, seja na psicanálise em intensão ou na psicanálise em extensão, a relação sujeito e objeto não são simétricas, desta forma, não são mediadas pela lógica do *versus*; isto é, sujeito *versus* objeto, pois, ao pensarmos o sujeito cindido do objeto focalizamos, mais uma vez, no objetivismo como única possibilidade de pesquisa (RODRIGUES ET AL., 2005; COSTA & POLI, 2006; TAVARES & HASHIMOTO, 2013).

Segundo Leandro Tavares e Francisco Hashimoto (2013), o pensamento psicanalítico “aposta numa implicação direta do sujeito, ao contrário da exclusão do mesmo – característica da racionalidade científica em sua busca por neutralidade e imparcialidade” (p. 171). Para os autores é perceptível a constatação que a racionalidade científica pressupõe um fechamento dentro dela mesma. No modelo clássico de racionalidade a subjetividade é excluída, em contrapartida, a psicanálise incorpora a noção de vazio como constitutivo do todo.

De antemão, demarcamos ser deste lugar que reconhecemos e legitimamos a concepção de enigma, tal qual, a incorporação da noção de vazio como constitutivo do todo, apresentado acima, pois, pensamos que o enigma é íntimo da complexidade da vida humana, visto que, tanto a matemática, filosofia, poesia, psicanálise e demais áreas do conhecimento, vasculham, pesquisam, analisam, desassossegam, na tentativa de capturá-la ou ser afetado por ela. Sustentamos que o enigma não pode e não deve ser escamoteado, recalcado ou deslegitimado pelos modos de conhecer e subjetivar.

Como já situamos, a psicanálise trabalha com a hipótese do inconsciente e com o reconhecimento do sujeito cindido (barrado) o que implica que o discurso não corresponde diretamente à verdade do sujeito, ou seja, o que o sujeito enuncia não corresponde exclusivamente ao que o “eu” supõe ou acredita como verdades. Temos aqui, além do conhecimento racional, também o inconsciente implicando na suposição de “um saber que ‘não se sabe’, mas que é suposto. As condições de produção de conhecimento sobre esse ‘insabido’ são internas ao campo relacional que o constitui” (COSTA & POLI, 2006, p.17). A isto conceituamos em psicanálise de transferência.

Transferência é um conceito fundamental do manejo técnico psicanalítico. Conforme o *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1998) a transferência é um processo pelo qual os “desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no enquadro de

um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (1998, p.514). No *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco e Plon (1998), encontramos que a transferência é uma técnica característica do tratamento psicanalítico, onde “os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos.” (1998, p.766 /767). Geselda Baratto (2016) nos auxilia ao traduzir, tanto historicamente quanto conceitualmente, que a transferência, ou melhor as transferências são:

no pensamento freudiano, reedições, reimpressões das representações recalçadas. Como assinalai, as transferências, no plural, dizem respeito à mobilidade do inconsciente, isto é, à possibilidade de as representações recalçadas darem lugar à formações diversas no inconsciente. A transferência opera por meio de um traço característico e por meio de um mecanismo central: o da substituição, troca, permuta, remanejamentos sucessivos, no qual uma representação assume o lugar de outra na cadeia. Numa palavra, as transferências constituem novas edições do desejo inconsciente (BARATTO, 2016, p. 39).

Posto isso, a produção do saber em análise só é possível através da inclusão do (a) analista-pesquisador (a) na cena, porque para a teoria psicanalítica, ninguém está fora do cálculo transferencial. Na mesma medida que não há um saber prévio que está ali, intrínseco ao objeto, como um dado a ser colhido, pela pessoa do (a) analista-pesquisador (a). Conforme pontuado anteriormente, na clínica psicanalítica, assim como na pesquisa de investigação em psicanálise há um rigor frente o *a posteriori*, onde se entende que ninguém está alheio às reverberações que a relação transferencial produzirá a partir da investigação de um caso, de uma entrevista, de um texto. Para a psicanálise, a interpretação está calculada na transferência e no espírito do seu tempo, demarcando assim a sua especificidade associada à generalidade (COSTA & POLI, 2006; CUMIOTTO, 2008; ROSA & DOMINGUES, 2010; DALLAZEN, et al, 2012; BARATTO, 2016).

Esta situação exige do(a) pesquisador(a) a atenção aos preceitos éticos da transferência. Para isso, incluímos que através de recortes clínicos oriundos do nosso trabalho analítico e da nossa construção de caso, podemos apresentar e problematizar falas de pessoas que lidam com o enigma associado ao feminino, o que nos possibilitará escutar a vivência singular. Da mesma forma, a relação transferencial com os textos (literatura psicanalítica e demais áreas de interesse, poesia, letras de música, séries) selecionados e analisados no decorrer desta pesquisa dizem respeito a nossa singularidade e evidenciam a nossa imersão no referencial universal do espaço-tempo onde habitamos. Ainda, a leitura e análise desses textos nos possibilitam também problematizar o enigma posto no feminino em vários contextos, não

atrelando especificamente a escuta analítica. Em concordância com Wieczorek, Kessler e Dunker (2020), “podemos pensar que não se trata de efetivamente tomar a transcrição ou elaboração do material clínico como fator de maior relevância” (2020, online). Os autores, através do jogo de palavra (*f)ato*, ilustram a dimensão polissêmica da palavra, no trabalho da escuta clínica e sua articulação com a pesquisa teórica:

reafirmamos ser a partir da clínica que podemos propor seus (f)atos clínicos. São essas ferramentas teóricas que permitem que operemos no campo abstrato, trabalhando hipóteses para tangenciar, tocar, cercar o real, aquilo que é de certa forma inacessível na clínica, e assim podermos produzir e colher os efeitos do trabalho. Reafirmamos assim nossa aposta em metodologias que são forjadas a partir dos marcos internos da psicanálise e de seus textos fundadores (Wieczorek, Kessler e Dunker, 2020, online).

Nesta rota, a pesquisa psicanalítica, encontra no conceito transferência o aporte sobre a relação, implicação e análise do pesquisador (a) com os textos selecionados:

ao debruçar-se sobre um arcabouço teórico em que estuda e pretende-se avançar, o pesquisador estabelece uma relação transferencial com o próprio conteúdo investigado [...] estas leituras o tocam de determinada forma para além da racionalidade empregada na própria leitura de um texto [...]. No momento em que lemos, estudamos [...] qualquer que seja articulação teórica, não só a nossa racionalidade está ativa como também processos inconscientes e intuitivos ocorrem disparados pela estranheza de nosso objeto e campo de investigação, a saber, a própria teoria. (TAVARES & HASHIMOTO, 2013, online).

Conforme Rosa e Domingues (2010), a transferência é um dos pressupostos básicos da teoria psicanalítica, afirmam, que qualquer elaboração teórica que se defina como psicanálise deve considerá-la. Recorrer à transferência para analisar textos demanda, também, reconhecer que a transferência se instala fora do *setting* analítico. Desta forma, teremos como marco analítico na pesquisa a relação do pesquisador(a) na transferência com os textos analisados.

Situamos que a referência analítica deste trabalho está ancorada na transferência, contudo, o método psicanalítico, também está articulado a outros dois operadores fundamentais que acompanham a referência transferencial: atenção flutuante¹¹ e a associação

¹¹ Atenção flutuante é um termo criado por Sigmund Freud, em 1912, para designar a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

livre¹². Sublinhamos o pressuposto da atenção flutuante, pois, essa opera de forma mais consistente neste trabalho, dado o seu, também, movimento operacional para além do *setting* analítico. Freud (1912/2010) a define como uma técnica bem simples. “Ela rejeita qualquer expediente [...], mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma *atenção flutuante*” (1912/2010, p.148-149). A regra descrita por Freud é um estado do qual o analista/pesquisador mantém sua atenção suspensa frente àquilo que escuta ou lê. “Assim evitamos uma fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter muitas horas ao dia. (1912/2010, p.149).

Já o método da associação livre, na pesquisa, tem suas complexidades, pois não necessariamente haverá um sujeito em livre-associação nas leituras e análise de textos em relação com a cultura (sociedade, economia, história, música), mesmo recorrendo à atenção flutuante. Desta forma, reafirmamos que a referência analítica deste trabalho é a transferência.

Dito isso, é importante situar que as falas apresentadas ao longo do trabalho não são *ipsis litteris*, dada a arbitrariedade da linguagem e a impossibilidade de captura literal, visto que, não são entrevistas gravadas, mas sim, recortes de sessões de terapia, todavia, elas não estão descontextualizadas do objetivo do trabalho, pois, como vimos, elas estão em articulação com a transferência do pesquisador/autor. A saber, a descontextualização (com o intuito de não produzir um possível reconhecimento) repousa diretamente na caracterização das pessoas que ocupam o lugar de paciente. Neste sentido, foram alteradas as idades, profissões, cidades, entre outras informações específicas. “Apenas” (aspas necessárias) o sexo, gênero e desejo se mantiveram tal qual apresentados, dado que, o objetivo é apresentar o denominado enigma nas mais diversas posições subjetivas.

Escrever uma dissertação demanda um trabalho de luto e criatividade. Freud (1908/2015) comparou a criatividade do trabalho literário com a criatividade das crianças na relação com as brincadeiras, pois, em ambos os casos, há uma construção para si de um mundo próprio ou um remanejamento das coisas de seu mundo numa ordem nova, do seu agrado. “Seria errado, portanto, pensar que ela não toma a sério esse mundo; pelo contrário, ela toma sua brincadeira muito a sério, nela gasta grandes montantes de afeto” (FREUD, 1908/2015, p.327).

¹² Associação Livre é uma das técnicas fundamentais da psicanálise. Segundo Roudinesco e Plon (1998), a palavra foi empregada pela primeira vez em 1896, e sua invenção foi atribuída a Josef Breuer. Freud, trabalhando ao lado de Breuer, abandonou progressivamente a hipnose pela catarse, inventou o método da associação livre, e enfim a psico-análise (1998, p.275).

Para finalizar, reconhecemos deste lugar a escrita deste trabalho. Um lugar criativo, repleto de afetos e rearranjos da realidade, ou seja, uma brincadeira. Freud distingue que o oposto da brincadeira não é a seriedade, mas sim, a realidade. A criança, assim como o pesquisador, sabe diferenciar a realidade do seu mundo próprio, inclusive, “gosta de basear nas coisas palpáveis e visíveis do mundo real os objetos e situações que imagina. É esse apoio na realidade que distingue o seu ‘brincar’ do ‘fantasiar’” (1908/2015, p327). Este reconhecimento que o pesquisador (também) é um escritor literário, nos ajuda a problematizar a construção do caso clínico em psicanálise.

2.2 O CASO É UMA CONSTRUÇÃO: TIJOLO POR TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO

A construção de caso para a psicanálise ultrapassa o sentido descritivo e a lógica da comunicação. Para o pensamento psicanalítico a escuta de cada caso é como uma construção de conhecimento sobre específico tema que desvela não só o sujeito que fala da sua experiência, como também o “analista que escuta as sinuosidades do campo conceitual de onde transita” (SOUZA, 2000, p.11).

Segundo Edson de Souza (2000), o caso clínico “não deve ser confundido com a história do paciente, já que é uma ficção que só pode ser compreendida como produzida entre analista e analisante” (2000, p.11). Assim, entende-se que o conhecimento será construído na relação estabelecida entre quem escuta e quem enuncia o discurso, o que implica na quebra do poder entre os que participam desse trabalho (MEZAN, 1999, SOUZA, 2000; QUEIROZ, 2002).

Temos aqui o pressuposto da transferência, o pressuposto da quebra dissociativa entre sujeito e objeto e o pressuposto sobre a linguagem – que entende a quebra entre a suposta linearidade e a correspondência da verdade (ponto este que Freud já enunciou na questão dos chistes, do ato falho, dos sonhos¹³). Sobre a linguagem, é necessário problematizar, sabendo a

¹³ Para elucidar, encontramos em *A interpretação dos Sonhos* [1900]: “Os sonhos são desconexos, aceitam as mais violentas contradições sem a mínima objeção, admitem impossibilidades, despreza conhecimentos com grande importância para nós na vida diurna e nos revelam como imbecis éticos e morais. Quem quer que se comportasse, quando acordado, de maneira peculiar às situações dos sonhos, seria considerado louco. Quem quer que falasse, quando acordado, da maneira como as pessoas falam nos sonhos, ou descrevesse o tipo de coisas que acontecem nos sonhos, dar-nos-ia a impressão de ser apalermado ou débil mental.” (FREUD, 2001, pg.65).

dimensão da verdade do sujeito e considerando a construção do conhecimento no caso como associada ao universal e ao singular, porém, não reduzida a nenhum deles.

Nesta rota, o caso, seria “uma apreensão circunstancial e momentânea de uma construção” (SOUZA, 2000, p.15), e desta forma o caso é uma construção que revela, “em maior ou menor grau, seu autor. Pode-se também pensá-los como um esforço de transmissão.” (2000, p.16). Essa concepção nos interessa, pois, também rompe com a suposta neutralidade asséptica do (a) pesquisador (a) ou daquele (a) que através da escrita, atua como autor (a). “É deste lugar que a psicanálise pensa o caso que, mais uma vez insisto, não devemos confundir com história do paciente. Não é uma apresentação biográfica. É uma ficção clínica, resultado de uma hipótese teórica” (SOUZA, 2000, p.18).

Todas essas informações são relevantes e fundamentais na construção do caso. Entrementes, o caso para a psicanálise representa mais que uma narrativa que supõe um estilo. Ele possui um valor diferente do atribuído pela medicina, por exemplo. Se, para esta última, ele remete ao sujeito anônimo, representativo de uma doença, ou seja, a “um caso”, “uma casuística”, para aquela, a singularidade da experiência decorrente da vivência do *pathos*, registrada pela escuta do analista, produz uma terceira subjetividade, uma terceira organização ficcional que adquire valor de verdade; portanto, não mais se trata de “um caso”, mas sim de “o caso”, conferindo-lhe um estatuto próprio. (QUEIROZ, 2002, p.36)

É incontestável que há vários modos de lidar e de tratar com os restos e fragmentos clínicos, todavia, o que nos interessa destacar é o modo transgressor que o saber psicanalítico caracteriza e valida a escrita do caso clínico. Primeiro, legitimando o conhecimento como construção estabelecida no decorrer do processo, e não como estabelecida *a priori*. Posteriormente, elementos, recortes e transcrições de leituras e escutas que podem se associar a diferentes singularidades configurando o caso. Em outras palavras, não se trabalha com a transcrição da escuta de uma pessoa, nem se constrói uma biografia sobre ela. Trabalha-se com um tema, uma conceituação, uma ideia, e esse tema serve de sinalizador para escutarmos, recortamos e montarmos a partir de diversas vozes escutadas “o caso” o que pode vir a conferir-lhe o estatuto de generalização. Portanto, nesta pesquisa qualitativa, teórica e de construção de caso, teremos como materiais a serem analisados, textos¹⁴, tanto aqueles produzidos com e a partir do material teórico, quanto os textos produzidos a partir da escuta da minha prática profissional. Também utilizaremos, quando necessário, músicas, poesias e cenas da cultura *pop*, sem o interesse de interpretar, mas de ilustrar a problemática proposta.

¹⁴ Usamos o termo “texto” em transferência à concepção derridiana. Presumimos que o filósofo desconstrói a ideia de texto como sendo exclusivamente uma produção textual escrita, ampliando a ideia de texto como tudo aquilo que possibilita uma leitura.

Reiteramos que esse material será centrado na transferência, (considerando a atenção flutuante e a associação livre, postas a operar no pesquisador na relação com os textos a serem trabalhados, ou seja, considerando a torção no trabalho em relação a atenção flutuante posta no pesquisador em relação aos textos e considerando que não temos a livre associação conforme posta no trabalho clássico com o paciente na psicanálise) com o material colocado nos textos teóricos sobre a construção do enigma associado ao feminino, bem como, com os textos produzidos (diários de atendimentos, produções em supervisão, orientação de pesquisa, entre outros recursos) a partir da escuta de diversas pessoas que enunciaram sobre o enigma associado ao feminino em variadas posições subjetivas, ao longo da minha prática clínica. Essa parte é fundamental na pesquisa e diz do compromisso do pesquisador com seu campo profissional como um campo de pesquisa. Para a análise dos textos recorreremos ao aporte analítico das autoras e autores trabalhados ao longo da pesquisa.

Recorremos a textos de psicanalistas contemporâneas e contemporâneos que problematizam a atribuição do enigma ao feminino: Maria Rita Kehl, *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*(1996); *Deslocamentos do feminino* (2008); *Sobre ética e Psicanálise* (2002) e outros textos; Diana Corso *Tomo conto do mundo: conficções de uma psicanalista* (2014) e outros textos; Carla França, Patricia Porchat e Patrizia Corsetto (Orgs), *Psicanálise e Gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina* (2018). Paulo Roberto Ceccarelli (1999; [2000]; 2013; 2017) e demais autorias.

Além dessas autorias da psicanálise brasileiras que exercem o diálogo crítico com diversas áreas do conhecimento como filosofia, história, ciências sociais, linguística e também trabalhamos com autoras e autores que estabelecem diálogo e relação crítica com a psicanálise, em especial com Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2015); *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2015). Importante também salientar que manteremos a leitura e o diálogo com Sigmund Freud, especificamente com aqueles textos nos quais o autor trabalha a feminilidade: *Sexualidade feminina* (1931/2010); *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise* (1932-1933/2010); *Feminilidade*, (1933/2010) e outros textos. Na mesma perspectiva, utilizaremos, ainda, textos de Jacques Lacan, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957); *A significação do falo* (1958/1998), ambos em *Escritos* (1958-1998), *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60/2008); *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.* (1972-1973–1985).

Conforme pontuado anteriormente, a pesquisa em psicanálise se apoia na clínica do pesquisador e em específicas concepções sobre o conhecer e o subjetivar que orientam a produção do conhecimento. Ainda, a estratégia adotada nesta dissertação, diz respeito à

construção do caso e à análise teórica de conceitos postos por autoras e autores que abordam o tema da pesquisa. Assim, tenho como referência tanto a leitura e análise das autorias apontadas acima e outras que surgem no processo de pesquisa quanto a recorrência da escuta clínica que realizei de pessoas que manifestaram sua relação com a questão do enigma associado ao feminino.

Reitero que exerço a prática da clínica psicanalítica desde 2009, na cidade de Blumenau, Santa Catarina. No decorrer desses anos atendi inúmeras pessoas que manifestaram de alguma forma sua relação com o enigma associado ao feminino. Conforme apontado anteriormente, o que apresentamos nesta pesquisa, como os recortes para a construção do caso, se associa à escuta dessas pessoas no decorrer desses anos de trabalho.

Por fim, insistimos que o reconhecimento das rupturas com o conhecimento hegemônico moderno e ocidental, e a proposta de atribuir o novo, subvertendo um caso em o caso, altera de forma radical o saber psicanalítico. Saber este que constantemente, assume e aposta na complementaridade entre teoria-prática, sujeito-objeto, sem deslegitimar ou hierarquizar, nos colocando na dimensão ética, bem como, nos mantendo no estabelecimento de outras escutas sobre as estratégias de produção do conhecimento.

3 O ENIGMA E A TRADIÇÃO CIENTÍFICA, MODERNA E OCIDENTAL

Neste capítulo vamos contextualizar o enigma do feminino e suas inquietações em dois cenários marcados pelo recorte histórico e pelo recorte espacial. Na primeira parte deste capítulo, apresentaremos como reconhecemos a desqualificação do feminino, nos denominados discursos científicos, modernos e ocidental, ao adotar os pressupostos da centralidade no sujeito universal, como único modo legítimo de produzir conhecimento e subjetividades. Procuramos associar as nossas análises à questão da construção do conhecimento hegemônico que se define como capaz de propiciar uma leitura sobre o sujeito e sobre a realidade transparente, verdadeira, única, e dessa forma, livre de enigmas e de temas a serem problematizados. Na segunda parte deste capítulo, contextualizaremos as permeações dos pressupostos do binarismo, hierarquia, violência e identidade na vida cotidiana nacional. Recorremos à análise da questão da identidade, pois entendemos que essa modalidade de produção subjetiva é hegemônica no mundo ocidental e se articula sobremaneira à designação do enigma ao feminino, pois, tanto sustenta o binarismo hierárquico masculino-feminino, quanto sustenta a própria substantivação da subjetividade em matrizes identitárias. Essas

modalizações centradas no binarismo hierárquico e nas matrizes identitárias produzem efeitos inegáveis na organização da sociedade brasileira e na modulação subjetiva, que se encontram atravessadas e “encharcadas” por essas modulações.

3.1 DECIFRAM-ME OU TE DEVORO: A RAZÃO DO SUJEITO E SUA VERDADE UNIVERSAL

Ainda que de forma breve, vamos nos reportar ao século XVII na sociedade ocidental, para fundamentar o momento histórico-filosófico onde diversas concepções (e crenças) de alguma forma foram naturalizadas como únicas e verdadeiras.

O conhecimento desenvolvido na Europa ocidental do século XVII é denominado pelos historiadores da filosofia como: filosofia moderna. Suas principais referências são René Descartes, Galileu Galilei, Francis Bacon e Thomas Hobbes. Personagens importantes que contribuíram para o pensamento filosófico e com a denominada ciência moderna. Filosoficamente falando, o modernismo começa com o pensamento de Francis Bacon na Inglaterra e o pensamento de René Descartes na França (CHAUÍ, 1996; PETERS, 2000).

Modernismo, para o filósofo Michael Peters (2000), é um termo com duas concepções. A primeira refere-se aos movimentos artísticos do final do século XIX. A segunda definição é histórica e filosófica, fazendo referência ao termo “moderno” e significando “modernidade” – a época que se segue à época medieval. O termo moderno expressa uma “*ruptura autoconsciente* com o velho, o clássico e o tradicional, e uma ênfase concomitante no novo e no presente” (PETERS, 2000, p.12 – grifo do autor). Para o autor, essa ideia está envolta por um pressuposto de que em certo sentido, o moderno, em contraste com o classicismo e o tradicionalismo, é melhor que o velho, simplesmente porque, na sequência do desenvolvimento histórico, ele vem depois.

Datas e períodos podem convocar equívocos, nos alerta Chauí (1996), ao estabelecer uma relação causal direta entre acontecimentos sócio-políticos e a constituição dos conhecimentos filosóficos, científicos e técnicos, ou a criação artística. Para a filósofa, há relações estabelecidas entre os acontecimentos, todavia, não são necessariamente relações lineares e causais. Por conta disto, historiadores da filosofia qualificaram o Renascimento como o período de transição para a modernidade “ou a ruptura inicial face ao saber medieval que preparou o advento da filosofia moderna” (1996, p.61).

A expressão filosofia moderna ou filosofia do século XVII é uma abstração para lidar com as dificuldades impostas pela lógica temporal e cronológica, ao passo que, segue como uma abstração ao considerar as várias filosofias que “polemizaram entre si nesse período, os filósofos concebendo a metafísica, a ciência da Natureza, as técnicas, a moral e a política de maneiras muito diferenciadas.” (CHAUÍ, 1996, p.66). Posto isto, reconhecemos aqui um campo discursivo com suas características gerais, semelhanças e diferenças, que traduzem um modelo de pensamento e seus pressupostos que sustentam as lógicas discursivas entendidas como moderna, hegemônica e ocidental e é deste reconhecimento que por hora vamos nos ocupar.

Ao longo da história do pensamento filosófico e científico noções como: verdade, universal, não-contradição, binário, foram privilegiadas no conhecimento moderno ocidental. À vista disso, as concepções, singular, ficção, contradição, paradoxo, enigma, não-binário, receberam, a partir do modelo de causalidade (onde se entende que conhecer é conhecer a causa da essência) e da lógica linear, a desqualificação, ficando em oposição ao hegemônico. Em outras palavras, as concepções não hegemônicas receberam o estatuto assimétrico da disparidade, daquilo que foi prejudicado, desprezado, desfavorecido ou em outras palavras, deslegitimado, recalcado no discurso em relação ao que se denominou como conhecimento científico, moderno e ocidental.

Essas compreensões solidificaram as concepções de realidade, de conhecimento e de sujeito na ciência moderna ocidental e passaram a constituir o que foi denominado de metafísica da presença (DERRIDA, 1996). Essas concepções tornaram-se um tema caro para a teoria psicanalítica, pois, a psicanálise se dispôs a transitar às margens do discurso dominante, exigindo assim, uma volta a mais nas explicitações sobre a sua compreensão de realidade, conhecimento e sujeito. “É importante salientar que, apesar da hegemonia obtida pelos pressupostos centrados na metafísica da presença, essa vertente não é a única a oferecer possibilidades à compreensão da constituição subjetiva e do conhecimento” (NAVES & SOUZA, 2012, p. 369).

Destacamos o aforismo cartesiano *Penso, logo existo*. Um exemplar central do chamado sujeito cognoscente. Este pressuposto moderno é um elogio ao princípio da razão, ao modo operacional do conhecimento racional e do modo de subjetivar que privilegia o sujeito da racionalidade como aquele sendo consciente de seus atos, sentidos e intenções. Essa lógica adota o pressuposto do sujeito universal, neutro e apto a investigar, ponderar e apreender a realidade que o cerca e a qualificar as ações humanas. “Não obstante, o *pathos*, os afetos, a lógica não formal, continuam a se manifestar, atravessando as experiências e as práticas que

constituem a vida das pessoas e seu entorno” (NAVES & SOUZA, 2012, p. 369). São essas manifestações e atravessamentos que o sujeito cognoscente desqualifica, pois, denuncia o favorecimento da consciência humana como instrumento único e último para o conhecer e o subjetivar.

Esse eu autônomo, racional, objetivo, capaz de produzir verdades universais sobre o mundo, estabelece o conhecimento científico como a base última daquilo que é verdadeiro, portanto, daquilo que é certo e daquilo que é bom.

Os pressupostos modernos e o sujeito da razão, bem como, o sistema hierárquico de categorias binárias postas nessa oposição moralista estabelecida nas sociedades ocidentais que definem o que é certo ou errado, bom ou mau, masculino ou feminino, recebem severas críticas nos movimentos estruturalistas e pós-estruturalistas. Esses movimentos entendem que os pressupostos idealizados da origem, da razão, do sujeito e sua verdade, necessitam ser problematizados, ainda que a partir de bases diversas. Em outras palavras, esses movimentos criticam os pressupostos modernos “universalistas” que compreendem a racionalidade, a individualidade, a autonomia, como intrínsecos ao sujeito da certeza. (PETERS, 2000).

Para o pensamento pós – estruturalista, a ênfase atribuída à autoconsciência absoluta e ao seu suposto universalismo é “parte integrante dos processos que tendem a excluir o Outro, ou seja, aqueles grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes.” (PETERS, 2000, p.36). No lugar da autoconsciência absoluta, destaca-se a “constituição discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito.” (2000, p.36).

Sublinhamos as energias inconscientes e libidinais – como forças que constroem e governam nosso comportamento, para situar que muito da inovação do estruturalismo e do pós-estruturalismo, em que pesem suas diferenças, tem uma dívida direta para com Freud. A subversão produzida pelo autor da teoria do inconsciente, ao deslocar a centralidade da consciência, abalar a soberania do sujeito da certeza e desestabilizar o discurso hegemônico fundado na “pura racionalidade e na autotransparência do sujeito, colocando em questão as distinções tradicionais entre razão e desrazão (loucura)” (PETER, 2000, p.37), influenciou grande parte da ênfase pós-estruturalista sobre o desejo, o corpo e a sexualidade.

Peters demonstra que Lacan, retoma o espírito crítico de Freud, propondo uma leitura estruturalista que aponta para as condições estruturais e linguísticas que “subjazem ao indivíduo como sujeito do desejo e da linguagem”. Em vez de um sujeito visto como estando em posse de si próprio (como na tradição anglo-americana da psicanálise)” (2000, p. 37). Ou

seja, para a psicanálise lacaniana a leitura do eu, está intimamente ligada com a sua relação com a linguagem. “O inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p.135). Máxima lacaniana que ficou simplificada e popularmente conhecida como: *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*.

Retomando o diálogo com Peters (2000), o filósofo descreve a leitura de Laura Hengehold sobre este ponto:

Tal como descrito por Hengehold (1998, p. 199): “a teoria de Lacan descreve um sujeito inevitavelmente *dividido*: um sujeito que se forma na luta da criança para ser representada pela linguagem, para ser representada como um falante. A especificidade e o desejo sexuais do sujeito que resultam desse processo são marcas irrevogáveis dessa divisão ou dessa insuficiência”. Essa herança pode explicar, talvez, a ênfase dada, na obra de Foucault, Derrida, Lyotard, e Deleuze/Guattari, aos sujeitos do desejo e da sexualidade, bem como, mais recentemente, uma ênfase similar – porém mais crítica em termo de gênero – no trabalho das feministas pós-estruturalistas, entre as quais Julia Kristeva e Luce Irigaray. (2000, p. 37/38).

Localizamos essa passagem para grifar dois pontos importantes. O primeiro ponto versa sobre as diferentes áreas do conhecimento e diferentes autorias que não ancoram suas produções de conhecimento e modos de subjetivação nos pressupostos modernos. Para tanto, esses autores e autoras elencam outros pressupostos como possibilidade de leitura sobre o conhecimento, sobre a realidade e sobre o sujeito. No nosso caso, temos o abandono do sujeito da certeza e a adesão ao sujeito do inconsciente, um sujeito claudicante, que tem na dúvida o apoio da sua certeza, (LACAN, 1964/2008), como pressuposto de leitura. O que nos leva ao segundo ponto: a teoria do inconsciente, não é e não pretende ser uma teoria hegemônica (PETERS, 2000). A psicanálise não é *uma*, ou seja, não há uma única vertente ou um único modo de leitura e interpretação. Entendemos que o pensamento psicanalítico está aberto às interpretações que podem surgir a partir da sua leitura (transferencial), todavia, a psicanálise está calcada em pressupostos que versam sobre a sua história, sua concepção teórica, sua prática clínica e no modo de pesquisar – e justamente por isto, é passível de ser questionada, revisitada e reconhecida.

Interessa-nos sublinhar essa discussão, pois constantemente a psicanálise é convocada a problematizar, pensar e/ou responder sobre as demandas e tensões que os pressupostos hegemônicos provocam na cultura ao reforçarem os pares binários e hierárquicos: masculino/feminino, homem/mulher, pênis/vagina, substância/vazio, solução/enigma. Com relação a esses pares é aceitável afirmar que, na maioria das sociedades, ocorre a valorização do “denominado masculino com a sua conseqüente assunção ao poder político, econômico e

cultural, concomitante com a desvalorização e subordinação do denominado feminino.” (SOUZA, 2011, p.75).

Nessa perspectiva, compreendemos que a hegemonia capturada através dos pressupostos de causalidade, linearidade, binarismo, hierarquia, verdade universal, não-contradição, identidade, entre outros, estabeleceram inscrições no sujeito e naquilo que vamos compreender como masculino e feminino, bem como, os específicos lugares associados aos pressupostos modernos sob a égide do inteligível e não inteligível. Inteligível usualmente outorgado ao masculino, homem, substância, solução (sujeito decifrado, transparente, universal) e o não inteligível atribuído ao feminino, mulher, vazio, enigma (sujeito enigmático, opaco, singular).

A enunciação de enigma versa justamente sobre esse cenário. Problematizar a rápida associação ao feminino, bem como, o ideal universal regido pela razão que entende que o enigma/feminino é uma charada a ser solucionada. Sabemos que o enigma/feminino escancara o limite teórico, denunciado a falácia discursiva, evidenciando os seus furos, frestas e paradoxos. Para o pensamento científico moderno, a concepção de enigma ecoa como uma demanda a ser respondida, pois, diz sobre o que está fora do pensamento hegemônico, aquilo que é desqualificado de compreensões, rebaixado de sentidos, de necessária e urgente decodificação e, dado o contexto apresentado, inferimos que o enigma foi associado ao sujeito que se intitula e/ou é reconhecido como feminino, por aquilo que se reconhece ou é denominado como representante universal: o masculino!

De outro modo, o enigma associado ao feminino, é um modo metafórico para explicitar e denunciar uma (tentativa de) obturação discursiva frente ao vazio, comumente compreendido como não passível de representação e desprovido de potência. Porém, para a teoria psicanalítica, o vazio não ocupa este lugar desqualificado de conhecimento, deslegitimado ou recalçado.

é possível entender as relações entre construção do feminino, produção do conhecimento e estabelecimento do poder, na medida em que o conceito de feminino é atribuído ao corpo marcado pelo vazio e pela passividade. Não obstante, o reconhecimento da injunção entre história, poder e produção de teorias e práticas que ganham hegemonia também sustenta a leitura sobre o vazio e o feminino para além da representação do incompleto e do passivo. Em outras palavras, aspectos da realidade e da subjetividade que não foram recobertos pela representação e/ou explicados por esse conhecimento foram considerados restos e desvalorizados. Esse procedimento possibilitou que não se questionassem as teorias e os pressupostos hegemônicos, já que o resto, desqualificado a priori, não suscitava o trabalho de ser problematizado. (SOUZA, 2011, p. 76).

Encontramos aqui específica sustentação que nos aproxima da pergunta e gera o problema de pesquisa deste trabalho. Ao reconhecer a histórica e filosófica desqualificação daquilo que não é hegemônico, nos sentimos convocados a pensar que o enigma atribuído ao feminino, diz mais sobre a desqualificação da mulher (e seus correlatos: feminino, passivo, vazio) do que pela ausência de recursos, possibilidades e sustentação de conhecimento para lidar com o vazio, com o resto, com a contradição, a ficção, o inconsciente, o descontínuo, o afeto, o singular – entre tantos outros pressupostos deslegitimados pela tradição do pensamento hegemônico.

Para Souza (2011), a hierarquia estabelecida entre pares de opostos “nomeia e produz aquele que será vinculado ao ativo, à substância, à presença, em contraponto ao outro par, vinculado ao passivo, à ausência, ao vazio.” (2011, p.85). Isto possibilita dizer que o masculino representa o modelo de ciência e o modelo de subjetividade, pois “o falo subsume o pressuposto da ação e do movimento associado pela tradição metafísica da presença ao contínuo que se estende no espaço e no tempo da substância” (2011, p.85). Esses pressupostos acompanham a definição da subjetividade como “subsumida na *mesmidade* identitária definida como um *continuum* que se estabiliza no espaço e no tempo e se substantiva no sujeito epistêmico da ação” (2011, p.85 – grifos da autora). Ou seja, para a tradição do pensamento moderno ocidental, o masculino se mantém como o único referente ao sujeito universal.

Por outro lado, o feminino, ao encarnar o negativo, escancara os limites teóricos da tradição do conhecimento ocidental, enquanto as teorias hegemônicas não explicam e/ou compreendem o que negam e/ou desqualificam. O que estamos sublinhando, pois, reconhecemos como ponto nevrálgico de problematização, é que os predicados associados ao feminino

configuram o negado e o desqualificado no/pelo conhecimento científico e no/pelo sujeito da ação em decorrência das dificuldades que oferecem à sua compreensão e/ou explicação. Assim, o feminino tornou-se alvo de desqualificação e sinônimo de impotência, de patologia, do outro, por agregar e explicitar a falácia dos pressupostos da verdade e da universalidade, pois ambos postulam os fundamentos da ordem ocidental e moderna. (SOUZA, 2011, p.85).

Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2015), inicia com uma provocação que nos interessa, pois, autoriza a problematização a partir das experiências singulares.

No discurso vigente na minha infância, criar problema era precisamente o que não se devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam

ser apreendidas nos mesmos termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da artimanha sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas (BUTLER, 2015, p.7).

Dificuldades, questionamentos, problemas são inevitáveis, mas, como afirma a autora, é nossa a responsabilidade de discernir, “a melhor forma de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (2015, p.7). Para tanto, adverte: “os problemas algumas vezes exprimiam, de maneira eufemística, **algum misterioso problema fundamental**, geralmente relacionado ao pretense **mistério do feminino**” (2015, p.7 – grifo nosso).

Seguimos essa trilha para ratificar que o denominado enigma associado ao feminino, diz respeito ao que se desqualificou no/pelo conhecimento hegemônico, ao mesmo tempo, em que denuncia as falácias argumentativas que firmam essa desqualificação, em virtude das dificuldades que se oferecem à sua compreensão. Pensamos que o estatuto de enigmático se refere ao conhecimento a ser problematizado, e não o conhecimento a ser decifrado, invertendo e deslocando, os pressupostos da verdade universal associada à figura do masculino.

Compreendemos que o sujeito não centrado na certeza, ou seja, o sujeito do desejo, inevitavelmente está às voltas com os enigmas da sexualidade e da morte, pois para a teoria psicanalítica, o vazio, o incompleto, o descontínuo, são condições indelévels da constituição subjetiva, da produção de conhecimento e da transmissão de saber. A respeito disto e dentro da dimensão específica da psicanálise, conferimos que o enigma desperta o recalcado, evocando assim, cenários inconscientes, que como já vimos, o sujeito da certeza batalhou para escamotear.

“Acontece que a donzela e isso era um segredo dela – também tinha seus caprichos” (BUARQUE, 1979)¹⁵. A hipótese do inconsciente, os pressupostos da contradição, do paradoxo, do negativo, do singular, possibilitam articular e sustentar concepções sobre o conhecimento, a realidade e a subjetividade. Para Souza (2011), ancorar os estudos na “qualificação do vazio e da potência a ele associada constitui ponto imprescindível à crítica direcionada ao conhecimento assentado na hierarquia e na disjunção que opera a exclusão e desqualificação do outro. (2011, p.87).

Donna Haraway, em *Saberes Localizados* (1996), avalia que nós “Temos gasto muita tinta tóxica e árvores transformadas em papel para difamar o que eles queriam dizer” (1996,

¹⁵ BUARQUE, Chico. Geni e o Zepelim. Rio de Janeiro: CBD Phonogram, PolyGram Discos, Philips Discos. 1979. (55 min).

p.7). Para a filósofa, *eles* são uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsas de pesquisa e de laboratórios. Já o, *nós*, ou ao grupo de interesse especial, como denomina Haraway, alude a ideia de que “são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito” (1996, p.7).

A pensadora problematiza, na mesma medida que responsabiliza as seleções e escolhas feitas para contar a história. Ou seja, que histórias contadas compõem a História?

A História é uma estória que os entusiastas da cultura ocidental contam uns aos outros; a ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. Ponto. A forma na ciência é retórica artefactual-social de fabricar o mundo através de objetos efetivos. (HARAWAY, 1996, p. 10/11).

Maria Rita Kehl, em *Blefe!* (1999), nos ajuda a pensar clinicamente sobre este ponto, enquanto mira para o aspecto cultural, ao afirmar que o masculino é uma espécie de síndico, de legalista. “O que tenta barrar qualquer excesso no gozo do seu semelhante, que possa lembrar-lhe tudo quanto ele mesmo não se permite” (1999, p.80).

A autora atribuiu o ato de blefar, às estruturas clínicas da neurose, em especial a neurose obsessiva, que comumente está relacionada aos sintomas nosográficos da posição subjetiva masculina¹⁶. A psicanalista afirma que a queixa é sobre a inconsistência, sobre a falha no Outro, que o faz sofrer ainda mais, quando ele a presente refletida em si mesmo. “Assim, ao deter-se no umbral do que seria *todo* o saber do Outro, ele se impede de vir a saber que o outro não é *todo*... e que qualquer saber (isto é ainda pior!) está sempre a se (re)construir, inclusive com sua modesta colaboração.” (1999, p.81 – grifo da autora).

Calculamos que a associação do enigma ao feminino, denuncia o blefe com que o discurso atribuído pelo e para ao masculino atua no jogo discursivo. Ou seja, o discurso masculino (esse arranjo de centralidade, cognoscência, universalidade, substância, calcado na posição subjetiva para além do gênero) recalca a incompletude como constitutiva do humano em nome das garantias que o jogo civilizatório promete. Recalca em nome do ideal que sustenta um modo de subjetivar e um modo de conhecer. Autorizando a leitura binária e hierarquizada que atesta que a falta está no seu par oposto.

Os ideais, que são construções culturais, serviriam para “direcionar”, para normatizar aquilo que, de outra forma, seria percebido como ameaçador. Todavia, tal empreitada é, em sua essência, impossível, pois o sexual infantil está sempre pronto a fazer retorno nas situações mais inusitadas e nos momentos mais

¹⁶ Não vamos nos aprofundar a esse respeito, pois esse não é o ponto do debate, entretanto, abrimos essa discussão, pois nos interessa atribuir a lógica do blefe ao conhecimento hegemônico, tal e qual a autora assevera sobre essa lógica a neurose obsessiva.

inesperados: os sonhos, os atos falhos, os sintomas, as fantasias mais secretas e os desejos mais inconfessáveis, as frustrações e as insatisfações que trazem as pessoas a nossos consultórios, tudo isso testemunha o fracasso tanto do recalque quanto da tentativa de criar-se uma sexualidade “ideal” que corresponderia a uma “natureza humana” que se pretende universal; onde este recurso falha, quando determinada expressão da sexualidade escapa ao recalque, ou não corresponde ao ideal, temos o preconceito. (CECCARELLI, 1999, p.31)

Sendo assim, percebemos que os ideais são processos que operam intrinsecamente à espécie humana, contudo, os ideais são constructos marcados e datados para balizar a complexidade da vida e não para ser apossado como verdade universal. Justamente por isso, pensamos o enigma como avesso à apreensão do conhecimento guiada, exclusivamente, pelos pressupostos da razão, da verdade universal e do sujeito cognoscente. O que se sustenta em uma específica modalidade de conhecimento e de subjetivação pautada na singularidade do sujeito, ancorado, ao universal. Além disso, localizamos a atribuição do enigma ao feminino como uma operação ideal da sociedade falocêntrica ou falologocêntrica¹⁷ que, dessa forma, também desqualifica o feminino enquanto sem falo ou não-fálico, bem como, não dotado de razão ou com dificuldades para seu uso. Ou seja, enigmático!

A respeito da lógica falocêntrica, Noemi Moritz Kon (2015), assegura que a manutenção desta lógica prima por um único marco de valor e que isso, reverbera em “profundas implicações afetivas, cognitivas, estéticas e políticas” (2015, p.21), para todas as pessoas, pois outorga na valorização de um discurso absolutista e simplificador, que sustenta um determinado *status quo*, “pelo qual masculino e feminino, variantes dos plenos e faltantes, ricos e pobres, bonitos e feios, enfim, *winner*s e *loser*s, são desiguais em suas diferenças” (2015, p.21). A psicanalista, ainda inclui, que a lógica falocêntrica, “Adequa-se a um discurso alienante, acrítico, que implica a devoção à completude e, em sua contrapartida, o horror à falta, um discurso, afeito ao capitalismo, que nos faz acreditar que ter é ser” (KON, 2015, p.21).

Por fim, apresentado esse contexto, seguimos discutindo a valorização do discurso hegemônico, moderno e ocidental através dos pressupostos modernos do binarismo, hierarquia, identidade e violência, pois, associamos que esses são modos de conhecer e subjetivar que encapsulam rapidamente o convite ao pensamento democrático frente ao enigma.

¹⁷ Encontramos em *De que amanhã: diálogos*: “Termo criado por Jacques Derrida, a partir de falocentrismo e logocentrismo, para designar o primado concedido de um lado pela filosofia ocidental ao logos platônico e, de outro, pela psicanálise à simbólica greco-freudiana do Falo, segundo a qual não existiria senão uma libido (ou energia sexual) e que esta seria de essência masculina” (DERRIDA & ROUDINESCO, p.36, 2004).

3.2 TE IGNORO OU TE CONHEÇO: BINARISMO, HIERARQUIA E VIOLÊNCIA NA VIDA COTIDIANA NACIONAL

A estrutura do pensamento binário opera nos processos de conhecer e nos modos de subjetivar desde que o mundo é mundo, tocando no imensurável do tempo. Não é novidade saber que interagimos com as coisas, com o outro, com o entorno e com nós mesmos, a partir da lógica dos pares opostos. (FOUCAULT, 1984a; FOUCAULT, 1984b; DERRIDA, 2001; FOUCAULT, 2011; BUTLER, 2015).

Se tomarmos a bíblia como um referente histórico de tempo da cultura ocidental e reconhecermos que independente de ser cristão ou não, a sustentação deste escrito denominado sagrado, opera em nossas vidas (vide o calendário), ditando as bases e referências sustentadas nesta estrutura de pensamento dual. Por exemplo: no início não havia nada, apenas silêncio. Deus disse: “Faça-se a luz!” e a luz foi feita. A luz era boa. Separando-a das trevas.

Este corte exclamado, situado na Gênese do livro cristão, separa aquilo que é bom, daquilo que é mau, na mesma medida, que separa o certo do errado. Sagrado e profano. Bem e o mal. Homem e mulher. Masculino e feminino. Ativo e passivo. Verdade e mentira. Lucidez e loucura. Corpo e mente. Real e abstrato. Direita e esquerda. Carrasco e vítima. Eu e outro. Poderíamos elencar N exemplos de pares opostos rapidamente associados, conforme exercitamos o jogo da memória, tal qual, no jogo do mico – um jogo de memória que consiste em achar o respectivo par de cada animal, ou como na cantiga do amor infantil: “bem-me-quer, mal me quer”.

O trabalho de problematizar a tradição do pensamento binário é um convite para pensar em outras possibilidades de leituras sobre a mesma interrogação. Sabemos que as pessoas se agregam ao pensamento binário e se reconhecem desta forma, justamente por isso, cabe ao terapeuta/pesquisador (e demais áreas) a disponibilidade para trabalhar, ou seja, estar advertido, com esse modelo, sem se encerrar nele, pois, o pensamento binário é um discurso absolutista, totalizante, simplificador e a forma rápida e prática de eliminar as tensões produzidas pelos enigmas da sexualidade e da morte.

Frequentemente encontrada em discursos religiosos, científicos, jurídicos e motivacionais, o pensamento binário, denega a complexidade da vida humana e limita suas potencialidades ao apelar por uma base essencialista.

O pressuposto da universalidade, um centro estável, duro, verdadeiro e pré corrupção nos encaminha para a máxima de Jean-Jacques Rousseau: “O homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe”. O que podemos pensar com isto é que para o filósofo o “homem” carrega consigo virtudes inatas e a razão (enquanto uma oposição à natureza) estimula a diferença. Sem a intenção de questionar o pensamento rousseauiano, encontramos a imediata associação entre natureza, virtude e bom. Denunciando a problemática e conduzindo a uma leitura, um tanto quanto, moralista do ser humano. Onde o ser humano é bom ou é mau, sem possibilidades de uma terceira rota distinta ou entrecruzada.

Nos consultórios psicanalíticos é bastante comum, em especial nas entrevistas preliminares, escutar queixas de sofrimento calcadas no pensamento dual. Conforme Cumiotto (2008), as entrevistas preliminares pretendem “sensibilizar o paciente para a escuta da sua própria palavra” (2008, p.20).

Faço um recorte clínico: certa vez, um rapaz de vinte e poucos anos, estudante de medicina, me procurou para iniciar um tratamento psicoterápico. Entre tantas coisas ditas, ele menciona uma amiga que admirava pelo seu modo de lidar com os problemas diários, ele diz: “Ela é zen, e é isso que eu gostaria, que a casa estivesse pegando fogo e eu continuasse relaxado, tranquilo, zen”. Presumo que nem um piromaniaco esteja relaxado frente a uma casa em chamas e, mesmo não adotando este critério diagnóstico, tão pouco era o caso, não creio que seja humanamente possível ficar zen frente a uma casa em chamas, mesmo de forma metafórica.

Freud em *A conquista do fogo* (2010/1932) demarca o caráter fálico da flama. Aponta para a semelhança da paixão amorosa e do símbolo da libido. “O calor que o fogo irradia evoca a mesma sensação que acompanha o estado de excitação sexual, e a chama lembra, na forma e nos movimentos, o falo em movimento” (2010/1932, p.404).

A demanda deste rapaz não pode ser respondida, mas, ela pode ser problematizada. Podemos pensar que o rapaz, ao almejar a tranquilidade, demanda uma espécie de anestesia do sofrimento gerado pelo enigma do “fogo” (da paixão, da libido, de Eros). Narcisicamente, esse é um pedido legítimo, pois, de fato, esse sofrimento o inquieta – caso contrário, não buscaria um analista.

Sabemos que o sofrimento é o que justifica o chamado a um(a) psicanalista, assim como, sabemos que esse sofrimento é a angústia de cada um e a isso chamamos de lógica da singularidade. Ou seja, como cada um expressa o seu sofrimento singular no universal. Por isso perguntamos, qual o sofrimento que frequenta a clínica psicanalítica na atualidade?

A respeito da busca por um(a) analista e a pergunta citada acima, Moretto (2016), em transmissão oral¹⁸, nos ajuda a pensar ao, chistosamente, situar:

Uma pessoa dificilmente vai procurar um psiquiatra quando sair do cinema; mas um psicanalista não vai estranhar se alguém lhe telefonar pedindo para marcar um primeiro encontro dizendo: “olha eu assisti a tal filme e eu preciso...”. O filme pode ser uma comédia inclusive, talvez, até por isso. O que quero dizer, não é estranho para um psicanalista alguém dizendo que precisa marcar uma sessão no começo de um trabalho ou no dia que a irmã vai casar, sobretudo se for a irmã mais nova ou no dia em que recebe a notícia de aprovação em um concurso. Vocês não vão encontrar no DSM, porque uma pessoa vai procurar um analista quando é promovida a presidente de uma empresa ou por que tirou dez em uma prova. Esses são motivos que frequentam muito a clínica psicanalítica. (MORETTO, 2016, informação verbal).

A clínica psicanalítica parte da escuta do sujeito do inconsciente, do sujeito como efeito do discurso do Outro. “Entretanto, há uma condição necessária para que esse trabalho seja possível: a instauração da transferência” (CUMIOTTO, 2008, p.19). No manejo da transferência e/ou na condução clínica de um tratamento, estamos advertidos e reconhecemos que essas queixas versam sobre a relação entre sofrimento singular e ideais de felicidades (ou em termos psicanalíticos, imperativos de gozo) que comumente estão alicerçados nas promessas da modernidade, que tem como base: o ideal de felicidade coletiva, a responsabilização individual (e não singular) para as mazelas sociais, a lógica da meritocracia, o mito da normalidade, o mito do bem estar ou plenitude, entre outros.

Koltai, em *A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior...* (2002), atesta que não há remédios para os males do mundo. Situa que Freud nos advertiu sobre o conflito entre religião e psicanálise, já que, a religião é capaz de “engendrar sentido perante todas as questões angustiantes induzidas pelo progresso científico” (2002, p.14), e que a psicanálise, “não tem como preencher os vazios faltantes e trazer uma solução – médica ou religiosa – ao mal-estar” (2002, p.14). Segundo a psicanalista, Lacan, percebeu que o discurso da ciência reforça necessariamente a segregação. Ou seja, o discurso da ciência intenciona que o outro seja um igual e anseia o bem do outro “ainda que este nada queira saber desde bem e se recuse a ser igual. Quando mais se exige a igualdade, mais o outro insiste em se manifestar como nada igual, totalmente diferente do que se esperava” (KOLTAI, 2002, p.13).

¹⁸ Fala da psicanalista, Maria Livia Tourinho Moretto, retirada do programa Café Filosófico CPFL, exibido em 10/7/2016. Série “Mal-estar, sofrimento e sintoma”. Curadoria de Christian Dunker. Episódio: “É preciso ser feliz: sofrimento na nossa cultura do sucesso”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mn8seHo154E>>

O sujeito nas primeiras entrevistas versa sobre o seu sofrimento singular, entretanto, pouco está implicado nas suas queixas. No caso do jovem paciente, ele se compara com a amiga (para falar de si), na tentativa de se fazer igual, apostando na promessa da “ortopedia científica” para que o conserte de suas afetações. Podemos conjecturar: se sofro pela afetação do fogo, deve haver um modo de não me afetar, possivelmente o caminho deve ser o oposto do que faço, já que, o que eu faço, desperta em mim angústias. A psicanálise entende que a expressão singular da subjetividade está sempre atrelada à cultura da sua época, dessa forma, aposta-se na hipótese do inconsciente para subverter a lógica essencialista, “razão suficiente para que o analista se recuse a ser o arauto do Bem” (KOLTAI, 2002, 11). Lugar tentador, mas inoperante, pois aceitar encarnar esse arauto do Bem e seu caminho tentador, financiamos (no sentido amplo da palavra) a ideia que o humano se transformou em mera mercadoria.

Ainda e sempre o trabalho que espera os analistas é o de militar pelas forças que trabalham em prol da civilização e isso para pela defesa da democracia e do reconhecimento dos valores universais sobre os quais repousa a civilização, condição necessária para o reconhecimento da alteridade (KOLTAI, 2002, p.16).

Ainda sobre a demanda do paciente, sabemos que esse não é um caso isolado. Comumente escutamos, dentro ou fora dos consultórios, o pedido de “quero ter uma vida mais leve” ou “não quero esse peso na minha vida”. Mas será mesmo atroz o peso e bela a leveza?

Para Kundera (2008) o peso é um fardo que nos esmaga, verga, comprime contra o chão. A leveza, nos torna mais leve do que o ar, leva aos movimentos a serem tão livres como insignificantes. “O que escolher, então? O peso ou a leveza?” (KUNDERA, 2008, p.11):

Foi a pergunta que Parmênides fez a si mesmo no século VI antes de Cristo. Segundo ele, o universo está dividido em partes de contrários: a luz/a escuridão; o grosso/o fino; o quente/ o frio; o ser/ o não-ser. Ele considerava que um dos polos da contradição é positivo (o claro, o quente, o fino, o ser), o outro, negativo. Essa divisão em polos positivos e negativos pode nos parecer uma facilidade pueril. Exceto em um dos casos: o que é positivo, o peso ou a leveza? Parmênides respondia: o leve é positivo, o pesado é negativo. Teria ou não teria razão? A questão é essa. Só uma coisa é certa. A contradição pesado/leve é a mais misteriosa e a mais ambígua de todas as contradições (KUNDERA, 2008, p.11).

Os pressupostos da contradição e do paradoxo, colocam algo tão escamoteado pelo sujeito da razão, porém, eles atravessam as escolhas. Pensamos que a questão não está na escolha em si, pois ela se dará na medida da decisão. O ponto está na dúvida que antecipa a decisão, na ambiguidade da contradição, como aponta Kundera (2008) ou na tensão do paradoxo de Scott (2005). Cabe sublinhar que a lógica binária tende a generalizar as decisões em escolhas bem feitas ou mal feitas na tentativa de suprimir o campo das possibilidades, ao

mesmo tempo que privilegia a idealização da consciência, da razão, da lógica causal. Então, como se já não fosse o bastante, para a subjetividade do sujeito, escolher uma opção, ainda é preciso escolher a opção (supostamente) certa. Certa para quem? Teríamos que nos perguntar, pois esta interrogação abre o campo de possibilidade que o binarismo não comporta.

Ao ampliarmos essa questão para as dinâmicas de relacionamento afetivos-sexuais ou para as relações de trabalho, encontraremos nos ditados populares o reforço do jogo de opostos complementares: *os opostos se atraem* ou *dois bichos não se beijam*. Tendo em mente que esse debate não é uma novidade, não é raro acreditarmos que, se a pessoa com quem me relaciono é super racional, logo, eu sou pura emoção. Se ela é ativa, logo, eu sou passivo. Ele está certo, então eu estou errado.

Somado a isto, a estrutura do pensamento binário está atrelada a outra estrutura de pensamento que intensifica a adoção de outros modos de conhecer e modos de subjetivar. Quando Kundera demarca que Parmênides divide em polos positivos e polos negativos, de forma pueril, as complexidades do leve e do pesado, ele nos aponta para o caráter hierárquico embutido no binarismo.

A hierarquia nada mais é do que a classificação crescente ou decrescente, baseado em uma escala de valor ou importância, que verticaliza as relações com a cultura. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Esta expressão popular, tão citada na vida cotidiana, acusa o automatismo da hierarquia nas relações. Onde um manda e o outro obedece.

Recentemente, viralizou nas redes sociais dois casos que ilustram a força do pensamento hierárquico na sociedade brasileira. Ambos os casos aconteceram em julho de 2020 (com uma semana de diferença). O primeiro caso ficou conhecido pela expressão “Cidadão não, engenheiro civil, formado, melhor do que você”¹⁹, proferida por um casal, após serem abordados pelos fiscais da Vigilância Sanitária da cidade do Rio de Janeiro, pelo descumprimento das medidas sanitárias adotadas para a contenção da pandemia de Covid-19.

O segundo caso²⁰ ocorreu na cidade de Santos, quando um desembargador, ao descumprir as regras sanitárias de circulação na orla santista na pandemia, foi abordado por guardas municipais. O desembargador responde à intervenção policial com uma ligação para o secretário de Segurança Pública do município e diz: “Aqui é o desembargador [...] estou

¹⁹ Sobre o caso, acessar: 'Cidadão não, engenheiro civil, melhor que você': fiscal é intimidado por casal no Rio. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/06/interna_nacional,1163035/cidadao-nao-engenheiro-civil-melhor-que-voce-fiscal-e-intimidado.shtml>.

²⁰ Sobre o caso, acessar: Desembargador humilha guarda após multa por não usar máscara em SP: 'Analfabeto'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/07/19/desembargador-humilha-guarda-apos-multa-por-nao-usar-mascara-em-sp-analfabeto.ghtml>>

aqui com um analfabeto”. O guarda municipal, ao se posicionar dentro das condutas do seu trabalho, é rebatido pelo desembargador com: “Você vai manter, cidadão, o que você falou, soldado, você não tem autoridade”.

Ilustramos esses dois casos para sublinhar que a cidadania brasileira passa por várias insustentabilidades democráticas e, entre elas, a deslegitimação do predicado cidadão. Cidadão, em ambos os casos citados, aparecem como modo de distinguir e inferiorizar o outro, a partir da suposta superioridade adquirida pelo ensino superior e pelas conquistas a partir deste título. Ser reconhecido como cidadão, revela naquele que supõe mandar, uma aversão ou ódio à democracia e a alteridade.

Presumo que esse efeito está mais evidente por conta da polarização política que estamos enfrentando, ao ponto de virar um posicionamento político o uso de máscaras como equipamento de proteção individual na circulação pública. Desde o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, reconhecemos uma briga política entre as denominadas posições de direita e esquerda. Vinculou-se, ainda dentro de uma interpretação pessoal, uma associação que a esquerda privilegia a pobreza, e desta forma, ser de esquerda é (querer) ser pobre.

O problema da pobreza no Brasil é um fato inegável e demanda leituras interdisciplinares para discuti-la e combatê-la, contudo, no Brasil atual, a pobreza, ou melhor, o predicado “pobre” virou um insulto, um desprezo e, acima de tudo e de todos, um medo do cidadão e cidadã da classe média brasileira, vulgo, cidadão de bem. Na possível leitura de pensar como um problema socioeconômico transitou para um medo da sociedade de consumo, em especial na classe média, recorremos à filósofa Marilena Chauí que reconhece como um tipo de violência este atrito gerado entre a lógica hierárquica e binária.

Para a autora, o brasileiro sustenta um mito de ser um povo hospitaleiro, generoso, alegre, sensual, “que desconhece o racismo, o sexismo, o machismo, que respeita as dificuldades étnicas, religiosas e políticas, não discrimina as pessoas por suas escolhas sexuais, etc.” (CHAUÍ, 2011, p. 381). A sociedade brasileira tem sustentado o mito na tentativa de recalcar aquilo que escapa dos debates, que tem como ponto o diálogo, as tensões, os conflitos e as contradições que a identidade brasileira pretende preservar como vínculo interno com o passado, com a tradição e a origem. Para a filósofa, a sustentação do mito é uma sustentação do passado que não permite o trabalho da diferença histórica e se conserva como perene no presente. De outro modo, o mito como solução imaginária para as tensões é um impulso à repetição, na tentativa de inscrever o passado que insiste em se fazer presente, mas dada a impossibilidade de simbolização, repete mais uma vez e outra.

O mito da não-violência brasileira, ancorado na ideia de que violência é apenas a delinquência e a criminalidade, terceiriza a violência ao outro, nos impedindo de reconhecê-la em nós mesmos. Segundo Chauí (2011), violência é toda a forma de ação, pensamento e sentimento que reduz uma outra pessoa a condição de coisa.

a violência não é percebida ali mesmo onde se origina a ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural. Mais do que isso, a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas, porque está cega ao lugar efetivo de produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira. (CHAUÍ, 2011, p. 383)

Acrescenta que as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões sócio-políticas e a corrupção são uma “forma de fundamentalismo das instituições” (2011, p.383). O sexismo, o racismo, a intolerância religiosa, o absolutismo político não são creditados na sociedade brasileira, como formas de violência e, desta forma, a violência é lida como um fato esporádico da superfície.

a mitologia e os procedimentos ideológicos fazem com que a violência que estrutura e organiza as relações sociais brasileiras não possa ser percebida e, por não ser percebida, é naturalizada, sendo que essa naturalização conserva a mitologia da não-violência, com a qual se brada pelo “retorno à ética” e essa “ética”, não é a verdadeira ética e sim uma ideologia que serve para ocultar a violência constitutiva da sociedade brasileira. (CHAUÍ, 2011, p.383).

A não percepção da violência como estrutura da organização das relações sociais é, em termos psicanalíticos, um modo de denegação. Denegar é um termo adotado por Freud (1925) para explicitar um dos mecanismos de defesa que a instância do eu recorre para exprimir negativamente um desejo recalcado. Ou seja, a adoção de uma identidade cordial ou não-violenta é um modo de racionalizar, através do controle e da dominação de si e do mundo, aquilo que escapa da lógica hegemônica, moderna e ocidental e será qualificado como enigmático, enquanto incógnita da diferença, para a onisciência da razão.

Sendo assim, entendemos que a violência acompanha os pressupostos do binarismo e da hierarquia, pois é violento colocar em um nível de qualificação e em um nível de desqualificação os elementos do par dual. Este movimento além de simplificador e absolutista, denega a complexidade da vida humana e limita as suas potencialidades. No Brasil, assim como, em outras sociedades, esse modo de operar sustenta as relações marcadas pela hierarquia entre as pessoas. Cabe sublinhar, que a adoção desses pressupostos sustenta a

deslegitimação do enigma como associado ao conhecimento e as pessoas, mas, como sabemos, a complexidade humana é atravessada pelos enigmas da sexualidade e da morte. Desta forma, reconhecer que todas as pessoas são interpeladas pelo enigma implica em reconhecer a importância dos pressupostos do devir, do indecível, do paradoxo, da contradição, o que implica questionar os binarismos e as hierarquias, bem como, não aceitar a atribuição do enigma como algo difícil, que escapa à possibilidade do conhecimento, e que é associado ao feminino. Associar o enigma, exclusivamente, ao feminino é um modo de produzir uma suposta identidade feminina, no qual, antecipa, naturaliza e restringe, toda e qualquer possibilidade de expressão singular das pessoas identificadas nesta posição.

Para dar continuidade, elencamos as matrizes identitárias para seguir problematizando as específicas atribuições que agregamos aos modos de produzir conhecimento e a constituição subjetiva. Ratificamos, de antemão, que não temos interesse em desconstruir as raízes que sustentam tais pressupostos, mas em localizá-los no discurso moderno e possibilitar uma leitura alternativa, aderindo outros pressupostos que sustentam a teoria psicanalítica.

3.3 O ENIGMA E O OUTRO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: ALGUMAS LEITURAS

A identidade é a forma como nos reconhecemos enquanto pessoas. Este tema tem estado no centro da nossa vida sócio-política, dentro e fora dos consultórios psicanalíticos e das redes sociais virtuais.

A psicanálise não adota o pressuposto da identidade como modo de leitura, pois, ela trabalha com outro pressuposto: a identificação. Contudo, como afirma Jurandir Freire Costa (1986), é importante reconhecermos que a referência identitária configura um modo de subjetivação que predomina na nossa rede social e, dessa forma, as pessoas se reconhecem como constituídas por uma identidade, bem como, reconhecem a realidade como configurada por identidades.

A identidade é um modo de subjetivação particular, pois ela nos possibilita ter acesso e a ceder àquilo que a gente sente e vive como sendo nossa unidade, mas há outros modos de subjetivação, tal qual, os sonhos, atos falhos, sintomas, lapsos de linguagem, chistes, ou seja, são modos que o psiquismo marca a expressão singular (COSTA, 1986). Unidade e singularidade não são sinônimas e, arrisco escrever, não são relativas. A concepção de unidade carrega consigo a concepção de centralidade. Já a singularidade abre terreno para a

relação com o denominado universal, demarcando assim, o singular no universal, sem encerrar-se em um núcleo ou em um centro.

Para Costa (1986), a identidade tem duas raízes: o aspecto estrutural e o aspecto histórico-cultural. Na raiz da estrutura, encontramos a dimensão da unidade no tempo (ipseidade) e da unidade no espaço (mesmidade). Na raiz histórico-cultural encontramos a dimensão geográfica e de localização na qual fomos socializados, como por exemplo: o oriente e o ocidente.

A dinâmica estrutural é comum a todos e todas. Já a dinâmica histórico-cultural, por considerar a geografia na concepção de identidade, não será comum a todas as pessoas. Por exemplo: uma pessoa adulta se reconhece a partir da sua profissão, identidade profissional, em qualquer lugar do globo, contudo, um psicanalista no interior do sul do Brasil, não “será o mesmo” no centro de São Paulo, Paris ou Tóquio. Para tanto, a localização histórico-geográfica, na cultura ocidental, ganha outra dimensão bifronte: a dimensão pública e privada.

De acordo com Costa (1986), a identidade pública é a identidade que partilhamos com os outros ou que pode ser partilhável, de forma lógica ou empírica, dado o seu caráter generalizável. Já a identidade privada é o espaço de liberdade de cada um, é o espaço da imaginação, das fantasias, das particularidades afetivas, cognitivas, intelectuais, ou seja, é onde a idiosincrasia predomina e, justamente por isso, dificilmente é partilhada. Essa dimensão bifronte, em alguma medida, rompe com a concepção de unidade, desarmonizando o suposto equilíbrio que a identidade pressupõe. Curioso ou não, a concepção de identidade pouco é colocada em xeque, no sentido de ser problematizada, nas produções de conhecimento e nos modos de subjetivar que temos denominados como hegemônico, científico e moderno. De alguma forma, o conhecimento hegemônico, toma de antemão que a identidade está posta e compreendida na sua dinâmica estrutural e desconsidera as nuances da complexidade privada, colocando a identidade na perspectiva da *mesmidade*. Ou seja, somos, dentro desta lógica essencialista, os mesmos aos quatro anos de idade e aos trinta e seis.

Como mencionamos, a psicanálise não conjuga essa concepção de identidade, pelo contrário, o pensamento psicanalítico sustenta sua radicalidade frente a esta noção, dado que, a identidade concebe a idealização da consciência, assim como a possibilidade de controle da natureza, da cultura e da complexidade humana. Para isto, a concepção de identificação ganha lugar para teoria psicanalítica. Ou seja, a identificação compõe a noção de identidade, mas não se encerra nela, e é isto que a psicanálise se propõe a conjugar.

Ora, em Freud, para não mencionarmos outros autores, a ideia de identificação questiona a solidez do conceito de identidade, em vez de estabilizá-lo. Na teoria freudiana, a identidade não é um fenômeno simples, mas um complexo produto de mecanismos identificatórios distintos em gêneses, natureza e efeitos. Sua essência nada tem de indecomponível e a feição invariante que ordinariamente assume frente a consciência é, na verdade, uma resultante de processos psíquicos pertencentes a registros de significação diversos. Se quiséssemos preservar a terminologia até o momento empregada, diríamos que a identidade aparece ao sujeito como um "pré-dado" como um irreduzível, porque é uma ficção necessária à ação. (COSTA, 1986, p.84/85).

Freud, ao propor a descentralização da consciência na concepção de sujeito, apresenta um *eu* clivado, abalando a noção de identidade no sujeito da razão e a lógica do discurso *a priori*, que antecipa o sujeito numa suposta essência do *eu*. A ficção, especificada pelo autor, deve ser compreendida como uma representação verdadeira e eficiente para o psiquismo do sujeito. Ela não é uma abstração supérflua e nada tem em comum com o fictício, com a mentira, com o erro dos sentidos ou falsa consciência. “Quando equiparamos tal concepção da identidade à ficção, queremos dizer que só no nível consciente e em situações pragmáticas o sujeito percebe-se ou sente-se como indiviso, constante, contínuo, livre de conflitos.” (Costa, 1986, p.85).

Um recorte clínico: recebi no consultório uma jovem adulta, de aproximadamente 20 anos, estudante de serviço social. Fisicamente era baixa, olhos claros, cabelos loiros e raspados. Tinha os braços tatuados. Uma das tatuagens era o símbolo do feminismo – o punho cerrado, em posição de reivindicação e luta, dentro do signo do feminino. Assumidamente feminista, assim como quase todas as mulheres desta geração de 20 poucos anos, conta que vivia um relacionamento abusivo com um homem, dez anos mais velho, fotógrafo.

O namoro foi marcado por idas e vindas, em um tempo de três anos de relacionamento. Semanas antes de me procurar, o casal havia discutido e o fim do namoro estava selado. Na discussão que encerra o namoro, ela conta, ainda perplexa, que havia cuspidido na cara do seu ex-companheiro. Segundo o seu relato, isto a deixou assustada e afirma que este “susto” foi a razão pela busca de um acompanhamento psicoterápico. Ao questioná-la sobre a perplexidade gerada pelo cuspe, ela diz: “Sou pacifista, como posso cuspir em alguém?”.

Dentro de N elementos que poderíamos pinçar, escolhi dois pontos citados: o relacionamento abusivo e o cuspe.

Como já reconhecemos, o Brasil é um país violento e esconde a sua violência na identidade cordial. Também sabemos que a violência de gênero, raça e classe social é uma triste realidade nacional. Conforme os dados coletados pelo Fórum Brasileiro de Segurança

Pública²¹, no ano de 2018, o Brasil registrou 1.026 (mil e vinte e seis) casos de feminicídio. Destes, 88% dos casos, o autor foi o próprio companheiro da vítima. Em 28,2%, as vítimas tinham a idade aproximada da paciente, entre 20 a 29 anos. Sobre a escolaridade, 70,7% das vítimas tinham no máximo o ensino fundamental e 61% dos casos registrados, as vítimas eram mulheres negras.

Pensando nisto, Instituto Maria da Penha²², produziu o Ciclo da Violência. Um esquema que apresenta as três principais fases da violência: 1) aumento da tensão; 2) ato de violência e 3) arrependimento e comportamento carinhoso. A repetição destas três fases, em um determinado período de tempo, denominou, o assim conhecido, relacionamento abusivo ou relacionamento tóxico. Um diagnóstico preciso e bastante corriqueiro nos consultórios, dado a popularização deste debate nas redes sociais, em especial, dentro dos fóruns de discussão dos movimentos sociais identitários (feministas e LGBTQIA+).

O termo “relacionamento abusivo” pode ser pensado como identidade que captura e caracteriza um tipo de relação. Podemos dizer o mesmo sobre o termo “feminista” e “pacifista”, ambos são modos identitários adotados pela paciente. Quando dispara estes significantes, ela nos conta sobre a sua localização no mundo e o seu reconhecimento sobre o mundo e, certamente, presume que o que foi dito já basta, visto que, o analista, dentro de uma suposta universalidade, entenderá exatamente ou muito parecido com aquilo que se pretendeu dizer.

A psicanálise lacaniana adverte sobre os perigos de entender, pois, o verbo entender versa sobre: reter pela inteligência, captar a intenção, perceber a razão. Significações que remontam ao saber regido pelo princípio da razão, da intencionalidade e da universalidade, obliterando a técnica da atenção flutuante e da associação livre do sujeito do inconsciente. A poetisa e escritora Clarice Lispector ([1977]) diz que “Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona”. São dos sussurros dos fatos que um(a) analista se debruça. Valida os fatos, obviamente, porém, não os privilegia. Ou seja, não é sobre o cuspe que a pacifista deu na cara do ex-namorado, demarcando um basta, o lugar que o analista ocupará para escutar essa história, mas sim, da perspectiva do sussurro, do susto, deste enigma que nem mesmo a sua própria identidade a reconhece.

²¹ Os dados coletados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) estão disponíveis em: <https://forumseguranca.org.br/>

²² O Ciclo da Violência, produzido pelo Instituto Maria da Penha (IMP) está disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>

Nós vivemos em uma cultura competitiva e individualista. Se os gigantescos progressos econômicos e técnicos de nossa cultura foram e são possíveis somente na base do princípio da competição é uma questão para economistas ou sociólogos decidirem. O psicólogo, entretanto, pode avaliar o preço pessoal que pagamos por isso. (HORNEY, 1936/2007, online).

A competição não é apenas uma força motriz em atividades econômicas, pois ela está impregnada na nossa vida pessoal (nas relações familiares, sociais e amorosas) em todos os aspectos. “O caráter de todas as nossas relações humanas é moldado por uma competição mais ou menos ostensiva.” (1936/2007, online). A influência da competitividade ou da rivalidade nas relações humanas reside no atrito do jogo binário-hierárquico das relações. Ou seja, “ela cria inveja do mais forte, desprezo pelo mais fraco, desconfiança de todos, sentimentos esses que emergem com facilidade.” (1936/2007, online).

Para o pensamento horneyano, a problemática do correlato competição e rivalidade está na sua centralidade dos conflitos neuróticos, por assumir dimensões que “geralmente ultrapassam as reais vicissitudes.” (HORNEY, 1936/2007). Essas dimensões assumem três formas. A primeira é a constante comparação com os outros, mesmo em situações onde isso não se faz necessário. A segunda dimensão diz sobre as ambições neuróticas ou ambições fantasiosas, “não é simplesmente conquistar, ou fazer algo que seja recompensador, ou ser bem sucedido, mas é ser absolutamente o melhor de todos.” (HORNEY, 1936/2007). Essas ambições, principalmente as fantasiosas, podem ou não ser conscientes para a pessoa. A terceira é sobre a quantidade de hostilidade envolvida na ambição neurótica, ou seja, a derrota do competidor significa a vitória para si.

Tanto Clarice Lispector, ao diferenciar fatos de sussurros, quanto Karen Horney ao diferenciar os pontos de leituras entre economia, sociologia e psicologia, ao afirmar que o trabalho da psicologia é avaliar o preço pessoal pago pelas decisões atravessadas pelos princípios da competição. Abrimos para a miragem da contribuição específica da psicanálise para os debates culturais e da complexidade humana, contribuindo assim para a sustentação do pensamento interseccional²³.

A psicanálise é convocada, em especial, pelos movimentos sociais e pelas teorias sustentadas pelos princípios da razão, a se explicar sobre o seu interesse nos sussurros dos

²³ Para contextualizar, interseccionalidade é um conceito-metáfora sistematizado pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw. De modo geral, interseccionalidade, busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. (CRENSHAW, 2002). Para saber mais, recomendamos o texto da autora: *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero* (2002). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>

fatos, como se, ao privilegiar os sussurros, a psicanálise, estaria ignorando ou deslegitimando os fatos, e justamente por isso, estaria a serviço do elitismo, da individualidade, da privacidade e fora do coro das questões relativas à sociedade, das políticas públicas, dos direitos humanos e da democracia.

A convocação é interessante, pois convida ao diálogo democrático e para o exercício do pensamento crítico. Contudo, ao convocar uma indagação, já supondo uma resposta fechada, estamos na seara da ideologia totalitária. Por exemplo: é comum escutar fora do escopo psicanalítico a recomendação “se você está num relacionamento abusivo, vaza!”. Sair fora de uma relação abusiva, de fato, é o ideal. Para tanto, sabe-se, clinicamente falando, que a entrega de uma rota de fuga já estabelecida *a priori* é pouco eficaz. Como vimos, a psicanálise não opera pela lógica do sujeito kantiano, que se articula a uma ética rumo ao bem comum. “Faz de tal modo que a máxima de tua ação possa ser tomada como uma máxima universal.” (KANT *apud* LACAN, 1959/1960/2008, pg. 96).

A rota de fuga será construída, em transferência, com a/o paciente, mas para isso, é necessário antes construir uma rota, ou seja, localizar como a pessoa “entrou” nesta relação, como se manteve nela, o que ela entende por relacionamento, o que assimila por relacionamento abusivo e o que tem dela, nesta relação que ela também compõe e que a mantém dentro deste jogo de poder. “Contar uma história sobre si não é o mesmo que dar um relato de si” (BUTLER, 2015, p.14).

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir. (BUTLER, 2015, p.14).

Relatar a si para um(a) analista, não é o mesmo que relatar a si para um amigo, amiga, polícia, advogado, vizinha ou para algum movimento social – e aqui não há jugo de valores hierárquicos, todos tem sua qualidade e especificidade de escuta. Todavia, a escuta analítica tem algumas advertências que instauram a sua dimensão ética com a alteridade. De acordo com Butler (2015), quando fazemos um relato de nós mesmos para um outro, cada relato que damos acontece numa cena de interpelação.

Faço um relato de mim mesma para *ti*. Além disso, a cena de interpelação, que poderíamos chamar de condição retórica da responsabilidade, significa que quando estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e me reconstruindo, também estou falando contigo e assim elaborando uma relação com um outro na linguagem. (BUTLER, 2015, p. 46).

Um analista está advertido desta condição retórica da responsabilidade, mesmo numa primeira sessão e mesmo que essa pessoa, candidata a ser paciente, ainda não ocupe o lugar de paciente deste(a) analista. Este(a) está advertido pelo seu ofício de analista em análises já conduzidas, pela sua análise pessoal, estudos teóricos, supervisão e vínculo com alguma instituição psicanalítica. Essas condições para ocupar o lugar de analista, lhe possibilita sustentar a advertência que a sua escuta não busca uma verdade cognoscente, mas sim, a verdade do sujeito (o seu sussurro dos fatos ou o susto após reconhecimento do ato de cuspir) e essa advertência estará o tempo todo em cena conferindo o seu valor ético da transferência analítica.

Para Butler (2015), na transferência, muitas vezes a função da fala é transmitir informações “(incluindo informações da minha vida), mas ela também funciona como condutora de um desejo e como instrumento retórico que busca alterar ou agir sobre a própria cena interlocutória.” (p.45).

Ainda de acordo com a autora, a psicanálise sempre se manteve íntima com essa dimensão dupla do ato da fala que revela a si mesmo. Por um lado, há o esforço em comunicar informações sobre mim mesmo, por outro lado, recria e constitui, de uma forma nova “as suposições tácitas sobre a comunicação e a relacionalidade que estruturam o modo de interpelação.” (BUTLER, 2015, p.45).

Essa relação bifronte do ato da fala, retoma o ponto sobre a dimensão da relação público e privado da identidade apresentada por Costa (1986). Como sinalizamos acima, a identidade pública é a identidade que pode ser partilhável com os outros, é a identidade marcada pela lei impessoal em princípios válidos para todos (cidadania jurídica, econômica, social). Já a identidade privada é o espaço de liberdade de cada um. Lugar dos afetos e emoções ligados ao amor e ao sexo. (COSTA, 1986). Para o psicanalista, um conflito social ou político só se torna um conflito psicológico quando de alguma maneira, esses conflitos, desestruturam a esfera da identidade privada.

Na constituição psíquica do sujeito, é notável a importância da descoberta, pela criança pequena, sobre a privacidade de seus pensamentos e sensações. Descobrir que o outro adulto não tem acesso direto sobre as suas fantasias e segredos íntimos, além de lhe permitir saber que há coisas que somente ela sabe, também a auxilia na diferenciação com o Outro, sustentando o sentimento de ser uma a parte da sua família, um ser independente, pelo menos nos domínios secretos. (COSTA, 1986).

Para Lacan (1964), a separação acontece (quando acontece), como um segundo ato de movimento para o advento do sujeito: alienação e separação. Para haver a separação é necessário antes estar alienado ao desejo do Outro. Ou seja, quando a criança percebe que há um mundo privado dentro dela, ela reconhece duas dimensões. A primeira é a quebra da suposta onipotência do Outro, ela reconhece que há uma falta neste Outro (ele não pode acessar esse mundo interno sem o seu auxílio), retirando-a da condição de objeto do desejo do Outro. Para tanto, na mesma medida que reconhece a falta do Outro, ela reconhece que esse jogo da onipotência é uma via de mão dupla. Se o Outro não pode acessar o meu mundo privado, o mesmo acontece comigo. Esse reconhecimento da via dupla a coloca frente a própria falta, a posicionando na condição de sujeito do desejo.

Lacan (1964), Costa (1986) e Butler (2015) sustentam que a constituição do sujeito é via campo do Outro. De outro modo, antes da própria capacidade de relatar a si mesmo, o outro relatou sobre mim: “a criança é obrigada a introjetar ou interiorizar uma excitação sexual, portadora de um significado que ultrapassa sua capacidade de absorção biopsicológica.” (COSTA, 1986, p.15). O adulto introduz e traduz o universo simbólico oferecendo sentidos, atribuições, valores feitos em nome daquilo que deseja e imagina que a criança seja, invadindo o mundo interno infantil como um corpo estranho.

Nesse sentido, Butler (2015) dialoga com o psicanalista francês Jean Laplanche, nos situando essa interpelação em nome daquilo que o adulto deseja para a criança o coloca como excessivo. “O outro é, desde o início, demasiado para mim, enigmático, inescrutável.” (BUTLER, 2015, p.47).

Piera Aulagnier (1979) em *A violência da interpretação*, interpreta essa introjeção como uma violência, assumindo uma concepção específica sobre o conceito. Para a autora, os cuidados específicos que um recém-nascido, um bebê ou criança demanda, seria uma espécie de violência primária, tendo em vista, a sua condição objetual de dependência característico do humano. Essa violência primária será necessária à constituição psíquica do sujeito. Diferente da outra concepção de violência, a secundária, essa sim, desnecessária à vida emocional, por estar a serviço do discurso da ordem social.

Segundo Aulagnier a constituição do sujeito é marcada pela transição do psiquismo regido pelo processo primário para um psiquismo regido pelo secundário. Mesmo havendo transição entre os dois processos, ambos estão alinhados ao mesmo postulado, o da significação primária, intimamente ligada às demandas do bebê e as significações maternas. Para tanto, o processo secundário adequa a realidade do discurso à lógica do primário, produzindo um Q de desserviço e nocividade para essa organização.

No artigo *Televisão, violência e efeitos midiáticos*, Mériti de Souza (2003) dialoga com a tese de Piera Aulagnier para problematizar a ilusão criada pela televisão (e aqui, incluímos as demais mídias sociais) que ocupa a função de porta-voz do sujeito, oferecendo assim, uma suposta participação ao estabelecer experiências virtuais, disfarçadas de experiências participativas.

Aulagnier chama de porta-voz a função de portador de significação e de prótese assumida pelo discurso da mãe junto ao *infans*, na estruturação de sua psique. Esse processo implica a ação do discurso da mãe, seja representando uma ordem exterior que apresenta à criança as leis e exigências dessa ordem, seja possibilitando a inclusão do *infans* na ordem mesma do discurso, pois, desde seu nascimento, a voz materna acompanhou, comentou e acalentou suas manifestações, oferecendo-lhe essa inclusão. (SOUZA, 2003, p. 83).

Desta forma assume a especificidade do conceito de violência para Aulagnier. Por um lado, há aquela necessária à constituição psíquica e por outro, há uma concepção mais nociva a essa organização. O ponto interessante dessa tese sobre as violências (primária e secundária) está no ponto de partida da significação, a voz materna, entendida como uma porta-voz necessária para a criança, na mesma medida, que o discurso midiático se fará de porta-voz necessário ao adulto.

Desnecessário problematizar o debate do quanto estamos imersos no universo midiático. De alguma forma, todos nós temos concepções, pontos de vista, vivência e experiências singulares (inclusive, mais evidentes em tempos pandêmicos) que corroboram com a exclusão deste debate de forma direta. Para tanto, cabe sublinhar a nova terminologia criada para identificar a imersão que vivemos nas redes sociais. FOMO é a sigla da expressão em inglês *fear of missing out*, que em português é traduzida como “medo de ficar por fora”, e que é caracterizada pela necessidade constante de saber o que as outras pessoas estão fazendo nas redes sociais, reverberando nas N nuances da angústia.

Pensamos deste lugar a concepção de violência secundária atrelada ao discurso midiático, dada a sua antecipação de significação oferecida para um público ávido por notícias, informações e interpretações do mundo.

Assim, acreditamos que a notícia, acompanhada da interpretação sobre o mundo, oferece esse excesso de significado, esse “a-mais”, instrumentalizando a necessidade, na medida em que a informação se transformou em necessidade para o sujeito contemporâneo. (SOUZA, 2003, p.84).

Na atualidade, a televisão não ocupa a centralidade do discurso midiático, esse lugar é ocupado pela internet (em especial pelas redes sociais: Instagram, Twitter, Youtube). A

violência da necessidade de interpretação do mundo é tanta que alterou de forma significativa o modo de pensar dessa época, o modo de como nos relacionamos e interagimos, sem esquecer da alteração de vocabulário. O termo pós-verdade, incluso como palavra do ano, em 2015/2016, pelo dicionário Oxford e sua consequência, o termo *Fake News*, são ilustrações que demarcam a nossa época.

O que nos interessa sustentar a partir dessa problematização é que a demanda informativa gerada pela necessidade de encontrar um saber sobre a complexidade da vida humana e do seu entorno, estimulada pelo discurso social e potencializada pelo discurso midiático e da publicidade de bens de consumo, remonta de outro lugar o ponto de partida, a eliminação do enigma em prol da adoção de uma interpretação única e última que a assegurem a sua identidade e valide a sua existência. De outro modo, “o sonho de poder fazer desaparecer o registro da incerteza, em outras palavras, de nos livrar do mal-estar inerente à existência, de nos curar de sermos humanos.” (LEBRUN, 2004, p.157).

Para a psicanálise, o(a) paciente sofre do mal-estar de sua época. A paciente ao partir do ponto “relacionamento abusivo” situa que ela está dentro do atual debate das redes sociais. Desde as *hashtags* “meu amigo secreto” e “meu primeiro abuso” lançadas em 2015, bem como, o viral vídeo *Não tire o batom vermelho* (2015) da *youtuber* Jout Jout, possibilitou mulheres, homens e demais corpos a fazer de seus sussurros, um fato, pois, ao mesmo tempo que expunha seus agressores de forma direta ou indireta, visibilizou o debate, obtendo até hoje, pessoas sensíveis a esse assunto sério e urgente.

Contudo, cabe sublinhar, que a mídia social ao oferecer interpretações carregadas de sentidos e excesso de significações, acaba por antecipar a elaboração dos sussurros que o sujeito fará sobre a realidade dos fatos que lhe atravessam.

o fato de a televisão veicular tanto imagens quanto discursos construídos acerca dessas imagens facilita a assimilação pelo sujeito, ou seja, a interpretação oferecida acerca de uma situação vem corroborada pela verdade das imagens, dificultando a possibilidade de construção de outros enunciados sobre elas. (SOUZA, 2003, p.86).

Para finalizar, insistimos em sublinhar que a delicadeza desse debate não está em deslegitimar a potência do binarismo, da hierarquia e da identidade, mas de recordar o quão fio da navalha esses pressupostos podem ser. Como apresentamos, a adoção de uma ideia de sentido único e último ou a demanda por interpretações prévias, nos coloca na cena da adaptação social, da ortopedia moral, da privatização das questões públicas ou pior, na suposição de uma ética *a priori* ao sujeito. Ora, tal qual, no conto de Clarice Lispector, *Amor*

(1960), onde narra a alteração de Ana ao ser interpelada pela cena do cego mascarando chiclete no ponto de ônibus, corrompendo por completo o seu pacato dia e por consequência sua história de vida. Associamos que o mesmo acontece com a paciente ao se perceber fora da ilusão da identidade de pacifista. O cuspe foi uma violência, mas uma violência necessária que barrou a própria ilusão sobre si. O fato de cuspir, alterou o namoro, o namorado, mas acima de tudo, alterou ela. Ali não havia mais um sentido produzido, um porta-voz terceirizado, ali há uma elaboração a ser produzida. Ou seja, ela será sua porta voz a partir do seu próprio enigma-sussurro.

Por último, sabemos que o enigma interpela não apenas a vida individual, as tensões provocadas pelo enigma da sexualidade e da morte atravessam a vida em sociedade e a civilização. Este trabalho está atravessado pelo enigmático vírus do coronavírus e das reverberações articuladas a pandemia. Desta forma, reconhecemos como necessário abrir este debate associando ao tema, em especial, a nossa concepção de enigma.

4 O ENIGMÁTICO VÍRUS SARS-COV-2: A PANDEMIA DO COVID-19

Os anos de 2020 e 2021, estão marcados pela crise ambiental produzida pelo capitalismo. A propagação do vírus SARS-CoV-2, o “causador” da pandemia do coronavírus ou covid-19 (uma síndrome respiratória aguda grave), nos colocou, literalmente, para dentro das mazelas públicas e privadas e alterou de forma significativa a relação do eu com o outro e o mundo.

Vírus sempre existiram e também são responsáveis pelas alterações sociais, culturais, arquitetônicas, científicas, de relacionamento, ao mesmo tempo, vírus são enigmas para a existência humana, pois, alteram a suposta supremacia humana e sua lógica centrada na razão.

De forma disruptiva, a pandemia escancarou o véu, nos colocando face a face com a morte e suas reverberações. Inevitavelmente toda a população mundial, de modo geral, e a população brasileira, em particular, foi afetada e, em alguma medida, interrogada sobre a problemática que questionou a estrutura do jogo binário e hierárquico das relações entre o eu/outro e do privado/público. Mesmo reconhecendo que a quarentena, (tentativa de ação para restringir a circulação pública em prol de minimizar os contágios e, por consequência, o colapso no sistema de saúde), não foi, não é e não será igual para todas as pessoas, bem como, as afetações, sequelas e consequências; apostamos que houve, por algum instante, um furo nas

certezas cognoscentes (ou seja, um enigma), onde se colocou no mesmo nível, a vulnerabilidade da vida e o desamparado de estar vivo.

A noção de finitude nos demanda trabalho psíquico para esquecer e recordar. Este jogo de esquecer e recordar é necessário e angustiante, pois é preciso esquecer para investir libidinalmente nas metas, relações, corpo, ao mesmo tempo, é importante recordar que a vida tem ponto final e este independe da suposta linearidade do desenvolvimento humano (heterossexual): nascer, crescer, reproduzir e morrer.

Freud em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914/2010), considera o esquecer e o recordar como duas dimensões separadas, dissolvemos o caráter da temporalidade cronológica da vida psíquica. Para a psicanálise não é redundante afirmar que o sujeito não recorda o que foi esquecido. Pelo contrário, é neste hiato da separação que encontramos a dimensão da repetição (que aparecerá como ato). Atuar é uma ação de inscrição daquilo que foi reprimido. De outro modo: o sujeito repete, em ato, na tentativa de inscrever, mais uma vez, aquilo que não foi elaborado. Se por algum instante fomos convocados a recordar da finitude pessoal, das pessoas amadas, bem como, da alteridade de reconhecer o outro como outro humano – e não como coisa ou número, há de incluir nesta equação a imediata tentativa de naturalizar o contágio do vírus e as mortes da pandemia como um ato de violência, na tentativa de sobrepor o furo enigmático do não-saber, sob a égide de valorizar a economia frente a vida.

Inevitável a associação com a metáfora da *bolsa ou a vida* proposta por Lacan no *O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Lacan propõe a metáfora para exemplificar a alienação e o assujeitamento ao desejo do Outro para garantir o estatuto de sujeito do inconsciente. “*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada.” (1964/2008, p.207 – grifo do autor). A concepção de vida decepada versa sobre a divisão do sujeito, ele é dividido, pois, o sujeito tem um saber sobre si, mas este saber será sempre incompleto. A alienação lacaniana, nos dá notícia que o sujeito só existe na relação com o Outro e que o sujeito, inicialmente, foi objeto de desejo do Outro.

Ao que pese, podemos utilizar a concepção de vidas decepadas para fazer uma analogia e informar, enquanto registro documental, que até o momento, o vírus da covid-19 infectou, em âmbito global: 178 milhões e provocou a morte de 3,86 milhões de pessoas. No Brasil, o número de mortes atingiu a marca de 501 mil vidas perdidas²⁴; já no estado de Santa Catarina foram registradas 16.331 mortes. Santa Catarina ocupa o 6º lugar no ranking de

²⁴ Dados coletados em 20 de junho de 2021.

estados por morte, segundo estatísticas produzidas pelo Google, estando abaixo de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Bahia, respectivamente. Chama a nossa atenção, mas sem espanto, que os três estados que compõem a região sul do Brasil, ocupam o 3º, 4º e 6º lugar.

Estes dados variam, dado o aumento das subnotificações e a censura nas divulgações oficiais do governo federal. A amostra levantada é para além das estatísticas e da fonte de coleta. O registro documental descrito aqui é para ilustrar a concretude do luto que a pesquisa, pesquisador, orientadora, Programa de Pós-Graduação, Universidade e sociedade estão testemunhando.

No artigo *Luto e Melancolia* escrito por Freud em 1915 (e publicado em 1917), encontramos que o luto é um afeto normal em comparação com a melancolia e seu aspecto psicopatológico. Contudo, Freud interpreta, em quadro geral, que ambos os casos são comparáveis na sua condição: desânimo, cessação de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição, diminuição dos sentimentos de autoestima, auto recriminação, entre outras características. Ou seja, a reação à perda de alguém ou algo que se ama é a mais expressiva característica do luto e espera-se que no fim deste processo o *eu* esteja mais livre das reações geradas pela travessia do luto, diferente da melancolia que conjuga com uma determinada permanência. A diferença que separa o luto da melancolia é que, no primeiro caso, o mundo externo deixa de ser prazeroso dada a sua perda do objeto amado. Já no segundo caso, o desprazer recai sobre o próprio eu.

Segundo Freud: “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.” (1917, online). A letalidade do microscópico vírus, assim como, a macroscópica necropolítica, tem reverberado nos divãs, para além da pandemia íntima de cada um. Mesmo que o ponto de interrogação da pesquisa não seja um diálogo direto com as questões metapsicológicas da teoria freudiana, entendemos que o centenário artigo *Luto e Melancolia* nos auxilia sobre o emergencial do nosso tempo: reconhecer e validar as constantes perdas. Desde pequenos prazeres diários, até a literalidade da perda da (s) pessoa (s) amada (s) ou a sua abstração, como bem situou Freud, pátria, liberdade e ideal.

Estamos de/em luto!

Psicanalista não prevê futuro. A psicanálise é um dispositivo que de alguma forma, a partir das histórias ditas, não ditas e interditas, interpreta a cena presente. Se podemos dizer algo sobre o futuro será a lembrança do caráter potente do impossível, de resto, serão conjecturas.

A psicanálise rompe com a lógica cronológica da medição do tempo como efeito de uma suposta linearidade que sustenta o pressuposto do tempo como flecha que corta o passado, presente e futuro. Para a teoria psicanalítica, a concretude do futuro não existe, dada a sua impossibilidade e garantias. Na mesma medida, que o passado está atrelado ao presente e o presente versa sobre o instante. “O que será o amanhã? Responda quem puder.”, cantarolou o sambista.

Pensamos que se a subjetivação é composta pela interpelação do Outro a respeito dos enigmas da sexualidade e da morte e a repetição é uma tentativa de elaboração destes enigmas herdados, que em alguma medida são reeditados ao longo de uma vida, e se pensarmos o cenário brasileiro, como uma extensão de nós, com suas constantes tentativas de recalcar o passado, tal qual a escravidão e a ditadura militar, nos impelimos a perguntar como será, dado o atual cenário pandêmico, o futuro de uma nação que não pode, mais uma vez, enterrar os corpos dos que já tombaram?

É inevitável não considerar que a impossibilidade da despedida dos mortos pela pandemia é e será traumática e pode levar a processos de lutos mais longos e melancólicos. Partilho essa afirmativa em consonância a entrevista que Maria Rita Kehl, cedeu para a jornalista, Juliana Gragnani do site *BBC News Brasil*, em junho de 2020, com a manchete: *Coronavírus: Falta de empatia de Bolsonaro com mortes por covid-19 parece psicopatia, diz psicanalista Maria Rita Kehl.*

Ao ser questionada sobre o peso da impossibilidade de despedir, dado o grande risco de contágio, dos entes queridos e a reverberação disto no luto, a psicanalista responde:

Comparo com a impossibilidade do luto dos desaparecidos na ditadura. O desaparecimento depois de um tempo indica que foram mortos, mas os corpos nunca foram localizados. Sabemos do desespero desses familiares. Até hoje desaparecem pessoas no Brasil, mas em geral nas periferias, pessoas negras, mortas pela polícia. A morte é um fenômeno difícil de simbolizar... De repente o corpo está, mas a pessoa não está. Por isso que não tem uma cultura tão primitiva que não tenha um ritual de sepultamento em homenagem a seus mortos. De modo que só posso imaginar que [no caso dos mortos por coronavírus] deve ser um luto quase impossível. Só não é tão impossível quanto a dos familiares dos desaparecidos porque a morte foi real, aconteceu. Já é ruim o suficiente em qualquer morte. Agora, as pessoas não podem ver, não podem sepultar. Seu parente entra no hospital, depois você fica sabendo da morte e não pode nem ver o corpo. Isso é muito traumático. Tenho a impressão que essas pessoas vão ter processos de luto mais complicados, mais longos, melancólicos do que os processos de luto que já são tristes de pessoas que a gente sepulta (KEHL, 2020).

Reafirmamos que o enigma da sexualidade e da morte são fundamentais para a constituição psíquica. No ensaio do contorno desse vazio de palavras, imagens, afetos,

criamos contos, canções, ficções, poesias, mitos e ritos, na tentativa de circular a face do inevitável. O enigma da sexualidade e da morte, versa sobre o limite inultrapassável, da impossível captura representacional, da inenarrável apreensão simbólica. O que não o torna inexistente. Como somos herdeiros da cultura das representações e somos modulados subjetivamente a demandar que o enigma seja eternamente decifrado, evitando assim as inquietações impostas pela existência, torna-se desolador lidar com o luto do desmonte das instituições democráticas e das perdas dos amores e suas variações.

O horizonte aponta para a ocupação de um lugar de suportabilidade frente ao não-saber. Obviamente que este não é um trabalho fácil e, em alguma medida, deve ser considerado um trabalho impossível (no sentido de não podermos estar seguros do sucesso). Paradoxalmente a suportabilidade frente ao não-saber, ao vazio, ao enigma, está justamente na adesão e reconhecimento d'isso. Ou seja, para suportar o enigma é necessário considerá-lo como uma hipótese que carrega um paradoxo, uma contradição. Todavia, sabemos que ocupar a posição de não-saber é angustiante do ponto de vista narcísico, pois este tomará o paradoxo do não-saber como sinônimo de impossibilidade - no sentido de imobilização, inexecutável.

Segundo Gomes (2014) “o enigma ao ser manipulado, pode estimular tanto a competição (o jogo contra) quanto o diálogo (o jogar com), isso depende do modo como [...] orienta a sua prática” (2014, p.20).

A exemplo disto, tendo em vista o cenário pandêmico, onde um vírus ocupa o lugar disruptivo do enigma, nos colocando em xeque frente a insustentável leveza do ser, o presidente da república, bem como, alguns profissionais da saúde, em especial da área da medicina e partes da sociedade civil, na ânsia de matar a fome da razão, adotaram o uso indiscriminado de hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina entre outros procedimentos invasivos, tal qual, gás de ozônio no reto – como aconteceu em Santa Catarina ou a ingestão de desinfetante, como ocorreu nos EUA. A adesão dos medicamentos e procedimentos não é o ponto. Seria bem-vinda uma cura imediata para esse (e todos) mal-estar. O que chama a nossa atenção é a necessidade de tamponamento do enigma, ao mesmo tempo, ao discurso sem fundamento do negacionismo histórico e científico. Lemos isso como o enigma manipulado para a competição, ou seja, jogar contra.

Já um exemplo de diálogo com o enigma (jogar com), que reconhece o convite para o exercício do pensamento crítico, está em um dos clássicos da MPB, a música Terra de Caetano Veloso (1978).

Como sabemos, o compositor criou essa arte “Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia.” (VELOSO, 1978). Conforme Pichonelli e Uchinaka (2020), Caetano Veloso

e outros artistas da época, foram presos em 27 de dezembro de 1968, 14 dias depois que entrou em vigor o AI-5, “o mais violento instrumento de repressão da ditadura militar” (2020, online). Foi na prisão que Caetano viu “pela primeira vez as tais fotografias em que aparece inteira” (VELOSO, 1978).

As imagens feitas do espaço por Anders, que mostram pela primeira vez a profusão de cores em meio ao breu, deslumbraram o mundo. O astronauta costuma dizer: "Viemos explorar a Lua e descobrimos a Terra". Até então, nunca tínhamos visto o nosso planeta do lado de lá. [...] Então, Caetano, quando se encontrava preso na cela de uma cadeia, via as tais fotografias tiradas à distância pelos errantes navegantes. "Lá não estavas nua, e sim, coberta de nuvens". Assim começa a música "Terra". (PICHONELLI & UCHINAKA, 2020, online).

Sabemos que o enigma, o paradoxo, o acontecimento, são traços de realidades negados pelo discurso hegemônico. Assim como sabemos que a arte é um modo de lidar com esses traços. Conforme Kehl (2002) o poeta é o porta-voz do conflito. Afirmo que a poesia é um dos recursos que o sujeito dividido usa para falar de sua divisão renunciando a suposta unidade. “A um só tempo triunfo do *eu* e derrota do narcisismo, a palavra poética é o que dá voz ao sujeito dividido em sua fragilidade; é afirmação de uma voz frágil, lugar do feminino por excelência [...] que insiste em efetuar a passagem do indizível à linguagem” (KEHL, 2002, p.183).

Conforme a autora, a poesia exige que nos deparamos, a um só tempo, com a ânsia de alcançar o todo e com sua refutação. “Na poesia, a divisão do sujeito se afirma enquanto divisão, sem buscar nenhuma síntese. A lógica do inconsciente – isto *e* aquilo – prevalece sobre a lógica imperativa ao *supereu* que ordena: ou isto, ou aquilo” (KEHL, 2002, p.185).

Dito isto, destacamos que a nossa crítica frente à hegemonia da ciência moderna no ocidente, de nada tem a ver com o atual obscurantismo presente nas redes sociais (virtuais ou não). A nossa problematização repousa sobre a insistência de um possível totalitarismo do um, de um único modo de pensar, de produzir conhecimento e modos de subjetivar, sustentado pelo acatamento dos pressupostos do saber centrado no universo, regido pelo princípio da razão, lógicas hierárquicas, binarismo e das matrizes identitárias. Ou seja, estamos produzindo uma crítica à hegemonia científica moderna e não negando a realidade científica como forma de escapar de uma verdade desconfortável – característica primária do negacionismo científico. Que denega o enigma em si e direciona ao outro. Porém, como sabemos: quando Pedro me fala de Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo. É com essa frase-guia que entramos no universo de Freud e de Lacan.

5 O ENIGMA DE ou O ENIGMA EM: FREUD

Um dos nossos objetivos é pesquisar a associação do enigma do feminino na psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Marie Émile Lacan. Para isso, selecionamos alguns textos bases para auxiliar este percurso. Textos nos quais os autores abordam de forma específica o tema da feminilidade.

Com Freud trabalharemos, em especial, com os textos: *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931-2010); *A Feminilidade* (1933-2010) em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933-2010); entre outros trabalhos. Com Lacan, trabalharemos com *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957); *A Significação do Falo*, em: *Escritos* (1958-1998); *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda* (1972/1973-1985) entre outros.

Antes de iniciar a leitura de Freud, consideramos importante apresentar duas afirmativas de psicanalistas contemporâneos, Joel Birman e Maria Rita Kehl, assim como, uma rápida contextualização temporal e epistêmica. Birman (2001) afirma que Freud como um homem do seu tempo tanto avança nas suas ideias quanto mantém a tradição em muitas delas. O autor é enfático ao pontuar sobre a necessidade de reconhecer que Freud mantém um ponto nodal em relação a maternidade como vinculada a organização subjetiva da mulher.

É preciso que se diga logo, sem ilusões, (que a razão psicanalítica) formulou uma leitura hierárquica da diferença sexual. A promoção incontestável da figura da maternidade no discurso psicanalítico, mediante a qual o feminino se faria mulher de maneira indiscutível, é o traço mais eloquente disso. Esta seria, sem dúvida, a marca maior do patriarcado presente no discurso freudiano. (BIRMAN, 2001, p. 24)

Maria Rita Kehl (2016), interroga a psicanálise sobre as relações que se estabeleceram entre a mulher, a posição feminina e a feminilidade, apontando que:

Embora Freud tenha escrito que ninguém nasce homem ou mulher – tornamo-nos homens ou mulheres ao atravessar o percurso edípico –, o conjunto de suas investigações sobre a sexualidade não escapa das tentativas científicas de estabelecer a natureza da sexualidade masculina e feminina e, a partir dela, encontrar a verdadeira essência da masculinidade e da feminilidade. (KEHL, 2016, p.11)

Sinalizando que reconhecemos com Joel Birman, Maria Rita Kehl e demais psicanalistas que temos a nossa crítica a obra de Freud, porém, também reconhecemos a importância que esse autor trouxe à prática clínica, para a subversão da concepção de sujeito. Por isso, entendemos a importância de apresentarmos alguns pontos que consideramos

necessários para compreendermos e analisarmos a configuração da sexualidade feminina associadas ao enigma.

Iniciamos em diálogo com Mara Coelho de Souza Lago, em *A psicanálise nas ondas dos feminismos* (2010). A pesquisadora aborda a relação entre psicanálise e os feminismos, situando ambos, como discursos que se articularam a partir dos anos finais do século XIX e que se constituíram como pensamentos e movimentos em diferentes momentos de elaboração e atuação durante todo o século XX.

A autora denomina a relação entre psicanálise e os feminismos como uma relação ambivalente, marcada por encontros e desencontros que continuam até hoje. Deduz que não poderia ter sido diferente, dado que, a psicanálise subverte às concepções iluministas de sujeito universal, porém, não questiona o fato desse sujeito universal ser europeu, branco, burguês, homem, cisgênero e heterossexual e isto é uma questão para o feminismo em geral.

não se tratava, naquelas circunstâncias, de olhar para as diferenças (étnicas, de classe, de gênero) a que somos convocadas a refletir pelas contingências históricas coloniais/pós coloniais das últimas décadas do século XX e desde início do século XXI” (LAGO, 2010, p.288).

No tempo histórico, localizamos que Freud abandona quase que a contragosto as margens povoadas pelos cientistas e artistas do romantismo alemão, e se dirige “para a margem ainda aprazível do modernismo científico, o da sexualidade revelada e da fala não refreada”. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 390). Nesta perspectiva, a psicanálise emerge junto ao século passado, pois, como sabemos, o seu surgimento só foi possível justamente pelas reverberações das transformações históricas, econômicas e culturais da virada do século XX.

Foi necessário um certo grau de individualismo (resultado dos aspectos do Estado democrático, concepções de laicidade e da ciência com suas consequências tecnológicas) para abrir espaço para tal dispositivo. A psicanálise aflora da medicina, enquanto fruto do trabalho de Freud como neurologista, bem como, pela sequela dos limites técnicos-científicos dos tratamentos das doenças mentais da época, ou seja, a psicanálise surge primeiro como alternativa terapêutica das ciências médicas e depois guia-se para o campo de investigação da psicologia, rompendo com os recursos da medicina do século XIX, que compreendia o sujeito a partir das causalidades das perturbações mentais. Para tanto, a psicanálise também carrega uma outra ruptura. A mesma rompe com o campo de investigação da psicologia, visto que, o pensamento freudiano elaborou um saber sobre o inconsciente, desestabilizando a centralidade do sujeito cartesiano.

Segundo Lago (2010), o descentramento do sujeito cartesiano teve reverberações formidáveis também para as teorias feministas que se foram elaborando “nas ondas dos movimentos feministas, a bela metáfora utilizada para significar este fluxo e refluxo das atuações das mulheres, reivindicando direitos e questionando saberes.” (2010, p.288). A autora especifica que as interrogações da psicanálise eram outras e, desta forma, não produziu uma reflexão crítica e consistente sobre a estrutura patriarcal da sociedade e da família burguesa ocidental. Em decorrência disto, manteve a categoria homem como o equivalente à humanidade, “englobando a categoria mulher subsumida neste sujeito genérico homem (no entanto, para esse corpo teórico, não mais o sujeito racional, mas o sujeito do inconsciente, sujeito do desejo).” (2010, p.289).

Para fechar o contexto, situamos que Freud, assim com a primeira onda feminista, denominada como “feminismos da igualdade”; estão localizados nos movimentos da virada do século XIX para XX, no entre guerras e nas lutas das mulheres por cidadania, voto, trabalho, educação. Já Lacan, será contemporâneo da segunda onda feminista, denominada como “feminismos da diferença”. Este período é marcado pelos avanços e retrocessos culturais pós Segunda Guerra e das pelas lutas por igualdade de direitos – destacamos as reverberações das ondas do sufrágio feminista, do festival de Woodstock e da Rebelião de Stonewall, como três marcos históricos de lutas que fortificaram, após a década de 1960, as teorizações afirmativas das diferenças.

Neste sentido, reconhecemos que a psicanálise compõe o debate sobre a mulher, a posição feminina e a feminilidade, para tanto, reconhecemos que ela não o esgota e nem pretende esgotar o debate. Contudo, como veremos há uma relação entre a literalidade e metáforas nas proposições da mesma, que até hoje, precisam ser encaradas como um enigma, ou seja, um convite para pensar. Caso contrário, isto será um problema, pois, se psicanalistas e pesquisadores(as), insistirem em manter ou atribuir o inquietante do enigma, numa espécie de identificação projetiva, terceirizando no outro (mulher, na posição feminina ou na feminilidade), “Então a nossa conclusão seria esta: o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis reprimidos são novamente ativados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas.” (FREUD, 1919/2010, p.371). Importante sublinhar que, psicanalistas contemporâneos, atravessados pelos Estudos Feministas e/ou pelo pensamento do Pós Estruturalista, constantemente revisitam, repensam e problematizam a teoria do inconsciente. Importante situar que, mesmo esbarrando em conceitos e pressupostos ortodoxos e normativos, não necessariamente, psicanalistas, em sua prática clínica, replicam ou são capturados pelas amarras de uma concepção estruturalista. “A clínica psicanalítica nos

ensina que, antes de tudo, devemos escutar e basicamente tentar acolher as diversas manifestações das subjetividades” (ARAN, 2011, online). Inclusive, tanto Freud quanto Lacan, sempre apostaram no diálogo entre áreas e na potencialidade da escuta no laboratório psicanalítico.

Por fim, para localizar os pressupostos normativos que associam diretamente o enigma à mulher e ao feminino, adentramos no arcabouço teórico freudiano, em especial, nos textos, *Sobre a sexualidade feminina* e *Feminilidade*, passando pelos operadores constitutivo: complexo de Édipo e complexo de castração. Nosso interesse está em contornar as afirmativas freudianas e, quando possível, apontar outras rotas de circulação, bem como, problematizar o enigma associado ao feminino e à suposta transparência associada ao masculino.

5.1 O ENIGMA DA ANATOMIA: DESTINO OU PERCURSO?

A sexualidade é um conceito central para a psicanálise. (FREUD, 1898, 1905, 1908, 1909, 1920, 1925). Ainda assim, só em 1931 que Freud dedicou um artigo para abordar exclusivamente a sexualidade feminina. O artigo, *Sobre Sexualidade Feminina* (1931/2010), têm seus avanços e recuos teóricos, na mesma medida, que retoma alguns conceitos já elaborados sobre a sexualidade geral, em especial, sobre o desenvolvimento psicosssexual infantil, tomando o complexo de Édipo como ponto conceitual.

Comumente conhecido, o complexo de Édipo freudiano, é encontrado em contextos e debates psicanalíticos e extra psicanálise, tal qual, debates artísticos, científicos, literários e novelísticos, geralmente usado para explicitar a relação amorosa do menino com sua mãe e de rivalidade com o seu pai.

Para Freud, essa equação, quando relacionada ao corpo com pênis, não é difícil de alcançar e essa ausência de dificuldades explicita, como já introduzimos, sobre o modo como o conhecimento universal calcula a sua racionalidade e os modos de subjetivação com base na sexualidade daquilo que se denominou como homem ou masculino.

Mesmo com a popularização, a concepção do complexo de Édipo no menino permanece fiel ao postulado freudiano. Para a teoria psicanalítica, a mãe ocupa o lugar de primeiro objeto de amor do menino e o pai ocupará o lugar de rival dada a “intensificação dos impulsos amorosos do menino e sua maior compreensão dos laços entre o pai e a mãe” (FREUD, 1931/2010, p.372). Inspirado na peça *Édipo Rei* de Sófocles, Freud pensou, através

do vocábulo *Ödipuskomplex*, num complexo ligado ao personagem de Édipo (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Para a psicanálise, de modo geral, o complexo de Édipo é a:

representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 166).

Destacamos a importância do caráter inconsciente da representação, bem como, o reconhecimento da não rigidez das expressões do complexo de Édipo, evitando assim, uma leitura naturalista da diferença sexual e uma universalidade sobre o operador edípico. Sobre isto, discutiremos mais à frente, por hora, enquanto modo de apresentar a centralidade do complexo de Édipo para a psicanálise freudiana, contextualizamos que na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, “o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 166).

Dito isso, o complexo de Édipo, não deve ser pensado como um jocoso e exagerado drama infantil, mas sim, como um momento de humanização, de socialização - ou em termos lacanianos; um momento de entrada no campo simbólico, onde a partir desse operador fundamental da constituição psíquica, a criança se apropria da relação com o seu desejo e, portanto, ao seu inconsciente.

Ainda em diálogo com Roudinesco e Plon (1998), recortamos uma síntese sobre a peça Édipo Rei:

Na estrada para Tebas, cruza por acaso com Laio, a quem não conhece. Os dois homens brigam e Édipo o mata. Nessa época, Tebas vinha sendo aterrorizada pela Esfinge, monstro feminino alado e dotado de garras, que mata todos aqueles que não decifram o enigma que ela propõe sobre a essência do homem: “Quem é aquele que anda sobre quatro pés, depois, sobre dois e, depois, sobre três?”. Édipo dá a resposta certa e a Esfinge se mata. Como recompensa, Creonte, o regente de Tebas, dá-lhe por esposa sua irmã, Jocasta, com quem ele tem dois filhos, Etéocles e Polinices, e duas filhas, Antígona e Ismene. (1998, p.166)

Este recorte ilustra de várias formas o que estamos reconhecendo como eixos de problematização da nossa leitura de pesquisa. De forma chistosa, certificamos que o Édipo é um homem, representante universal, que dotado de conhecimento, civilizado, regido pelo princípio da razão e do pensamento científico, decifra através da resposta única e certa o enigma da esfinge, esta que é representada por uma besta selvagem, alada e com garras que devora quem não sabe decifrá-la. A esfinge, uma vez decifrada, ou seja, preenchida de conhecimento e essência, encontra na morte o único destino possível para si. Já o destino de Édipo é receber a “chave” (símbolo de fálico poder) da cidade, esposa e prole – destinos de uma sexualidade autorizada, da propagação da espécie e da posse de propriedade. Sabemos, que esse não é o final da história, Édipo caminhará para uma tragédia: casar com Jocasta (sua mãe), ter filhos e filhas com ela, cumprir a profecia do parricídio e tomado pelo sentimento de culpa, fura os próprios olhos como ato de punição.

Necessário destacar que não temos a pretensão de identificar nesta cena da peça de Sófocles, que pelo sistema de datação ocidental é marcado como “antes de Cristo”, como mito fundador destas representações, assim como, não temos interesse em tomar esses elementos para produzir suposta releitura moralizante à luz dos pensamentos modernos, tão pouco, dar a entender que bastaria inverter as lógicas para ter um destino menos trágico. O destaque fica nas representações binárias, hierárquica e identitárias que reafirmam e qualificam o masculino como aquele dotado de razão, consciência, detentor da verdade e civilizado, em relação, à besta, selvagem, alada com garras, repleta de vazio, enigmática, ou seja, o suposto feminino.

Nessa rota, associando a ligação entre o mito, expressão e o conceito, afirmamos que o complexo de Édipo é um estágio vinculado à fase fálica da sexualidade infantil e comumente desponta nos primeiros anos de vida da criança. Cabe sublinhar que para a psicanálise freudiana não há uma mudança de nomenclatura por conta das diferenças sexuais anatômicas. Ou seja, o termo complexo de Édipo será designado tanto para os meninos quanto para as meninas, pois, o que está em jogo para a psicanálise é o desejo incestuoso, sua proibição necessária (triangulação edípica), a bissexualidade constitucional de cada indivíduo e a ambivalência inerente às identificações (CECCARELLI, 2017), e não as ordens sociais (jurídica, religiosa, científica, familiar) atribuídas ao genital.

Freud no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), inicia a sua teorização sobre psicanálise e sexualidade. Conforme Márcia Arán (2011), Freud discorda da opinião popular de sua época, pois estes, entendiam que a sexualidade não existiria na infância e seria manifesta apenas na puberdade através da atração natural entre os sexos opostos, com a finalidade de reprodução.

O autor discorda dessas premissas no que se refere à época do surgimento da sexualidade, à natureza necessariamente heterossexual do objeto e à limitação da sexualidade ao primado genital. Sua discordância incide primeiramente sobre o estudo das perversões, inaugurando um deslocamento sem precedentes à normalização sexual instaurada pela psiquiatria, medicina e sexologia do século XIX (ÁRAN, 2011, online).

Desta forma, Freud inaugura uma nova forma de interpretar a sexualidade humana. Vinte e seis anos depois de *Três ensaios*, Freud publicará, *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2010). Neste artigo, o autor discutiu sobre a diferença do complexo de Édipo na menina, o trânsito das ligações corporais e afetivas e suas reverberações para o desenvolvimento da sexualidade feminina.

Como sabemos, a pessoa que exerce a função materna, será o primeiro objeto de amor para a criança, dado o exercício de cuidados primordiais destinados à manutenção da vida do bebê. De outro modo, a função materna é exercida por toda e qualquer pessoa que apostar, de forma direta e constante, na vida do recém-nascido.

Esta aposta constante e direta, para a psicanálise, recebe o nome de maternagem, pois diz respeito aos cuidados com base nos recursos psíquicos empregados para a constituição do sujeito, podendo ser exercida por qualquer adulto afetado pela alteridade. (STELLIN, MONTEIRO, ALBUQUERQUE, MARQUES, 2011). Diferente da maternidade, pois este substantivo, traz consigo o pressuposto da universalidade, causalidade, identidade. O dicionário de português da Google vinculado com o dicionário da *Oxford Languages*, define maternidade como três possibilidades de significação: a) estado, qualidade de mãe; b) laço de parentesco que une a mãe a seu filho e c) estabelecimento hospitalar.

Podemos perceber que o conceito de maternidade é amplo, mas quando aplicado a um determinado grupo, torna-se restrito e excludente. Tanto Freud (1905), quanto Badinter (1985) nos autoriza a romper com o ideal do mito do amor materno. Freud (1905) ao apresentar o conceito de pulsão, coloca o sujeito para fora das determinações da ordem natural, apontando assim, para as subordinações eróticas de satisfação e insatisfação, prazer e desprazer, via ordem do desejo. Já Badinter (1985), subverte a premissa do amor materno como algo inerente às mulheres, afirmando que esse sentimento pode ou não se desenvolver, dependendo do interesse socioeconômico de um grupo.

Dando sequência, entende-se que o nascimento do bebê não é o nascimento do *eu*, evidenciando assim, a condição originária de desamparo do ser humano e sua dependência com o outro externo e a cultura, para sustentar-se orgânica e subjetivamente. Dado esse

contexto, Freud (1931) investiga como, quando e por que a menina se desprende da mãe e acha o caminho para o pai?

Como apresentamos anteriormente, o complexo de Édipo versa sobre a fase fálica. Para Freud (1908, 1925, 1931), a zona fálica para a menina, está localizada no clitóris, sendo este, um equivalente ao pênis para o menino. Desta forma, o desenvolvimento sexual feminino apresentaria uma complexidade ímpar: a tarefa de abandonar a zona genital originalmente dominante, o clitóris, por uma nova, a vagina. O que leva a conjecturar que a menina pequena desconhece a existência da vagina (enquanto um lugar, destino ou conceito) concentrando no clitóris a sua zona genital dominante.

Abrimos um parêntese aqui, pois, é importante frisar de antemão sobre os estudos contemporâneos das mais variadas áreas do conhecimento, atravessados pelos Estudos Feministas e Teoria *Queer*, que contestam esse enredo sobre a centralidade do prazer feminino no canal vaginal, visto que, essa narrativa foi construída a partir da genitalidade e prazer daquele que se convencionou chamar de homem ou masculino.

Segundo Travassos (2003), Renaldus Colombo, fez o primeiro relato sobre o clitóris como órgão sexual feminino destinado unicamente ao prazer em 1559, mas mesmo em sua descrição faz analogias com o pênis, quando refere que o mesmo ao ser tocado fica rígido e mais alongado.

Estes conhecimentos foram aparentemente esquecidos até os estudos de Alfred Kinsey (1894-1956), biólogo que dedicou sua vida a estudar o comportamento sexual dos seres humanos. Conforme Sena (2010), os resultados dos estudos de Kinsey apontou que ao contrário das 18 mil terminações nervosas existentes no clitóris, a vagina possui pouquíssimas inervações, mesmo assim, o orgasmo clitoridiano segue sendo representado com inferior e infantil. Reafirmando a hipótese de uma preocupação, unicamente, voltada para o prazer masculino e para a perpetuação da espécie.

Foi somente no ano de 1998 que a urologista Helen O'Connell (a primeira australiana especializada em urologia²⁵) conseguiu descrever em detalhes a anatomia deste órgão. Podemos supor que este intervalo de tempo não diz sobre alguma possível dificuldade inerente ao tema, mas sim, ao jogo de poder refletido em desinteresse e aos tabus relacionados.

²⁵ Conforme matéria publicada em 1 de março de 2021, pelo site El País, “**Não é surpresa que não se conheça a anatomia do clitóris: é nossa herança cultural**”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/02/28/eps/1582912339_151609.html

Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitação espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política. É ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas (PRECIADO, 2014, p. 31).

Como temos afirmado, a complexidade humana não se restringe unicamente a leituras anatomofisiológicas, visto que, somos interpelados pelas tensões dos enigmas provocados por Eros e Tanatos, entre outras tecnologias sofisticadas, para tanto, tais informações articuladas evidenciam sobre a complexidade do enigma associado ao feminino. É surpreendente saber que a anatomia do clitóris tem apenas 22 anos de idade. O que nos faz perguntar, associando com a provocação de Haraway (1995): que silêncio histórico é esse, financiado, por homens e mulheres, que compõem a História? Que política é essa, que sustenta o interesse de não-saber sobre os demais corpos que não correspondem ao suposto sexo único?

Em matéria do El País (2018)²⁶, sobre o prazer feminino, são apresentados os dados de estudos estadunidenses publicados pela revista *Archives of Sexual Behavior*, em janeiro de 2018, apontando que o grupo que apresenta menores chances de chegar ao clímax sexual é o das mulheres heterossexuais (65%). Homens heterossexuais têm taxa de 95%, seguidos de homens gays com 89%, homens bissexuais 88%, as lésbicas com 86% e mulheres bissexuais 66%. O estudo não especifica a identidade de gênero das pessoas participantes. Podemos supor então que quando o prazer feminino não está subjugado ao desejo sexual masculino a mulher sai do lugar supostamente passivo e consegue acessar sua sexualidade em relação a si mesma e não voltada ao pênis e ao falocentrismo? Talvez esta seja uma possibilidade de translado, ou pelo menos, mais um convite para o exercício do pensamento.

Poderíamos nos estender sobre esta reflexão com a tradição de povos africanos ao extirpar o clitóris de meninas as privando do prazer, o que, talvez, denotaria uma real castração, ou tantas outras práticas de nossa cultura ocidental, que negaram o acesso a este tipo de reflexão, nos possibilitando manter a problematização sobre as violências geradas pela lógica binária e hierárquica direcionadas ao gênero.

Porém, como um dos nossos interesses é não retirar o enigma associado ao feminino, mas sim, distribuí-lo aos demais corpos, sustentando a afirmação que o enigma é

²⁶ Publicado em 1/7/2018, pelo site El País. “**A brecha orgástica ou por que as mulheres hétero são as que menos chegam ao clímax:** Estatísticas confirmam que os homens têm mais orgasmos do que as mulheres heterossexuais. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/30/estilo/1530370744_945315.html. Acessado em: jun/2021

fundamental, tanto para a constituição psíquica dos “corpos falantes” (PRECIADO, 2014), quanto na manutenção da problematização dos discursos legitimados pela tradição moderna e ocidental, destacamos que, na clínica psicanalítica, o traslado corpóreo ou a descentralização do órgão sexual não é uma exclusividade da mulher, visto que, o corpo para psicanálise é um corpo atravessado pela cultura, ou seja, um corpo pervertido, que não obedece, necessariamente, às ordens anatomofisiológicas.

Não raro, escutamos de homens (cis) com angústias relacionadas aos enigmas de Eros, as interrogações que rondam a supremacia do pênis ou do ideal fálico – ejaculação precoce, anejaculação, impotência, uso indiscriminado de sildenafil (viagra), nitritos (*poppers*) e outros aditivos na hora do sexo.

Certa vez, um paciente de 40 anos, recém separado e que carregava consigo, praticamente todos os predicados que caracteriza aquilo que se denominou de sujeito universal (branco, cisgênero, heterossexual, classe média, monoteísta, monogâmico, urbano, etc.), contou a agridoce notícia que seu psiquiatra havia suspenso a terapia medicamentosa de ansiolítico. Digo agridoce, pois, por um lado ele estava contente com a “alta médica”. Para ele, isso significava que a terapia estava apresentando resultados. Por outro lado, ele temia, pois, o ansiolítico havia “controlado” a sua ejaculação precoce. A permanência do ideal fálico, por parte dos homens, também diz sobre um órgão sexual infantil atrelado à funcionalidade urinária, ou seja, expelir os fluidos, ao passo que, reprime a visibilidade da expressão erótica para o objeto de amor.

É necessário um convite para (re)pensar sobre o enigma que reside na fase fálica, mesmo com 40 anos, pois, penso que o menino na sua constituição, certamente pega algum tipo de atalho através das insígnias do ideal fálico de virilidade, algo que, talvez, precisasse percorrer. Gera trabalho analítico para subverter o pintinho em pau (não uso o termo pênis, pois nestes casos, suponho que ele encobre o trabalho do enigma). O que nos leva a pensar que o menino, talvez mais tarde do que a menina, também necessite percorrer o traslado do objeto de amor-erótico e da erótica-do-corpo. Aqui, uso o termo erótico, para diferenciar do adicto atrelado ao pornográfico.

enquanto não aprendermos a respeitar as nossas singularidades, construídas através da diversidade histórica, social e cultural em que vivemos, [...] não conseguiremos respeitar também nossas construções singulares e identitárias, indiferente se sejamos homens ou mulheres, [...] particularidades anatômicas, [...] desejos afetivos e sexuais, [...] até mesmo, do papel social que exercemos no nosso dia a dia. (SILVA, 2000, p. 15).

O que estamos querendo afirmar é que, mesmo que a afirmativa de Freud esteja supostamente limitada ou ultrapassada e considerando os atuais avanços sobre os estudos do clitóris, reposicionado a relação hierárquica entre clitóris e vagina, nosso interesse está em evidenciar que a sexualidade masculina não é assim tão transparente quanto supõem ser.

Por hora, retomamos a tese freudiana, tal qual apresentada e quando necessário, abriremos outras problematizações. Freud (1931/2010) aposta que de forma análoga ao traslado corpóreo, a menina fará o mesmo em relação ao objeto de amor original (a mãe) para o novo objeto de amor (pai). O psicanalista, mesmo sem saber ao certo como isso ocorre, observa, a partir da análise de suas pacientes, que a duração do vínculo com a mãe foi bastante subestimada. Reformula o seu pensamento e considera que um certo número de mulheres se mantém na ligação original com a mãe e jamais volta-se para o pai. “Assim, a fase pré-edípica da mulher assume uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído.” (1931/2010, p.373). Esse ponto reformulado, produz uma mudança teórica, que deslocará o complexo de Édipo para fora do núcleo das neuroses. Salientamos que o deslocamento não tira o valor atribuído ao Édipo, este ponto se mantém, todavia, ele deixa de ocupar a universalidade da tese.

Essa elaboração deságua no entendimento que o desenvolvimento psicosssexual não é o mesmo para ambos os sexos. “Há muito tempo renunciamos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino” (FREUD, 1931/2010, p.373). Ou seja, para Freud, meninos e meninas são diferentes, não somente na diferença anatômica dos sexos, mas também, em função das representações ligadas à existência dessa anatomia (complexo de castração).

Cabe um breve parêntese histórico-conceitual da tese freudiana. Na sexualidade infantil, a disposição masculina é predominante: tanto no caráter ativo da libido, quanto o desconhecimento da diferença entre os sexos pelo inconsciente (dominado pela primazia do falo). Desta forma, na teoria freudiana, para que a feminilidade possa emergir é preciso um traslado de objeto de amor e corpóreo. Mas o que seria a feminilidade? Para Freud no artigo, *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), a feminilidade é um dos destinos possíveis do complexo de Édipo nas mulheres.

O que, segundo ele, se faz acompanhar de certa mácula: nunca superar por completo a inveja do pênis; jamais ter um supereu adequadamente estabelecido de modo a poder ocupar lugar de produção na cultura; viver para sempre presa para sempre às condições pré-edípicas da sexualidade e, portanto, a uma forma narcísica de amar. (POLI, 2007, online).

De acordo com a autora, essa análise de Freud sobre a mácula insuperável da mulher rumo à feminilidade está datada em 1914, no texto *Introdução ao narcisismo*. Os avanços teóricos da psicanálise, nos mostra o quão essa leitura envelheceu mal. Contudo, essa também não é uma verdade última do pensamento freudiano, pois, “mesmo na obra de Freud há outras versões da feminilidade” (POLI, 2007).

Na obra, *Os três ensaios...* (1905), nos deparamos com uma concepção que prioriza a via do exercício pulsional e não apenas as identificações edípicas. Segundo Poli (2007). Freud, em 1905, descreveu algumas distinções mais típicas da sexualidade nos meninos e nas meninas, mas, em 1915, ele inclui, numa nota de rodapé, uma certa dificuldade na utilização dos termos “masculino” e “feminino”.

Eles têm, escreve o psicanalista, ao menos três sentidos diferentes. São sinônimos de atividade e passividade, respectivamente; são atributos biológicos, associados à presença de glândulas específicas a cada sexo, [...]; por fim, são conceitos sociológicos, derivados da observação dos comportamentos dos indivíduos. Os sentidos biológico e sociológico, continua o autor, são bastante questionáveis e relativos. Apenas a primeira destas definições interessa ao psicanalista. Sempre presentes, em diferentes medidas, atividade e passividade definem a bissexualidade constitucional dos humanos. (POLI, 2007, online).

Desta forma, na teoria de 1915, a feminilidade corresponderia à posição de passividade pulsional, ou seja, a feminilidade seria um resultado da flexibilidade no percurso pulsional, uma produção secundária da libido. Atividade e passividade, é o que interessa ao psicanalista, como menciona a autora. Nesse sentido, homens e mulheres dispõem de ambas as tendências, masculina e feminina, definindo a bissexualidade constitucional. Porém, como vimos, no pensamento freudiano de 1924, a feminilidade corresponderia a um dos destinos possíveis do complexo de Édipo. Ou seja, há duas teses freudianas sobre a feminilidade. Conforme Poli (2007), será nos textos, *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), que Freud tentará buscar uma conciliação. “A predominância da passividade pulsional na definição do caráter feminino será abordada, então, concomitantemente aos impasses na superação do Complexo de Édipo.” (POLI, 2007, online).

Freud (1931/2010) ciente que não haverá um fato único sobre o traslado que atuam no afastamento do objeto materno, encontra as circunstâncias gerais da sexualidade infantil. O primeiro caráter apresentado é o ciúme por outras pessoas (irmãos, irmãs, rivais), é neste lugar que encontramos o pai, ou aquele que exerce a função paterna, e como sabemos, este pode ser

representado por algum objeto inanimado, tal qual, uma dissertação de mestrado ou qualquer coisa, objeto, situação ou pessoa que capture o “amor da mãe” para fora da relação especular mamãe-bebê. “O amor da criança é desmedido, requer exclusividade, não se satisfaz com frações.” (FREUD, 1931/2010, p.381). Isto é, a criança demanda a atenção integral da mãe, como prova do seu amor. Tê-la “por completo” é tê-la em sua posse, mesmo que não faça nada com essa atenção exigida, inclusive para poder rejeitá-la.

Amor da minha vida. Daqui até a eternidade. Nossos destinos foram traçados na maternidade. Paixão cruel, desenfreada. Te trago mil rosas roubadas pra desculpar minhas mentiras, minhas mancadas. Exagerado, jogado aos teus pés, eu sou mesmo exagerado. Adoro um amor inventado. Eu nunca mais vou respirar, se você não me notar. Eu posso até morrer de fome, se você não me amar. Por você eu largo tudo, vou mendigar, roubar, matar. Até nas coisas mais banais. Pra mim é tudo ou nunca mais (CAZUZA, 1985).

Na sexualidade infantil o amor é sem meta, não há um alvo decidido para além da exclusividade, denotando assim, o caráter de impossibilidade da satisfação plena. Aponta a persistência do mito da exclusividade no amor. Uma suposição neurótica, fadada a decepção. Essa decepção dá lugar à hostilidade, seja na criança ou num adulto. O infantil seguirá na vida adulta, contudo, Freud demarca que a satisfação parcial, em outros momentos da vida, não mais na infância, pode gerar um destino libidinal diferente do que a decepção seguida de hostilidade. O que anteriormente denominamos como erótica. Em outras palavras, a posição insatisfação não se esgota num fim, pelo contrário, aponta para uma possibilidade que demandará uma nova busca por satisfação. Para a psicanálise a insatisfação é o motor do desejo e não um sinônimo de descontentamento, aborrecimento ou contrariedade.

O outro ponto encontrado por Freud na sua tese sobre a sexualidade feminina aponta que um dos fundamentos mais específicos sobre a interrogação do abandono da ligação com a mãe e este está associado ao complexo de castração.

Para trabalhar esse operador psíquico, seguiremos com a tese freudiana e em diálogo com comentaristas da sua obra. Para isso, sustentaremos como modo de diferenciação a concepção de criatura, tal qual encontramos nas últimas traduções de Freud, mas constantemente diferenciando-as entre criatura com pênis e sem pênis, na tentativa de abarcar os mais diferentes corpos.

5.1.1 Complexo de castração: criaturas com e sem pênis

O complexo de castração é outro operador constituinte da subjetividade humana, que atua de forma particular “sobre a criatura sem pênis” (1931/2010, p. 382). Na criatura²⁷ com pênis, o complexo de castração é o resultado final, a porta de saída, da jornada edípica. Na criatura sem pênis, o complexo de castração não será o oposto, digo isto, pois afirmar tal oposição (entrada/saída) é retomar o jogo binário. Então, vamos dizer que, para a criatura sem pênis, o complexo de castração é o *start* do complexo de Édipo.

Para Freud (1931/2010) a criatura sem pênis descobre a sua inferioridade orgânica ao se deparar, nas cenas cotidianas de uma casa, família ou comunidade, com corpos biologicamente diferentes do seu. Isto acontecerá com maior antecedência quando se tem criaturas com pênis ao seu redor.

Insistimos que a nomenclatura criatura com pênis e criatura sem pênis (ao invés de criatura com vagina) é uma adoção pensada, para privilegiar a lógica fálica do pensamento freudiano.

Freud (1925), descreve que a criatura sem pênis ao se deparar com um pênis (de um companheiro de brincadeiras, seja ele um irmão, primo, amigo) será inevitável a curiosidade sobre esse corpo estrangeiro, dada a visibilidade e a proporção. Estes elementos conjugam com a lógica hierárquica, correspondendo o pênis, o visível, a abundância, como superior frente ao seu próprio órgão, por hora ainda clitóris, imperceptível e faltante. Esta estrutura comparativa dos corpos anatômicos que funda e sustenta a clássica concepção freudiana sobre a inveja do pênis (*penisnied*).

Importante lembrar que a constituição de um discurso sobre a diferença sexual é recente na história ocidental. Até o início do século XIX, o sexo era tratado e regulado pelo modelo masculino, configurado como perfeito e transparente, demarcando assim, o jogo

²⁷ Cabe uma observação sobre a palavra criatura. Em algumas regiões do Brasil, o significado desta palavra pode conter um tom depreciativo que denota deslegitimação. Uma vez que, esta palavra está no *hall* das palavras com oposições binárias e hierárquicas: criatura e criador. A suposição coloca o “criador”, de modo exclusivo e sem variação, no lugar de ativo da ação e a criatura no lugar de passivo. Penso, que em função de um dos sentidos desta palavra (monstro, monstro bicho) pode ter alguma relação com os contos de terror, como por exemplo, Frankenstein, da autora Mary Shelley: essa criatura que é um amontoado de restos de cadáveres costurada. Uma criatura sem nome próprio, mas que carrega como sutura o sobrenome do seu criador, o Dr. Victor Frankenstein, como modo de identificação, ou seja, nada é dele, inclusive o próprio nome. O Dr. Frankenstein, é um mito representativo de um criador, “cientista maluco”, que descobriu como dar vida à matéria morta. O monstro/criatura é um órfão de mãe, e “filho” da relação de um homem com a ciência moderna, é uma criatura incompreendida e desamparada (Corso & Corso, 2016). Talvez por isso, todos nós carregamos um pouco de Frankenstein. A identificação com a criatura é mais evidente, pois versa sobre a filiação e sua relação com referenciais paternos. Reivindicações tão comuns na clínica psicanalítica. Por isso, de alguma forma, a palavra pode ser tão interessante para pensarmos as criaturas com pênis e as criaturas sem pênis, como Freud utiliza neste texto para conceitualizar o complexo de castração.

hierárquico de inteligibilidade, que sustenta o paradigma do sexo único. (BIRMAN, 2001. CINTRA, CLEMENS e SOUZA, 2015).

De todos os elementos da teoria psicanalítica, a questão da sexualidade e da diferença sexual é provavelmente aquela que mais sofreu modificações ao longo da obra freudiana. Embora o papel preponderante da sexualidade tivesse sido reconhecido por Freud desde a década de 90 do século XIX, com a teoria do trauma e da sedução, a elaboração teórica deste conceito sempre foi extremamente complexa. [...] a história da evolução do conceito de sexualidade é idêntica à história da psicanálise. (ARAN, 2011, online).

Dito isso, a equiparação dos corpos, feita por uma criatura sem pênis, pequena e imersa nos enigmas das teorias sexuais infantis (FREUD, 1908), culminam numa espécie de acidente de percurso. Um ato disruptivo que faz desta criatura uma vítima do *penisnied*.

A expressão “vítima” pode soar delicada dependendo dos olhos de quem lê. Ainda mais neste ponto tão polêmico. Primeiro parece interessante lembrar o caráter inconsciente que Freud demanda incluir. A suposta inveja do pênis, que acomete a criatura sem pênis, não está no campo da consciência e, talvez por isso, não a reconhecemos como um ato pensado pelas lógicas da racionalidade. A psicanálise não entende que a criatura sem pênis se faz de vítima da circunstância e sim ela é vítima das condições, do lugar social que lhes foi atribuído.

Trazendo esse diálogo para a contemporaneidade; Tiburi (2015) argumenta sobre as delicadezas associadas à palavra vítima. Para a filósofa, vítima é aquela pessoa para a qual a justiça é sempre tardia. “Vítima é o termo que implica uma marca, uma condição cujos efeitos podem até vir a serem passageiros, mas são sempre marcantes em intensidades diversas no amplo espectro em que podemos falar da condição de vítima.” (2015, p.62), e arremata, pautando o porquê deste parêntese no texto: “A condição de vítima é complexa e sua existência, que sempre pode ser a nossa própria, precisa ser olhada com muito respeito. (TIBURI, 2015, p. 62).

Considerando que a inveja do pênis versa sobre o enigma da sexualidade, registrado no inconsciente e protegido pelo recalque, mas não sem consequências. Sigmund Freud (1931), aponta três destinos possíveis da consequência psíquica desta distinção anatômica dos sexos: 1) cessação da vida, interesse sexual; 2) acentuação da masculinidade e 3) os primeiros passos para a feminilidade definitiva.

Ainda sobre a descoberta da castração. Não é possível precisar um tempo, dada a singularidade de cada vida, para tanto, sabe-se que episódios posteriores a esta descoberta são

importantes, pois como sabemos, as composições dessas interrogações frente aos enigmas da sexualidade farão considerações no estado da atividade fálica.

O encontro com o clitóris geralmente acontece de forma espontânea pela criatura sem pênis. Para Freud (1931), esse encontro com um dos locais de prazer do corpo, masturbação, não é acompanhado de fantasia no seu início. Recordo que certa vez, uma paciente contou sobre esse encontro espontâneo. Não o seu encontro propriamente dito, mas o da sua filha de aproximadamente cinco anos.

A menina estava no banho e chamou sua mãe para dizer que descobriu uma nova brincadeira. A brincadeira era deitar o corpo no chão do box, abrir as pernas e deixar a corrente de água cair sobre sua barriga, perereca e pernas. A paciente fica surpresa, tanto por saber da nova brincadeira, quanto por reconhecer o que era a brincadeira. Conta que sua filha traduziu a sensação prazerosa como se estivesse em um passeio no circo.

Respeitável público, nós estamos advertidos que ao falar da filha, estamos falando de nós mesmos. Não foi diferente com a paciente que falava dela e das suas composições filha/mãe que a atravessam. É importante advertir que a suportabilidade desta história passa pela sexualidade da própria mãe (ou de qualquer adulto que esteja convocado com essa cena). O que estamos afirmando é que a pesquisa sobre o enigma sexual, que toda criança é interpelada, será mediada (de forma direta e indireta) pelos adultos a sua volta. Desta forma, o modo como cada adulto irá manejar essas interrogações (seja de forma afirmativa, explicativa, negativa, projetiva, esquiva, anulação, etc.), também transmitirá a quantas anda e como lidam com os enigmas da (própria) sexualidade.

Na história da paciente, a sua filha explicita o prazer como um passeio no circo, denotando a descoberta espontânea do clitóris enquanto lugar de prazer, via masturbação, sem as fantasias eróticas, ou seja, o prazer conquistado pela resposta fisiológica do corpo. Diferenciando radicalmente da masturbação na puberdade, adolescência ou da vida adulta que contêm esse enlace com a fantasia erótica. Para tanto, a masturbação com a ausência de fantasia não é uma informação aberta ao público e, justamente por isso, gera muito desassossego nos adultos. Estes, em nome da civilização, rebelam-se contra a sexualidade da criança a proibindo de tal ato – em determinadas situações e contextos ou com proibições mais severas, com o intuito de extinguir o ato, o tema, a interpelação. Fazendo do enigma, enquanto o convite a pensar, um tabu.

Importante frisar que tanto na época de Freud, quanto hoje, século XXI, a função materna e os cuidados domésticos e familiares, são endereçados e comumente exercidos por criaturas sem pênis. Seja dentro da lógica da denominada família nuclear (monogâmica,

patriarcal, heterossexual e endogâmica), que preconizou no ocidente e que encontramos, até hoje, resquícios no imaginário social como um ideal de família “normal”. Seja numa versão menos endogâmica e mais arejada que a família oitocentista, tal qual, Kehl (2013) denominou de família tentacular contemporânea, na qual, a família abre-se em tentáculos, trazendo no seu desenho as irregularidades e as “marcas de sonhos frustrados, projetos abandonados e retomados, esperanças de felicidade das quais os filhos, se tiverem sorte, continuam a ser portadores.” (2013, online).

Mesmo reconhecendo as alterações sociais, científicas e jurídicas sobre a concepção de família. Reconhecendo que as questões ligadas ao sexo, gênero e desejo tenham recebido novas leituras e traduções, possibilitando incontáveis modos de subjetivação e testemunhando as influências históricas, econômicas, políticas, culturais, tal qual, os movimentos feministas e movimentos raciais, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o surgimento da pílula anticoncepcional²⁸, as políticas públicas e de direitos humanos pela visibilidade dos movimentos LGBTQIA+, a despatologização das identidades trans (CECCARELLI, 2017); mesmo assim, os cuidados, zelos, dedicação, quase de forma integral, seguem sendo, majoritariamente, uma responsabilidade da mulher (sejam elas cis, trans, orientações sexuais variadas, branca, preta, periférica ou não).

As mulheres, mesmo que estas possam gozar de uma rede de apoio, esta mesma rede é comumente composta por outras mulheres – avós, irmãs, comadres, vizinhas, babás, amigas. Este ponto é importante estar em cena, pois, não se trata de uma devoção à prole e à família, mas sobre o lugar social atribuído às mulheres que a sociedade ocidental, burguesa, insiste em manter. “Se o paradigma que associou a feminilidade e maternidade hoje não é mais suficiente para definir as mulheres, ele ainda está presente no imaginário social sobre o sexo feminino” (NUNES, 2011, online).

Tendo em vista o recorte do “passeio ao circo”, penso que a eleição de contar para a mãe, não é de todo inocente. A mãe está enredada na libidinização do corpo da criança, e justamente por isso, penso que a partilha faz parte da brincadeira. Contudo, a proibição da masturbação é civilizatória e espera-se que o adulto esteja advertido deste convite ao incesto. Ou seja, é uma brincadeira na qual, por mais saudável que seja a exploração do corpo, criatura e criador(a) não podem participar juntas, e a isto, atribuímos o nome de interdito do incesto.

²⁸ O avanço das técnicas de controle de natalidade permitiu a separação, para as mulheres, entre o amor e o prazer sexual. “A partir da democratização das técnicas anticoncepcionais o desejo sexual, nas mulheres, pode separar-se do projeto da maternidade. O que equivale a dizer que as mulheres foram expulsas, finalmente, da condição de “seres de natureza” que os séculos XVIII e XIX lhes atribuiu” (KEHL,2000, online).

O interdito do incesto é uma lei universal que funda a nossa condição de seres de cultura. Essa lei não está escrita em lugar nenhum, não é autorizada por nada além de si mesma, se impõe aos grupos humanos como vinda de um Outro lugar e que delimita e legitima a existência social. Sua origem, ao contrário dos códigos legais e morais inventados pelas diferentes culturas e nações, não se situa na história e não tem autoria. É uma origem mítica. (LACAN, 1960/2008; KEHL, 2002).

Este corte que o adulto faz na criança e nele mesmo, os separa, ao mesmo tempo que impede e impulsiona à busca por outros objetos de satisfação. De outro modo, na medida que o adulto castra, também denuncia a sua castração. Transmitindo a lei cultural: ninguém pode tudo! O interdito do incesto, possibilita o lugar de sujeito desejante, pois, uma vez interdito a totalidade da pulsão, abre a possibilidade, exclusivamente humana de criar seus objetos e diversificar sua satisfação. Conforme Poli (2007), em diálogo com Costa (1998), “o enigma do feminino é derivado desta impossibilidade de representação do sexo materno. O corpo da mãe é sempre, em alguma medida, o corpo do incesto”.

Para a criança, a masturbação está associada como uma brincadeira prazerosa. É esperado que esses interditos ganhem formas de ameaças, ocupando um papel importante para a rebeldia criativa da criança para com esse objeto de amor. O mesmo ponto será atualizado na puberdade e adolescência, quando a mãe percebe o seu dever de zelar pela virgindade da filha. (FREUD 1908; 1931). Sabemos que estes específicos cuidados e proibições não são seletivos. Ou seja, a mãe contraria suas crias, independente da genitália e do gênero, gerando em ambos um rancor como efeito do impedimento do exercício sexual. Para tanto, a clínica psicanalítica nos mostra que há uma repreensão a mais, por parte da mãe (em diálogo com a cultura de sua época), em relação às filhas.

Certa vez, uma paciente, de quase 40 anos, bastante culta, consumidora de arte, livros, filmes, música, disse uma frase que marcou a minha clínica. A frase foi mais ou menos assim: “A minha mãe não me poupava, bastava uma gota de menstruação no lençol e era o assunto do dia, mas ela fazia vista grossa para a porra seca nos lençóis do meu irmão”.

A psicanálise revelou ao século XX o preço pago pelo controle excessivo dos impulsos que as sociedades oitocentistas haviam imposto a seus membros. A eficácia desse controle exigia, entre outras coisas, um silenciamento sobre tudo o que fosse proibido. Ao romper esse silêncio, a psicanálise contribuiu para a desmoralização de uma série de tabus e restrições, característicos do apogeu da dominação do modo de vida burguês (KEHL, 2002, p.17).

Freud (1931), entende que a menina afetada pela comparação da diferença anatômica dos corpos, hesita e reluta a aceitar tal conclusão e, como modo de encobrir tal descoberta, cria uma expectativa de algum dia ter um genital exuberante e exposto, tal qual, as criaturas com pênis. Esta crença será conservada por bastante tempo e neste tempo a criança sem pênis produzirá teorias que justifiquem sua castração. Primeiro tomará a castração como um infortúnio pessoal e depois, em contato com outras criaturas sem pênis, adotará como um ponto global. “Com a percepção da natureza geral dessa característica negativa há uma grande desvalorização da feminilidade e, portanto, também da mãe.” (FREUD, 1931/2010, p.383).

Ambas castradas, mãe e filha; a criança, imersa nas lógicas do pensamento binário e hierárquico, irá atribuir a castração ao ser que entenderá como seu oposto, ou seja, o não castrado, as criaturas com pênis, o fálico (encarnado no pai). Importante sublinhar que o menino também experiencia essas dúvidas frente a pesquisa sexual. Dito isso, criaturas com e sem pênis associam a castração com as proibições das atividades masturbatórias. Para o pensamento freudiano, a castração terá correlação a uma espécie de punição.

O menino teme a castração, receia perder o pênis, teoriza que a castração pode ser feita por ambos, pai e mãe, mas racionaliza que o pai poderá ser o principal responsável, já que a mãe é castrada e certamente a incluiu nas ameaças de interdito.

A menina não teme a castração. Ela sofre por já ser castrada. Padece por não ter um genital verdadeiro e supõe que não foi nutrida ou amada o suficiente para que lhe nascesse algo tão vistoso. Dito isso, a aposta freudiana sobre a teoria sexualidade infantil é que ao ver a diferença anatômica, a menina inveja e o menino teme.

Para a teoria psicanalítica, o temor da castração é a resposta básica do menino face à castração. Porém, ocorre pensar, com base na sustentação da ideia que o enigma diz mais sobre o inquietante freudiano do que sobre a leitura da diferença anatômica, interrogo se é possível pensar em uma resposta básica. Ao que parece, essa ideia de resposta básica diz de uma possibilidade de escolha, inconsciente ou não, entretanto, em uma sociedade falocêntrica, invejar o pênis, deixa de ser uma possibilidade e passa a ser uma condição para todos os corpos.

Arrisco a dizer que ambos os corpos responderão à inveja do pênis, cada qual com a sua intensidade singular. A clínica nos mostra sobre as inquietações que a abundância fálica provoca. Sabemos que a saída do Édipo nas criaturas com pênis é migrar para o pai como ideal de homem, compondo assim, uma espécie de dupla ou cobertura para as afetações da mãe “devoradora”. Ora, mas não me parece que seja só a menina que fica perplexa com o vistoso órgão. Afirmar isso, é o mesmo que acreditar que menina vive a par da bolha cultural

onde os meninos estão inseridos. Na clínica escutam os queixas sobre o tamanho do pênis, da potência do carro, da altura dos centímetros, do valor social, poder financeiro, da beleza, da quantidade de criaturas que levou pra cama, ou na contramão, a queixa sobre a impotência do pênis, da fala, ou sobre o silêncio no amor e no sexo.

Não seriam esses modos expressivos de invejar sob o manto da virilidade? A virilidade não seria uma forma, autorizada pelas normas da inteligibilidade cultural, de inveja do pênis? Bem, na cultura, a inveja é entendida como o desejo irrefreável de possuir o que é de outrem, tal qual, expressados no mito da horda totêmica.

Ceccarelli (2013), no artigo *Reflexões sobre a sexualidade masculina*, aposta que toda a elaboração sobre a sexualidade feminina seria um recurso utilizado pelos homens para não precisar enfrentar a construção de sua própria sexualidade e mais, para manter o discurso androcêntrico dominante. Para o autor, a literatura da psicanálise sobre a sexualidade feminina não parou de crescer desde os escritos freudianos, porém os escritos sobre a sexualidade masculina são bastante escassos, podendo ser considerada “inexistente” quando comparada à feminina.

uma consulta ainda que superficial da vasta bibliografia sobre a sexualidade feminina revela uma evidência que salta aos olhos: em sua maioria foram escritas por homens e, quando escritas por mulheres, os textos seguem as mesmas premissas teóricas indicadas pelos psicanalistas homens. Raros são os textos sobre a sexualidade feminina que não seguem o falocentrismo que perpassa, não apenas a psicanálise, mas as leituras que desde a Antiguidade têm tratado as questões relativas à sexualidade. (CECCARELLI, 2013, p. 84).

Em concordância com o autor, observamos um inquietante silêncio ou uma constante replicação sobre a sexualidade masculina:

como se de fato ter um pênis constitui-se em si uma garantia, espécie de salvo-conduto, permitindo a passagem “natural” da fase masculina à masculinidade. Que eu saiba, nunca houve um evento de peso, por exemplo, um congresso cujo tema fosse “a sexualidade masculina” ou “a construção da masculinidade”. Ainda que o menino deva passar pelas fases do desenvolvimento com seus diversos percalços, a questão do “tornar-se homem” nunca foi objeto de grandes alterações. Entretanto, a clínica nos mostra o quanto esse processo é complexo.” (CECCARELLI, 2013, p. 84).

Kehl (2000) firma esse contexto, ao dizer que a mulher, com sua sexualidade ambivalente, surge como problematizadora da sexualidade humana, na medida em que se destaca como “*menos um*” sobre o pano de fundo do grau zero masculino. Freud nunca sentiu

necessidade de dedicar um texto específico às vicissitudes da masculinidade, como fez, em 1931 e 1933, em relação ao feminino. (2000, online -grifo da autora).

Maria Bethânia, entona essa discussão, em *Diamante verdadeiro* (1978):

Você se chama grã-fino e eu afino tanto quanto desafino o seu tom. Pois francamente meu amor, meu ambiente é o que se instaura de repente, onde quer que chegue, só por eu chegar. Como pessoa soberana nesse mundo. Eu vou fundo na existência e **para nossa convivência, você também tem que saber se inventar.** [...] Enquanto eu invento e desinvento moda, minha roupa, minha roda, brinco entre o que deve e o que não deve ser e pulo sobre as bolhas da champanhe que você bebe e bailo pelo alto de sua montanha de neve. Eu sou primeira, eu sou mais leve, eu sou mais eu do mesmo modo como é verdadeiro o diamante que você me deu (BETHÂNIA, 1978 – grifo nosso).

Na tese freudiana, o complexo de castração articula com a proposição da ambivalência amor/ódio para com os objetos amorosos. Ou seja, para saber o que é amor, também é necessário reconhecer que há nele uma antítese e o seu oposto. “A paixão antitética ao amor é o ódio, e o oposto do amor é a indiferença” (KEHL, 2002, p.20). Contudo, é possível amar sem odiar na mesma proporção, porém, isto é um requinte psicológico desenvolvido posteriormente. Outro ponto levantado na tese, *Sobre a sexualidade feminina*, é a pergunta: “que solicita da mãe a menina?” (1931/2010, p.387). Freud, investiga as metas sexuais que a criatura sem pênis endereça para o seu primeiro objeto de amor. Com base nos materiais analíticos, o psicanalista afirma que “As metas sexuais da menina diante da mãe são de natureza **tanto ativa como passiva**, e são determinadas pelas fases da libido que a criança atravessa” (1931/2010, p.387 - grifo nosso). O autor, (re)considera a atividade e passividade como pontos cardeais de diálogo:

É fácil observar que em todo âmbito da vida psíquica, não apenas no da sexualidade, uma impressão recebida passivamente pela criança suscita a tendência a uma reação ativa. Ela procura fazer o mesmo que antes foi feito nela ou com ela. Isso é parte do trabalho de domínio do mundo exterior que é chamada a fazer, e pode até mesmo levar a que se empenhe em repetir impressões que teria motivo para evitar, por seu conteúdo doloroso. Também a brincadeira infantil é posta a serviço desse propósito de complementar uma vivência passiva como uma ação ativa, como que anulando-a dessa maneira. (FREUD, 1931/2010, p. 387).

Desde pequenos somos convocados a lidar com o enigma. Seja o enigmático mundo da cultura encarnado nas pessoas adultas, seja pelos acontecimentos, mas também, sob a forma de jogos didáticos e charadas: “jogos e enigmas variados é de uma tradição de lógicos, matemáticos e grandes educadores, como Lewis Carroll e Raymond Smullyan” (GOMES, 2013, p.14). Ao interagir com o enigma, ou seja, considerá-lo como um jogo, subvertemos a

vivência passiva em ação ativa. O que não é o mesmo que tentar dominá-lo, pretender dominar o enigma é o mesmo que brigar com o tempo pela sua passagem. Luta inglória.

A transição de passivo para ativo não é uma regra, podendo não ocorrer em todas as crianças, contudo, a partir deste comportamento, pode-se concluir a força relativa da masculinidade e da feminilidade expressa na sexualidade. Para o pensamento freudiano, as primeiras vivências de prazer e desprazer que a criança vive com a mãe são de caráter passivo, para a criança, e de caráter ativo, para a mãe. “Uma parte da libido da criança continua apegada a essas experiências e desfruta as satisfações a elas relacionadas, outra parte procura convertê-la em atividade.” (FREUD, 1931/2010, p.388).

Nos jogos infantis, em especial nas brincadeiras com criaturas sem pênis, é comum brincar com bonecas ou de fazer “comidinha”. Já é esperado que a criança desloque a posição de criatura e fantasie o exercício de criador. A brincadeira possibilita “ser” a mãe, a dona da casa, a professora, a cozinheira, a caixa do supermercado, a médica. Freud interpreta que a predileção das criaturas sem pênis por bonecas costuma ser percebida como sinal de feminilidade precoce, mas, o autor adverte que não podemos ignorar o caráter ativo da feminilidade, visto que, na brincadeira a menina é a própria mãe e a boneca (ou outra criança menor) é a filha, demonstrando assim, a exclusividade da ligação à mãe, abdicando do objeto-pai.

Tendo em vista que para a psicanálise todos os casos de psiconeuroses têm ligação direta com a sexualidade (FREUD, 1898), cabe recordar, que a raiz de todas as psiconeuroses pertencem, não ao momento atual, mas a uma época do passado, ou seja, à época da primeira infância e, talvez por isso, esquecemos destas interações com os genitores, contudo até certo grau.

É difícil fazer aqui um relato pormenorizado, pois frequentemente são obscuros impulsos instintivos, que a criança não podia apreender psiquicamente na época em que ocorreram, e que por isso recebem apenas uma interpretação posterior, surgindo na análise em formas de expressão que certamente não tinham originalmente. (FREUD, 1931/2010, p.389).

O que propomos amarrar entre esses dois textos é que para Freud, a ligação na primeira infância, entre a criatura sem pênis com sua mãe, é uma possível residência da histeria e que, tanto a fase de ligação, quanto a neurose, são características especiais da feminilidade.

Considerando que a função materna funda o corpo sexual das crianças. Freud reconhece que na ligação entre a mãe e a criatura sem pênis há um encontro que precisa ser

considerado antes de incluir o pai como objeto de amor e sedutor sexual na vida da criatura sem pênis. A isso ele atribui o nome de fase pré-edípica. Analisando os impulsos passivos da fase fálica, através das vivências dos primeiros cuidados, inevitavelmente esbarramos na fantasia de sedução materna, onde a criatura sem pênis acusa a sua mãe de seduzi-la. “A menina gosta dessas sensações e pede que a mãe as aumente com toques e fricções, como várias vezes algumas mães me comunicaram haver observado em suas filhas de dois e três anos de idade” (FREUD, 1931/2010, p.390). Estes pedidos de aumento de força e fricção gestam o surgimento dos impulsos ativos da fase fálica (masturbação do clitóris).

Dada a intensidade corpórea e o trabalho de subversão do “corpo-carne” vira a ser um “corpo-verbo”, é importante lembrar da transmissão da lei do interdito do incesto, pois, os corpos se misturam e se confundem no que é de um e no que é do outro. Segundo Kehl (2002), o que o ensinamento freudiano nos diz é que, do ponto de vista do inconsciente, um santo não é melhor do que um criminoso, um virtuoso não vale mais do que um canalha.

Conforme a autora, a tradição, as religiões, a educação, os mitos e ritos são formações da cultura que tentam garantir uma certa estabilidade e certa credibilidade de “base imaginária no que concerne à transmissão da lei de geração a geração”. (KEHL, 2002, p.13). A transmissão, assim como a origem da lei, se inscreve no inconsciente; sua inscrição subjetiva se dá por meio da linguagem, mas sua consistência imaginária é preservada pelas grandes formações da cultura. A incidência da lei sobre os sujeitos rouba-lhes uma parcela de gozo que é tributada à linguagem e à vida em sociedade. (KEHL, 2002, p.13).

Por essa e outras razões que a mãe ocupa um lugar cativo na psicanálise. “Sempre o âmago dos fatos. Minha guerra e as flores dos cactos. Poema, cinema, trincheira” (SKANK, 2000). Mãe não é um conceito psicanalítico, obviamente. Mãe é uma metáfora de aposta. Uma aposta na fundação de um ser vivo que necessita de uma rede de apoio, dada a sua condição de vulnerabilidade e desamparo. A função materna tem como exercício desenhar os contornos, motricidades e imagem corporal, para que não sejamos tão desengonçados como o Frankenstein (CORSO & CORSO, 2018). É desde este lugar, que a representante da função materna, abre os caminhos, invade e explora todos os nossos orifícios e dobraduras, cria poemas e trincheiras por entre as voltas do corpo. Dos pés até a cabeça, transladando por cada dedo, unhas, pés, pernas, coxas, bunda, ânus, barriga, peito, pescoço, boca, nariz, orelha, olhos, axila, virilha, genitais, costas, cabelo. Ela toca o nosso corpo, antes mesmo de nós e, antes mesmo de reconhecer-nos como um *eu*.

O reconhecimento do *eu*, se dá com a entrada do terceiro da tríade edípica. A função paterna faz a função de terceiro que barra a relação simbiótica, até então necessária, entre mãe

e bebê. Ou seja, pela lógica do pensamento psicanalítico, é na entrada do terceiro elemento que é possível fazer de dois, um.

A criança ao constatar que não é mais propriedade da mãe e vice-versa, reconhece na função paterna o motivo da quebra da sua onipotência, gerando a admiração e a hostilidade por esse terceiro. Segundo Freud (1931/2010) é por frustração que a criança sem pênis será levada a abandonar a mãe e com ela as pulsões ativas, já a passividade será transferida para a relação com o pai.

Mais uma vez, frustrada por dele também não receber o dom almejado, recalca o Édipo para não perder o amor dos pais. A feminilidade surge, então, quando a menina reporta o pedido que faz ao pai a um outro homem, de quem espera receber o pênis-bebê. Isto é, quando ela retorna, de forma ativa, à posição passiva que a levou ao pai. (POLI, 2007, online).

Nesta herança encontramos o ponto de partida para as leituras leigas sobre a sexualidade feminina, ao endereçar de antemão a relação entre pai e filha como sendo relativas à ligação mãe e filho. Por isto, a importância deste passo para trás que a pesquisa freudiana sobre a sexualidade feminina nos convoca. O que nos interessa sustentar é que o afastamento em relação à mãe é altamente significativo para o desenvolvimento da criatura sem pênis, pois não é uma simples mudança de objeto, mas toda uma possibilidade de caminho para o desenvolvimento da feminilidade.

Para tanto, a ampliação do horizonte feminino, para além da vida doméstica (casamento e maternidade), abriu novas possibilidades subjetivas e expectativas de vida para as mulheres. Como sabemos, as conquistas políticas alcançadas pelos movimentos feministas, movimento negro, movimento LGBTQIA+, entre outros, foram motores destas mudanças. Para Nunes (2011), as mulheres passaram a poder transformar sua capacidade desejanse em querer múltiplos e diversificados.

O advento da pílula anticoncepcional permitiu de forma mais eficaz que as mulheres possam decidir se querem e quando querem ter filhos. A maternidade, identificada na modernidade como condição natural feminina e ideal principal a ser alcançado, deixou de se sustentar enquanto tal para boa parte das mulheres. Porém ainda é fonte de grandes conflitos. Tais conflitos dizem respeito tanto à vivência singular de cada mulher quanto à sua relação com aqueles que a cercam e a sociedade (NUNES, 2011, online).

É cada vez mais frequente, nos consultórios psicanalíticos, o trabalho de construção desta decisão. Tanto criaturas com pênis, quanto, agora sim, criaturas com vagina, precisam se perguntar e construir uma resposta íntima sobre a pergunta de ter ou não ter filhote(s).

Obviamente que essa pergunta tem outro tom para as criaturas com vagina, pois está aglutinado no corpo a possibilidade de gestar uma outra vida. Percebo que a geração nascida no XXI está mais decidida. Contudo, percebo nos/nas pacientes na casa dos 30, que essa pergunta sofre uma atualização nesta faixa etária, ou seja, mesmo que a pessoa esteja decidida a não ter filhos/as aos 20 e poucos anos, aos 30 e poucos, essa pergunta retorna com mais força, certamente, por conta do prazo de validade do corpo biológico. A instabilidade financeira e a dificuldade de se reconhecer como pessoas adultas, são, majoritariamente, os argumentos mais robustos a serem ultrapassados.

Retomando a tese freudiana (1931/2010). O hiato produzido pelo afastamento do primeiro para o segundo objeto de amor, localiza a residência da compreensão freudiana sobre a bissexualidade como condição humana. Cabe reconhecer que a bissexualidade freudiana não é a mesma compreendida no século XXI, na mesma medida, que a compreensão da homossexualidade como uma inversão sexual não orna com os atuais estudos sobre a população LGBTQIA+. Explico:

Hoje compreendemos que a bissexualidade além de expressar um tipo de orientação sexual, carrega traços de um discurso denominado transfóbico, pois, comumente associamos a bissexualidade como uma condição para o apaixonamento e interesse afetivo-sexual por pessoas de ambos os sexos, contudo, essas pessoas, em geral, são associadas à identidade de gênero cisgênera, excluindo assim, a possibilidade de relações afetivas e sexuais com pessoas transgêneras. Para isto, os movimentos sociais, em especial os movimentos LGBTQIA +, utilizam os termos identidade de gênero fluida e/ou pansexualidade, e assim, abarcar as N possibilidades de relações afetivo-sexual com as N possibilidades de identidades de gênero e expressões de gênero.

Faço este recorte, pois interpreto a bissexualidade constituinte expressada por Freud como um reconhecimento e validação da complexidade e da fluidez da sexualidade humana. Justamente por isso, reconheço como importante o retorno à Freud, e munido das novas informações que ele não teve acesso, mas possibilitou a abertura, traduzir, quantas vezes forem necessárias, para a realidade e tecnologias da nossa época. Freud, comumente é convocado para ser combatido, mas, nem tudo na sua teoria envelheceu mal. A leitura sobre masculinidade de Freud, se mantém bastante conservada. Não é raro encontrarmos na clínica contemporânea os *Homens dos ratos* (1909) discutindo sobre moedas, vírgulas e miudezas.

Freud (1905) sustenta que a pulsão não tem objeto, apenas metas para a sua satisfação. A escolha de objetos, que vamos reconhecer como códigos eróticos, traços mnêmicos, que compõem a denominada orientação sexual é do campo das constituições narcísicas, da

consciência ou em termos lacanianos do registro do imaginário. São operantes, mas não se encerram neste ponto.

Certa vez, uma paciente após o término de um noivado, engatou num namorico com um vizinho. Meses depois, ela conta que uma colega do seu trabalho começou a flertar com ela. Ela surpresa diz com um sorriso no rosto: ... e eu gostei!

Ela pergunta: como é que flerta com uma mulher?

Eu pergunto: como você flerta?

Ela responde: eu não sei.

Eu lhe conto sobre uma passagem do livro *Aventuras de Alice no país das maravilhas*²⁹ de Lewis Carroll (1865/2009):

Alice: Você pode me ajudar?

Gato: Sim, pois não.

Alice: Para onde vai essa estrada?

Gato: Para onde você quer ir?

Alice: Eu não sei, estou perdida.

Gato: Para quem não sabe onde vai qualquer caminho serve.

Interrogada pelo seu próprio enigma, ela decide aceitar os flertes e vive um romance com essa colega de trabalho por dois anos.

Na pesquisa freudiana, a criatura com pênis tende a ser mais rígida com a fluidez da sexualidade e com as parciais de satisfação. Por se amparar, quase que exclusivamente, em uma zona sexual diretora, a angústia de castração o moverá para o recalque, sublimação ou inibição da sua feminilidade.

O psicanalista, no fim da sua tese, considera que o desenvolvimento da sexualidade feminina tem as mesmas forças libidinais que havia encontrado nos estudos sobre a sexualidade masculina. Afirma que durante um certo tempo as criaturas sem pênis tomam os mesmos caminhos e chegam aos mesmos resultados. Contudo, no desenvolvimento feminino há um processo de traslado que não é análogo às criaturas com pênis. “O traslado das ligações afetivas do objeto materno para o paterno constituiu o teor principal do desenvolvimento que leva à feminilidade.” (FREUD, 1931/2010, p.380).

Dito isso, podemos entender que o complexo de castração abre os hiatos para os ares de circulação do feminino, tanto as criaturas com pênis quanto as criaturas sem pênis. “É

²⁹ Não recorro se essa passagem está em *Aventuras de Alice no país das maravilhas* ou em *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Invariavelmente, penso que este livro ajuda a clinicar e arrisco a dizer que ele deveria ser leitura obrigatória para a formação de um analista, pois um livro que encerra com a pergunta: Quem *você* pensa que sonhou? Em 1865, tem a sua ética analítica.

sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar” (GIL & BUARQUE, 2020) e é d’isso que vamos falar na próxima se(ss)ção.

5.1.2 Conferência 33: o enigma da feminilidade

Sigmund Freud em 1933 publicou um compilado de textos sob o título *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Essa produção publicada no começo da década de 30, dialoga com a reunião de palestras proferidas entre os anos de 1915 a 1917, em Viena, na Clínica Psiquiátrica de Viena, intitulada *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Diferente das *Conferências introdutórias* de 1915-17, as *Novas Conferências Introdutórias* de 1933 não foram proferidas. Em 1932, no prefácio da obra, Freud justifica: “Nesse meio tempo a idade me havia dispensado da obrigação de evidenciar, mediante conferências, que eu pertencia – ainda que periféricamente – à universidade, e uma operação cirúrgica havia me inutilizado como orador.” (1933/2010, p.124).

Reconheço nessa passagem o encontro com um Freud vulnerável e desejoso com sua teoria. Vulnerável, dada as cirurgias no maxilar, pois não foi uma, e sim, trinta e três cirurgias no maxilar superior e no palato direito, ao longo de dezesseis anos. Foi preciso implantar uma prótese, um tipo de dentadura, para separar a boca da cavidade nasal. Desejoso, pois mesmo com a dor agonizante e angústias que sentiu nos últimos anos de sua vida e a afetação direta na sua fala, alimentação e audição, o autor da psicanálise, seguiu produzindo, em especial através do encontro com a palavra escrita, sua obra até os últimos dias de sua vida. Lacan (1959/1960), ao tensionar a relação entre ética e sublimação, aponta que a dor, o extremo do prazer, abre todas as comportas do desejo, por forçar o acesso à Coisa.

Freud, morreu em 23 de setembro de 1939, em Londres. Seis anos depois do texto que vamos trabalhar. Temos uma entrada aqui, uma das grandes críticas feita à Freud é: o que ele não conseguiu escutar das mulheres, do feminino, da feminilidade ou de suas históricas?

Torna-se impossível não associar o limite do corpo-carne com o limite do corpo-verbo. Sem a pretensão de qualificar e interpretar a complexidade da vida e obra do autor, mas sim, é um fato compartilhado que Freud não escutou determinadas nuances da complexidade da vida humana, em especial, do outro-castrado da psicanálise. Como sabemos,

entre 1905 a 1920, a sexualidade feminina, nas teses freudiana, foi fundamentada a partir da sexualidade masculina.

Maria Rita Kehl (2016) não crê que o fundador da psicanálise deva ser considerado um conformista, mas sim alguém mergulhado nas condições de produção da moral burguesa de seu tempo e, por isso, incapaz de imaginar que as mulheres e a sua época, pudessem ser alteradas “inclusive por efeito da “bomba moral” lançada pelo próprio discurso psicanalítico.” (2016, p. 192). Freud, mesmo limitado com a sua surdez literal e neurótica, a respeito da sexualidade feminina e feminilidade, ao ponto de questionarmos, na contemporaneidade, sobre a sua misoginia e afirmativas machistas, nos cabe reconhecer um ponto interessante, Freud “foi capaz de romper com o pacto de cinismo “entre cavalheiros”, em função de seu compromisso tanto médico quanto ético com suas pacientes, que implicava também uma espécie de compromisso com a verdade.” (KEHL, 2016, p.192).

Ainda no prefácio das *Novas conferências* (1933), Freud escreve: “Em nenhum outro campo de trabalho científico alguém poderia se gabar de propósitos assim tão sóbrios e modestos.” (1933/2010, p.125). O autor se refere ao hiato de quinze anos entre as duas conferências³⁰, considerando os avanços científicos, incluindo a própria psicanálise e assumindo a existência de lacunas e incertezas nas suas considerações.

Nenhum leitor de uma obra de astronomia se sentirá decepcionado nem desdenhará a ciência, se lhe forem mostrados os limites em que nosso conhecimento do universo se desfaz em névoas. Apenas com a psicologia é diferente, nela a constitucional inaptidão humana para a busca científica se revela em pela medida. Parece que da psicologia não se exige progresso no saber, mas alguma outra satisfação; todo problema não resolvido, toda incerteza confessa é transformada em recriminação a ela. Quem ama ciência da vida psíquica terá de aceitar também essas durezas. (Viena, verão de 1932. Freud)³¹.

Pessoas versadas em psicanálise sabem que o pensamento freudiano não se desenvolveu em um sentido cronológico e linear, “suas intuições e suas observações vão e vêm, associam-se a conclusões anteriores, desmontam certezas já adquiridas, voltam a se impor mais tarde etc.” (KEHL, 2016, p. 167). A autora desenha que o pensamento freudiano forma “antes uma rede, com pontos firmes e outros esgarçados, do que uma linha reta, o que me autoriza a não tomar a cronologia como critério ordenador de meu pensamento.” (2016, p.167). Na mesma medida que autoriza a autora, o autor deste escrito também se utiliza desse

³⁰ Uma conferência não anula a outra. Elas são complementares e dependentes.

³¹ (FREUD, 1933/2010, p.125-126)

argumento. Ao não assumir uma fidelidade cronológica como estratégia de produzir conhecimento, não torna o trabalho desordenado, incoerente ou enigmático no sentido “negativo” da palavra, pelo contrário, evidencia um critério de rigor sem estar capturado pela rigidez do tempo cronológico.

Na Conferência 33, *A feminilidade*, Freud diz: “Em todas as épocas os homens meditaram sobre o enigma da feminilidade” (1933/2010, p.364). Kehl, na apresentação do seu livro, *Deslocamentos do Feminino* (2016) retoma essa proposição e expande ao afirmar:

cada vez que um psicanalista, depois de Freud, sustentar que existe um ponto impossível de desvendar sobre o querer das mulheres, devemos responder como Sócrates: “Indaga-te a ti mesmo”. Só o que um homem recusa saber sobre seu desejo é capaz de produzir o mistério sobre o objeto a que ele se dirige, o desejo de uma mulher” (KEHL, 2016, p.16).

Duas provocações que sustentam o meu desejo pelo tema desta pesquisa. Como um homem, pesquisador, psicanalista (entre tantas outras posições e funções), medito sobre o enigma associado ao feminino. Reconheço que o feminino é constantemente escandido e posto como desqualificado nos modos de conhecer e nos modos de subjetivar hegemônicos. Também, reconheço que a atribuição do enigma ao denominado feminino, carrega exercício de poder, binarismo e hierarquia, ainda que atribuição venha escamoteada pelo discurso de que o feminino diz respeito à posição subjetiva, pois, o enigma poderia também ser associado ao masculino. Entendo que tanto a desqualificação quanto a atribuição do enigma ao feminino já sabemos é uma falácia – e justamente por isso, faz-se necessário o pensamento socrático face às indagações.

Reconhecer que há recusa ou que há enigmas em mim, proveniente dos conflitos entre Eros e Tanatos, possibilita a interrogação/meditação junto a mim e para além de mim. Como sabemos, o enigma é condição de subjetivação para todos os corpos falantes (PRECIADO, 2014), e nos modos de produção do conhecimento, ele convoca a proposição do paradoxo (SCOTT, 1997).

Freud (1933/2010) é contundente ao afirmar que as mulheres são o enigma. Certamente ele não estava errado em afirmar tamanho predicado. As mulheres foram um enigma para ele, naquele contexto, dentro de uma lógica de pensamento. Para tanto, a mesma crítica que Freud faz às ciências anatômicas, ao distinguir macho e fêmea com tranquilidade, avaliando apenas a anatomia, sem aprender a complexidade das constituições da masculinidade e feminilidade, encontra-se paradoxalmente no seu pensamento.

Penso que talvez a mulher “seja” um enigma, mas não só ela. Reiteramos que não temos interesse em retirar a qualificação de enigmática da mulher, o nosso interesse está em problematizar a suposta ausência de enigma no homem. A clínica já nos apontou o quão é insustentável afirmar uma pertença transparente na posição subjetiva masculina

Masculinidade e feminilidade são características que a anatomia não consegue aprender e essa distinção também não é psicológica, afirma Freud (1933/2010). Ele denominou esta tentativa de captura de “erro de superposição”, sendo inapropriado e sem acréscimo sustentar a lógica de macho, homem, ativo e fêmea, mulher, passiva. “As mulheres podem despender grande atividade em diferentes áreas, e os homens não podem conviver com seus iguais se não desenvolverem um alto grau de passiva docilidade” (FREUD, 1933/2010, p.267).

Sobre a passiva docilidade da convivência entre os homens, destacamos o comportamento do atual presidente do Brasil, que vocifera seu ideal de masculinidade heterossexual em qualquer oportunidade, sem flexão ao contexto, contudo, frente ao impeachemado Donald Trump, o excelentíssimo apresenta o alto grau de passividade dócil, sendo muitas vezes representado em charges brasileiras como um subordinado do negacionista americano.

Conforme Freud (1931) a feminilidade é um dos destinos do complexo de Édipo. Em *A Feminilidade* (1933), Freud retoma a tese acerca da preferência por metas passivas, como característica psicológica, da feminilidade. O que não deve ser confundido com passividade, pois, segundo Freud, a passividade requer uma boa dose de atividade. Metas passivas são em relação a energia libidinal e o seu caráter de atividade pulsional: “temos que nos atentar para não subestimar a influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas.” (FREUD. 1933/2012, p.268).

Freud em, *A feminilidade* (1933); *O problema econômico do masoquismo* (1924); “*Batem numa Criança*”: *Contribuição ao Conhecimento da gênese das Perversões Sexuais* (1919), localiza que as imposições sociais à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas³² (obtenção de prazer no sofrimento). Para o autor o masoquismo é a expressão da natureza feminina, mesmo em casos onde o masoquismo encontra-se em homens, estes estão localizados na posição feminina.

³² Conforme Roudinesco & Plon (1998), masoquismo é um termo que pertence essencialmente ao vocabulário da sexologia, mas foi retomado por Sigmund Freud e seus herdeiros no contexto mais “genérico de uma teoria da perversão estendida a outros atos, além das perversões sexuais. Nesse sentido, foi acoplado ao termo sadismo* para dar origem a um novo vocábulo, sadomasoquismo*, que então se impôs na terminologia psicanalítica” (1998, p.501).

No início deste texto eu tentei mostrar que a tríade masoquística, constantemente encontrada na análise de mulheres, corresponde a uma fase definida do desenvolvimento libidinal feminino e representa, por assim dizer, o último ato no drama das vicissitudes do “complexo de castração feminino”. Porém, nas doenças neuróticas, encontramos sobretudo as reações do sentimento de culpa, e, em consequência, deparamos-nos com este masoquismo feminino libidinal primário já tão entrelaçado e entrosado com o masoquismo moral, originado sob a pressão do sentimento de culpa, que perdemos a significação de qual está na original libidinal. Assim, muitos pontos obscuros em conexão com o complexo de castração feminino se tornam mais claros se reconhecemos que, mais além, atrás da ansiedade de castração, existe o desejo masoquístico reprimido, característico de uma fase infantil definida do desenvolvimento na libido feminina normal. (DEUTSCH, 1930/2015, p.149).

Helene Deutsch (1930/2015), considera que esse destino masoquista das mulheres se dá por fatores biológicos, pois, levam a menina do desejo ‘não quero ser castrada’ para o desejo ‘quero ser castrada pelo meu pai’. Desta forma, o masoquismo nas mulheres pode ser nomeado de desejo de castração. Essa mesma propensão masoquista vai dar o tom de toda a relação entre mãe-filhote(s). Deutsch afirma que essas tendências masoquistas são ramificações da relação primária masoquista da menina com a mãe. Existiria, assim, uma tríade de fantasias masoquistas: castração, violentação e parto. (ROSA & WEINMANN, 2020).

A psicologia não soluciona o enigma do feminino. “Esse esclarecimento terá que vir de outra parte e não poderá vir até que saibamos como ocorreu a diferenciação dos seres vivos em dois sexos.” (FREUD, 1933/2012, p.268). Como temos afirmado, a ideia não está em decifrar o enigma, tal qual, promete a tradição moderna. A nossa contribuição está em articular este endereçamento ao feminino e problematizar o *status quo* que financia (legítima, qualifica) essa suposição como sendo necessária e urgente.

Se para Freud a peculiaridade da psicanálise não se põe a descrever o que é uma mulher, dada a sua tarefa impossível, cabe a ela investigar o que a mulher pode vir-a-ser denotando futuro, ou seja, um insabido que corresponde a uma interrogação – *a posteriori*. Pressupor, de antemão que a mulher associada ao feminino é um enigma, colocamos em baila o próprio pensamento psicanalítico, pois, pressupor, de antemão, que o feminino é um enigma é diferente de interrogar sobre o atravessamento do enigma no feminino. A inferência essencialista engessa qualquer possibilidade de traslado da própria pergunta.

O mais interessante de observar em “A feminilidade” é um detalhe que parece refletir a ambivalência do próprio Freud diante das mulheres: se ele é capaz de sustentar, na argumentação, paradoxos [...], que contrariam todas as estereotípias sobre o gênero, ao mesmo tempo volta a recriar os estereótipos quando descreve, mais ou menos empiricamente, o que é uma mulher (ou como ela se constitui)

depois do árduo percurso edípico e suas inevitáveis decepções. (KEHL, 2016, p.174).

Freud (1933/2010) retoma as considerações da tese de 1931. Rapidamente, para recordar, sublinhamos a importância do traslado que a criatura com vagina precisa realizar (zonas erógenas e objetos de amor). A ideia de movimento nos ajuda a problematizar a porosidade do feminino, frente à castração, em relação ao engessamento do masculino. Isto que chamo de porosidade, Freud denominou como docilidade³³. Nas suas investigações, Freud estereotipa a criatura sem pênis como mais dócil, menos teimosa, expressa pouca agressividade, demanda mais carinho e dependência.

O autor reforça a ligação pré-edípica, sustentando que é a partir da relação filha/mãe que se pode compreender a mulher e sua vertente ambivalente de amor e hostilidade. Retoma o complexo de castração, a inveja do pênis e suas as marcas indeléveis sobre o desenvolvimento e formação de caráter:

Não se pode duvidar muito da importância da inveja do pênis. Tomem como um exemplo de injustiça masculina a afirmação de que a inveja e o ciúme desempenham, na vida psíquica das mulheres, um papel ainda maior que na dos homens. Não que essas características estejam ausentes nos homens ou que não tenham, nas mulheres, outra raiz senão a inveja do pênis, mas somos inclinados a atribuir a esta última influência o seu maior montante nas mulheres. (FREUD, 1933/2012, p.281).

De fato, quando estamos dialogando com a psicanálise freudiana, é importante considerar essa observação. A inveja do pênis, para Freud, não ocupa um lugar de verdade absoluta e exclusividade, contudo, ele adverte sobre a tendência a uma inclinação a diminuir a importância desta hipótese. Nos posteriores diálogos com Lacan e com alguns e algumas psicanalistas contemporâneos (as), encontraremos outras possibilidades de leitura. Porém, a premissa sobre a inveja do pênis não é excluída, na mesma medida, que não é destino único ou estigma perpétuo das mulheres, bem como, não está ausente nos homens, como discutimos no subcapítulo anterior.

Freud (1933) viabiliza essa estreita abertura quando afirma: "O elemento infantil determina a direção em todos os casos; nem sempre, mas com frequência, determina o desfecho. Quanto à inveja do pênis, favoreço decididamente a preponderância do fator

³³ Substituto, pois a docilidade remete a infantilidade ou obediência política, como problematizou Foucault no texto *Os corpos dóceis* em *Vigiar e Punir* (1975/1987). Porosidade remete a textura (nuances) de uma superfície, fazendo uma contraposição ao engessamento.

infantil” (1933/2010, p.281). Neste momento estamos dentro da complexidade da castração, sob a miragem infantil, visto que, para a criança, o recurso visual é operante dentro da perspectiva individual.

O autor é insistente em demarcar os desdobramentos e consequências do complexo de castração tanto nas criaturas com pênis quanto nas criaturas sem pênis³⁴. Não é raro escutarmos das mulheres (cis), dentro e fora dos consultórios psicanalíticos, as lembranças, fantasia ou devaneios onde desejavam ser (como os) meninos. Esta fantasia é interessante, pois não versa sobre uma desqualificação propriamente dita, uma repulsa do aparelho genital ou um desejo de transgeneridade “completa”, mas sim, de mais uma denúncia sobre a assimetria entre os gêneros reverberada pela tradição do sistema binário e hierárquico - uma perspectiva que, certamente, não era possível ser alcançada com tanta precisão no começo do século XX.

Essa porosidade que autoriza as mulheres a falarem sobre seus itinerários e derivações, sem se tomar com a mítica fálica, será nomeado por Freud como: enigma da mulher. Sua aposta é que o enigma da mulher resulte da expressão da bissexualidade constituinte na vida feminina³⁵. Ora, se ela transita por entre as possibilidades de extensão corpóreas e amorosas, a expressão da bissexualidade não surpreende. Contudo, poderíamos pensar sobre um suposto enigma das criaturas com pênis que recalca, sublima ou inibe essa travessia?

Para o pensamento psicanalítico, a força motriz da vida sexual é, exclusivamente, a libido, “que é posta a serviço tanto da função sexual masculina como da feminina.” (FREUD, 1933/2012, p.289), assim como, a vida sexual é dominada pela polaridade masculino-feminino. Cabe perguntar: que falcatrua é essa desqualifica o feminino quando o assunto é modos de conhecer e de subjetivar o homem, em especial, na masculinidade madura? Enigma ou apenas uma abstração da herança da organização psíquica do complexo de castração nas criaturas com pênis?

³⁴ Reiteramos que a não inclusão das palavras clítoris, vagina ou menina nesta frase é proposital, dado que, para o pensamento freudiano faz-se necessário reconhecer tal desejo de pênis como um desejo apuradamente feminino.

³⁵ Neste ponto, é possível ter duas rotas de leitura. A primeira, é composta pela tradição do pensamento heteronormativo, que compulsivamente mantém a heterossexualidade como centro ordenador (BUTLER, 2015). Certamente Freud adotou esse caminho, dado as referências de sua época. Essa não é uma crítica a Freud, pois como sabemos, ele contribuiu para a mudança de rota desse, até então, único caminho de leitura. O segundo caminho, adota os pressupostos da Teoria *Queer*, que não adota a centralidade da heterossexualidade como pressuposto de leitura. Caminho que iremos percorrer, pois, ela nos ajuda a suspender o enigma associado à mulher, ao mesmo tempo, que auxilia na distribuição para os demais corpos. Contudo, não estamos falando ou pretendendo pensar numa possível psicanálise *queer*, pois, em termos psicanalíticos, isso não faria o menor sentido. A teoria *queer* é uma lente de leitura para o diálogo no século XXI.

As pistas para problematizar essas interrogações repousa no texto *O fetichismo* (1927/2014). Freud discute esse tema em várias obras (1905, 1907, 1910, 1914). Segundo Roudinesco e Plon (1998), foi com a introdução do termo “renegação”, em 1923, que o autor construiu uma teoria que o levaria, em seu artigo de 1927, onde ele afirma, o inquietante seria conservado (subjektivamente) como fetiche (1927/2014)

Se eu afirmar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, certamente causarei decepção. Apresso-me então a acrescentar que não é o substituto de um pênis qualquer, mas de um especial, bem determinado, que nos primeiros anos de infância tem grande importância, porém é perdido depois. Isto é: normalmente seria abandonado, mas o fetiche se destina exatamente em preservá-lo. Colocando isso de maneira mais clara, o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e o qual - sabemos por quê - não deseja renunciar (FREUD, 1927/2010, p.304).

A recusa da percepção da ausência do pênis na mulher com um reconhecimento da falta, leva a uma clivagem permanente do eu e à fabricação do fetiche como substituto do órgão faltante. “Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas este pênis já não é o mesmo de antes. Outra coisa ocupou seu lugar, foi como que nomeado seu substituto e veio a herdar o interesse que antes se dirigia a ele. (FREUD, 1927/2010, p 305-306). Seria o enigma, endereçado a mulher, uma nomeação substituta? O interesse do homem em meditar sobre o enigma da mulher, não seria um efeito desta herança, de preservar o ideal de mãe “completa”? Associar o enigma, exclusivamente, ao feminino, não seria um fetiche da tradição hegemônica?

Freud (1914) não considera o fetichismo uma característica feminina e atribui o fetiche pelas compras como algo da ordem do narcisismo. Desta forma, assim como, o masoquismo é uma expressão da natureza feminina, o fetichismo é da natureza do masculino.

Freud (1933/2010) imputa à feminilidade um alto grau de narcisismo e afirma a partir das observações analíticas certa dificuldade em distinguir o que é atribuição da função sexual ou à disciplina social. Opto por transcrever as palavras de Freud, pois ao resumir em minhas palavras corremos o risco de perde a originalidade e a dimensão do pensamento freudiano, em especial ao que se refere a virilidade feminina ou a compensação fálica da mulher:

Assim, imputamos à feminilidade um alto grau de narcisismo, que também afeta a escolha de objeto, de modo que ser amada constitui, para a mulher, uma necessidade mais forte do que amar. Na vaidade física da mulher também está implicada a inveja do pênis, pois ela deve apreciar mais ainda seus encantos, como tardia compensação pela inferioridade sexual original. No pudor, tido como atributo feminino por excelência, mas que é muito mais convencional do que se pensa, nós vemos a intenção original de cobrir o defeito dos genitais. Não ignoramos que depois ele

assumiu outras funções. Acredita-se que as mulheres pouco contribuíram para as invenções e descobertas da civilização, mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a de tecer e trançar. Se assim for, somos tentados a adivinhar o motivo inconsciente dessa realização. A própria natureza teria fornecido o modelo para essa imitação, fazendo crescer, na maturidade sexual, os pelos que cobrem os genitais. O passo que ainda restava era manter os fios ligados entre si, já que no corpo eles se prendiam à pele e apenas se emaranhavam. Se vocês rejeitarem isso como algo fantástico e acharem que a influência da falta do pênis na configuração da feminilidade não passa de uma minha ideia fixa, naturalmente não terei como me defender. (FREUD, 1933/2010, p. 289/290)

Obviamente se pensarmos com a cabeça do século XXI, considerando os avanços dos estudos feministas, as questões das matrizes identitárias, entre outros pensamentos, encontraremos farpas nestas linhas. A farpa que mais (me) espeta, também, é onde mais encontro beleza – estilo flor de cactos – dada a possibilidade de reinvenção, de reposicionamento da própria teoria. Parece-me que quando Freud diz, as mulheres pouco contribuíram para as invenções e descobertas da civilização, está claro que sua posição está de acordo com o seu tempo.

Segundo Iaconelli (2018), alguns anos se passaram até que as mulheres pudessem falar no lugar de psicanalistas e não no lugar de “históricas”. Em seu artigo *Mulheres faladas* (2018), a autora elenca nomes, história e conquistas de psicanalistas mulheres que fazem parte da história da psicanálise, tais como: Sabina Spielrein e Margarete Hilferding. Porém, foram fortemente eclipsadas por sua condição de gênero e raça.

A autora interroga:

Se o feminismo, enquanto movimento social, não tivesse ocupado o lugar que ocupou ao longo do último século e, mais recentemente, com o rastilho de pólvora que o mundo virtual incendeia, ouviriam os psicanalistas a voz das mulheres psicanalistas? (IACONELLI, 2018, p.46).

Na contemporaneidade, este debate ocupa outra dimensão e estamos assegurados que a suposta ausência de contribuição diz mais sobre o apagamento (inclusive de registros históricos-científicos) do que ausência de ajuda.

Ilustro um caso, certa vez, acompanhava um paciente de 50 anos, engenheiro civil, casado com mulher, apaixonado por gastronomia. A decisão por cursar engenharia foi feita na sua juventude. Como seu pai exercia essa mesma profissão, ele imaginava que haveria uma espécie de atalho para se posicionar no mercado de trabalho – o que realmente aconteceu. Sua paixão pela gastronomia, também se deu na juventude e fez dela uma distração. Nunca fez cursos, especialização, nada formal. O amadorismo tinha seu charme e o artesanal tinha seu

lugar. Quando questiono sobre essa paixão: de onde veio? Ele responde rapidamente: Sempre tive!

O que esse paciente não calculava na sua fala, e esse foi o ato da intervenção, era a forte tradição de mulheres cozinheiras e artesãs da sua família materna e paterna; todas amadoras, como ele. Quando falo sobre o amadorismo, não busco deslegitimar as transmissões fora do contexto formal, pelo contrário, transmissões amadoras são entusiásticas, curiosas, afetivas. São patrimônios culturais imateriais de uma família ou comunidade cultural.

O paciente sabia dizer, de cabo a rabo, a história sobre a sua formação formal, geradora de dinheiro e mantenedora de herança. Já as transmissões da cozinha narrada pelas mulheres de ambos os lados da família, eram eclipsadas, ocupando o lugar de “não-saber”, não contribuição. Ele, ao estilo *self-made-man*, contava a sua história a partir dele mesmo, sem vínculo com a tradição informal e transmissão do feminino. Ou seja, não foram elas que não contribuíram, foi ele que não contabilizou as contribuições que o temperava.

Penso que há uma quebra de *glamour* nas relações com a cozinha e com o cozinhar. O homem que cozinha vira *chef*, com ou sem diploma. Basta ter disposição e uma suposta desconstrução sobre “a cozinha também é lugar de homem”. Inclusive é recente, no universo dos brinquedos, encontrar cozinhas “para meninos”, jogo de panelas “para meninos” – basicamente a indústria dos brinquedos parou de pigmentar o plástico de rosa e enfeitá-los com flores – esse pouco feito marqueteiro, abriu um nicho de mercado, onde os meninos podem brincar de cozinhar.

A mulher que cozinha é cozinheira. Para garantir o título de *chef*, ela precisa de diplomas (ou algo semelhante) em gastronomia. Caso contrário, eterna cozinheira. Curiosamente, a cozinheira é a chefe – com escrita brasileira – da cozinha, pois é ela quem contabiliza a economia doméstica, o balanço dos insumos, a construção do cardápio, a manutenção e armazenamento dos ingredientes e condimentos, sem esquecer da limpeza das panelas. Suponho que é no ato de limpar as panelas, limpar os restos do deleite da gula, ficar com a cara no (de) tacho, retira, em absoluto, o *glamour* da cozinheira, como se o encontro com a pia fosse algo de menos valia, trabalho braçal – e de fato; lavar louça não tem requinte, é trabalho um tanto quanto inadiável, despense tempo, não é remunerado, exceto em restaurantes onde há um cargo específico para isso. Porém, o lugar sem *glamour* da cozinheira, da merendeira, não cabe flexão para mais um “ajudante”.

Martha Medeiros (2005) na crônica *Melhor terapia*, satiriza o encontro com a pia com o trabalho terapêutico, para além do processo demarcado pela linearidade: começo, meio e

fim. Ela escreve que quando está com a cabeça emaranhada de pensamentos inúteis, encardida mentalmente, “pego a esponja e detergente e começo a lavar todos os copos e pratos empilhados na bancada da cozinha, e de repente é como se eu desaguasse ralo abaixo todas as minhas dúvidas e inquietações.” (2005, p.191). Sem pretensões de colocar em debate a potência terapêutica e o ideal de que terapia só é possível dentro de um consultório com algum profissional, Medeiros (2005), traz para cena a potencialidade da distração. Para Freud (1930) a distração é um dos modos de lidar com o mal-estar na cultura:

para quem quer apenas um tempo para poder pensar quieta sem ouvir barulhos da tevê e sem ter ninguém em volta fazendo solicitações, a pia é o divã perfeito. Você já estará ocupada o suficiente, todos da casa serão compreensivos e a deixarão em paz. E ainda agradecem a mãe e a mulher prestativa que você é. (MEDEIROS, 2005, p 192)

Não causa espanto que o caminho da cozinha retoma a representação da mulher atrelada à maternidade e ao casamento. Um ato banal de higiene, atualiza a “essência natural” da mulher e o ideal de feminilidade. Somado a isso, a representação da cozinheira carrega traços da cultura brasileira escravocrata, diferente do ideal caldo cultural do *chef de cuisine* francês. A cozinheira e a cozinha brasileira, traz um saber lido como sem valor, sem conhecimento técnico, científico, sem necessidade de transmissão e reconhecimento.

É deste lugar, suposto feminino, enigmático e paradoxal para a ciência moderna ocidental que o paciente recalca partes da própria história, da sua família e da sua nacionalidade. A invisibilidade é tanta que não gera sofrimento aparente, mas o inquieta, sem saber qual o motivo. A transmissão de um saber supostamente desqualificado está tão escamoteado que nem entra no cálculo que o soma. É apenas comida, detalhes, afetos e isso não vale no currículo do ser.

Freud (1933) endereça ao feminino o lugar técnico do tecer e do trançar. Trabalho de técnica manual que puxa fio a fio no encontro com o tempo. Penso que este lugar atribuído ao feminino, por Freud, é bastante familiar para um (a) analista. A cada fio de associação livre, fiapo de sonhos, no encontro com o tempo flutuante, o (a) analista tece e traça as histórias escutadas, sem recalcar o detalhe do feminino no tempo, no espaço e na ação.

Os fios para tecer e trançar, associados ao trabalho contributivo das mulheres, retoma o ponto do fio mitológico das Moiras. Um detalhe: Freud tinha um apreço pela mitologia, antiguidades e arqueologia. Ao ponto de comparar o ofício de psicanalista ao trabalho do arqueólogo – que escava em uma localidade destruída e enterrada ou de uma edificação

antiga. (FREUD, 1937/2018). As Moiras, eram três divindades da mitologia grega, que personificavam a condução do destino das pessoas e dos deuses, tecendo o fio da vida de todos, do nascimento até a morte, pelo controle da Roda da Fortuna.

Freud passa por elas em, *O tema da escolha do cofrinho* (1913), no qual, a partir de um conto folclórico estoniano, *Kalevipoeg*, e suas derivações (O Mercador de Veneza de Shakespeare, Cinderela e do mito de Psiquê de Alpuccio), elabora a questão da escolha frente a três cofrinhos. O autor associa à triangulação edípica e aponta que as escolhas não estão baseadas no par binário, mas sim, na inclusão de um terceiro, comumente excluído pela razão.

Nas literaturas citadas, a jornada do herói, comumente, está atravessada pela escolha de três opções. Freud interpreta, dentro da técnica da teoria dos sonhos, que os três cofres, no qual os heróis são convocados a escolher como parte da jornada, estão simbolizando três mulheres. “Se temos a ousadia de prosseguir dessa forma, encetamos um caminho que inicialmente nos conduz ao imprevisto e ao incompreensível, mas que, por alguns rodeios, talvez nos leve a um fim. (FREUD, 1913/2010, p. 305-306). A concepção de remeter a mulher como um receptáculo que acolhe a vida, a sexualidade e a morte, remonta o pressuposto dual de vazio ou cheio, castrada ou fállica.

Diana Lichtenstein Corso (2015), em entrevista ao canal do Youtube, *Você é feminista e não sabe*, nos lembra que as descobertas da anatomia feminina são muito recentes e contextualiza que o papel do esperma e do óvulo enquanto aquilo que gera vida, possibilitou a retirada do corpo da mulher do campo do contêiner, do receptáculo (onde o homem deposita a suas ideias), mas, adverte que essa retirada acontece “apenas” no conhecimento da anatomia, pois, animicamente a mulher segue mantida como aquela que contém e não como aquela que faz.

Retomando o ponto freudiano. A alusão de destinar o tecer e o trançar acena para a invenção das técnicas de esconder a própria falta, um ato compensatório, uma produção fállica, dada a impressão infantil da ausência de um detalhe no corpo. Segundo Kehl (2016), a ausência do pênis na menina não resulta imediatamente na completa disposição fállica, e sublinha:

o próprio Freud reconheceu que uma das dimensões da feminilidade é esta: produzir falicidade por meio dos efeitos fascinatórios da beleza e da sedução. No entanto, a dimensão imaginária do *eu*, na mulher, fica marcada pela impressão infantil da ausência de um detalhe no corpo. (2016, p.159 - grifo da autora).

Mantendo o exercício de desacorçoar a rápida associação entre mulher e feminino, destacamos a produção de falicidade, via vaidade, para compensar a inferioridade sexual original e afirmar que na atualidade está cada vez mais difícil associar estes efeitos fascinatórios da beleza e da sedução unicamente pela via da mulher.

A psicanalista, Lúcia Alves Mees (2004), analisa a masculinidade contemporânea a partir da figura do homem metrossexual. Um conceito que balançou as certezas sobre a masculinidade nos meados dos anos noventa. Conforme a autora, o termo metrossexual foi criado pelo escritor britânico, Mark Simpson, em 1994, para designar os homens das metrópoles, inseridos nos discursos da moda, arte, arquitetura, entre outros, que rompiam com o estereótipo tradicional de masculinidade. Mees (2004) assinala que para o metrossexual a questão sexual não tem mais relevância, pois o que importa é o estilo.

Hoje, graças aos avanços dos movimentos LGBTQIA +, essa expressão é pouco escutada, pois se entende como sem necessidade da criação de outro termo para especificar, desviar ou camuflar as derivações do protegido masculino. No início dos anos 80', Ney Matogrosso, herdeiro do grupo *Dzi Croquettes*, cantava em Homem com H: “Nunca vi rastro de cobra. Nem couro de lobisomem. Se correr o bicho pega. Se ficar o bicho come. Porque eu sou *home* [...]. Menino eu sou *é home* e como sou”. (MATOGROSSO, 1981).

Esse “estilo de vida” assumido por alguns homens (cis) das metrópoles, no fim da década de 90 e início dos anos 2000, sustentava o disfarce do atravessamento do próprio feminino, sob a égide do consumo, da posse de mercadorias e serviços que prometem cobrir, tamponar ou decifrar o enigma infantil da ausência de um detalhe no corpo, só que agora, também, nos sujeitos supostamente transparentes.

Na esteira, seguimos na cultura LGBTQIA +, em especial a cultura pop gay, para seguir despistando o significante mulher e colocar em cena o feminino (nas mulheres e nos homens) e sua relação com a produção da falicidade via beleza e sedução. Há dois cenários que parecem díspares, porém, não são. *Keeping Up with the Kardashians* é um *reality show* americano que basicamente mostra o cotidiano da protagonista Kim Kardashian e da sua família, em especial da sua mãe e irmãs. As Kardashians são famosas por nada e isto basta para o entretenimento atual. Elas levaram o conceito “famosas por serem famosas” para outro nível. A beleza é estonteante. O *shape*, o rosto, os cabelos são milimetricamente desenhados, contornados com pigmentação e adornos. Suas sobrancelhas arqueadas faturam bilhões em um clique. Para encontrá-las, não é preciso ir até Calabasas no estado da Califórnia ou segui-las nas redes sociais. O seu carimbo está estampado nas capas de revistas, nas novelas brasileiras, na linha do tempo do *Instagram* ou no rosto de algum amigo ou amiga. São

mulheres fálicas na sociedade do espetáculo, onde a fama, *status* e influência são sinônimos de reconhecimento social e cidadania.

No segundo cenário, encontramos as *drag queens* e as travestis. Corso (2014) em sua crônica *Mentiras Sinceras me Interessam*, diz que o melhor filme sobre mulheres e seus segredos é *Priscilla, a rainha do deserto*, de 1994, do diretor Stephan Elliott, no qual, as personagens principais são três *drag queens*, sendo uma delas, uma mulher trans: “ninguém sabe melhor do que essas abnegadas cultuadoras da condição feminina que não se nasce mulher, torna-se” (2014, p.47). A autora inclui que quando a feminilidade ocorre no corpo de uma criatura com vagina, existem peculiaridades que marcam este corpo: “sentimentos associados à fertilidade, à remissão desta, à maternidade e os motins dos hormônios.” (2014, p.47). Porém, para além destas peculiaridades, “podemos dizer que toda mulher, como as personagens do filme, precisa a cada dia “montar-se”, como dizem as travestis, para se sentir feminina.” (2014, p.47).

Corso (2014), aponta que o impasse se encontra no estranho soar dos elogios. “como se aquele que nos aprecia estivesse caindo numa pequena ou grande cilada, num truque de ilusionismo produzido pelos nossos ardis. Sentimo-nos enganadores como se fôssemos bons mágicos ou aqueles jogadores que blefam e ganham.” (2014, p.48). Somos a contradição entre mentiras sinceras e verdades construídas. Quer maior blefe do que esse: o pênis é garantia para o não-enigma?

Freud (1933/2010) assume que suas contribuições sobre a feminilidade são incompletas, restritas e nem sempre amigáveis. O primeiro ponto nada amigável na contemporaneidade são os destinos outorgados às mulheres, casamento e a maternidade, como realizações possíveis para sanar a ânsia pelo pênis. Ou seja, o desejo de pênis como um desejo apuradamente feminino.

Segundo Kehl (2016), maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher. “a partir do qual nada mais era esperado dela, nem no campo erótico, nem no sublime” (KEHL, 2016, p. 175). Penso que a mulher burguesa do fim do século XIX e início do século XX, após cruzar a linha de chegada, ficavam em um eterno confinamento, tal qual, experienciamos na pandemia. Assim como elas, vivemos um protocolo de isolamento que as impedia a circulação na esfera pública. A diferença é que nós vivemos dias, mas elas ficaram confinadas por anos ou a vida inteira.

Quando estamos em confinamento, o tempo cronológico, passa como conta-gotas, e para não sucumbir ao tédio, ao aborrecimento, ao descontentamento, tentamos criar recursos para despistar nós, de nós mesmos, porém, isso não é simples. Precisa de calma inteira para

suportar a visita da neurastenia em nossa casa. No *lockdown* pandêmico, voltamos a atenção aos detalhes e cuidados da casa, da alimentação, da pele, etc, mas haviam outros recursos externos fazendo contorno: trabalho, internet, mídias sociais.

Para nós que tivemos o privilégio de conservar a vida, o confinamento faz marca de interrupção, e não necessariamente de destino alcançado. Ainda temos esperança que um dia voltaremos às ruas, ao contrário da mulher burguesa, de Freud, que quando esposa e mãe de alguém, tinham seus destinos selados. Contudo, algumas mulheres letradas começaram a escrever e publicar suas “confissões, memórias e diários, constituindo assim um campo identificatórios entre mulheres: escritoras e leitoras, escritoras e escritoras, leitoras e leitoras” (KEHL, 2000, online).

A psicanálise contribuiu na criação desta rede de depoimentos e testemunhos que produziram, há cem anos, os significantes de uma "identidade feminina", diferentes dos ideais de feminilidade produzidos pelos discursos de autoridade, da autoria de homens (médicos, filósofos, teólogos e moralistas da época), com os quais as mulheres tinham que se identificar para se tornarem mulheres "de verdade". A passagem de objeto a sujeito do discurso deve muito à técnica da falação inaugurada com a psicanálise (KEHL, 2000, online).

O segundo ponto não amigável de Freud sobre as mulheres, é a afirmativa que os interesses sociais e a capacidade de sublimação são mais fracos e menores do que a dos homens. As mulheres letradas, citadas acima, nos mostram o quão foi antecipada essa interpretação freudiana. Kehl (2016), em *O deslocamento do feminino*, escreve em nota de rodapé uma possibilidade de interpretação que suspende o ponto binário e hierárquico do pensamento freudiano.

Abordei a relação entre a especificidade na formação do supereu nas mulheres e seu suposto menor senso ético no artigo “A mulher e a lei” [...]. A respeito da relação entre supereu e ética, ver também Ricardo Goldenberg, *Ensaio sobre a moral em Freud* (1994), em que o autor retoma o conceito freudiano de supereu sádico, motivador do masoquismo no *eu*, que produz antes nos “delinquentes por sentimento de culpa” do que o sujeito moral. Assim, podemos pensar que um supereu menos rígido não implica necessariamente a falta de ética no sujeito; ao contrário, pode ser a condição para a formação de um sentido moral menos rígido, menos movido pelo sadismo inconsciente de algumas formações somáticas na neurose. (KEHL, 2016, p.165).

Há de convir que numa sociedade marcada pela cultura do curto prazo, do imediato, da certeza única e última, que elimine qualquer vestígio de dúvida, inquietação, paradoxos,

enigma; “ter um sádico” menos poderoso no poder da governança da nossa morada, me soa possibilitador e bastante útil para sobreviver aos imperativos da lei moral. Como já nos apontou Lacan, a lei moral é uma falácia, que só está talhada na concretude da pedra, pois falha na garantia da transmissão da Lei.

Se tomarmos o supereu da criatura com pênis como modelo de medição ideal, não podemos esquecer da ameaça impressa na subjetividade pelo complexo de castração. Sabemos que uma pessoa ameaçada, quer garantias, mesmo que lhe custe a obturação da vida, como um pedido de basta frente a oscilação vertiginosa de estar vivo.

Eu queria querer-te amar o amor. Construir-nos dulcíssima prisão. Encontrar a mais justa adequação. Tudo métrica e rima e nunca dor, mas a vida é real e de viés. E vê só que cilada o amor me armou. Eu te quero (e não queres) como sou. Não te quero (e não queres) como és (VELOSO, 1984).

Para dar sequência, recorreremos às mulheres letradas que apostaram na escrita e na leitura, como um modo de subverter o confinamento imposto e sua monotonia. Escolhemos a escritora britânica Virginia Woolf e o seu escrito *Profissões para mulheres* de 1931, com o intuito de localizar e articular as proposições freudianas a respeito da sexualidade feminina e da feminilidade.

5.1.3 Virginia Woolf “disse que ela própria iria comprar as flores”

Virginia Woolf escreveu *Profissões para mulheres* em 1931. O texto foi apresentado para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, em janeiro daquele ano. A data (e obviamente o conteúdo) foi o fio condutor desta associação entre os textos. O texto de Woolf, publicado postumamente em, *A morte da mariposa* (1942), é anterior aos textos freudianos que trabalhamos (Sobre a sexualidade feminina de 1931 e Feminilidade de 1933).

Transcrevo o início do texto pelo seu caráter histórico, provocativo e como modo de publicar as palavras da autora sem a necessidade de explicá-las:

Quando a secretária de vocês me convidou para vir aqui, ela me disse que esta Sociedade atende à colocação profissional das mulheres e sugeriu que eu falasse um pouco sobre minhas experiências profissionais. Sou mulher, é verdade; tenho emprego, é verdade; mas que experiências profissionais tive eu? Difícil dizer. Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência

oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muito anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot –; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando os meus passos. Então quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não retirava nada do orçamento familiar. Dezesseis pences bastam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões. (WOOLF, 1931/2012, p. 09/10).

A provocação da autora segue na desarticulação e no não reconhecimento laboral da escrita em relação às profissões que ela entende trabalhosas. Ela explica que o seu trabalho foi mover a caneta da esquerda para a direita durante umas quatro horas, colocar os seus escritos dentro de um envelope, selar e pôr na caixa do correio: “Foi assim que virei jornalista; e meu trabalho foi recompensado no primeiro dia do mês seguinte.” (1931/2012, p.10). Chamamos de provocação, pois sabemos que Virginia Woolf não estava deslegitimando a sua escrita, o jornalismo ou ela mesma. Pelo contrário, Woolf, provoca o convite recebido pela Sociedade, pois reconhece as dificuldades da vida de uma mulher profissional, “devo admitir que, em vez de gastar aquele dinheiro com pão e manteiga, aluguel, meias e sapatos ou com a conta do açougueiro, saí e comprei um gato.” (1931/2012, p.11). Woolf articula que para além das dificuldades e lutas trabalhistas, há algo que toda mulher (sim, ousa generalizar) combaterá ao sair de casa rumo ao trabalho remunerado: (fantasma do) *O Anjo do Lar*³⁶.

Woolf diz que o seu fantasma era uma mulher e a chamava pelo nome da personagem principal do poema. Diz que o anjo costumava aparecer entre ela (Virginia) e o papel, enquanto escrevia suas resenhas, “Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher.” (1931/1912, p.12).

Eu, enquanto autor desta dissertação, partilho que também sou atormentado pelo anjo do lar. No meu caso, o nomeei de: *O Anjo do Lar da Virginia Woolf*. Ou seja, um *apud* a referência da referência e não é por acaso. Entendo que o fantasma do anjo do lar não se assemelha com a procrastinação, pois, não é uma evitação em moldes de estafa.

O anjo do lar ataca pela via do impedimento, impossibilitando a calma necessária para a produção da escrita, da leitura e do exercício do pensamento livre. Ironizo, que além de ser psicanalista e pesquisador, eu também sou “do lar”. Divido a casa com um cachorro, o Zigmund (vulgo, Ziggy) de 13 anos, idoso, doente renal crônico. Com a pandemia o *home*

³⁶ Referência ao poema do poeta inglês, Coventry Patmore, no qual, narra sobre o amor conjugal e a idealização do papel doméstico das mulheres

office ficou intensificado. Antes da pandemia, já adotava a responsabilidade integral da casa (limpeza, mercado, pequenas manutenções, decoração e contas), há anos que não terceirizo a limpeza e organização da casa, pois entendo que há um caráter político em assumir a posição de “do lar”. Tanto por ser um cidadão privilegiado dentro de uma sociedade falocêntrica, assumir a responsabilidade e o lugar do doméstico me coloca frente a frente ao anjo que Virginia Woolf expõem. Quanto ocupar o lugar de psicanalista e pesquisador, que comumente escuta mulheres, cisgêneras, heterossexuais, brancas, adultas, urbanas com ou sem filhos e filhas; entendo como necessário esse laboratório, pois reconheço que mesmo com os avanços sociais e políticos frente aos direitos das mulheres e as pautas feministas, ainda não rompemos com o destino do quadro doméstico que cerceia as mulheres. Obviamente que não estou comparando a minha relação com o doméstico, já que é uma escolha, porém, é possível manter a reflexão. Se o fantasma do anjo do lar me ronda, com qual intensidade ele/ela aterroriza as mulheres?

Virginia Woolf resume o seu Anjo do Lar:

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda casa tinha seu Anjo. (1931/2012, p. 12).

A autora nos conta que seu encontro com o anjo foi uma topada, não no sentido de concordar com os pedidos de ser afável, lisonjeira, meiga e controlar a sua opinião frente às resenhas críticas sobre livros escritos por homens, mas sim, um esbarrão – uma topada em algo imóvel, antigo e rígido.

Enquanto a autora escrevia suas resenhas, o anjo do lar sussurrava: uma mulher não pode tratar de forma verdadeira a sua opinião sobre as relações humanas, moral e sexo. Woolf ironiza, como é possível escrever uma resenha, ou qualquer outra produção escrita, sem esboçar alguma opinião?

Fui pra cima dela e agarrei-a pela garganta. Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração da minha escrita. Pois, na hora que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria [...] quando eu achava que já tinha acabado com ela, sempre reaparecia sorradeira. No fim consegui, e me orgulho, mas a luta foi dura; levou muito tempo (1931/2007, p13)

Woolf, diz que matar o fantasma do anjo do lar é mais complexo e difícil do que colocar fim na realidade. Para além do destino da autora, que tirou a própria vida (e não cabe estigmatizá-la sobre isto, da mesma forma, não cabe uma interpretação psicológica da autora), Virginia Woolf, direciona como inevitável a morte do Anjo do Lar, pois esse assassinato em legítima defesa, lhe possibilitou estar livre escrever, livre para ser ela mesma. “Ah, mas o que é “ela mesma”? Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões às capacidades humanas.” (1931/2007, p. 14).

A autora sustenta que o trabalho de quem escreve está associado ao estado de letargia constante – ou em termos psicanalítico, em atenção flutuante. “Acho que não estou revelando nenhum segredo profissional ao dizer que o maior desejo de um romancista é ser o mais inconsciente possível” (1931/2007, p.15). Woolf desconfia que este estado letárgico é o mesmo estado para homens e mulheres, contudo, e essa é uma das nossas apostas de ter recorrido a este diálogo com a escritora, afirma que ser conduzida pela associação de seus pensamentos, as mulheres, comumente, esbarram em algo duro, que as retiram do lugar de transe que haviam entrado. Este algo duro, é a razão nos seus pensamentos sobre o corpo, sobre as paixões e como mulher são impróprios de dizer ou escrever. “Foi a consciência do que diriam os homens sobre uma mulher que fala de suas paixões que a despertou do estado de inconsciência como artista. Não podia mais escrever.” (1931/2007, p.16).

Este encontro com a razão que interrompe os pensamentos íntimos ressoa com o que Freud, no seu trabalho, *O mal estar da civilização* de 1930, versa sobre os possíveis recursos paliativos frente às tarefas insolúveis da vida: a distração/diversão, a embriaguez e a sublimação. Para Freud (1930/2010) esses recursos são gratificações substitutivas, ilusões frente ao mal estar da realidade (o papel fundamental da fantasia na vida psíquica, não torna essas ilusões menos eficazes psiquicamente). Para Woolf (1931/2007), o regresso à realidade, em especial, para as romancistas mulheres, é uma pancada forte que, ao retornar da letargia, encontra-se na mais viva angústia e aflição.

Diana Corso, em seu ensaio, *Sem medo de Virginia Woolf* (2014), considera que a luta retratada pela autora inglesa, não é um retrato estranho para as mulheres ainda hoje. Para a psicanalista, o Anjo do Lar, que para Virginia Woolf é uma mulher, “equivale à imagem idealizada da mãe, aquela que todas acham que deveriam ser, a mesma que tanto os homens quanto as mulheres gostariam de ter tido.” (2014, p.248). Corso interpreta que para as

mulheres é “necessário exorcizar esse modelo para poder dizer que acham e querem até mesmo para si mesmas. Porém, não é difícil deduzir que ficar privadas dessa mãe de fantasia equivale a ficar órfãs” (2014, p.248). Obviamente que exorcizar a mãe-modelo é uma tarefa sem gênero. Homens e mulheres, ao buscar as orelhas de um analista, irão esbarrar neste ponto. Contudo, historicamente a permissão para falar do íntimo, para si mesma, é uma invenção moderna.

Foram duas das aventuras de minha vida profissional. A primeira – matar o Anjo do Lar – creio que resolvi. Ele morreu. Mas a segunda, falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Os obstáculos ainda são imensamente grandes – e muito difíceis de definir. De fora, existe coisa mais simples do que escrever livros? De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para um homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer. Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez? (1931/2012, p. 18).

Virginia Woolf encerra a sua apresentação para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres reconhecendo a intersecção entre elas, atestando as conquistas das mulheres frente a profissão, tencionando as discussões sobre as metas e finalidades das lutas das mulheres e apontando para outra tese de sua autoria, *Um Teto Todo Seu* (1929), onde a autora ensaia sua afirmativa que a mulher precisa de um espaço (e de dinheiro) todo seu para poder escrever ficções.

Vocês ganharam quartos próprios na casa que até agora era só dos homens. Podem, embora com muito trabalho e esforço, pagar o aluguel. (...) Mas essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado, precisa ser decorado, precisa ser dividido. Como vocês vão mobiliar, como vocês vão decorar? Com quem vão dividi-lo e em que termos? São perguntas, penso eu, da maior importância e interesse. Pela primeira vez na história, vocês podem fazer essas perguntas; pela primeira vez, podem decidir quais serão as respostas. (WOOLF, 1931/2012, p.19).

Trazendo esse legado da escrita de Virginia Woolf para a contemporaneidade, pinçamos o ponto onde a romancista direciona sobre o poder – poder escrever ficções num quarto com um teto todo seu. Maria Rita Kehl (2011), na crônica, *O que pode uma mulher?*³⁷,

³⁷ Publicada na coluna do jornal, O Estado de São Paulo (2007), e posteriormente no livro *18 crônicas e mais algumas* (2011)

afirma que entre a mulher e a relação com o trabalho remunerado ou fora do âmbito doméstico, há uma mediação com o poder (verbo) e o poder (substantivo). A psicanalista também recorre aos registros de Virginia Woolf para situar historicamente o início do deslocamento realizado pelas mulheres em direção ao território ocupado pelos homens.

Segundo Kehl (2011), Woolf escreveu em seu diário que, na Inglaterra da década de 20, a humanidade estava se transformando ou pelo menos 50% dela. “Ocorre que os 50% de mulheres não se moveram de seus lugares tradicionais sem abalar a suposta identidade da outra metade.” (2011, p.134). Masculino e feminino são campos escorregadios que só se definem por oposições, sempre incompletas, um ao outro. “São formações imaginárias que buscam produzir uma diferença radical e complementar onde só existem, de fato, *mínimas diferenças*. O resto é questão de estilo.” (2011, p.134 -grifo da autora). Até a segunda metade do século XIX, “o divisor de águas era claro: os homens ocupavam o espaço público, as mulheres tratavam da vida privada. Privada de quê? De visibilidade, diria Hannah Arendt. De visibilidade pública.” (2011, p.134). Para tanto, há uma imprecisão ao afirmar que nunca faltou visibilidade ao corpo feminino. Até o século XX, as mulheres estavam privadas da “*presença pública*, manifesta não em imagens, mas em palavras. A palavra feminina, reservado ao espaço doméstico, não produzia diferença da vida social.” (KEHL, 2011, p.134 – grifo da autora).

Ainda em diálogo com o texto da Virgínia Woolf, o segundo ponto pinçado, diz sobre a concepção de “todo seu”. Para Corso (2014), “Fazer-se de espaço é diferente de se sentir equiparada a um objeto qualquer que o ocupa. Um objeto preenche o vazio, onde quer que esteja lá haverá algo, equivale a uma presença, é o cheio.” (2014, p.249). Para a autora, o espaço é somente espera, é o vazio (em si). É a expectativa de conter tudo o que couber, é a consciência da ausência. “Esse tem sido o papel clássico das mulheres: esperar, conter, preservar, cultivar o que nelas semeia, proteger o que em seus braços se deposita, retomar o que delas se afasta.” (CORSO, 2014, p.249). Para a psicanalista, as mulheres aprenderam a compor, e em alguma medida, a ser esse lugar disponível, silencioso e vazio. Quando as mulheres foram incluídas na vida pública, elas levaram consigo as vivências oriundas dessa posição.

Não vem sendo fácil escutar o que as mulheres têm a depor. “Diz-se que são tagarelas e superficiais, não confie nisso. A conversa fiada é só para se distrair de si, ninar-se com a própria voz, adormecer a angústia, encarar o inevitável desamparo.” (CORSO, 2014, p.249). Dar voz a elas, no sentido de se fazer orelhas que escutam é um trabalho desafiador para

ambos os gêneros. Escutá-las é reconhecer e entrar neste lugar, é entrar em contato com essa experiência de fera ferida – em menção a música de Maria Bethânia.

Woolf (1931/2007) considera que a figura angelical que assombra o lar é um fardo que as mulheres tinham que carregar. De forma sutil, essa é nossa aposta ao dizer que esse fardo representado pela figura do anjo é relativo ao enigma posto no feminino. Uma espécie de segredo íntimo guardado em algum cofre no passado e protegido por uma longa tradição de pensamentos modernos.

Imaginado como a relação entre a mãe e o bebê, cada um constrói para si esse cenário saudosista, essa terra de ilusão onde se espera que alguém possa prover tudo para um outra que ainda é pouco mais que nada. Esse enlace aparentemente perfeito é preservado em sonhos, fantasias, e por muito tempo acreditou-se que a existência das mulheres reclusas em algum tipo de gineceu lhe garantiria a veracidade (CORSO, 2014, p.249)

Este ponto me remete a um caso clínico de uma paciente de aproximadamente 30 anos. Por conta de uma específica especialização na sua área (enfermagem), ela conseguiu uma localização profissional bastante desejada e num curto espaço de tempo. Algo que se esperava quatro anos para concluir, ela conseguiu na metade do tempo. Com as bonificações do seu trabalho, financiou um apartamento. A sua alegria, além desta conquista, era poder (substantivo) mobiliar o seu quarto da maneira que sempre quis (um teto todo seu). Até então, o mobiliário dos quartos que ocupará era improvisado, alugados ou com as mobílias do seu noivo. O noivo era um homem de 40 anos, empresário de uma cervejaria artesanal, profissão/hobbie comum na região de Blumenau. A empresa/hobbie se confundiam. Era um negócio que dava meio certo e meio errado, ou seja, não gerava despesas, porém, não gerava lucros. Os lucros da empresa cobriam as despesas geradas e isto algumas vezes eram pontos de conflito entre os dois.

Já vivendo no novo apartamento de dois quartos. A paciente dizia que o segundo quarto estava vazio e por conta disso, aumentou a carga horária de trabalho, e assim, conseguir mais grana para mobiliar o quarto vazio. Inspirado no texto da Virginia Woolf, interoguei como gostaria de ocupar/decorar aquele quarto vazio? Ela dizia estar entre um escritório ou um quarto de bebê. “Entre”, “meio”, “metade” são significantes que oscilam entre o vazio e o cheio. A condução clínica se deu na gestação da dúvida. Ou seja, se ainda não sabe como irá preencher o quarto supostamente vazio, construa a sua resposta, sem a pressão do tempo.

A angústia frente ao vazio é real, ela só é simples na teoria. Sustentar o vazio, no ponto de vista existencial, é complexo e muitas vezes insuportável. Responder a demanda da angústia, que basicamente é, responder logo e colocar um fim nisso que angustia. Construir um consultório e depois, se necessário, construir o quarto de bebê é um caminho que desliza para a tradição do modo de subjetivar e dos modos de conhecer que visa a lógica da razão. Esta lógica subentende que um quarto vazio demanda o preenchimento, e uma vez cheio, é um quarto pronto, sem vazio.

Do ponto de vista psicanalítico, a questão não está no quarto sem destino. Um quarto vazio, nunca é um quarto vazio. Ele é composto por uma rede simbólica que compõem o quarto para além do mobiliário. Ou seja, um quarto sem destinatário, não é automaticamente um quarto sem remetente e uma análise visa dialogar com o remetente do quarto.

Para preencher esse quarto vazio, há de falar sobre o quarto supostamente cheio: o quarto do casal. Mesmo com a mobília prontamente decidida, a partir do seu desejo de compor o seu quarto – que sintomaticamente era sempre chamado assim “seu quarto”, dava pistas que o vazio do quarto mobiliado estava diretamente ligado ao casal. Era sobre esse vazio no quarto, e não do quarto vazio, que precisava de espaço para falar. Um quarto literalmente feito para dormir. Vazio de encontros amorosos, paixões e sexo.

Para fechar o recorte, sublinhamos que a profissão da paciente era hospitalar e estava diretamente ligada ao centro cirúrgico. A demanda por um escritório era “desnecessária” do ponto de vista funcional. Porém, o desejo da maternidade, até o momento, estava colocado no (v)entre.

Acima, mencionei algumas palavras e as qualifiquei como significantes. A clínica psicanalítica lacaniana tem essa articulação com a linguística. O conceito de significante utilizado por Lacan é proveniente do diálogo com Ferdinand de Saussure, um linguista que preconizou uma visão estruturalista da linguagem.

6 A O ENIGMA, A LINGUAGEM E A MULHER NÃO EXISTE

Tendo em vista a problemática da anatomia como destino, bem como, recapitular que neste escrito o que está em cena é a discussão sobre o feminino, em alguma medida, do masculino, enquanto posição subjetiva sem a necessidade de agrupar essa posição ao corpo físico, genitalidade e ao gênero atribuído, recorreremos ao psicanalista Contardo Calligaris

(2008) no escrito *Ser homem ou mulher*, publicado na sua coluna do jornal Folha de São Paulo, onde o autor problematiza a proposição freudiana: *A anatomia é o destino?* Talvez, responde Calligaris, ao incluir que há lugares em que a mulher pode escolher ser homem.

Contextualizando o texto: o psicanalista sublinha que outrora a identidade de gênero dependia dos valores transmitidos. Após a década de 60, foi possível desarticular essa dependência e “tornou-se possível sentir-se homem e cuidar das crianças ou fazer bordado, e sentir-se mulher e pensar na vida profissional ou entrar no exército.” (2008, online). Contudo, Calligaris, situa que nas últimas décadas houve um refluxo onde o sentir-se homem ou mulher parece ser, antes de mais nada, um efeito da diferença biológica entre os sexos. A suposição parte da leitura que as diferenças culturais entre gêneros se tornaram menos relevantes e que se buscou outras diferenças mais endossadas. A exemplo disto, os avanços da ciência e tecnologia, mostraram que, “na constituição das identidades de gênero, hormônios, genes etc. contam mais do que as palavras e os comportamentos.” (2008, online). Nesse sentido, para a lógica discursiva que ganhou força de sustentação nas últimas décadas, pouco importa o estilo, gostos, escolhas ou as relações. O sentir-se homem e o sentir-se mulher será uma consequência bioquímica, neurológica, física dos corpos.

Paradoxalmente, essa posição, que pretende ser materialista, parece apostar na separação de corpo e mente, como se um mundo "real" de genes e hormônios existisse separado da fala e dos atos da gente (que, cá entre nós, não é menos real). Acho mais provável que haja um mundo só, em que interagem fenômenos descritos de jeitos diversos, mas que pertencem a uma única realidade, a nossa, feita de descargas hormonais, obrigações indumentárias e comportamentais, genes, xingões, chapuletadas, neurotransmissores, conselhos, amores e carícias. (CALLIGARIS, 2008, online).

Acrescenta que não devemos esquecer que a legitimação atual das explicações anatômica dos corpos é um fato cultural, uma reverberação da evolução da cultura ocidental moderna “que promove, dessa forma, sua melhor ideia: a de uma humanidade comum a todos, além das diferenças culturais.” (2008, online). De outro modo, para fundamentar a existência dos direitos humanos universais, “nada melhor do que uma definição da espécie a partir da biologia comum e não das culturas, que divergem.” (2008, online).

O autor problematiza a questão da anatomia como destino, mencionando que hoje o clima sugere que essa proposição seja uma afirmativa e não uma interrogação. Para isto, ele indica o artigo *Woman as Family Man* (numa tradução literal, Mulher como homem da família) de 2008, do correspondente canadense do New York Times, Dan Bilefsky. De forma resumida, Bilefsky escreveu sobre sua viagem pelas montanhas do norte da Albânia, onde há

restos de uma cultura tradicional, em especial, a cultura da vendeta entre famílias, “você matam um dos nossos, nós mataremos um dos seus - sendo que só podem matar e ser mortos os homens das respectivas famílias.” (CALLIGARIS, 2008, online).

Cabe perguntar o que acontece, dentro desta cultura ou numa cultura como essa, quando só restam mulheres de uma família? A construção de uma possível resposta se dá pela conjectura do psicanalista, onde supõe que ser mulher era especialmente chato. Amparado pela pesquisa fotográfica de Bilefsky, o autor revela que nesta cultura, uma mulher virgem poderia livremente decidir ser homem. Elas cortavam os cabelos, adotavam outras vestes, carregavam facas e outras armas, sentavam, rezavam entre os homens, matavam ou eram mortas nas vendetas e, quando vivas, tornava-se patriarca da família.

Segundo Calligaris (2008), Belefsky encontrou e fotografou várias mulheres-homens, na faixa dos 80 anos, virgens: “renunciaram à vida sexual e decidiram ser homens. E, de fato, sentiram-se e foram homens. Na verdade, ainda são: no pleno exercício de seu patriarcado.” (2008, online). O autor conclui, o que assombra nessa história, além da possibilidade de visualização da construção cultural de gênero, é a liberdade revelada numa sociedade tradicional. Uma vez que, é bastante comum acreditar na ideia que a liberdade é uma consequência da sociedade moderna.

Interessante o modo como o Contardo Calligaris aborda este ponto nevrálgico da discussão sobre a anatomia como destino. Até o momento, pouco tínhamos problematizado a questão anatômica frente a alta complexidade dos discursos neurológicos, bioquímicos, fisiológicos do corpo na sociedade vigente. Até o momento, problematizamos a ciência moderna, sem extrair alguns nomes específicos que a circundam, em especial, nas orelhas dos(as) analistas na clínica psicanalítica. Estávamos preocupados com a impressão da concepção freudiana face às consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos e ao esforço do projeto da concepção da psicanálise enquanto uma possível ciência moderna, na busca por uma essência que obliterasse o ser homem e o ser mulher a uma determinada marca. A pesquisa de Belefsky, apresentada por Calligaris e a liberdade de poder ocupar outro lugar de circulação subjetiva, para além da sua anatomia (ao que pese que era através da anatomia física e estética que se definia os mortos da vedeta naquela cultura) recapitula o ponto nodal da nossa sustentação. O sentir-se homem e/ou mulher, o reconhecer-se como masculino e/ou feminino, diz sobre uma posição subjetiva (e política) íntima que independe da fixação anatômica dos sexos, da transmissão cultural de gênero e demais corpos que não conjugam, necessariamente, a este modelo hegemônico de distinção.

Judith Butler (2015), esclarece que alguns modelos de produção do conhecimento e de subjetivação, ao sustentar a ideia de que o gênero é construído, adota um certo determinismo de significados do gênero, “inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável.” (2015, p.28). Para a autora, essa concepção dá a impressão de que o gênero é tão determinante e fixo quanto na formulação de que a anatomia, biologia é o destino. “Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.” (2015, p.29). Ou seja, ao retirar a biologia do escopo das significações prévias e colocar a cultura como cenário determinante, invertendo o privilégio de um em detrimento do outro, num rápido jogo de deslocamento de lugares, apenas mudamos o cenário, porém a lógica binária e hierárquica segue como referente de peso e medida – retomando o obscurantismo de partida e a evidência do duplo lado da mesma moeda, ignorando a lógica matemática básica: a ordem dos fatores não altera o produto.

Calligaris (2008), apontou no início do texto que talvez a anatomia seja destino, nos possibilitando pensar que talvez a cultura seja destino. Para tanto, há a possibilidade de pensar essa problemática a partir do jogo enigmático ou do paradoxo, onde não se supõe uma razão fixa, ordenadora. Nem anatomia, nem cultura ocupam o lugar de centralidade, mas sim, o traslado estabelecido na travessia singular, entre um e outro, aparada pelo universal. Parece ser óbvio, mas o óbvio precisa ser dito. Não há um certo ou um errado. Não há um verdadeiro e um falso.

Entendo que essas leituras podem auxiliar no trabalho de problematizar o enigma não apenas como condição que atravessa todas as pessoas, mas também como recorte analítico, como conceito de análise a ser utilizado no seu entrelaçamento com os que foram expurgados na tradição hegemônica do conhecimento ocidental. Entendo, como já apontamos nesta dissertação, que conceitos como indecível, paradoxo, contradição devir, dentre outros, são importantes e necessários para compreendermos a constituição subjetiva e a realidade. Porém, também já apontamos que esses conceitos foram expurgados ou desqualificados do conhecimento hegemônico, bem como, foram associados ao feminino. Assim, supomos que recorrer ao enigma como referência analítica também é importante para demonstrar sua contribuição ao conhecimento e a compreensão da subjetividade.

Reporto autoras como Carla Rodrigues (2012) para sustentar o tema que apresento a seguir. No caso, passo a aproximar o conceito de enigma ao conceito de indecível, conforme utilizado por autores e autoras que recorrem ao campo das leituras pós-estruturalistas. No caso, o indecível emerge como contraponto aos conceitos assentados nos pressupostos do

binário e do hierárquico que deságuam em leituras baseadas na verdade e no falso, natureza e cultura, masculino e feminino, natureza e cultura, sexo e gênero, entre outros.

Assim, cito:

Nem verdadeiros/nem falsos é uma formulação que se vale do recurso ao nem/nem, uma formulação frequente no pensamento de Derrida, autor que trabalha a partir de uma série de signos de duplo valor, com palavras que admitem um jogo de contradição e não contradição, contestando a lógica do "ou isto ou aquilo". É o que leva Mónica Cragolini a chamar o pensamento da desconstrução de "pensamento do nem/nem". (RODRIGUES, 2012, s/p.)

A formulação do nem/nem proposta pelo pensamento da desconstrução, apresentado pela filósofa Carla Rodrigues (2012), em franco diálogo com Jacques Derrida e Mónica Cragolini, nos ajuda a pensar essa problemática como um desafio político para além da dicotomia. Para tanto, por ser um desafio político, não se trata de estabelecer um novo lugar, mas de aceitar permanecer na oscilação e de não sucumbir a esta “comodidade metodológica” que novamente estabiliza, ainda que em outro lugar, o que poderia haver de oscilante na proposição “nem feminino/nem masculino.” (RODRIGUES, 2012, s/p.). Nem anatomia, nem cultura.

Nesta rota, a partir da longa tradição metodológica que supõe sexo e gênero como pares opostos, sendo o primeiro entendido como natural e o segundo como algo construído, Butler (2015) dialoga com a máxima do existencialismo beauvoiriano: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e realiza um corte disruptivo na fixação na suposta identidade “mulher”. A autora interpreta que Simone de Beauvoir pressupõe um *cogito* na formulação que assume ou se apropria desse gênero. Esclarece que não há na sua explicação algo que garanta que o “ser” em questão seja necessariamente fêmea.

Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; consequentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. (BUTLER, 2015, p.29).

De outra perspectiva, Tertuliana Lustosa (2016), afirma no primeiro *Manifesto Traveco-Terrorista*: “Não se nasce mulher, torna-se traveca.” (2016, p.12). Fazendo um contraponto a leitura de Butler, ao interpretar que a “yankee Judith Butler” (LUSTOSA, 2016, p.12) desconstrói o gênero na teoria, enquanto as travestis desconstroem o gênero na prática.

A afirmativa de Lustosa se sustenta no diálogo com Indianare Siqueira³⁸, mulher travesti conhecida por suas intervenções políticas, entre elas, a mais conhecida, por mim, aconteceu nas praias do Rio de Janeiro. Por conta de toda a problemática que cerceia a população T, o não reconhecimento da identidade de gênero nas políticas públicas e direitos humanos, nome social, patologização desta identidade e a constante permanência do Brasil no primeiro lugar do *ranking* dos países que mais matam pessoas LGBTQIA+, em especial, a população trans. Siqueira, através da intervenção do *topless* contestava, quando abordada pela polícia (dos objetivos da intervenção), o furo na “fiscalização” das identidades de gênero.

Se a sociedade, as ciências jurídicas, as políticas públicas insistiam em reconhecer Indianare como um homem (cis), não haveria motivo para abordá-la por suposto ato obsceno, pois, assim como os demais homens da praia, estava apenas sem camiseta. Caso contrário (o que geralmente acontecia), a ativista era detida pela polícia. Outro objetivo da intervenção. Ao chegar à delegacia e se necessário ao júri, Siqueira reivindicava o reconhecimento e legitimação da sua identidade trans e por consequência assumiria seus direitos e deveres.

É incontestável a potencialidade disruptiva da intervenção de Indianare Siqueira, pois certifica o quão a centralidade da razão fica desnorteada pela interpelação do enigma. Em outras palavras, Siqueira ao propor um enigma, como aquilo que escapa da generalização universal hegemônica entram em desarmonia com as próprias concepções de mundo, de sujeito e de linguagem. Demandando assim, assumir o alto grau trabalho, de manutenção do encobrimento do furo discursivo escancarado pelo enigma ou, se não, minimamente, assumindo a sua arbitrariedade.

Contudo, ao meu ver, o enigma é via de mão dupla ou mais. Parece que o manifesto traveco-terrorista, produz um equívoco de interpretação sobre a teoria de pensamento butleriano, ao mesmo tempo, um retorno ao jogo de poder dual ao presumir que a teoria e a prática estariam em oposição. Sobre o primeiro ponto, Carla Rodrigues (2012) afirma que há uma má interpretação nos estudos de Butler, pois entende-se que a filósofa estaria abrindo mão do conceito de gênero, fundador da teoria feminista, e por consequência, o abandono do feminismo, em prol do fortalecimento da teoria *queer*. Neste sentido, identificamos a prevalência à suposta identidade mulher, seja ela, cisgênera, como na afirmação de Beauvoir, seja ela transgênera, como a afirmação de Lustosa e Siqueira. No segundo ponto, o equívoco de interpretação não se restringe unicamente ao manifesto, pois não é incomum encontrar a interpretação binária hierárquica entre teoria e prática - no qual a prática ocuparia o lugar

³⁸ Ativista, prostituta, ex-candidata a vereadora do Rio de Janeiro e fundadora dos projetos PreparaeNEM, CasaNem e TransRevolução.

legítimo, efetivo e operante, enquanto a teoria, estaria relacionado ao trabalho monótono e burocrático. Inclusive, dentro da própria instituição psicanálise, encontramos essa comodidade metodológica. O trabalho de um (a) analista seria legitimado, reconhecido ou verdadeiramente efetivo dentro do consultório, conduzindo o manejo clínico, enquanto as pesquisas universitárias estariam, meramente, na produção teórica e longe do principal objetivo, sustentar a hipótese do inconsciente no sujeito.

Destacamos a insistência na busca por uma identidade que assegure o “ser” como um ser feminino, masculino, mulher, homem, cisgênero ou transgênero, em especial, ao discurso sintomático de retorno da essência da mulher, destacamos também, a presença da “comodidade metodológica” em acomodar o “ser” numa lógica pré-discursiva, na fixação de uma essência ou fundador de sentido.

Lady Gaga canta em um hino adotado pela comunidade LGBTQIA + (ou pelo menos na cultura gay) a frase: “*Baby, I was born this way*” (numa tradução livre: Meu bem, eu nasci assim). Sabemos que a expressão “eu nasci assim” foi adotada pela comunidade LGBTQIA+ como um modo de finalizar o complexo debate sobre a gênese ou justificativa da orientação sexual e identidade de gênero em contextos marcados pela “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2015). Afirmar que nasceu assim, encerra o debate de forma estratégica. Para tanto, se esquecermos que é uma estratégia que finda um assunto íntimo, pessoal e/ou político, mas, apenas lembrarmos da frase como se fosse uma espécie resumo, mordemos, mais uma vez, a tentação da essência.

Ao repararmos o desenvolvimento da fisiologia humana ou se escutarmos a charada da esfinge³⁹, notamos a presença do *a posteriori* como modo de significação. O que busco ironizar é que: “não nascemos bípedes, nos tornamos bípedes”. Se até andar sobre duas pernas à tarde é um processo *a posteriori* da constituição (para algumas pessoas); a orientação sexual, identidade de gênero e demais significações imaginárias sofrem a influência direta daquilo que é paradoxal na complexidade da vida humana. Adotar o pressuposto do *a posteriori* é, em alguma medida, suspender o imediato, é considerar que o enigma reside entre o sim e o não. “Onde queres o sim e o não, talvez. E onde vês, eu não vislumbro razão.” (VELOSO, 1984)

A psicanálise assume o pressuposto do *a posteriori*, desde Freud, para demarcar a relação com a concepção da temporalidade e da causalidade psíquica. Laplanche e Pontalis (2000) citam que há experiências, impressões, traços que são “ulteriormente remodelados em

³⁹ Quem anda com quatro pés de manhã, dois à tarde e três à noite?

função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica.” (2000, p. 33). Na clínica psicanalítica, em especial, na clínica das neuroses e mais especificamente na estrutura de neurose obsessiva, é uma estratégia de manejo a adoção irrefreada do *a posteriori*, para assim, colocar o discurso em translado ou feminilizar o discurso. De outro modo, para a psicanálise feminilizar o discurso é considerar a posição ímpar face ao discurso binário do obsessivo, pois esse, sintomaticamente engessa qualquer possibilidade de *não-saber*, endereçando ao conhecimento científico, jurídico, religioso um amparo para as suas certezas abaladas pelo enigma humano.

Seguindo o diálogo com a música pop, a *drag queen* Rupaul canta o que diz ser uma verdade: “*Who you waiting for? Another savior. Always looking but you never find. [...] Who do you think you are? [...] I'm telling the truth now. We're all born naked and the rest is drag.*”⁴⁰. Essa derivação é interessante, pois diz desse lugar não determinado, onde a garantia está na nudez do nascimento, o resto (que não é pouco ou sobra) é montagem, composição, contradição, experiências remodeladas em função de novas experiências, é estilo trançado entre anatomia e natureza, universal e singular, masculino e feminino, teoria e prática, etc.

Sabemos desde Freud, que não se nasce mulher, assim como, não se nasce homem. Ambos são construídos e ambas (ou mais) anatomias torna-se no *a posteriori*. Rupaul chamou de *drag*, não de forma estereotipada, mas sim numa composição estética e ética. A propósito, Butler reconheceu no ícone *drag* o modo de ilustrar o ato performático, a paródia e a caricatura:

A performance da drag brinca com a distinção entre anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significante: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero. (BUTLER, 2015, p. 237).

Não é necessário o uso de peruca, cílios e unhas postiças ou ser uma “mulher-homem” das montanhas do norte da Albânia para reconhecemos a:

contingência radical da relação sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio

⁴⁰ Quem você está esperando? Outro salvador. Sempre procurando, mas você nunca encontra. [...] Quem você pensa que é? [...] Eu estou dizendo a verdade agora. Todos nós nascemos nus e o resto é *drag*.

de uma *performance* que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada. (BUTLER, 2015, p. 238).

Sabemos que ainda guardamos remanescentes da leitura do sexo único, como bem declarou Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*. É importante o reconhecimento dos limites que se estabelecem nos discursos culturais hegemônicos, com base nas estruturas binárias, hierárquicas, de identidade que se apresentam como inteligível na linguagem da racionalidade universal. Segundo Butler (2015), embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um fator ou dimensão da análise, “ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural” (2015, p.31). Mesmo que o gênero possa ser compreendido como um significado assumido por um corpo marcado pela diferenciação sexual, “mesmo assim esse significado só existe *em relação* a outro significado oposto.” (2015, p.31 – grifo da autora).

Nesta rota, encontramos amparo em Jacques Lacan no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), para dar mais um passo na nossa interrogação ou parafraseando Lacan - que “explica” muito bem o processo de escrever uma dissertação ou qualquer atividade que requer alguma estratégia de construção “demos alguns passos para trás, dois por exemplo, antes de darmos três para frente, na esperança de ganhar um.” (LACAN, 1960/1998, p.110). Vamos dar mais um passo rumo a letra.

6.1 A LETRA LACANIANA: SUA CARTILHA TEM O A DE QUE COR?

Para contextualizar, o texto de maio de 1957, *A instância da letra*⁴¹, em *Escritos* (1998), reforça o exercício constante de Lacan para apontar o funcionamento do inconsciente a partir das descobertas de Freud. Dividido em três sessões, Lacan propõe um diálogo franco com Saussure e Jakobson, para aproximar o vínculo entre linguística e psicanálise e assim solidificar o funcionamento do inconsciente e sustentar a hipótese do inconsciente-linguagem.

A aposta de Lacan, neste período histórico da psicanálise, 1950, era propor uma outra leitura dos textos freudianos que versasse numa crítica ao “cientificismo” biológico de Freud, restituir ao inconsciente sua primazia, em oposição à consciência, e acrescentar ao eu uma

⁴¹ O texto é um debate de Lacan, a convite do grupo de filosofia da Federação dos Estudantes de Letras, que ocorreu no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, França, “e a discussão prosseguiu diante das taças.” (LACAN, 1957/1988, p.497).

teoria da determinação do sujeito pelo significante⁴². (ROUDINESCO & PLON, 1998). Reverberando assim ao denominado “estruturalismo” lacaniano, que “se assenta na ideia de que a verdadeira liberdade humana provém da consciência que o sujeito pode ter de não ser livre em virtude da determinação inconsciente.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 709). Desaguando na afirmação freudiana que o “*eu* não é mais senhor em sua casa.” (FREUD 1917/1996).

Lacan (1957/1998), em *O sentido da letra*, inicia se posicionando sobre o tema, “entre o escrito e a fala” (1957/1998, p.496). Essa posição, demanda o autor a distinguir o escrito para algo além da prevalência do texto, mas sim, adotando o caráter de discurso. “o que permite a concisão que, a meu ver, não deve deixar o leitor outra saída se não a entrada nele” (1957/1998, p.496). Sublinha que é preciso reavaliar a ideia de que o inconsciente é apenas a sede dos instintos e fixa que devemos tomar o sentido da letra “ao pé da letra”. Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem. (1957/1998, p.498). Demarcando assim o valor singular da letra e a instância da letra no inconsciente “lacaniano”. Desta forma, a letra assume uma posição dominante no pensamento de Lacan como elemento autônomo, dotado de valor diferencial que se articula na/à estrutura de linguagem. (SANTOS, 2010).

O psicanalista retoma a discussão sobre o drama histórico da dualidade etnográfica da natureza e cultura, constata que o termo cultura se reduziu à linguagem, como sendo "aquilo que distingue essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais." (1957/1998, p.499). Endereça essa interrogação para outro campo e assume que “De nossa parte, vamos fiar-nos apenas nas premissas que viram seu valor confirmado pelo fato de a linguagem ter efetivamente conquistado, na experiência, seu status de objeto científico.” (p. 499).

Conforme Santos (2010), Lacan trouxe importantes aspectos ao propor sua reflexão sobre a linguagem, até então pouco explorada pelas demais áreas do conhecimento. “o texto lacaniano, exemplarmente em sua parte inicial, propõe-se a uma reflexão sobre o que falta em Saussure, estudioso que deu à linguagem status de objeto científico.” (2010, p. 03).

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que funda. Esse algoritmo é o seguinte: S/s. Que se lê: significante

⁴² Conforme Koltai (2012), Lacan ofertou um novo saber sustentado por novos conceitos. Numa Europa democrática do pós-guerra e num momento onde a Psicologia do Ego reinava soberana e pretendia transformar a clínica psicanalítica numa particularidade da clínica médica com o objetivo declarado de capacitar o indivíduo a melhor se adaptar à sociedade. “Lacan, renovou a teoria e a clínica psicanalítica, antes de, por sua vez, vir a ser corroído pelo vírus da ideologização que ele foi o primeiro a denunciar (KOLTAI, 2012, online).

sobre significado, correspondendo o “sobre” a barra que separa as duas etapas. (LACAN, 1957/1998, p.500).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Ferdinand de Saussure, situou o significado acima do significante, separando-os pela barra, denominada de significação. Lacan inverteu essa posição e colocou o significado abaixo do significante, ao qual atribuiu uma função primordial, “essa distinção primordial vai muito além do debate relativo à arbitrariedade do signo, tal como foi elaborado desde a reflexão da Antiguidade” (LACAN, 1957/1998, p.500). O psicanalista deduziu que o significante está isolado do significado e insiste que é uma ilusão fadada ao fracasso sustentar a ideia de que “o significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer. (1957/1998, p.501). A busca de significados estabelecidos, da representatividade universal ou (a tentativa de) encobrir o enigma, enquanto uma demanda de produção de sentido que capture aquilo que escapa das representações, nos endereça para “o positivismo lógico à busca do sentido do sentido” (LACAN, 1957/1998, p. 501).

Representações ordenam a vida em sociedade e as relações humanas, mas essa não é a letra, a questão é que o significante não está solto ou desarticulado. Lacan, explica que a articulação do significante está, em primeiro lugar, nos fonemas: “o sistema sincrônico dos pareamentos diferencia necessários ao discernimento dos vocábulos numa dada língua.” (LACAN, 1957/1998, p.504). A segunda propriedade do significante está no “substrato topológico do qual a expressão “cadeia significante”, que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis.” (LACAN, 1957/1998, p. 505). Ou seja, o significante é articulado a outro significante produzindo uma cadeia de significantes, essa formulação retira os pressupostos da linearidade, causalidade, universalidade, identidade, onde se sustenta a ideia que o significante está a serviço do significado, “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz neste mesmo momento.” (LACAN, 1957/1998, p. 506 – grifo do autor).

Se é na cadeia do significante que o sentido insiste, estamos na seara da singularidade em articulação com o universal, onde cada um comporta o seu “colar” de significantes endereçados e recolhidos ao longo da vida, por interpelação dos enigmas da vida, sexualidade e morte. São letras, traços ou palavras simbólicas, “desprovidas de significação, mas

determinante, como função, para o discurso ou destino do sujeito.” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 709).

Irei ilustrar um fragmento de análise, mas desta vez o paciente sou eu. Tal recorte visa, para além da ilustração, apresentar o pensamento lacaniano, em especial sobre a instância da letra e sua posição dominante, articulado a psicopatologia da vida cotidiana. A propósito, Lacan tem um apreço especial para com esse trabalho, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), onde Freud relaciona os esquecimentos, os lapsos da fala, escrita e leitura, equívocos na ação (ato falho), superstições, erros, lembranças encobridoras como manifestações do inconsciente.

A cena aconteceu no ano de 2015. Nesta época, no campo universal, eu estava identificado com os dilemas vividos por Tomas, Tereza, Sabina e Franz (personagens do livro, *A insustentável leveza do ser*). Na singularidade, tanto o livro, quanto os sonhos, me interrogavam sobre as questões do olhar e suas derivações - olhar, ser olhado, ser visto, desejado, desejar.

Na infância o desenvolvimento psicosexual é marcado, principalmente, pela pulsão oral, anal e fálica. Na adolescência, a primazia transita para outros operadores que reeditam a imagem corporal. Enquanto a puberdade pode ser considerada, no plano fisiológico, como o cumprimento de um caminho linear completo, no plano psicológico, “há primeiramente uma descontinuidade, uma ruptura de desenvolvimento.” (RASSIAL, 1999, p. 23).

Jean-Jacques Rassial (1999), atribui o olhar (pulsão escópica) a “sexualidade da moça” e a voz (pulsão invocante) a “sexualidade do rapaz”. Importante lembrar que para além dessa nomenclatura *démodé*, moça e rapaz, e da ideia fixa de gênero, pois, como sabemos, não há exclusividade, no sentido anatômico e na socialização do gênero (e essa não foi a intenção do autor); lembramos que todos os corpos são interpelados, com mais ou menos intensidade, por esses operadores. Olhar e voz, desde o nascimento, contribuem na interdição do corpo-carne, editando para o que denominamos corpo-verbo. Ou seja, o corpo-verbo é articulado na linguagem e não responde exclusivamente à fisiologia do corpo e a socialização do gênero, trabalhando pela lógica paradoxal do nem/nem.

Tanto a pulsão escópica (prazer/desprazer de ver e ser visto) quanto a pulsão invocante (prazer/desprazer de falar e ser falado) são importantes para a estruturação do psiquismo, da subjetivação, das identificações e da identidade (e suas implicações no processo de inclusão e sensação de pertencimento), em especial, na adolescência.

“Para a moça, a pulsão escópica é acentuada” (RASSIAL, 1999, p. 25). Olhar e ser vista, a localiza no campo falicidade da beleza e a inclui como pertencente nos avatares da

erótica. No rapaz, a pulsão invocante, conjura com a falacidade falatória de atribuir valor aos feitos realizados ou não, ou seja, “o ato de contar vantagens.” (1999, p.26), também o localizando no campo erótico.

Reiteramos que não está em jogo os substantivos “moça e rapaz”, o autor especifica o acento nos gêneros, mas como temos sustentado, o enigma da sexualidade interpela a constituição da constituição psíquica tanto nas moças, rapazes, quanto nos demais corpos. Dito isso, a psicanálise deve se precaver de assumir atitudes conservadoras.

O olhar e a voz, em especial na adolescência, dão pistas para esse corpo que transita entre o abandono da infância e a preparação para a vida adulta. Conforme Corso & Corso (2018), a adolescência é um produto do século XX, portanto, é uma novidade que segue se desdobrando. “Essa forma de categorizar a juventude se iniciou ao redor da Primeira Guerra, mas assumiu forma massiva no Ocidente após a Segunda Guerra, seguindo em vigência e tomando contornos cada vez mais amplos” (CORSO & CORSO, 2018, p. 09). Situamos a adolescência, pois nesta fase, ocorre uma espécie de reedição dos enigmas e paradoxos que supomos ter superado na infância. A reedição da adolescência é tão evidente que a autoimagem mais duradoura é a juvenil.

Não temos uma internalização da nossa aparência infantil; sua memória provém principalmente da fotografia. Criança não é de ficar se contemplando; quando pequenos, eram os outros que pousavam seus olhos sobre nós. Com a adolescência chega o espelho, que é consultado e interrogado dia e noite, como se nele estivessem as respostas sobre o que somos e quanto valem. A construção insegura e ansiosa de uma identidade ao longo dos anos jovens é toda encenada em frente ao espelho ou qualquer similar a ele, como por exemplo, a objeção em se auto fotografar. (CORSO & CORSO, 2018, p. 11).

Chico Buarque (2007), narra precisamente a pulsão escópica agindo na erótica na música, *A história de Lylli Braun*:

Como num romance. O homem dos meus sonhos me apareceu no *dancing*. Era mais um. Só que num relance, os seus olhos me chuparam feito um *zoom*. Ele me comia com aqueles olhos de comer fotografia. Eu disse *cheese*. E de *close* em *close*. Fui perdendo a pose até sorri, feliz. (BUARQUE, 2007).

Convido a imaginar que todos(as) já fomos *Lylli Braun* de alguém. Primeiro com a função materna encarnada em alguma persona importante na nossa vida e posteriormente, em algumas derivações. Na análise, eu contava sobre as vantagens e desvantagens de ver e ser

visto, misturando as pulsões invocante, escópica, fálica, anal e oral. A separação por fases é para o esclarecimento técnico, e por consequência, para o trabalho do(a) analista e pesquisador(a); na psicopatologia da vida cotidiana, na insustentável leveza do ser, a interrogação era o duplo lado da mesma moeda: sou desejado/sei desejar?

Acrescento que é bastante comum escutar de pacientes, em especial, de homens (cis) a criação de rituais antes ou depois da sessão da análise. Como se fosse necessário criar um período pré e/ou pós de suspensão da realidade, para assim, deslizar nas interrogações pessoais e supostamente separar o que é da ordem privada daquilo que é da vida pública. Eu tinha como ritual, nesta análise e fora do contexto pandêmico, tomar um café em uma cafeteria próxima ao consultório do meu analista. Numa ocasião destas, após o café, vou até o banheiro, como já havia acontecido outras vezes e me deparo com a:

imagem de duas portas gêmeas que simbolizam, com o reservado oferecido ao homem ocidental para satisfazer suas necessidades naturais fora de casa, o imperativo que ele parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas, e que submete sua vida pública às leis da segregação unitárias. (LACAN, 1957/1998, p. 503).

Em cada porta havia as “plaquinhas esmaltadas que lhe servem de suporte” (Lacan, 1957/1998, p.503). De um lado havia a letra M e do outro a letra F, “o olhar pestanejando de um míope talvez tivesse razão em questionar se é realmente ali que convém ver o significante” (1957/1998, p.503). Eu não sou míope, tão pouco estou desarticulado ao discurso que segrega a vida pública pelas leis unitárias onde o significado está posto: M é masculino e F é feminino. Contudo, eu não li esse significado e me coloquei em questão como o míope lacaniano.

Na leitura da cena das portas dos banheiros, eu tinha conhecimento técnico para reconhecer o que era letra, distinguir que eram duas, que eram portas de banheiros e sobre a diferença entre uma e outra, ou seja, eu estava “transparente” de interrogações sobre o mundo, mas como algo sempre escapa, neste caso, foi o significado *a priori* estabelecido pela esfera pública. Na minha leitura (articulação entre as minhas cadeias de significantes atrelada ao tempo histórico-cultural) fazia “mais sentido” interpretar que a significação da letra M era relativa a Mulher e a letra F era Feminino.

A beleza deste lapso de linguagem está na possibilidade de tradução a partir da singularidade, rompendo com o idealismo científico moderno, binário e hierárquico de certo e errado, masculino e feminino, homem e mulher, significante e significado.

O que essa estrutura da cadeia de significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (LACAN, 1957/1998, p. 508)

A letra M, neste contexto, pode significar tanto “Masculino” quanto “Mulher”. A sua significação, na verdade universal compartilhada, demanda um segundo elemento de conjugação. A letra M torna-se “Masculino” na presença do seu (suposto) diferente, a letra F, assim como, M torna-se “Mulher” na presença da letra H.

Na singularidade, em articulação a minha ficção, que receberá o *status* de verdade singular, localizamos a hipótese deste trabalho. A cena revela e sustenta a não associação direta entre o significante “Mulher” e o significante “Feminino”, isto é, o significante “Mulher” não está a serviço do significante “Feminino” e vice-versa. Ao mesmo tempo, o reconhecimento de ser um homem, não extingue as possíveis identificações com a mulher, com o feminino e não necessariamente está associado ao masculino.

Interrogo, com base nas provocações da estrutura lacaniana, se não é possível aplicar o suposto distanciamento entre os M's (masculino e mulher) no distanciamento assimétrico entre mulher e feminino?

O sujeito que trabalha com a hipótese do inconsciente-linguagem não pode se fazer insensível a manifestação do inconsciente. Ignorar a interpelação do enigma singular instaurado no simples ato de ir ao banheiro é privilegiar o saber centrado na razão e ignorar ou proibir “o acesso ao que se pode chamar de universo de Freud, tal como se fala do universo de Copérnico.” (LACAN, 1957/1998, p. 520).

O universo de Freud são os sonhos, em especial, os sonhos noturnos, pois estes abrem a via régia para o inconsciente, como denominou Lacan (1957/1998). O autor retoma os sonhos e as leis que regem o inconsciente freudiano (deslocamento e condensação) para sustentar a influência da linguagem na estruturação do inconsciente, e assim, apresentar duas vertentes da incidência do significante no significado. A *Verdichtung* (metáfora) e a *Verschiebung* (metonímia).

Conforme Roudinesco e Plon (1998), foi a partir da leitura em transferência com Roman Jakobson que Lacan conseguiu estruturar a hipótese do inconsciente-linguagem ao perceber o destaque do autor russo sobre a estrutura bipolar da linguagem. Onde o ser falante, sem que se perceba, faz dois tipos de atividades: a seleção (escolha ou preferência por uma palavra a outra) e a combinação (relacionar duas palavras que formam uma continuidade). A

atividade seletiva da linguagem não é outra coisa senão o exercício de uma função metafórica, e que a atividade combinatória assemelha-se ao processo da metonímia. Segundo a autora e autor, Jakobson salientou em seus estudos que esses dois processos são encontrados no funcionamento dos sonhos descritos por Freud. “Situa o simbolismo na atividade metafórica, enquanto inclui a condensação e o deslocamento na atividade metonímica.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.711).

Lacan produzirá fórmulas matemáticas para especificar esses dois processos com o objetivo de seguir ilustrando a incidência do significante no significado e demarcando que Freud, em *A interpretação dos sonhos* (1900) e demais textos relacionados ao tema, não pretendia dar outra coisa “senão as leis do inconsciente na sua extensão mais geral.” (LACAN, 1957/1998, p. 518). O autor situa que a experiência psicanalítica é conceber que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações, demarcando assim, que o inconsciente é causa do discurso do sujeito e não deve ser confundido, na sua terminologia, com aquilo que se qualifica como psíquico.

A partir das formulações lacanianas, há o destaque para a manifestação da *barra*. A barra representa um grifo que impõe resistência na relação entre significante e significado. O sinal barra, aparecerá em todas as fórmulas matemáticas, desde o S/s (Significante, barra como significação, significado) até nas fórmulas da metonímia e da metáfora – no qual não vamos nos aprofundar –, pois o que nos interessa é o que Lacan denominou como o ponto crucial para o nosso problema. A barra deve ser pensada como um lugar provisório do sujeito e é deste lugar que a psicanálise lê o seu sujeito, como um sujeito barrado, diferenciando radicalmente do sujeito do cogito cartesiano:

“Penso, logo existo (cogito ergo sum) não é somente a fórmula em que se constitui, com o apogeu histórico de uma reflexão sobre as condições da ciência, a ligação da sua afirmação existencial do sujeito com sua transparência transcendental. (LACAN, 1957/1998, p. 519 – grifo do autor.)

Nesta esteira, Lacan propõem uma negativa da máxima cartesiana à luz da psicanálise: *“cogito ergo sum” ubi cogito, ibi sum* – “penso onde não sou, logo sou onde não penso.” (1957/1998, p. 521). Para Lacan, essas são palavras que, “para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambiguidade de jogo-de-anel escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal.” (1957/1998, p, 521). Penso onde não sou, logo sou onde não penso, relança para a cena das letras esmaltadas das portas do banheiro. Foi uma surpresa chistosa, perceber, fora da miragem do homem moderno tão seguro de ser, que: se sou homem-cisgênero e me

reconheço como tal, como a letra M tornou-se Mulher? Perceba, o enigma não está no feminino, a interpelação está, supostamente, na letra M (masculino/mulher). “O lugar que ocupo como sujeito do significante, em relação ao que ocupo como sujeito do significado, será ele concêntrico ou excêntrico? Eis a questão” (LACAN, 1957/1998, p.520).

Para o autor, “Não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo” (1957/1998, p.521). O psicanalista afirma que não há nenhum inconveniente em fazer intervir o termo pensamento, uma vez que, Freud designa por esse termo “os elementos que estão em jogo no inconsciente, isto é, nos mecanismos significantes.” (LACAN, 1957/1998, p.521). Nem por isso deixa de ser verdade que o *cogito* filosófico se mantém no cerne da miragem que “torna o homem moderno tão seguro de ser ele mesmo em suas incertezas a seu próprio respeito, até através da desconfiança que há muito aprendeu a praticar quanto às armadilhas do amor-próprio.” (LACAN, 1957/1998, p. 521). Isto nos permite afirmar que a psicanálise de Freud e Lacan se ocupa “daquele ser que só aparece no lampejo de um instante no vazio do verbo ser” (LACAN, 1957/1998, p.524). Tal afirmação sustenta a radicalidade da psicanálise frente a não adesão do pressuposto da identidade.

Lacan (1957/1998), em *A letra, o ser e o outro*, está às voltas das vulgaridades provocadas pelo *pseudofreudismo*. Freud em *Construções na Análise* (1937/2018), inicia o texto situando a opinião ofensiva e injusta produzida por um estudioso de grande mérito sobre a técnica da psicanálise. A opinião tinha como base a lógica binária do cara ou coroa. Cara eu ganho; coroa, você perde. (FREUD, 1937/2018). Segundo a crítica, quando o paciente concorda com o analista, está tudo certo; quando discorda, trata-se apenas de um sinal de resistência. “Desta maneira, sempre temos razão diante do pobre coitado que analisamos, qualquer que seja sua resposta ao que dizemos.” (1937/2018, p.328). Não se trata de concordar ou discordar com a intervenção do(a) analista, afirma o autor, mas sim, da narrativa produzida *a posteriori*, via associação livre, possibilitando assim, o lampejo de um instante do sujeito do inconsciente, das amarras do discurso maniqueísta.

Se as leis do inconsciente freudiano são, o deslocamento e a condensação, e como vimos, Lacan as simbolizou via linguística como metonímia e metáfora, respectivamente, não cabe introjetar na leitura sobre o inconsciente os pressupostos do *cogito* filosófico. Ou seja, o inconsciente não está a serviço das regras do binarismo, da hierarquia, da causalidade, linearidade, identidade etc. Então, interpretá-lo como sendo uma segunda ou dupla personalidade, obscuro, subterrâneo (subconsciente), maligno, desqualificado, enigmático é persistir na “hipocrisia religiosa e fanfarronice filosófica” (LACAN, 1957/2008).

Neste sentido, o inconsciente é aquilo que escapa no vazio do verbo ser – tal qual a cena do cuspe da paciente ou a cena da porta do banheiro. O inconsciente é aquilo que apresenta ao ser a sua heteronomia radical, ou seja, a sua hiância, seu enigma, seu paradoxo. Ignorar a terceira via que rompe com os aspectos maniqueístas da suposta verdade universal é tentar encobrir a descoberta freudiana e jogar a partir da desonestidade intelectual e da comodidade metodológica, “o inconsciente é o discurso do Outro com maiúscula” (LACAN, 1954/1985, p.529).

Para reconhecer a presença do outro em mim é necessário que o sujeito se situe no lugar de intermediário capaz de perceber em si o próprio desdobramento como um outro semelhante. Ou seja, abrindo espaço para o jogo ético da alteridade e retomando a clássica socrática “Conhece-te a ti mesmo”. Suportar escutar o enigma provocado pelo cuspe da paciente, será necessário não esquecer a interpelação provocada na porta do banheiro. Reconhecer o enigma em mim, reconhecer a minha posição de não-saber, permite escutar a posição de não saber do Outro, desarticulando, assim, o pressuposto do *a priori* – o enigma está no Outro. Será a partir da ética alteridade (reconhecer um semelhante na diferença) que possibilitará escutá-lo da sua interrogação face ao enigma e não como ponto de partida ou início de uma resposta.

Eu não sei dizer. Nada por dizer. Então eu escuto. Se você disser. Tudo o que quiser. Então eu escuto. Fala. Se eu não entender. Não vou responder. Então eu escuto. Eu só vou falar. Na hora de falar. Então eu escuto. Fala (SECOS E MOLHADOS, 1973).

Tanto Lacan no *Seminário 7* (1959-1960/2008), dedicado à ética da psicanálise, quanto Kehl (2002) em, *Sobre Ética e Psicanálise*, asseveram que não é uma questão de “Amar o próximo como a ti mesmo”, pois isto implicaria em fazer do outro o meu espelho, um idêntico, anulando por completo a alteridade.

O filósofo Emmanuel Lévinas, em seus *Ensaio sobre a alteridade*, escreve que a relação ética com o outro implica uma dimensão de responsabilidade mediada pela palavra. Essa proposição faz sentido nos termos da psicanálise, pois a palavra é que nos separa do gozo. Para esse filósofo essencialmente preocupado com a questão da alteridade, o sujeito é responsável por provocar o outro como interlocutor, pois nada garante que o outro, aquele a que se fala, seja por isso “previamente compreendido no seu ser”. (KEHL, 2002, p.23 – grifo da autora).

Sendo assim, o próximo não é um objeto de compreensão, pois compreender uma pessoa é falar por ela, violentando o seu lugar democrático de interlocutor. Um exercício constante na clínica psicanalítica, pois como sabemos, o saber psicanalítico se escreve a partir de uma concepção de sujeito originada da prática clínica. Ou seja, “a psicanálise ocupa, além de uma função terapêutica, o lugar de certa filosofia imanente da existência, preenchendo os vazios de discurso, tão intoleráveis e angustiantes.” (KEHL, 2002, p. 11). Para tanto, segundo a autora, essa possibilidade de produzir sentido para as transformações que ainda não encontraram expressão na linguagem, não faz da psicanálise uma visão de mundo.

Lacan nos dá a letra e se coloca no lugar de alteridade:

Se falo da letra e do ser, se distingo o outro e o Outro, é porque Freud os indica a mim como os termo em que se referenciam os efeitos da resistência e transferência com que tenho tido que me haver, de maneira desigual, nos vinte anos em que venho exercendo está prática da psicanálise. E é também porque preciso ajudar outros a não se perder nela. (1957/1998, p. 532).

Seguiremos nos servimos dele, como bússola, para entrar em mar aberto, onde muitos desbravadores(as) ficam à deriva, e com razão, pelas grandes ondas e pelo canto da sereia do discurso falocêntrico.

6.2 A SIGNIFICAÇÃO DO FALO: *DIE BEDEUTUNG DES PHALLUS*

A escritora Fernanda Young em seu livro, *O Pau* (2009), narra a história de Adriana. Uma designer de joias de 38 anos que descobre sinais de traição do seu namorado, um jovem modelo de 24 anos, com o sonho de ser ator. Adriana era uma mulher linda, bem nascida e com sucesso (descrição da autora). Por viver um relacionamento com um homem mais novo, ela exercitava o autoconvencimento, a relação era apenas para suprir as suas necessidades miúdas, um bom motivo de experienciar a vida (pública e privada) na presença de um belo rapaz e que isso não era amor. Seu namorado dizia que a amava, mas Adriana desconfiava pelo seu histórico de desamores.

Certa noite, o namorado de Adriana recebe uma mensagem anônima de celular. No decorrer do livro descobrimos que a autora da mensagem foi uma jovem atriz de 21 anos. A protagonista atravessava um dos mal-estares elencado por Freud: o declínio do corpo anatômico. Seu corpo tinha esmero, mas não havia a tonicidade da juventude. Seus olhos lhe

traíam e temia pelo aumento de grau dos óculos. No livro a insegurança está direcionada a “queda” da beleza da mulher, mas como sabemos, o declínio do corpo, o envelhecimento e as “surpresas” de constatar que o corpo realmente decai com o passar da vida, está aquém dos genitais e suas reverberações constituintes.

Young utiliza do humor ácido, característico da sua escrita, para questionar a teoria freudiana sobre a inveja do pênis. Através da sua personagem central, a autora desenha um plano de vingança nada ortodoxo. Após confirmar a traição de seu namorado, Adriana planeja meticulosamente marcar a vida de seu ex, para além do término do namoro e do fim do patrocínio de sua carreira (Adriana financiava a carreira dele, almejava torná-lo mais interessante, pois, ser um aspirante a ator era pouco, pensava que deveria ter pelo menos uma atuação de qualquer peça no currículo).

Só havia um modo de atacar, ele e os demais amores do passado; só um jeito legítimo de vingar todas suas dores provocadas pelos homens. Tatuá-la a palavra “chato” no sentido de inconveniente no pau do seu ex-amante. Para que ele nunca esqueça que o que ele fez com ela foi muito chato. A segunda parte da vingança foi nunca mais falar ou escutar a palavra pau e, justamente por isso, Adriana, nunca mais escutou a música *Águas de março*.

Dada a amplitude histórico-conceitual, *phallus* (falo) é uma das diversas palavras, designada ao órgão masculino e faz parte da tradição ocidental (falocêntrica) organizar o universo representacional em um único significante ordenador.

Conforme Roudinesco & Plon (1998), se a palavra pênis ficou reservada ao membro real, a palavra falo ganha no seu sentido a dimensão simbólica. Ao passo que denominamos de “*itifálico* (do grego *ithus*, reto) o culto do falo como símbolo do órgão masculino em ereção. Investidos de suprema potência, tanto na celebração dos antigos mistérios quanto em diversas religiões pagãs ou orientais” (1998, p.221). O culto ao falo foi rejeitado pelo monoteísmo por considerar que remetia a um período bárbaro da humanidade, caracterizado por práticas orgíacas.

Na história da psicanálise, o termo “falo” foi pouco utilizado por Sigmund Freud. Sua utilização estava voltada para os estudos do fetichismo, renegação e muitas vezes como sinônimo de pênis, em contrapartida, o adjetivo “fálico” ocupa um grande lugar na teoria freudiana da libido única (de essência masculina), na doutrina da sexualidade feminina e da diferença sexual e, por fim, na concepção dos diferentes estádios. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Aqui reside a crítica ao falocentrismo da psicanálise de modo geral, e da psicanálise freudiana, em especial, onde se interroga sobre a centralidade do falo na teoria do

inconsciente, enquanto, insígnia de poder e prestígio. O falocentrismo freudiano é objeto de estudos de longa data, tanto dentro do movimento psicanalítico (Melanie Klein, Ernest Jones, Karen Horney, Helene Deutsch, Marie Bonaparte, entre outras personalidades importantes da história da psicanálise), onde questionavam esta centralidade, o monismo sexual em prol de um dualismo e suas reverberações, tal como, o destino necessariamente maternal da mulher saudável e a sexualidade feminina, quanto pelo movimento feminista, que viram nessa doutrina a expressão de um “falocratismo” ou de um “falocentrismo.” (ROUDINESCO & PLON, 1998; AMBRA, 2018).

O termo falocentrismo foi criado em 1927, mas foi após a Segunda Guerra Mundial, com os avanços do movimento feminista, que a palavra ganhou o seu caráter pejorativo, visto que, estava relacionada ao poder sexista, baseado na desigualdade e na dominação das mulheres pelos homens.

Em 1965, o filósofo francês Jacques Derrida forjou o termo falocentrismo, a partir de falocentrismo e logocentrismo, para designar a primazia conferida pela filosofia ocidental ao logos platônico e à simbólica do falo. Esse termo foi retomado em 1974 pela psicanalista francesa Luce Irigaray, no contexto de uma teoria diferencialista da sexualidade feminina. Em seguida, fez fortuna nos Estados Unidos junto às feministas antifreudianas. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 222).

Jacques Marie Émile Lacan, reatualiza a palavra “falo” no escopo da psicanálise, afastando ao máximo a possível associação com a concepção biológica da sexualidade.

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos. (LACAN, 1958/1998, p. 696-697)

Lacan, subverte a concepção de falo lançando-o para a dimensão do inacessível e imprimindo a marca de significante do desejo, respondendo assim, a ordem simbólica e não mais a soberania viril.

Pois o falo é um significante, um significante cuja a função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (LACAN, 1958/1998, p.697).

Nesse sentido, Lacan fez do falo, o próprio significante do desejo. Primeiro como “falo imaginário”, depois como o “falo da mãe” e por fim, sustentando a ideia do “falo simbólico”. Foi assim que ele revisou a teoria freudiana (dos estádios, da sexualidade feminina e da diferença sexual) “mostrando que o complexo de Édipo ou de castração consiste numa dialética “hamletiana” do ser: ser ou não ser o falo, tê-lo ou não o ter. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.221).

Kehl (2009) no artigo *Ética e Técnica*, abre o texto propondo uma missão: o “antilacânês”. A autora assevera que Lacan é um autor difícil, mas reconhece a importância do herdeiro e atualizador de Freud e considera que Lacan levou até às últimas consequências o pensamento do fundador da psicanálise sem baratear em nada sua complexidade. Como já mencionamos, Lacan trouxe a psicanálise para os grandes sistemas de pensamento da segunda metade do século XX e ampliou o alcance da psicanálise ao dialogar com a linguística e o estruturalismo “com filósofos do porte de Hegel (via Kojève) e Heidegger, com propostas da teoria dos campos em matemática.” (KEHL, 2009, p.46).

Para tanto, a dificuldade nos estudos de Lacan está no estilo adotado de seus Escritos e Seminários, e isso está fora do campo de interpretação, nosso e da autora, sobre as determinantes que levaram a adotar este estilo de transmissão, todavia, o “*lacanês* é barroco, esnobe e parece intencionalmente enigmático.” (KEHL, 2009, p.46 – grifo da autora). Segundo a autora, Lacan deixa seus estudiosos numa posição de dívida para com sua própria capacidade de compreensão. “Explora ao extremo a ambiguidade do significante; com isso, tem-se permanentemente a impressão de que o que se entendeu está aquém, muito aquém da verdade do texto.” (2009, p.46). Talvez, por isso, muitas autorias lacanianas tenham se aplicado a desenvolver um estilo tão obscuro quanto o de seu mestre. “A obscuridade protege quem fala ou escreve do risco de ser contestado; sempre é possível contra-argumentar, como tantas vezes fazia Lacan com seus opositores, dizendo: você não entendeu” (2009, p.46). Outra forma de proteção do risco de ser contestado é o emprego de jargão, pois poupa do desafio de retomar, desde o começo, o conceito empregado na problematização.

Quando se domina o jargão de um campo filosófico ou científico, é possível empregá-lo de maneira imprecisa, como o código de uma seita secreta que traz os interlocutores, prontamente e sem pensar, para o terreno seguro das certezas compartilhadas. O efeito dessa ética do estilo laciano, cujo objetivo pode ter sido o de impedir que os leitores aderissem irrefletidamente às palavras do mestre, acaba sendo superegoico. Há os que decoram Lacan sem compreendê-lo [...]. Se nos salões psicanalíticos esta atitude pode ser risível, na clínica ela é desastrosa. Precisamos urgentemente empreender uma cruzada *antilacânês*. (KEHL, 2009, p. 46)

Como já percebemos, alguns conceitos apresentam oscilações, como em um barco que atravessa os mares, necessitando de terra firme para se restabelecer da vertigem causada pela viagem. Na terra das certezas compartilhadas, a estabilidade também tem suas consequências éticas, como apontou Maria Rita Kehl. Voltar ao mar ou ficar em terra firme são escolhas de estilo. A decisão, como sabemos, se dá a partir da inquietação sobre o lugar de retorno que vamos ocupar e não do pedido de amor para que fique na terra.

Quando um(a) psicanalista está atento às interrogações provocadas pelos outros sistemas de pensamento de seu tempo e não fixos as demandas de amor do terreno dos jargões psicanalíticos, paradoxalmente, retorna às pistas do mapa do tesouro deixadas por Freud e Lacan. Não podemos esquecer que, tanto Freud quanto Lacan, desatam os nós, repetidas vezes, com a “insularidade da Psicanálise não apenas estabelecendo diálogos, mas refundando a própria Psicanálise a partir de problemas, conceitos e racionalidades importadas, seja do campo social, seja de outros saberes.” (AMBRA, 2018, p. 89).

Talvez, a mais importante lição que Freud e Lacan nos deixaram sobre como proceder com a construção do conhecimento psicanalítico seja uma prática de humildade da teoria em face à emergência da alteridade. E é aqui onde mais radicalmente a teoria psicanalítica encontra sua prática clínica: em ambas está em jogo uma postura metodológica de abertura do saber ante o encontro com o real. Se falharmos em escutar a radicalidade do novo legado pelo nosso tempo em benefício de uma suposta pureza da teoria psicanalítica, contraditoriamente, deixaremos de fazer Psicanálise: nossa teoria é um saber que só sustenta sua originalidade tendo no horizonte a própria dissolução de suas bases. (AMBRA, 2018, p. 89/90).

Seguindo a lógica lacaniana de dar dois passos para trás e três para frente, na esperança de fazer destes passos um, retornamos ao ponto de dois lugares estratégicos. Se para a perspectiva da psicanálise a interrogação sobre o pênis/falo tem como marco, mais consistente, o texto freudiano *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* de 1923 (publicado em 1925), seguido da renovação de Lacan ao distinguir o falo do pênis e demarcando-o como o significante que vetoriza o desejo, marcador da falta, significante que organiza a cadeia de significantes e que dá consistência a significação como ponto de retorno da cadeia, ou seja, a relação entre a mensagem e o código (DUNKER, 2018), podemos pensar, dentro deste contexto estratégico, que é sem razão à crítica feminista, visto que, o falo está especificamente distinto deste pedaço do corpo, o pênis.

Ao que pese, ser um fato; Freud demarcou como inveja do pênis (*penisneid*) o operador organizativo da criatura sem pênis face a castração. O *penisneid* seria a resposta básica, a resposta de inveja, da suposição sobre a perda do pênis, ou seja, seu corpo sucumbe

de uma amputação provocada pela mãe ou por quem exerceu a função materna. Já para as criaturas com pênis a resposta básica seria a angústia, medo ou temor da perda, espelhada na figura paterna, recalçando a participação da figura materna.

Mas seria esse aspecto, essencial à configuração do psiquismo, o único marcador de diferenças? Não seriam, aqui, duas e diferentes potências, duas e diferentes lógicas discursivas, ou seja, ter e não ter? Não haveria possibilidade de superação dessa posição infantil sim ou não, on/off, por meio da construção madura, genital, do eu e do outro, do outro como alteridade e, portanto, não como falta de algo, mas como posse de algo diferente, nesse caso uma figura do negativo, um vazio que também é? (KON, 2015, p. 21).

A crítica feminista (no qual, alguns(as) psicanalistas comungam) também sustenta um posicionamento estratégico, tornando esse debate mais consistente e refinado e, justamente por isso, mais trabalhoso e complexo. Se o falo não é o pênis por qual razão chamá-lo de falo? Por que não outro termo? Algo que não privilegie tanto as assimetrias binárias e hierárquicas, em especial, nas questões que afetam as problemáticas de gênero?

Essas mesmas interrogações deslocam para outro ponto da teoria psicanalítica que diz respeito aos significantes (homem e mulher) marcados na tábua da sexuação apresentada por Lacan no *O Seminário, livro 20 Mais ainda* de 1972/1973. Obra bastante importante e referência para os debates atuais, seja pela tábua da sexuação, no qual vamos adentrar, seja pelos grafos que formalizam estruturalmente os denominados quatro discursos de Lacan, a saber: o discurso psicanalítico, o discurso do mestre, o discurso histérico e o discurso universitário.

No capítulo VII, *Letra de uma carta de almor* (1973), Lacan retoma uma passagem sobre o discurso analítico, dado o sustento na aposta deste escrito a respeito da constante tentativa de encerrar o enigma com a premissa que, necessita ser decifrado com um desfecho último e único e assim ganhar o estatuto de conhecimento inteligível. “Não há, em parte alguma, última palavra, se não for no sentido em que última palavra e nem palavra, caluda – já insisti nisto.” (LACAN, 1973/1985, p. 106).

A respeito das tábuas da sexuação, Lacan através das escritas matemáticas, apresenta ou tenta demonstrar a lógica inconsciente de gozo, localizada no registro do Real. Tento explicar: o psiquismo é um constructo teórico e justamente por isso, não está situado na mente, no cérebro, no coração ou genitais. O psiquismo é um trabalho perene de representação com a realidade “a qual, assim como a realidade psíquica, é sempre uma

construção da linguagem.” (KEHL, 2009, p. 50). Este trabalho de representação funciona em três registros inseparáveis: Real, Simbólico e Imaginário (RSI).

O Real é o irrepresentável que tentamos permanentemente simbolizar; é o contínuo, o infundável, ou como Lacan denominou “O que não cessa de não se escrever.” (LACAN, 1973/1985). É deste lugar que Lacan localiza o falo e é deste lugar que Lacan assevera o aforismo “A relação sexual não existe.” (LACAN, 1973/1985). O aforisma explica em poucas palavras a ideia de que no campo do amor, das relações, no encontro afetivo e sexual, não há completude, pois, cada pessoa se relaciona a partir da sua fantasia singular. Como sabemos, não há objeto que decifre o enigma do sexual, da falta estrutural do desejo, pelo contrário; não finda, dado que, é isso que nos move, nos atualiza na porção mais singular – o sintoma. Para a psicanálise, a singularidade do sujeito não é o seu inconsciente ou a aceitação da sua hipótese. Para a teoria do inconsciente, o que singulariza o sujeito é a sua solução de compromisso. A solução de compromisso é a relação do humano com o seu desejo que nunca foi ou será pacífica, dada a sua insistência na inscrição. “O não para de não se escrever, em contraposição, é o impossível, tal como o defino pelo que ele não pode, em nenhum caso, escrever-se, e é por aí que designo o que é da relação sexual - a relação sexual não pára de não se escrever.” (LACAN, 1973/1985, p. 127).

O autor acrescenta:

Por este fato, a aparente necessidade da função fálica se descobre ser apenas contingência. É enquanto modo do contingente que ela pára de não se escrever. A contingência é aquilo no quê se resume o que submete a relação sexual a ser, para a ser falante, apenas o regime do encontro. Só como contingência é que, pela psicanálise, o Falo, reservado nos tempos antigos aos Mistérios, parou de não se escrever. Nada mais. Ele não entrou no *não pára*, no campo do qual depende a necessidade, por uma parte e, mais acima, a impossibilidade. O verdadeiro testemunha então aqui que, ao pôr em guarda, como ele faz, contra o imaginário, tem muito a ver com *a* na tomia. (LACAN, 1973/1985, p. 127).

Nesta rota, o registro do Imaginário, é a esfera onde as representações psíquicas se amparam sobre as imagens, ganhando com isso uma suposta compatibilidade, aparência, textura com a expressão da verdade (KEHL, 2009; DUNKER, 2018). Já o Simbólico é o registro em que o trabalho psíquico se faz através do significante.

Ao contrário do Imaginário, onde se produz a consistência e a fixidez das representações, no Simbólico a arbitrariedade da relação entre o significante e o significando permite uma mobilidade muito grande ao trabalho representacional do psiquismo. Se no Imaginário nos parece que as coisas “são o que são” – já que nada se parece mais com a verdade de uma coisa do que sua imagem – no Simbólico o significante desliza, muda de sentido, desestabiliza a relação do falante com a suposta verdade de sua fala. (KELH, 2009, p. 50).

Conforme Dunker (2018), a presença do conceito falo é necessária para psicanálise, em especial para a vertente lacaniana, pois é um ponto útil para pensar o Simbólico. Contudo, a crítica dos estudos feminista, em especial, autoras do feminismo americano, assim como, psicanalista quem dialogam com essa área de conhecimento, repousam justamente no Simbólico, pois, atribuem a este registro a sustentação de uma identidade cultural masculina e, por consequência, da matriz heterossexual e suas decorrências frente ao poder e a influência.

Segundo Cossi & Dunker (2016), a crítica de Butler para com a psicanálise lacaniana, em especial, nas questões relativas ao registro do simbólico e da diferença sexual, prescreve regras de inteligibilidade cultural que são adotadas como “transcendentais e imunes a transformações sociais.” (2016, p.03). Para os autores, isso fica evidente nos binarismos internos à estrutura da linguagem, tais como: “significante/significado, sincronia/diacronia, fala/língua, que são articulados com a diferença sexual por meio de oposições como fálico/castrado, ativo/passivo ou falta-do-lado-do-sujeito/falta-do-lado-do-Outro.” (COSSI & DUNKER, 2016, p.03). Como já evidenciamos, a estrutura traz no seu escopo uma relação paradoxal.

Segundo Rodrigues (2018), psicanalistas que consideram as críticas feministas têm recorrido ao denominado último Lacan para “encontrar nas tábuas da sexuação e nos seminários finais maneiras menos binárias e inventivas de abordar o problema da diferença sexual.” (p.39). Já Kehl (2016), é categórica ao afirmar que a psicanálise contemporânea tem a obrigação de superar o caráter essencialista produzido, vez ou outra, pela própria teoria. “Não iremos muito longe substituindo simplesmente a frase “anatomia é destino”, de Freud, por um novo dogma como “linguagem é destino”, advindo de uma leitura rigorosamente estruturalista de Lacan” (KEHL, 2016, p.20).

Nesse contexto, a diferença sexual, função recalcada e recalcante, seria apenas mais um caso da diferença significante, na qual cada elemento possui valor e significação sobredeterminado por todos os outros. A ordem simbólica, como caso de dupla articulação dos sistemas simbólicos, funciona assim como sucedâneo ontológico invertido do realismo naturalista tradicional. A concepção universalista de

totalidade, com seu característico ponto de negatividade, de incompletude ou de falta decidiria a instalação de uma espécie de gênero subjetivo, como estrutura não modificável” (COSSI & DUNKER, 2016, p.2-3).

Isso dificultaria o trabalho da psicanálise para repensar as organizações culturais que desestabilizam as referências simbólicas (que, por uma questão de comodidade metodológica, são denominadas como “novas formas” ou “novos arranjos”, privilegiando a linearidade do tempo e a causalidade dos fatos), tais como: os arranjos da família tentacular (decompostas do ideal de família nuclear, monogâmica, burguesa ocidental), pessoas avulsas, união homoafetiva, políticas de visibilidade dos movimentos LGBTQIA+, despatologização das identidades trans, práticas sexuais e gêneros indiscerníveis. O que nos leva a pensar que sem algum tipo de renovação, a psicanálise seguirá a reproduzir os regimes de poder e negligenciar outras formas humanas de reconhecimento. (ARÁN, 2011; PEIXOTO Jr & ARÁN, 2011; KEHL, 2013; COSSI & DUNKER, 2016; CECCARELLI, 2017; PORCHAT, 2018).

Gêneros ininteligíveis como a transexualidade, o travestismo, *drag queens*, são, antes de tudo, práticas sociais. Não são sintomas, nem desvios de uma sexualidade original e universalmente esperada. O que Butler percebe com menos clareza é que há em Lacan, desde seu início, uma crítica dos excessos da experiência de identidade. Isso ocorre desde a teoria da formação do eu contida em *O espelho como formador da função do eu*, de 1936. Para Lacan, o caráter ontológico da identidade é uma ilusão imaginária. Depois disso, Lacan se interessa pela não-identidade do objeto da economia libidinal, chamado de objeto a, bem como pela experiência de corrosão da identidade que ele descreve com a categoria de gozo. Finalmente, ele enfatiza a não identidade ontológica com seu conceito de Real, desenvolvido nos anos 1970 e decisivo para entender a sua nova teoria da sexuação. (COSSI & DUNKER, 2016, p. 04).

Na minha perspectiva, há um equívoco ético e estético ao incluir as *drags queens/drag kings* e o travestismo/*crossdresser* (que não é o mesmo que a denominada identidade de gênero e da identidade política, travesti), no espectro do gênero ou na livre comparação entre uma (*drag*, travestismo) e outra (transgênero, travesti e transexuais).

Drag, este anacronismo shakespeariano de *Dressed Resembling A Girl*, remete ao tempo onde as personagens do teatro eram encenadas unicamente por homens, demarcando assim a sua principal característica, o trabalho, tal qual: a enfermeira, o bombeiro, a *chef* de cozinha, o comissário de bordo, o padre, que demanda uma indumentária por um instante do dia. Ao contrário das identidades trans que se presume uma permanência na roupa, sem passar pelo fator de produção econômica. De outro modo, a/o *drag* deve ser entendida como

um trabalho ou ofício, seja ele remunerado ou não. Pessoas trans podem fazer *drag* e a experiência/ trabalho *drag* pode ser o primeiro passo da transgeneridade, porém, não é uma regra e nem o ponto da observação. O ponto é a constante comodidade metodológica de fixar a *drag* no escopo de gênero, sem problematizar que o “ponto de partida” pode ser a especificidade do trabalho.

Pablo Vittar, é considerada uma das *drags* mais influentes do planeta. No ano de 2019, a Billboard incluiu Pablo Vittar na lista dos 20 melhores artistas LGBTQIA+ e a Revista *Time*, no mesmo ano, a considerou como uma das 10 personalidades que influenciarão as futuras gerações. Esse reconhecimento se dá, em especial, pelo seu trabalho artístico. Já Rupaul é considerada a *drag* mais bem paga do mundo, com uma fortuna estimada em 7 milhões de dólares. A partir disso, fica o convite para (re)pensar a *drag* a partir desse referencial de trabalho de entretenimento, tal qual, o mágico que usa da ilusão de ótica para embaralhar a visão, mostrar que algumas coisas não estão onde se supõe estar ou mostrar aquilo que se vê de outro modo.

O movimento esteticista da segunda metade do século XIX, do qual Oscar Wilde foi pioneiro, desembaraça, rompe, essa relação entre o significante e o objeto residual. [...] Ele foi um precursor desse movimento de modo consciente e deliberado, porque sustentava a ideia de que entre o ato e a estética não há nenhuma relação natural, mas uma relação ficcional. (JERUSALISKY, 2005, p. 21)

Segundo o autor, o falo tem diferentes posições em termos de ter, não ter ou de seu exercício. Essas posições não se remetem somente ao campo do denominado masculino e feminino.

a estética também distribuem as insígnias fálicas e organizam o sistema de relação em torno desse falo. [...] não há uma linha na obra freudiana sobre a estética da sexualidade. E toda a obra de Oscar Wilde versa sobre a estética da sexualidade. (JERUSALISKY, 2005, p. 23).

Ao final do ano de 2020, o canal HBO Max estreou uma nova produção original, a série *Veneno*. Criação de Javier Calvo e Javier Ambrosi e baseada no livro, *¡Digo! Ni puta, ni santa: las memorias de la veneno*, de Valeria Vegas. A história gira em torno da profissional do sexo, atriz, cantora e personalidade da mídia espanhola, Cristina Ortiz Rodríguez (1964-2016), vulgo, *La Veneno*. Baseado em fatos reais e entrelaçada com a ficção, a série aposta, desde o começo, que toda a história embasada em fatos reais são ficções, sendo impossível

separá-las. Uma aposta que comunga com os pressupostos psicanalíticos sobre a realidade, onde se entende que a verdade é sempre da ordem da ficção, como já apontou Lacan.

O recorte da história de *La Veneno* se dá pela biógrafa, Valeria Vegas, uma estudante de jornalismo, que incentivada pela sua orientadora, decide escrever sobre a vida de sua ídola, produzindo assim, o paradoxo entre as vivências transgeracional entre duas (e mais) mulheres transgêneras. Enquanto Cristina vive seu auge televisivo nas décadas de 80 e 90; Valeria vive sua infância e adolescência na mesma época, admirando a beleza e coragem deste ícone LGBTQIA+ da Espanha.

A série gentilmente aborda o vetor interseccional, apresentando a imparidade de cada uma e as semelhanças na diferença. Cristina e Valeria são mulheres trans e brancas. A primeira nasceu e cresceu no interior e decidiu fugir de casa para escapar dos abusos sofridos pela sua comunidade e família, em especial pela sua mãe. Valeria cresceu na zona urbana e uma das suas primeiras reivindicações para iniciar o processo de transgeneridade foi a aceitação e participação direta de sua mãe. Cristina, não era alfabetizada, sabia “apenas” escrever seus nomes e seu trabalho, antes de virar uma subcelebridade, era a prostituição. Valeria, além de letrada, tornou-se jornalista, biógrafa, ensaísta, colaboradora da produção da série *Veneno* e publicou outros livros, entre eles: *Vestidas de azul: Análisis social y cinematográfico de la mujer transexual en los años de la Transición española* (2019) e *Libérate: La cultura LGTBQ que abrió camino en España* (2020).

Veneno é uma produção LGBTQIA+, voltada para o público LGBTQIA+ com atrizes e atores predominantemente LGBTQIA+, em especial, atrizes trans (inclusive nas cenas que retratam o início do processo de transgeneridade, tema bastante explorado na série), demarcando assim, o seu interesse no entretenimento, na visibilidade e historicidade desta população.

Um dos eixos que me levam a escrever sobre esse recorte da série, além dos já apresentados, se dá pela curiosa resposta produzida por Cristina *La Veneno*, toda vez que a interpelam: Você é homem ou mulher? Transcrevo um fragmento do diálogo entre Faela (repórter que televisionou, pela primeira vez, Cristina no *Parque Del Oeste*, ponto de prostituição onde Cristina trabalhava) e Cristina *La Veneno*:

Faela: *Você é homem ou mulher?*

Cristina *La Veneno*: *O que eu sou? Um semáforo, querida!*

Faela: *E você está vestida de que? De sultana?*

Cristina *La Veneno*: *Honestamente, não sei! Sultana, moura, índia... Como a Pocahontas, mas com um “tiburón”.*

Faela: *E o que é o “tiburón”?*

Cristina La Veneno: *O que é o “tiburón”?*

Cristina La Veneno: *O “tiburón” está chegando! [responde cantando]. É o que tenho no meio das pernas, querida! O que mais poderia ser?*

Faela: *E quanto você cobra o programa?*

Cristina La Veneno: *Eu cobro muitíssimo! Não quero te dizer, porque... (Cristina entra no carro do cliente).*

Uma das defesas estratégicas da psicanálise sobre o esboço matematizado por Lacan sobre a tábua de sexuação, é o “*shifters* – semblante – algo da ordem do reconhecimento – determina um saber ou uma verdade sobre o sexo.” (COSSI, 2016, p.190). Explico: Lacan utiliza do seu rigor para descrever e ordenar a sexuação para todos os seres falantes, com o intuito de esclarecer quais as diferenças entre o homem e a mulher, a sexualidade destes e o tipo de satisfação diferencial entre um e outro. A necessidade de descrever e ordenar, se dá pelas dificuldades que a sua própria teorização e a psicanálise atravessavam, dada as premissas freudianas sobre a ordenação do falo e a caracterização da sexualidade. Para isso, o autor divide a tábua da sexuação em quatro fórmulas proposicionais, duas à esquerda e duas à direita. “Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro.” (LACAN, 1973/1985, p. 107). Na parte de baixo, sob a barra transversal onde se “cruza a divisão vertical do que chamamos impropriamente a humanidade, no que ela se repartirá em identificações sexuais, vocês têm uma indicação escandida do que se trata.” (1973/1985, p.107). O que Lacan está observando é a nominação conceitual dos lados da tábua, do lado esquerdo está localizado o “homem” e do lado direito está localizada a “mulher”, tal qual a porta dos banheiros.

Lacan, com o aporte dos *shifters* entende que cada ser falante se inscreve em um dos lados. Do lado do “homem” pode estar a pessoa que culturalmente denominamos como homem ou mulher e o mesmo acontece com o lado “mulher”, sem a obrigação da regência anatômica. Ou seja, *shifters* são significantes que fazem parte de um discurso e dentro de um discurso eles funcionam como semelhantes (COSSI, 2016). Para Dunker (2018), o “homem” e a “mulher” escritas nos vértices da tábua adota quaisquer formas de subjetividade ou posição subjetiva que se reconheçam na palavra. O autor exemplifica que o mesmo acontece com as palavras: eu, tu, nós. Onde essas não têm um significado, mas sim, uma ligação com quem usa essa noção, a enunciação, e a partir dela, que “homem” e “mulher” ganham significado pelo uso do reconhecimento. Essa perspectiva nos coloca no fio da navalha do

problema que a psicanálise enfrenta. De antemão, não temos interesse e nem capacidade para findar essa interrogação. Para tanto, expomos esse debate, pois é importante apresentar a implicação que os/as psicanalistas têm frente a própria teoria.

Dunker (2018), retoma o mito de Priapo, o deus grego da fertilidade, situando que a divindade é a junção de Hermes e Afrodite (hermafrodita), ou seja, um intersexo. Na mesma medida que há um pênis, há uma vagina, demarcando a mítica do tamanho nas duas vértices: externa e interna.

No início do ano de 2021, a artista visual Juliana Notari⁴³, esculpiu e instalou, “Diva” um buraco-escultura, em formato de vulva, de 33 metros de altura, seis metros de profundidade, 16 metros de largura, no alto de uma montanha na Usina de Arte, no município de Água Preta em Pernambuco. A obra de arte gerou polêmica e sofreu diversas críticas, desde racismo, transfobia, colonialismo, desmatamento entre outras. Particularmente não compactuo com nenhuma destas críticas. Interpreto no sentido de sustentar a dúvida: o quão fálico pode ser uma vagina? O quão há um enigma, no sentido de comodidade metodológica, intimamente ligado a vagina? Mesmo que o meu trabalho não esteja diretamente implicado nessa interrogação (enigma e vagina), penso que há uma tradição que ainda sustenta e mantém o enigma na vagina da mulher e nesse caso não necessariamente ligado ao feminino. Ou seja, há um horror mítico ou um insuportável com a vagina que demanda o fetiche do tamponamento disfarçado de preocupação identitária.

Se estamos de acordo que o falo é o significante da falta e que as inscrições da tábua da sexuação funcionam como semblante, encontramos duas possibilidades estratégicas de leitura. A primeira é que coloca a psicanálise diretamente ligada à complexidade do binarismo e da hierarquia. Com tantos avanços teóricos, por parte da psicanálise, com o constante exercício de desassociar e ampliar as equações imaginárias⁴⁴, qual a razão, na tese da tábua da sexuação, de retornar as nomações binárias e hierárquicas? Lacan argumenta: “Tais são as únicas definições possíveis da parte dita homem ou bem mulher para o que quer que se encontre na posição de habitar a linguagem.” (1973/1985, p.107). Para tanto, a crítica feminista aposta que temos condições de uma possível reforma nominalista ou a invenção de palavras a partir da poética, arte e/ou metáforas.

A segunda, é estrategicamente ler a tábua da sexuação como o pressuposto da ficção, bem como, lembrar que ela só pode ser interpretada a partir dos três registros RSI (real,

⁴³ Site da artista visual: <https://www.juliananotari.com/> e matéria “Os motivos que tornaram a vulva diva tão polêmica”, publicada no site Vogue Gente, em 07/01/2012. Disponível em: <https://vogue.globo.com/Vogue-Gente/noticia/2021/01/os-motivos-que-tornam-vulva-diva-tao-polemica.html>

⁴⁴ homem + masculino + fálico = decifrado; mulher + feminino + castrada = enigmática.

simbólico e imaginário). Ou seja, a psicanálise lacaniana sempre estará articulada com *aquilo que não cessa de escrever*, o Real. Importante ressaltar que são estratégias e não cláusulas pétreas. Deste modo, leio a tábula de sexuação na oscilação das estratégias e deste modo, reconheço o enigma/paradoxo que estamos implicados. Penso que ler essa problemática a partir do enigma/paradoxo, provoca o desejo de saber e nos possibilita avançar no debate sem o intuito de decifrar com uma palavra de ordem: é isto ou aquilo.

La Veneno desestabiliza quem a interpela ao afirmar (a partir da sua singularidade) que não é nem um homem e nem uma mulher, mas sim, “um semáforo, querida!”. Judith Butler (2015), em diálogo com a tese de Adriana Cavarero, aponta que a pergunta – *Quem és tu?* – é central para o reconhecimento do outro, pois, é uma pergunta que pressupõe que diante de nós há uma outra pessoa que não conhecemos. Para tanto, por mais cordial que se possa parecer, ao oferecer a pessoa o direito de dizer sobre quem ele/ela é, desvela que há “uma consequência ética para o problema de fazer um relato de si mesmo para o outro.” (BUTLER, 2015, p.29). Primeiro, a resposta da minha interpelação, precisa, em alguma medida, estar de acordo com aquilo que eu reconheço como inteligível. De outro modo, a resposta “semáforo” só será aceita como resposta para a interpelação – *Quem és tu?* –, no momento que aceito a oscilação que a minha própria interpelação gera em mim. Segundo, a consequência ética, reside na suposição que o outro pode relatar sobre a interpelação:

Não posso relatá-la, mesmo que ela estruture qualquer relato que eu possa dar. As normas pelas quais busco me tornar reconhecível não são totalmente minhas: elas não nascem comigo; a temporalidade de seu surgimento não coincide com a temporalidade da minha vida. Então, ao viver minha vida como um ser reconhecível, vivo um vetor de temporalidades, uma das quais tem minha morte como término, mas a outra consiste na temporalidade social e histórica das normas pelas quais é estabelecida e mantida minha reconhecibilidade. De certo modo, essas normas são indiferentes para mim, para minha vida e para minha morte. (BUTLER, 2015, p. 29).

A autora conclui:

Como as normas surgem, transformam-se e subsistem de acordo com uma temporalidade que não é a mesma da minha vida, e como, em vários aspectos, elas sustentam minha vida em sua inteligibilidade, a temporalidade das normas interrompe o tempo da minha vida. Paradoxalmente, é essa interrupção, essa desorientação da perspectiva da minha vida, essa instância de uma indiferença na sociabilidade, que sustenta meu viver. (BUTLER, 2015, p.29).

Penso que é justamente desde este jogo enigmático que o sujeito sucumbe e que a crise ética emerge. Como sabemos o sujeito goza da sua suposta certeza de si. Crê na utopia da

autoanálise. Financia o ideal de indivíduo, o mito da normalidade e do bem-estar. A sua aposta está na tentativa constante de eliminar ou, minimamente, estabilizar os conflitos e a ausência de sentido reverberados pelos enigmas da sexualidade e da morte. Utiliza a linguagem (letra, fonema, significante) como recurso para compor as representações. Ao relatar a si, o *eu* utiliza das suas representações para dar consistência a sua história, ao mesmo tempo, o *eu*, ao relatar a si, sem se dar conta ou não, recompõe o próprio relato, alterando e desestabilizando a suposta fixação da representação. O que o *eu* moderno não tolera, o que o fere narcisicamente ou o que lhe angustia, é que “desvendar o enigma” evidencia que as representações são estabilizações temporárias de sentido, ou seja, as representações também são marcadas pela morte. De outro modo, a ideia de “desvendar o enigma”, não garante a plenitude, a transcendência ou um campo aberto, verde e florido, pelo contrário, “desvendar o enigma” nos recoloca face a um campo minado de possibilidades. “O propósito aqui não é celebrar certa noção de incoerência, mas apenas destacar que nossa “incoerência” define o modo como somos constituídos na relacionalidade: implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós.” (BUTLER, 2015, p.53).

Nesse sentido, suponho, que Lacan posiciona os *shifters* – homem e mulher – na tábua da sexuação, desde essa temporalidade do mundo social que nos atravessa e não na literal escritura dos aspectos anatômicos. Ou seja, a divisão dos quadrantes não se dá pela divisão entre genitais, mas entre as modalidades de gozo⁴⁵: o gozo fálico e o gozo outro (há derivações para esses nomes).

Na escritura das fórmulas de sexuação localizamos do lado do homem o gozo fálico e no quadrante da mulher o gozo outro. O gozo fálico deve ser entendido como limitado ao significante. Ou seja, todo ser falante está inscrito na ordem do falo, logo, todos estão submetidos a castração, contudo, o quadrante do homem está marcado por um código (*x*) que representa a “função do pai” demarcando a sua negativa, como explicita Lacan (1973), deste modo, o limite do gozo fálico está na formulação: todos, exceto um, estão submetidos a castração. A exceção à regra é ocupada pelo Pai da horda primitiva, descrito por Freud em *Totem e Tabu* (1913), como aquele que escapa à lei da castração.

Do lado da mulher, “Esse campo é o de todos os seres que assumem o estatuto (da ficção) mulher” (LACAN, 1973/1985, p. 108). A exceção não determina um conjunto

⁴⁵ Conforme Roudinesco & Plon (2008), o termo gozo tornou-se um conceito na obra de Lacan, marcado por dois aspectos históricos sobre a sua teorização. Primeiro ligado ao prazer sexual e o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei e, posteriormente, (e aqui, o mais importante) “o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar).” (2008, p.299).

fechado, e justamente por isso, recebe o nome de gozo outro, gozo suplementar, gozo mítico, gozo louco. Foi a partir da interrogação freudiana *O que quer uma mulher?* e da afirmativa sobre a atividade (masculina) da libido, que Lacan retornou e avançou sobre a posição do feminino na sexuação.

Freud desenvolveu seu estudo sobre a sexualidade feminina até a chamada posição histórica, ou seja, uma posição subjetiva em que a mulher pode ocupar frente à feminilidade, fazendo-a relacionar-se de forma específica frente ao amor, ao desejo e ao gozo. Há de certa forma um abismo radical entre a condição feminina concebida por Freud e por Lacan. (VALDIVIA, 1997, online).

Carla Rodrigues (2018), propõe uma discussão sobre alguns significantes e sintagmas, no qual identificou ruídos que podem ter acontecido no percurso entre o dizer e o dito. Abro outro breve parêntese, para contextualizar a síntese histórica e conceitual que a autora nos conduz, pois, toca em pontos de articulação deste trabalho, as vezes pouco explorados de forma direta, mas que vale a atenção. Para isso, suspendemos a temporalidade textual e retomamos para a pergunta freudiana proferida a Marie Bonaparte: O que quer uma mulher?

Freud considerou essa pergunta irrespondível. Cindy Lauper (1983), arriscou dizer, no clássico pop dos anos 80': *Girls just want to have fun* (Garotas só querem se divertir). Diana Corso (2014), recomenda refazer a pergunta e saber “como elas pensam?” (2014, p.246). Já Linn da Quebrada (2017), aposta para conquista do direito de viver, brilhar e arrasar (em especial as travestis, mas sabemos que no Brasil, especificamente, o direito de viver ultrapassa as normas da cis-transgeneridade).

A clássica pergunta freudiana sobre o querer das mulheres reverberou na compreensão do feminino como enigma. “talvez esteja menos ligado ao que incomodava Freud e mais articulado ao modo como seu enunciado foi sendo escutado ao longo do tempo” (RODRIGUES, 2018, p. 36). Essa reverberação anunciada pela autora aponta para a suposta insatisfação crônica da mulher. Corso (2014) argumenta que se a resposta da pergunta de Freud fosse encontrada, a expectativa seria de reduzir a inquietude delas com uma suposta saciedade: “um objeto certo calaria seu desejo e, com muita sorte, cegaria seu olhar crítico. Nada feito, não é desejo insatisfeito, é de uma visão peculiar da vida que se trata” (2014, p.247).

Rodrigues (2018) sublinha que a interrogação freudiana com o passar do tempo sofreu alterações: “como num ato falho, passou do singular (o que quer uma mulher) para o plural (o que querem as mulheres)” (2018, p. 37). Seguido de outras derivações do enunciado: “Afinal,

o que querem as mulheres?”. A inclusão do *afinal* como signo denota, para a filósofa, “certa impaciência da impossibilidade de cem anos depois, vir a oferecer uma resposta.” (2018, p.37). Os acréscimos vão se dando à revelia da teoria psicanalítica, distorcendo a problemática original, ao passo que, atravessa as ondas da teoria feminista e, também, compõem o imaginário da produção cultural.

Freud está na cultura e isso é inegável. Ele é rentável e seu rosto está grafitado em muros, estampado em camisetas, agendas (seguido ou não de frases aleatórias, recortadas com o intuito motivacional). Seu pensamento possibilita produzir conteúdo televisivos e da mídia em geral. “*Afinal, o que querem as mulheres?*”⁴⁶ foi o título de uma série produzida pela Rede Globo no ano de 2010. Basicamente, a história começa quando André, estudante de doutorado em psicologia, propõe uma tese a partir da derivação da pergunta freudiana. Na sinopse definem o doutorado em psicologia e não em psicanálise. Como sabemos, há uma grande diferença do ângulo de leitura quando se parte dos pressupostos da psicologia e quando se parte dos pressupostos adotados pela psicanálise. O que não torna nada impeditivo, exceto pelo fato, que pela perspectiva psicanalítica, a tese já estaria datada logo de saída.

Para Nunes (2011)⁴⁷, essa passagem do singular para o plural não se deu por acaso. “Ela é tributária das mudanças, ocorridas nos últimos cem anos, relativas ao lugar social e à inserção das mulheres na cultura ocidental moderna” (NUNES, 2011, online). Indicando que a mulher (cis) deixou de ser percebida a partir de um modelo único, da maternidade.

Após trinta anos de estudos sobre a alma feminina, este homem e psicanalista dirigiu sua pergunta a uma mulher, também psicanalista. Portanto, uma pergunta de um homem perplexo a uma mulher que deveria, a partir de sua própria experiência, trazer novas luzes ao que denominou de *continente negro* da psicanálise [...]. Não a uma mulher comum, mas a uma que considerava diferenciada, supondo ser mais capacitada a refletir sobre seu dilema em torno do feminino por ter ousado, naquela época, correr atrás de seus desejos e tornar-se psicanalista. (NUNES, 2011, online).

Em concordância, a pergunta irrespondível de Freud, em função do seu caráter instigante, extrapolou o campo psicanalítico, ressurgindo em outras áreas de saber, permanecendo viva até nossos dias.

⁴⁶ A série foi criada por João Paulo Cuenca, Cecília Giannetti, Michel Melamed e Luiz Fernando Carvalho. Posteriormente o roteiro, ilustrações e cenas inéditas do seriado foram compilados no livro, *Afinal, o que querem as mulheres?*, lançado pela editora LeYa.

⁴⁷ Silvia Alexim Nunes, foi a psicanalista convidada para participar da mesa redonda “Afinal, o que querem as mulheres?” organizada pela PUC/RJ em parceria com a Globo Universidade para discutir a série televisiva. “Logo de início, me chamou a atenção o fato de a pergunta está formulada no plural” (NUNES, 2011, online).

Retomando o ponto com Rodrigues (2018), a autora nos guia pelos debates produzidos pela filósofa Simone de Beauvoir, evidenciando a crítica a Freud e o lugar do masculino como principal referente e o feminino como secundário. Passa por Judith Butler, demarcando as críticas da filósofa norte-americana sobre a “descorporificação desse sujeito masculino, que nega sua marcação corporal e projeta exclusivamente para a esfera feminina.” (BUTLER, 2015, p. 38) e da homossexualidade compulsória, sustentada por um número de psicanalistas até os dias de hoje. Rodrigues (2019) cruza pelo labirinto da sexualidade infantil e a concentração dada ao pênis (inveja do pênis, complexo de Édipo e complexo de castração) e sublinha: “O sintagma inveja do pênis talvez seja o que mais provocou equívocos entre o dito e o escutado. Produziu intenso debate entre Lacan e as feministas francesas dos anos 1970, entre as quais se destaca Luce Irigaray” (2019, p. 38).

Desembocamos no ponto que nos trouxe até aqui e desta forma, fecho o parêntese. O importante é ter em cena a pergunta freudiana (e suas derivações), a sexualidade infantil (em especial, o complexo de castração) e o debate entre a psicanálise lacaniana e feminismo da segunda onda, para pensar a lógica binária: Ser o falo/ter o falo.

Segundo Rodrigues (2018) o termo “falo” pensado por Lacan não resolve os problemas criados pelo sintagma “inveja do pênis” e assevera que haverá inúmeras críticas (muitas infundadas, outras nem tanto) à sobreposição entre falo e pênis. Mesmo considerando que o falo não está associado aos órgãos genitais, mas sim, a um significante da ordem simbólica, “a escolha de um quase sinônimo para o órgão sexual masculino gerou muitas tensões” (2018, p.38) entre a teoria psicanalítica e a teoria feminista. A crítica repousa que para muitas feministas “é impossível aceitar que a psicanálise esteja de fato operando com uma separação entre falo e pênis.” (2018, p.39).

A autora dialoga com as teóricas feministas americanas Jane Gallop e Drucilla Cornell. Para Jane Gallop, “embora o significante falo funcione de maneira diferente do significante pênis, com som e aparências diferentes e produzindo diferentes associações, ainda assim o significante falo sempre se refere ao pênis” (RODRIGUES, 2018, p. 39). Ou seja, enquanto o predicado de poder for o falo, cujo significado é dado por referência ao pênis, ou mesmo muitas vezes confundido ou tratado como sinônimo, “parece razoável que os homens tenham poder e as mulheres não o tenham”. (GALLOP, 1992 *apud* RODRIGUES, 2018, p. 39).

A autora aponta que Gallop sustenta o seu pensamento a partir da ideia que se o falo fosse distinto do pênis, o embate do feminismo contemporâneo (em especial o feminismo articulado ao materialismo e ao pós estruturalismo que criticam às estruturas de poder) contra

o falocentrismo não seria dirigido aos homens, mas sim ao poder. O que nos ajuda a pensar que, para a autora americana, torna-se impossível, dado o contexto histórico, desassociar o masculino com a posição fálica.

Na perspectiva de Drucilla Cornell, em acordo com as tensões provocadas por Gallop, aponta que mesmo não haja determinação biológica nas posições, em relação a premissa ser/ter o falo, “elas permanecem assimétricas e associadas ao masculino como o que tem o falo e, conseqüentemente, entre o feminino e o que é o falo.” (RODRIGUES, 2018, p. 39).

O aforismo lacaniano “*a mulher não existe*”, no singular, talvez seja o postulado mais feminista de Lacan, (RODRIGUES, 2018), podendo aproximar da reivindicação de Butler (2015); não fazer mais do feminismo uma política de defesa dos direitos das mulheres, já que, não se pode mais compreender o sujeito das mulheres “como uma substância permanente” (BUTLER, 2015, p. 55). Rodrigues (2018), nos auxilia ao dizer que a tarefa de Butler no início dos anos 90 foi “apontar os limites de uma teoria feminista que então considerava suficiente trocar a universalidade da categoria mulher para a pluralidade mulheres.” (201, p.39). Quando Lacan lança o seu aforismo, ele está propondo pensar e contar as mulheres uma a uma, na sua imparidade. “Muito próximo do que alguns dos feminismos contemporâneos estão buscando fazer a partir de uma perspectiva que considere todos os marcadores de discriminação” (RODRIGUES, 2018, p. 39).

Diana Lichtenstein Corso (2017) em entrevista oral, contextualiza que não há um sentimento que une todas as mulheres. De forma potente, íntima e precisa, a psicanalista sublinha que a imparidade é a marca da posição feminina.

a nossa marca é a imparidade. Talvez não seja para sempre assim, mas, nós somos órfãs de mãe, de uma mãe que foi órfã de mãe. Particularmente, eu sou uma mulher de 50 anos, minha mãe me teve com 20, a mãe dela teve ela com 30. A minha experiência de vida como mulher é absolutamente diversa da experiência que a minha mãe teve e muito diversa da experiência que a mãe dela teve. Mesmo sendo todas essas mulheres da minha origem, mulheres que ousaram, que ficaram sozinhas, que mudaram de país, que mudaram de língua, tanto a minha mãe, quanto a minha avó, mesmo assim, nossas experiências como mulher, no sentido de, como lidar com o nosso corpo, em que momento cometer a maternidade, como criar nossas filhas, eu também tenho filhas, foram muito diferentes. E a gente, basicamente, conseguia dizer, uma para as outras, o que não fazer e não o que fazer. (CORSO, 2017, online)

A psicanalista acrescenta:

Entre as mulheres, a comunicação é muito cifrada, é muito pouco livre, é muito, cheia de mentiras, ainda, e eu acho que isso está mudando agora. Neste momento!

Nesta geração que hoje se faz mulher. Então é muito difícil generalizar, pois nós somos confundidas com algumas coisas que a gente coloca encima para se caracterizar como mulher, por exemplo, se eu saio sem brincos, eu acho que não sou mulher suficiente, eu preciso voltar pra casa, porque não há nada em mim que me faça sentir tão mulher como ter um brinco. Por que eu preciso de um traço qualquer para saber o que eu sou, daquilo que me dizem que eu sou desde pequena? Porque eu não sei. Essa insegurança enorme. Essa dificuldade de definir o que nós somos; é o que faz com que nós sejamos tão ímpares. Eu acho que essa é a diferença que está acontecendo agora. As mulheres estão se sentindo mais passíveis de narrar uma para as outras, de poder partilhar suas sensações corporais, seus desejos, sua falta de desejo. Não é mais a Cinderela entrando no baile e tendo que vencer as outras mulheres para ser a escolhida. Nós estamos muito longe de ser escolhidas, agora! (CORSO, 2017, online).

O aforisma, *a mulher não existe*, diz que não há nela um significante que lhe seja específico. Diana Corso (2017), nos empresta a sua narrativa e a metáfora dos brincos. Para outras e outros que ocupam a posição subjetiva do feminino, pode ser outro atributo. Freud apostou na maternidade, como o representante simbólico da mulher, todavia, esse representante situa a mulher apenas, e tão somente, enquanto mãe. O mesmo acontece com o *Eu vos declaro, marido e mulher*. Onde a nomeação da mulher está colada à esposa. Neste sentido, Diana L. Corso é generosa ao apontar que não precisa ser assim e que, hoje, já se percebe um avanço, em especial, geracional, em poder contar uma para a outra e uma com a outra. Nos dando pistas que o futuro é feminista.

Para finalizar, antes de “concluir” (aspas necessárias), o enigma que tentamos demarcar ao longo do trabalho, versa sobre o limite da linguagem, do inenarrável, do inapreensível, daquilo que não cessa de escrever. Mesmo sabendo que estamos articulados a tradição do pensamento moderno e que somos convocados a responder deste restrito lugar, é através desta nomeação “enigma” que podemos reconhecer os limites da representação da sexualidade e da morte.

É trabalho impossível apreender o enigma, assim como, é impossível psicanalisar. Impossível no sentido de não estar seguro do resultado, porém, pensar que o enigma como pré-discursivo, ou seja, que ele é a essência do feminino, torna o trabalho impeditivo e se impede o trabalho de pensar democraticamente, não estamos mais falando de enigma, mas sim, de incoerência e não é de incoerência que estamos tratando/dissertando.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Friedrich Nietzsche se dizia um amigo do enigma. Depois deste trabalho de dissertação me autorizo a dizer o mesmo. Enigmas são amigos que nos convidam a pensar democraticamente sobre a complexidade da vida humana, do mundo e sobre nós no mundo, sem distinguir o que é bom ou mal, certo e errado, se é dor ou delícia. Sabemos que narcisicamente lidar com o enigma não é tarefa fácil, pois nos exige conjugar a dimensão do incontrollável, do inapreensível, do indecidível, do inquietante e demais pressupostos que sustentam o não fechamento dos modos de conhecer e subjetivar numa lógica totalitária – até porque, a totalidade não permite entrada, ela já está fechada em si, e desta forma, não há razão para questionamentos. O enigma abre frestas de circulação, possibilitando entradas e saídas, revisitações, revisões, renúncias, invenções, poética, erótica.

Enigma não é sinônimo de incoerência, mesmo não demandando coerência. A coerência é um dos itens da herança que a tradição do pensamento moderno ocidental nos deixou e como toda herança, cabe selecionar aquilo que tem valor singular daquilo que é quinquilharia.

Associar o enigma, exclusivamente, ao feminino, se demonstrou ao longo do projeto uma quinquilharia. Uma verdade genérica encontrada em qualquer lugar que ainda vende esse tipo de premissa, onde o outro é de antemão, um estranho a mim, logo, eu sou o familiar, o caminho, a verdade, a vida.

Freud ao se olhar no espelho do trem e não se reconhecer naquele reflexo mais velho, percebeu que havia algo de estranho no seu familiar saber sobre si. Eu, quando experimentei a arte *drag*, por curtos três anos, percebi que o meu “masculino” tinha mais enigmas que eu poderia imaginar. Curioso, precisei expressar o feminino que habita em mim, para saber sobre o meu masculino. Curioso até ali, pois o masculino já vem modulado como antítese do feminino e desta forma não cabe questionamentos para ele. Obviamente que não concordamos com isso e, justamente por isso, apresentamos ao longo do trabalho o nosso desinteresse em desassociar o enigma ao feminino, mas sim, distribuir o enigma ao masculino e demais identidades de gênero.

Como sabemos, o enigma é fundamental para a constituição subjetiva e para o conhecimento, e desta forma, sustentamos a ideia que há uma diferença entre pressupor o feminino como um enigma e perguntar exclusivamente sobre o enigma do feminino, pois,

como sabemos, a pressuposição engessa a possibilidade de traslado da própria pergunta, recusando de imediato o convite ao exercício do pensamento democrático feito pelo enigma.

Freud fundou a psicanálise a partir da interrogação dos enigmas dos sintomas expressados pela feminilidade, numa época na qual esse mistério enigmático estava se revelando, porque as mulheres e o feminino estavam em traslado dos lugares tradicionais que a cultura reservava. Esse traslado provocou transformações culturais, políticas, econômicas entre outras, num nível que colocou a pergunta sobre o enigma também para o masculino. Como mencionamos, na atualidade, a busca por parte dos homens, ou pessoas identificadas com essa posição subjetiva, pelos divãs é expressiva. Suas inibições, sintomas e angústias, comumente, passam pela pergunta sobre o seu valor na sociedade, no amor e no sexo. O que não fez das interrogações masculinas um espelho invertido das interrogações femininas. Não! O enigma é democrático e atravessa todos os corpos através dos conflitos gerados pela sexualidade e pela morte.

A tradição moderna ocidental nos transmite que somos capazes de pensar, logo, existir. Prometendo uma exclusão do sofrimento e/ou de tudo aquilo que é deslegitimado pelo seu conhecimento técnico-científico. Isto aponta um impasse, uma espécie de vertigem, no sujeito contemporâneo, pois, ele crê na promessa da modernidade ocidental, mas paradoxalmente, ele sabe, mesmo sem saber, que essa não é uma promessa realizável.

Na atualidade, é bastante comum escutar dos pacientes a expressão “síndrome do impostor”. O impostor é supostamente um trapaceiro, um enganador, um mentiroso. Porém, como vimos ao longo do trabalho, somos sujeitos interpelados pelo enigma, o que não nos torna uma mentira, pelo contrário, nos possibilita a oscilação entre as mentiras sinceras e as verdades construídas. Ora, o blefe, assim como, o flerte requer um saber íntimo de jogar com as cartas que se tem somado com a inconstância do jogo. É disso que o enigma nos convida a não esquecer. Ou seja, não se trata de discutir sobre ser ou não ser ou ter ou não ter o falo, mas sim, da potencialidade da oscilação que esse jogo gera.

Neste sentido, sustentamos ao longo do trabalho, a hipótese do inconsciente. Essa hipótese se sustenta através da experiência na clínica psicanalítica e na pesquisa universitária. Através de casos clínicos, músicas, poesia, séries, experiências pessoais, diálogo entre diversas áreas do conhecimento, expressamos o nosso reconhecimento que o feminino é constantemente escandido e posto como desqualificado nos modos de conhecer e nos modos de subjetivar hegemônicos, bem como, demonstramos que a atribuição do enigma ao denominado feminino, está articulado ao jogo de poder e a tradição do pensamento binário, hierárquico e demais pressupostos modernos.

Neste sentido, reafirmamos a importância do pensamento socrático face às indagações. Conhecer a ti mesmo é, em outras palavras, considerar o enigma como um agente problematizador do *status quo*. Este trabalho problematizou o estado das coisas a partir do pensamento psicanalítico freudolaciano, para tanto, reconhece as demais áreas do conhecimento, em especial, o pensamento pós-estruturalista e estudos feministas, como parceiros de trincheiras neste campo de batalha que é a diferença sexual e a heterossexualidade compulsória.

Entendo que essas leituras auxiliam no trabalho de problematizar o enigma não apenas como condição que atravessa todas as pessoas, mas também como recorte analítico, como conceito de análise a ser utilizado no seu entrelaçamento com os que foram expurgados na tradição hegemônica do conhecimento ocidental. Entendo, como já apontamos nesta dissertação, que conceitos como indecível, paradoxo, contradição, devir, dentre outros, são importantes e necessários para compreendermos a constituição subjetiva e a realidade. Porém, também já apontamos que esses conceitos foram expurgados ou desqualificados do conhecimento hegemônico, bem como, foram associados ao feminino. Assim, supomos que recorrer ao enigma como referência analítica também é importante para demonstrar sua contribuição ao conhecimento e a compreensão da subjetividade.

Dissertar sobre o enigma associado ao feminino, afirmou sobre a potencialidade disruptiva, pois certifica o quão a centralidade da razão fica desnorteada pela interpelação do enigma. Em outras palavras, o enigma escapa da generalização universal e coloca os modos de conhecimento e modelos de subjetivação hegemônicos em desarmonia com as próprias concepções de mundo, de sujeito e de linguagem. Demandando assim, assumir o alto grau de trabalho para o encobrimento da oscilação discursiva ou, se não, minimamente, assumindo a sua arbitrariedade e jogos de poder.

Finalizo a dissertação reconhecendo o inesgotável do tema e advertindo sobre as constantes tentações em decifrá-lo. Reafirmo, narcisicamente que não é fácil lidar com o enigma, porém, recomendando aos futuros pesquisadores e pesquisadoras, analistas e pessoas curiosas sobre a potencialidade do tema. Dada a constante oscilação, é sugerida uma boa rede de apoio, pois, há muita esfinge se passando por enigma.

Assim encerra as considerações da versão escrita. Contudo, para a apresentação da defesa, produzi um texto, no qual li para a banca e a pedido desta, incluo e nomino como considerações faladas. Não a incluo como anexo, mas como continuidade ou como uma outra possibilidade de considerações. Afinal, como debatemos ao longo do trabalho, é possível ter mais de uma consideração e estas não precisam ser finais.

A minha apresentação oral passará por pontos que estão escritos na dissertação, ao mesmo tempo, ela transitará por pontos que mobilizaram a escrita e que não necessariamente estão esclarecidas na dissertação. Mesmo que a apresentação esteja pensada para uma banca, há também recortes para as pessoas que estão aqui presentes, possam de alguma forma acompanhar e se sentir convidadas a buscar o trabalho para futuros encontros.

Por falar em encontros, sublinho o meu encontro com a universidade federal de santa catarina, mas especificamente ao programa de pós graduação em psicologia. Mestrado em Psicologia, Área de concentração Psicologia Social e cultura, linha de pesquisa, processos de subjetivação gênero e diversidades. Este encontro que levou 10 anos para acontecer, pois prestei a seleção justamente para comemorar os 10 anos de graduação em psicologia e formação psicanalítica.

Que acerto! Pois, diversas vezes, fiquei impressionado com o caráter formativo que o Mestrado se fez na minha formação, reverberações que percebo no consultório, diariamente. As orelhas ficam mais espichadas, a escuta ficou mais fina e o enigma virou um amigo, como escrevi no início das minhas considerações finais.

Por falar em considerações, entendo como importante localizar geograficamente de onde sai essa dissertação. Da UFSC, certamente, mas também, de Blumenau. A Alemanha sem passaporte como eles chamam. Eles, assim como Donna Haraway, em saberes localizados, diz, são uma espécie de conspiração invisível masculinistas muito bem equipados e financiados. Nós, por outro lado, tentamos dar voz a aquilo que foi desqualificado pela tradição moderna, científica e ocidental.

A tradição da psicanálise de Blumenau é de uma espécie de “êxodo rural”. Migramos do interior para chegar até a capital, na busca de matéria prima ou melhores condições para o trabalho, e assim, poder produzir conhecimento e reconhecimento do nosso saber. Blumenau é a terceira maior cidade de Santa Catarina, com 362 mil habitantes. Conhecida pelas enchentes e pela Oktoberfest. Primeiro ocorreu as enchentes e a festa foi para reerguer a cidade. Ela é solidária enquanto a isso, um ajuda o outro para reerguer. Presenciei duas grandes enchentes e foi impressionante ver a rapidez que a cidade ficou limpa, funcionando normalmente, como se nada tivesse acontecido. O preço que se paga por tamanha agilidade é o silêncio e o alto índice de consumo de antidepressivo.

Na cidade de Blumenau, há universidade, há pós graduação em psicanálise e grupos de estudos e trabalho, mas em ambos os casos o literal estrangeiro se faz necessário. O êxodo diminuiu nestes cinco últimos anos, mas ainda há uma tradição entre os analistas que tem

percurso, migrar para outras cidades para fazer análise, formação, supervisão – isto, claro, antes da pandemia.

A pandemia alterou o nosso modo de vida, das relações afetivas, sexuais, de trabalho. Agora a geografia é relativa, talvez sempre foi. Hoje não importa quem está perto, mas sim, quem está conectado, o que também é um novo modo de se fazer presente. A pandemia alterou a nossa relação com a morte e com o morrer, e justamente por isso, por este visível encontro com o Eros e Tanatos, passando pelo invisível vírus que associamos com o enigma, como aquilo que, independentemente da visibilidade, ultrapassa a compreensão lógica.

Por falar em lógica, e amarrando com os translados que um analista em Blumenau precisa fazer, tal qual, a tese freudiana sobre o amor e corpo da criatura sem pênis. Lhes conto que a cena, o recorte clínico às avessas, onde o paciente sou eu, o caso das letras do banheiro, que associei com a transmissão lacaniana da letra e sua instancia se deu em Porto Alegre. Eu frequentava a capital gaúcha uma vez por mês. Saía de Blumenau a noite, viajava de ônibus pela madrugada, inclusive, quantos sonhos se faz dentro de um ônibus... Tomava café da manhã na tal cafeteria, fazia de 4 a 5 sessões ao longo do dia, retornava ao café entre uma sessão e outra e voltava pra Blumenau, para atender os pacientes que não precisavam fazer essa jornada.

Então, frequentei aquele café diversas vezes. Digo isso para firmar a importância da cena. A dúvida entre Mulher e Feminino se deu na cena cotidiana e justamente por isso, o inconsciente se sustenta a ideia que o inconsciente não está escondido numa espécie de subterrâneo psíquico, mas na relação cotidiana articulada a linguagem. Obviamente que precisei escolher e escolhi entrar na porta F, F de feminino, e F de federal.

Na universidade encontrei um universo interdisciplinar que permitia amarrar tantos fios soltos e produzir uma costura nisto que eu interrogava dentro e fora do consultório. Precisou de muita estratégia de produção do conhecimento para montar esse trabalho de caráter qualitativo com construção de caso e análise teórica. A saber, a psicanálise por não cindir sujeito de objeto, por adotar a transferência, a atenção flutuante e a associação livre como pressupostos de análise, bem como, por sustentar a hipótese do inconsciente, entende o caso clínico para além do sentido descritiva da história do paciente. Para esta, a escuta de cada caso é como uma construção de conhecimento sobre específico tema que desvela não só o sujeito que fala da sua experiência como também do analista que escuta e que encontra na construção de caso, um modo de, contornar e operar neste campo abstrato de restos, vazio, fatos e atos que ali são emergidos. Isso quem fala, além de várias autorias, está em BARROS 2021, para não ter auto plágio e citar essa dissertação.

Chistes a parte, for a partir das escutas dos casos clínicos nestes 12 anos de consultório que lançou o convite para problematizar o enigma associado ao feminino. Freud disse que a mulher é um enigma. Um enigma para a psicanálise da época e para o psicanalista que ali surgia. Maria Rita Kehl, afirma que Freud afirmou supostas verdades sobre a mulher, sem se dar conta da sua afetação pela fumaça de bomba de efeito moral que ele mesmo lançou. Gosto desta afirmação, pois encontramos um Freud ser vivente, humano, sem grandes idealizações, tal qual nós, que hoje reunidos, expresso interesse nos específicos avanços que podemos propor para a teoria e prática que recorreremos, e assim, produzir e validar modos de conhecer e subjetivar mais democráticos ou menos totalitários.

Ao que pese, pós Freud, afirmar que a mulher é um enigma é ultrapassado, é violento, misógino e nada psicanalítico, pois encerra a pergunta antes mesmo que ela se faça uma. Dito isso, foi necessário convocar Virginia Woolf, vizinha de Freud, para nos mostrar os avanços e equívocos da teoria psicanalítica. Ela começou a escrever, pois o papel e a caneta não afetavam o orçamento doméstico e com o primeiro salário comprou um gato. Não pagou o açougueiro, nem comprou sapatos, não precisou pagar o aluguel. Comprou um gato e a partir desta humorada escolha, ela aponta a complexidade de pensar o aforismo lacaniano. A mulher não existe. Woolf, conta para as mulheres da Sociedade Nacional de Auxílio as Mulheres, sobre a semelhança e diferença de lugares que cada mulher atravessa para desocupar o lugar reservado as mulheres na esfera do privado e do doméstico, e assim, ocupar o lugar social, as ruas, esquinas, editoras, a poltrona da psicanalista. Desta forma, dada as particularidades, são contabilizadas uma a uma, contudo, a travessia passa pelo assassinato do anjo do lar. O anjo que sopra no ouvido pedindo atenção, carinho, zelo e docilidade.

Assassinar o anjo do lar, é uma condição clínica. Uma condição extraída da literatura e não de um manual diagnóstico. Essa escolha por optar pela literatura, é partes da resposta da pergunta de Haraway, que história contamos para contar a História?

É uma escolha estratégica, reconhecer a potencialidade naquilo que é denominado como desqualificado, deslegitimado, recalcado pela tradição da ciência moderna ocidental. Optar pela literatura e não pelos manuais classificatórios e diagnósticos de doenças mentais, é reconhecer as frestas e furos do simbólico e a inapreensão do real. Ao que pese, não há necessidade de flertar com o imaginário de assumir esse ato como vanguardista ou inovador, mas sim, suportar a estrutura do mal-estar do não-saber, da aposta, do convite a pensar democraticamente, pois, antes de tudo, a opção pela literatura, arte, erótica, enigma é uma aposta e não uma garantia.

É vertiginoso lidar com o enigma. Aviso isso nas considerações. A razão insiste em tentar fechar em uma resposta única e última, que apazigue as oscilações dos conflitos de Eros e Tanatos, ou seja, os conflitos do amor e da morte, que atravessam as civilizações e a constituição individual.

O enigma é um convite ao pensamento democrático. Um exercício com o a posteriori. O reconhecimento do inconsciente, do paradoxo de Scott, com o indecível de Derrida, o devir de Nietzsche, a verdade pela metade de Drummond, o sussurro de Lispector, o semáforo de La Veneno.

Justamente por isso, e por tantas histórias atravessadas por Eros e Thanatos, que ao longo da dissertação, sustentamos a ideia de não retirar o enigma da mulher, ou melhor, daquilo que se denominou mulher e que se associa ao feminino, mas de tencionar a suposta transparência do denominado homem, masculino. Pois enigma e transparência não são identidades. Tal qual, o caso da paciente que cospe no rosto do namorado e surpresa, questiona a sua ideia de pacifista.

Mulher e o homem não precisam ser associados necessariamente com o masculino e com o feminino e por isso, sustentamos ao longo do trabalho a desassociação entre mulher de feminino, tal qual, a história da porta do banheiro em Porto Alegre.

O feminino no trabalho versa sobre uma elaboração que compreende este, o feminino, como uma modalidade de subjetivar que atravessa os denominados corpos biológicos referenciados como homem e mulher. Desta forma, problematizamos diversas áreas do conhecimento e a vida cotidiana que permanecem sustentando que o denominado homem e a denominada mulher dão respeito aos corpos biológicos. Para tanto, apresentamos Ns argumentos, através de músicas, poemas, séries, bem como, diálogo com psicanalistas contemporâneos, que as denominações de masculino e feminino são posições subjetivas em ambos os sexos e demais corpos que não conjugam, necessariamente, a esse modelo hegemônico.

Tal qual o caso clínico do paciente avulso, que mesmo dentro de todas as matrizes identitárias foi posto como feminino. Uma vez que o discurso hegemônico moderno ocidental, associa o feminino como enigmático, de difícil compreensão, um problema. E dado esse reconhecimento que o feminino é necessariamente, dentro da lógica tradicional, um problema, recorremos a Butler que introduz Problemas de gênero com essa interrogação.

Freud diz que nos comportamos como feminino e masculino em determinadas ocasiões. E é nesta amarração entre Freud e Butler, passando por Lacan, contemporâneos, como Maria Rita Kehl, Diana Corso, Paulo Cecarrelli, Contardo Calligaris, Clarice Lispector,

Fernanda Young, Maria Betânia, Chico Buarque, Ney Matogrosso, Rupaul, Kardashians, que sustentamos que o enigma está associado a aquilo que nos constitui, e não ao masculino e ao feminino. O enigma está associado ao que nos constitui, pois conjuga com a irrepresentável da sexualidade e morte que nos interpelam cotidianamente.

Como diz a música, Tocando em frente, e ao que pese, seguir em frente não é necessariamente o único caminho, mas deu de problematizar.... Todo mundo ama um dia. Todo mundo chora. Um dia a gente chega e no outro vai embora. E assim, me despeço desta caminhada no mestrado.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro. Um panorama histórico. In: **Cult – Revista Brasileira de Cultura – A psicanálise entre feminismos e femininos: velhas discórdias, novas aproximações (Dosiê)**; Editora Bregantini, nº 238, ano 21, p. 20-22, São Paulo, set 2018
- AMBRA, Pedro. Gênero e epistemologia psicanalítica. Em: FRANÇOIA, Carla; PORCHAT, Patricia; CORSETTO, Patrizia (Orgs.). **Psicanálise e Gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina**. Curitiba: Calligraphie, 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond. A verdade dividida. Em: ANDRADE, Carlos Drummond. **Contos Plausíveis**, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. Em: **Revista EPOS** vol.2, nº 2. Rio de Janeiro, dez 2011.
- AULAGNIER, Piera. A violência da interpretação. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARATTO, Geselda. **A transferência e a clínica psicanalítica em instituição de clínica-escola de psicologia**. Novas edições acadêmicas, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Fatos e Mitos (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão

Européia do Livro, 1970

BETHÂNIA, Maria. Diamante verdadeiro. Em: **Álibi**. Produção artística: Perinho Albuquerque e Maria Bethânia. Polygram/Philips. 1978. (30:54 min).

BETHÂNIA, Maria. Carta de amor. Em: **Oásis de Bethânia**. Produção artística: Maria Bethânia e Jorge Helder. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. 2012. (39:23 min).

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BUARQUE, Chico. Geni e o Zepelim. Rio de Janeiro: CBD Phonogram, PolyGram Discos, Philips Discos. 1979. (55 min).

BUARQUE, Chico. A história de Lily Braum. Em: **Carioca – Ao vivo**. Biscoito fino. 2007 (125 min).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: autêntica, 2015

CALLIGARIS, Contardo. Ser homem ou mulher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 de julho de 2008. Folha de São Paulo Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0307200827.htm>>. Acesso em: 14 de novembro de 2020.

CAZUZA. Exagerado. Em: **Exagerado**. Canção de Naldo Benny. Som Livre. 1985. (36:07 min).

CARROL, Lewis. Alice: aventuras de Alice no país das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou lá. Rio de Janeiro: Zahar. 2009

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. III. 3. 18-37, 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexo, eterno enigma. In: **Revista Troppo do Jornal O Liberal**. Texto de: Ronald Junqueiro. Belém/PA, p. 01-03.[2002]. Disponível em:

<<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/sexo-eterno-enigma.pdf>>. Acessado em: 04/10/2020.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Reflexões sobre a sexualidade masculina. Em: **Revista Reverso**, Brasília; ano 35, nº 66, p. 83-92, dez 2013.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. Em: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, nº 48, p.135-146, dez 2017.

CHAUI, Marilena. Filosofia moderna. In: **Primeira filosofia: Aspectos da história da filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHAUI, Marilena. Ética e violência no Brasil. In: **Revista Bioéticos**. São Paulo, Centro Universitário São Camilo, 5(4): pg 378-383, 2011.

CINTRA, Ana Lúcia. CLEMENS, Juçara & SOUZA, Mériti. Ser menino, ser menina: é tão simples assim? **SIG revista de psicanálise**, v. 4, p. 57-72, 2015

CORSO, Diana. Avulsos. Em: CORSO, Diana. **Tomo conta do mundo: Conficções de uma psicanalista**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2014

CORSO, Diana. Mentiras sinceras me interessam. Em: Corso, Diana. **Tomo conta do mundo: Conficções de uma psicanalista**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2014.

CORSO, Diana. Sem medo de Virginia Woolf. Em: CORSO, Diana. **Tomo conta do mundo: Conficções de uma psicanalista**. Porto Alegre: Arquipélagoeditorial, 2014

CORSO, Diana, L. & CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Artmed. 2016.

CORSO, Diana, L. & CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed. 2018.

CORSO, Diana. Psicanálise e feminismo por Diana Lichtenstein Corso – parte 1. Em: KALIL, Angélica. BUCHMANN, Analu. DELLA-DEA, Victor. **Você é feminista e não sabe**. 2015. (4m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_xrfvPd53-w. Acessado em: 01 fev. 2021

COSSI, Rafael Kalaf. **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. Tese de doutorado Programa de Pós Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.

COSSI, Rafael Kalaf & DUNKER, Christian Ingo Lenz. A diferença sexual de Butler a Lacan: Gênero, espécie e família. Em: **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, vol. 33, p-1-8. 2016.

COSTA, Ana. & POLI, Maria Cristina. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional - revista de psicanálise**, ano XIX, n. 188, dez./2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Psicanálise e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986

CUMIOTTO, Carla Regina. As entrevistas preliminares e a clínica psicanalítica. In: BACKES, Carmen (ORG). **A clínica psicanalítica na contemporaneidade**. Porto Alegre - Editora da UFRGS, 2008.

DALLAZEN, Lizana et al. Sobre ética em pesquisa na psicanálise. **PSICO**. Porto Alegre, PUCRS, v.43, n.1, pp. 47-54, jan./mar.2012.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do Outro ou a prótese da origem**. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras. 1996.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

DERRIDA, Jacques & ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogos**. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DEUTSCH, Helene. Masoquismo “feminino” e sua relação com a frigidez, (1930). Em. **Revista APPOA: Trauma corpo discurso**. Porto Alegre, APPOA: 2015.

DJAVAN. Eu te devoro. Em: **As 20 mais**. 1997 (79:37 min).

DUNKER, Christian. O termo “falo” é necessário? (2018). Em: **Falando nIsso 188**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bvB6wgWQaB0>>. Acesso em: nov 2020.

EL PAÍS. **A brecha orgástica ou por que as mulheres hétero são as que menos chegam ao clímax**: Estatísticas confirmam que os homens têm mais orgasmos do que as mulheres heterossexuais. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/30/estilo/1530370744_945315.html. Acessado em: jun/2021.

EL PAÍS, **Não é surpresa que não se conheça a anatomia do clitóris**: é nossa herança cultural. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2020/02/28/eps/1582912339_151609.html. Acessado em: jun/2021

FIGUEIREDO. Luíz Claudio. Para além das matrizes: Psicanálise como *enclave* da modernidade. **Revista de Psicologia**, v. 21, n.1/2, p. 103-110. Fortaleza, 2003.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. Em: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. VII, 1, 75-86. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**, n. 5, p. 260-277, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber (1984). (Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª ed. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres (1984). (Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 2017.

FRANÇOIA, Carla; PORCHAT, Patricia; CORSETTO, Patrizia (Orgs.). **Psicanálise e Gênero**: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina. Curitiba: Calligraphie, 2018.

FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses [1898]. Em: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume III. 3ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** [1900]. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. Edição comemorativa de 100 anos. Rio de Janeiro: ed. Imago. 2001.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. Em: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade; Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.6, 2016.

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen [1907]. Em: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2015.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: Freud Online. Disponível em: <<http://www.freudonline.com.br/livros/volume-09/vol-ix-9-sobre-as-teorias-sexuais-das-criancas-1908/>>. Acessado em: 01/07/2020.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia [1908]. Em: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na *Gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906- 1909). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2015.

FREUD, Sigmund. O romance familiar dos neuróticos [1909]. Em: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na *Gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906- 1909). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2015.

FREUD, Sigmund. Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci [1910]. Em: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos** (1909-1910). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 9, 2013.

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise [1912]. Em: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relato em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 10, 2010.

FREUD, Sigmund. O tema da escolha do cofrinho [1913]. Em: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 10, 2010.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu [1913]. Em: FREUD, S. **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 11, 2012.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. Em: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, (vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. [1914]. Em: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relato em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 10, 2010.

Freud, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes [1915]. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.1996

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia [1917 {1915}]. Em: **Freud Online**. Disponível em: <<http://www.freudonline.com.br/livros/volume-14/vol-xiv-8-luto-e-melancolia-19171915/>>. Acessado em: 13 de outubro de 2020.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917). Em: FREUD, S. **Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (vol.15). Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. O inquietante [1919]. Em. FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos** (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. Em. FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos** (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu [1921]. Em; FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, v.15, 2011.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). Freud Online. Disponível em: < <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-19/vol-xix-8-a-dissolucao-do-complexo-de-edipo-1924/> >. Acessado em: 24/06/2020.

FREUD, Sigmund. A negativa [1925]. Em; FREUD, S. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. Em: **Freud Online**. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-19/vol-xix-14-algumas-consequencias-psiquicas-da-distincao-anatomica-entre-os-sexos-1925/>

FREUD, Sigmund. O fetichismo [1927]. Em: FREUD, S. **Inibição, sintomas e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, v 17, 2014.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina [1931]. Em: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2010.

FREUD, Sigmund. A conquista do fogo [1932]. Em: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2010.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise [1932-1933]. Em: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e**

outros textos (1930-1936). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2010.

FREUD, Sigmund. A feminilidade [1933]. Em: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol.18, 2010.

FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). Em: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos** (1937-1939). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 19, 2018.

FURLAN, Reinaldo. A Questão do método na psicologia. **Psicologia em Estudo**. Maringá, vol. 13, n. 01, pp 25-33, jan./mar., 2008.

GAGA, Lady. Born this way. New York: **Interscope Records, Streamline Records, Kon Live Distribuítion**. 2011 (4m:20s).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa do tipo teórico. **Psicanálise e universidade - revista do núcleo de pesquisa da pós-graduação em psicanálise da PUC/SP**. 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise, p 9-32,1991

GOMES, Virginia Mota Lages. **Nos rastros dos enigmas as pistas dos logos dialético**: de uma retrospectiva às origens do enigma a uma compreensão do seu papel na iniciação à filosofia. Dissertação de mestrado Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

GRAGNANI, Juliana. Coronavírus: falta de empatia de Bolsonaro com mortes por covid-19 parece psicopatia, dia psicanalista Maria Rita Kehl. **BBC News Brasil**. Jun 2020. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52943574>. Acessado em: out 2020.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídio/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**; vol. 31 (1): 25-49, jan-abr 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**; (5): 07-41, 1995.

HORNEY, Karen. Cultura e Neurose (1936). **Revista da Abordagem Gestáltica**. Goiânia/GO, vol. 13, nº 01, junho, 1997.

IACONELLI, Vera. Mulher falada. Em: FRANÇOIA, C; PORCHAT, P; CORSETTO, P. **Psicanálise e gênero**: narrativas feministas e *queer* no Brasil e na Argentina. Curitiba: Calligraphie, 2018.

JERUSALISKY, Alfredo. Qual o sexo de Oscar Wilde? In: **JERUSALISKY, Alfredo e Col. Masculinidade em crise. Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)**. Porto Alegre, 2005.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. Blefe! In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº17. Porto Alegre: APPOA, 1999.

KEHL, Maria Rita. Sexualidades recontextualizadas [2000]. Em: **Psicoanálisis, estudos feministas y gênero**. Disponível em: <https://www.psicomundo.com/foros/genero/sexualidade.htm>. Acessado em: mai/2021.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

KEHL, Maria Rita. **18 crônicas e mais algumas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KEHL, Maria Rita. Ética e técnica. Em: **Revista Viver mente & cérebro: Coleção memória da psicanálise – Lacan: a lógica do sujeito**. Editora Ediouro, São Paulo, nº 4, p 46-55, 2009.

KEHL, Maria, Rita. Em defesa da família tentacular (2013). Em: **Fronteiras do pensamento**. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>>. Acesso em: 01 de agosto de 2020.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOLTAI, Caterina. A tentação do bem: o caminho mais curto para o pior. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. V, nº1, 9-17, jan/jun 2002.

KOLTAI, Caterina. O inconsciente seria politicamente incorreto?. **Revista Reverso**. Belo Horizonte, vol. 34, nº 63, jun. 2012

KON, Noemi Moritz. Compêndio da Psicanálise: Sigmund Freud. Em: FREUD, S. **Compêndio da Psicanálise**. Porto Alegre: L&PM editores: 2015.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica.** Trad. Marie Christine Lasnik Penot; Antonio Luis Quinet de Andrade – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 3: As psicoses.** Tradução de Francisco R. de Farias. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto.** [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise.** [1959-60]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise.** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. Em: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A significação do falo [1958]. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 19: ou pior.**[1971-72]. Publicação interna da Associação Freudiana Internacional, 2003. Disponível em:<http://clanicand.com/wp-content/uploads/2020/06/19-LACAN-Jacques.-O-semin%C3%A1rio-livro-19.....ou-pior-1971-72.pdf>

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.** [1972-1973]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAGO, Mara Coelho de Souza. A psicanálise nas ondas dos feminismos. In. RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (Org). **Diversidades: Dimensões de gênero e sexualidade.** Editora Mulheres. Ilha de Santa Catarina, 2010.

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise.** 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAUPER, Cyndi. Girls just want to have fun. **She's so unusual.** Produção artística Rick Chertoff e William Wittman. Portrait. 1983. (38:42min).

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite**: ensaios para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora. 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**.([1977]). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Amor. Em: MORICONI, Italo (ORG). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2000.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. **Concinnitas**. Ano 17, vol. 01, nº28, setembro/2016.

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de. Aberturas Utópicas: pesquisa, arte e psicanálise. Em: **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, vol. 36, nº 31, dez de 2014.

MAURANO, Denise. **Histeria**: O princípio de tudo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MATOGROSSO, Ney. Homem com H. Em: **Ney Matogrosso**. Produção artística Marco Mazzola. Ariola Discos: 1981.

MEDEIROS, Martha. Melhor terapia [2005]. Em: MEDEIROS, M. Coisas da Vida: crônicas. Porto Alegre, L&PM: 2011

MEES, Lúcia Alves. Estilo de vida, auto-ajuda e corpo da masculinidade contemporânea. EM: **Revista da APOA: A diferença sexual**, n. 27, set/ 2004.

MEZAN, Renato. Psicanálise e pós – graduação: notas, exemplos e reflexões. In: MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 395-435, 2002.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes; VIEIRA, Milla Maria de Carvalho Dias; CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e ideal de feminilidade: contribuições para o debate. **Estudos de Psicanálise**, n. 49, 45-54, julho/2018.

MORETTO, Livia Tourinho. É preciso ser feliz – sofrimento na nossa cultura do sucesso. **Café Filosófico CPFL**: Mal-estar, sofrimento, sintoma (Curadoria de Christian Dunker). Jun 2016. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=mn8seHo154E>

NAVES, José Otávio Vasconcellos & SOUZA, Mériti. Causalidade, descontínuo, dor - caminhos da bala perdida e da mega-sena. **Fractal, Revista Psicologia**, v. 24 – n. 2, p. 367-384, 2012.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte de modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Em: PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação do. **Antologia de textos filosóficos**. Curitiba: SEED/PR, 2009.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar.

Psicologia clínica. Vol.23, nº 2, Rio de Janeiro, 2011.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEIXOTO JR. Carlos Augusto & ARÁN, Márcia. O lugar da experiência afetiva na gênese dos processos de subjetivação. Em: **Psicologia USP**, vol. 22 nº.4. São Paulo, out/dez 2011.

PICHONELLI, Matheus & UCHINAKA, Fabiana. As tais fotografias: A conquista do espaço marcou um momento dramático da vida de Caetano Veloso e virou um clássico da MPB. Em: **TILT: UOL reportagens especiais**. (2020). Disponível em: <
<https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/a-conquista-do-espaco-marcou-caetano-veloso-e-virou-um-classico-da-mpb/>> .

POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino: A diferença sexual em psicanálise**. Coleção: Psicanálise passo a passo. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 2007.

POLI, Maria Cristina. A medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. Vol. 10, nº 2. Rio de Janeiro. Jul/Dez: 2007.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PORCHAT, Patricia. Barulhos de gênero. Em: FRANÇOIA, Carla; PORCHAT, Patricia; CORSETTO, Patrizia (Orgs.). **Psicanálise e Gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina**. Curitiba: Calligraphie, 2018.

QUEIROZ, Edilene Freire. Clinicando: O estatuto do caso clínico. **Pulsional - revista de psicanálise**, ano XV, n. 157, 33-40, maio/2002.

QUEBRADA, Linn. Mulher. **Pajubá**. Produção artística BadSista. Sentidos Produções. 2017 (45:35 m).

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras: 1999.

RODRIGUES, Ana Cabral et al. Psicanálise, saber e conhecimento. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 17 - n. 2, p. 99-108, Jul./Dez. 2005.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitura de J. Derrida. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, nº 10, abril de 2012.

RODRIGUES, Carla. Nós, o falo e a escuta. Em: **Cult – Revista Brasileira de Cultura: A psicanálise entre feminismos e femininos: velhas discórdias, novas aproximações (Dosiê)**; Editora Bregantini, nº 238, ano 21, p. 36-39. São Paulo, 2018

ROSA, Miriam Debieux & DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticas: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**; 22 (1): 180-188, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROSA, Camila Terra da & WEINMANN, Amadeu de Oliveira. A sexualidade feminina em escritos das pioneiras da psicanálise. **Revista Subjetividades**. 20(3): e9499, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220453/001122012.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acessado em: Jun/2021.

RUPAUL, Charles & PIANE, Lucian. Born naked. **RuCo Inc**. 2014 (3m:24s).

SAFATLE, Vladimir. Freud hoje: repensar a liberdade depois do inconsciente. In: **Café Filosófico CPFL – Instituto CPFL e TV Cultura**. 2018. (50m52s). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=AWzdID0zCyY&t=139s>>. Acessado em: 03/01/2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Hélder Sousa. A instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Revista Travessias - UNIOESTE**, v. 8, p. 825-831, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**. 13 (1). Abril de 2005.

SECOS & MOLHADOS. Fala. Em: **Secos e molhados**. Produção artística Moracy do Val. Warner Music Brasil. São Paulo, 1973. (30:54 m).

SEIXAS, Raul. O carimbador maluco. Em: **Novo Aeon**. Produção artística: Marco Mazzola. Universal Music. Rio de Janeiro, 1975 (33:00 m).

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey: Práticas sexuais, estatísticas e processos de normalização**. Em: Fazendo Gênero nº 09. “Diásporas, diversidades, deslocamentos”. 23a 26 de agosto de 2010.

SILVA, Sérgio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, p. -15, 20 (3)

SKANK. Canção noturna. Em: **Maquinarama**. Produção: Chico Neves & Tom Capone. Sony Music. Rio de Janeiro, 2000 (53:12 min).

SOUZA, Edson Luís André de. (A vida entre parênteses): O caso clínico como ficção. **Psicologia Clínica**; vol. 12, nº 1, 11-19, 2000.

SOUZA, Mériti. Televisão, violência e efeitos midiáticos. **Psicologia, ciência e profissão**, 23 (4), pag. 82-87, 2003.

SOUZA, Mériti de. Vazio, feminino e restos. Em: SOUZA, Mériti; MARTINS, Francisco, M. M. C. ARAÚJO, Jose. Newton Gracia De. **Dimensões da violência: Conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

STELLIN, Regina Maria Ramos (et al). Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternidade e suas singularidades. **Estilos da clínica**. São Paulo, vol. 16, nº1, jun, 2011.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui & HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: suas condições e possibilidades. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013, 166 - 178.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TRAVASSOS, Eliane. **Mulher, história e psicanálise**. Dissertação de mestrado Programa de Pós Graduação em Psicologia. Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. Em: **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 17, nº 3, Brasília: 1997.

VELOSO, Caetano. Terra. Em: **Muito (Dentro da estrela azulada)**. Universal music group,

1978 (42:50 min).

VELOSO, Caetano. Os quereres. Em: **Velô**. Phillips. 1984. (34:31 min).

VENENO. Javier Ambrossi; Javier Calvo; Mikel Rueda; Alex Rodrigo. Espanha: Atresmedia & Suma Latina. 2020.

WIECZOREK. Rodrigo Traple; KESSLER, Carlos Henrique; DUNKER, Christian Ingo Lenz. O (f)ato clínico como ferramenta metodológica para a pesquisa clínica em psicanálise. **Tempo Psicanalítico**; vol. 52 (2). Rio de Janeiro, jul/dez. 2020.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Vol. 1032. Coleção L & PM Pocket. Porto Alegre. 2012.

YOUNG, Fernanda. **O pau**. Ed. Rocco. Rio de Janeiro: 2009.